

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Rodrigo Afonso Nogueira Santos

**Um psicanalista para os seus tempos: Karl Weissmann e a difusão da Psicanálise no  
Brasil**

São Paulo  
2022

RODRIGO AFONSO NOGUEIRA SANTOS

**Um psicanalista para os seus tempos: Karl Weissmann e a difusão da Psicanálise no Brasil**

**Versão Corrigida**

Tese apresentada para a obtenção do título de Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientadora: Profa. Dra. Belinda Piltcher Haber Mandelbaum

São Paulo  
2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Rodrigo Afonso Nogueira

Um psicanalista para os seus tempos: Karl Weissmann e a difusão da  
Psicanálise no Brasil / Rodrigo Afonso Nogueira Santos; orientadora Belinda  
Piltcher Haber Mandelbaum. -- São Paulo, 2022.

207 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto  
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. História da Psicanálise. 2. Brasil. 3. Biografias. 4. Karl Weissmann. 5.  
Difusão da Psicanálise. I. Mandelbaum, Belinda Piltcher Haber, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, José e Luciene, e a meus irmãos, Rafael e Renata, pelo amor e apoio incondicional às minhas apostas.

À Talyta, minha melhor escolha, companheira de todos os momentos. Obrigado pelo amor, pelo carinho e, também, pela paciência durante todo este processo. Te amo!

À Belinda, que me acolheu e apostou em nossa parceria, dando a liberdade necessária, sem perder de vista o rigor da pesquisa. Agradeço o carinho e a confiança depositada, sem os quais essa tese não seria possível.

À Lucia Valladares, pela parceria que vem desde meus tempos de graduação. Agradeço cada acolhida, cada conversa, com a generosidade de sempre. E, também, por ser essa referência pessoal e acadêmica que carrego comigo vida afora.

Ao Fuad Neto, que me mostra, constantemente, que não existe ex-professor. Nos tornamos amigos, colegas de UFSJ, mas sua presença é sempre marcante, também, no campo da pesquisa. Ter você nessa banca me enche de orgulho.

Ao Rafael Lima, parceiro querido que a USP me presenteou. Obrigado pelas prosas, cafés, cervejas (foram menos do que eu gostaria). Mas também pela dedicação ao nosso campo de pesquisa, com tanto afinho e criatividade. Seu trabalho é uma referência, e é um prazer contar contigo neste momento.

Ao Gustavo Tarelow, cuja presença afetuosa marcou nossos encontros, e cujo trabalho serviu como norte para essa pesquisa, do começo ao fim. Foi uma bela surpresa estar contigo pessoalmente, quando você já tinha me transmitido, mesmo sem o saber, a importância das biografias, e o risco sempre presente nessas apostas.

Ao Christian Dunker, pelas valiosas contribuições dadas na banca de qualificação, e por fazer tanto pela Psicanálise.

Ao nosso grupo de pesquisa e orientação: Aline Rubin, Fernando Figueira, Raquel Morales, Maria Cristina e Camila Antonelli. Um agradecimento especial à Aline e ao Fernando, parceiros de todos os momentos, desde os mais engraçados até os mais difíceis, e que tornaram os desafios da pesquisa mais leves e menos solitários.

Aos queridos Nelson, André Mota, Will Franco, Lucas Bullamah e Francisco Capoulade, pelas trocas, e pelo interesse em acompanhar os resultados dessa pesquisa.

Aos amigos que fiz neste período em São Paulo, e que, mesmo sem ligação direta com a pesquisa, significam tanto: Paulinha, João, Richard, Cris, Delaram, Sara, Tiago.

Aos queridos Endi e Gihe, pela presença afetuosa desde os primeiros tempos desse percurso.

Aos queridos amigos de São João, que tornam a vida muito mais leve e engraçada: Naná, Barba, Roberto, Déa, Serjão, Valdir, Rachel, e tantos outros que não caberiam aqui: muito obrigado!

Aos amigos dos tempos de graduação na UFSJ, que até hoje são tão importantes pra mim: Samuel, Vitor, Pedro, Marcelo Santos, Laura, Marcelo Bambirra, Mayana, Cassinho, Lucinho, Lucas, Luiz, Marcelo, Luís Paulo.

Dentre tantos, um agradecimento especial ao querido Luís Otávio, pela amizade de sempre, e por ser tão companheiro nos momentos em que eu tropeçava na escrita dessa tese.

Agradeço aos amigos que seguem presentes, há tantos anos, e que também foram fundamentais neste processo: Zé, Dani, Cristian, Babi, Danyllo, André. Cada um, à sua maneira, contribuiu para que esse momento pudesse acontecer: seja com um encontro, uma acolhida, uma piada, ou uma conversa de bar. Vocês seguem comigo, cada vez mais presentes.

Aos meus ex-alunos da UFSJ, que tanto me colocaram para pensar.

A todos aqueles que, na UFSJ ou na USP, contribuíram com minha formação.

A todas as bibliotecas, os arquivos e sebos que possibilitaram meu encontro com os materiais usados nessa pesquisa.

A Selma e Winfred Weissmann, pela acolhida calorosa.

Aos funcionários da USP, com destaque para a Nalva, a Teresa, a Ro e o Gustavo, que tanto auxiliariam nos caminhos da burocracia institucional.

Ao Júlio, pela escuta, sem a qual essa tese não teria acontecido.

À Fran, pela revisão do texto.

À Capes, pela bolsa concedida.

## RESUMO

SANTOS, R. A. N. (2022). *Um psicanalista para os seus tempos: Karl Weissmann e a difusão da Psicanálise no Brasil* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho se constitui como uma biografia de Karl Weissmann (1910-1989), psicanalista austríaco que passou grande parte de sua vida em solo brasileiro. Buscamos, com esta tese, contribuir com as pesquisas sobre a História da Psicanálise no Brasil, pela investigação de um sujeito pouco estudado até então. Para tanto, nos valem dos aportes teóricos sustentados por François Dosse, referente à questão das biografias, e por Carlo Ginzburg, no que tange à Micro-História como horizonte para a pesquisa biográfica. Tendo esses autores como referências básicas, procuramos apresentar e discutir a vida e o trabalho de Karl Weissmann, inscrevendo-o em seu tempo, mapeando as condições de seus caminhos profissionais, bem como sua própria concepção de Psicanálise. Visamos também situá-lo em uma tradição específica de psicanalistas no Brasil, voltados à divulgação da Psicanálise ao público leigo. Destacamos que, dentre as várias referências encontradas ao longo do trabalho, três delas, entrelaçadas, ganharam relevo no esforço de compreender sua trajetória: o lugar de estrangeiro, que chegou ao Brasil ainda jovem e passou sua vida ensinando idiomas ou falando de intelectuais da sua terra natal; o lugar de intelectual, que foi rapidamente reconhecido como importante professor de idiomas e referência para se compreender autores germânicos, como Schopenhauer, Nietzsche e Freud; o lugar de psicanalista, que fez dessa doutrina e desse ofício sua principal orientação e referência básica de seu pensamento. Assim, esta tese tem como objetivos: endossar o debate sobre o uso das biografias no campo da História da Psicanálise, destacando a importância de situar o sujeito investigado em relação ao seu tempo; apresentar elementos da vida e do trabalho de Karl Weissmann, com suas apostas, contradições e estratégias profissionais; dar corpo a um debate mais amplo na História da Psicanálise no Brasil, a saber, uma tradição específica de psicanalistas mais interessados em divulgar elementos dessa doutrina ao público leigo do que em qualquer caminho de formação institucional.

Palavras-chave: História da Psicanálise. Brasil. Biografias. Karl Weissmann. Difusão da Psicanálise.

## ABSTRACT

SANTOS, R. A. N. (2022). *A psychoanalyst for his time: Karl Weissmann and the diffusion of Psychoanalysis in Brazil* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This work constitutes itself as a biography of Karl Weissmann (1910-1989), an Austrian psychoanalyst who had spent a long time of his life on Brazilian soil. With this thesis, we seek to contribute to researches on the History of Psychoanalysis in Brazil, through the investigation of a subject that has been little studied until now. To do so, we make use of the theoretical contributions by François Dosse, regarding the issue of biographies, and by Carlo Ginzburg, regarding Microhistory as a horizon for biographical research. Having these authors as basic references, we seek to present and discuss the life and work of Karl Weissmann, inscribing him in his time, mapping the conditions of his professional paths, as well as his own conception of Psychoanalysis. We also aim to place him in a specific tradition of psychoanalysts in Brazil, dedicated to the dissemination of psychoanalysis to the lay public. We emphasize that, among the various references found throughout the work, three of them, intertwined, gained importance in the effort to understand his trajectory: the place of a foreigner, who arrived in Brazil at a young age and spent his life teaching languages or talking about intellectuals of his homeland; the place of intellectual, who was quickly recognized as an important language teacher and a reference for understanding German authors, such as Schopenhauer, Nietzsche, and Freud; the position of psychoanalyst, who made this doctrine, and this profession his main orientation and basic reference of his thought. Thus, this thesis aims to: endorse the debate on the use of biographies within the field of History of Psychoanalysis, highlighting the importance of placing the investigated subject in relation to his time; present elements of Karl Weissmann's life and work, with his bets, contradictions and professional strategies; to give substance to a broader debate in the History of Psychoanalysis in Brazil, namely, a specific tradition of psychoanalysts who are more interested in disseminating elements of this doctrine to the lay public than in any path of institutional formation.

Keywords: History of Psychoanalysis. Brazil. Biographies. Karl Weissmann. Dissemination of Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	9
1.2 Caminhos da tese.....	11
<b>2. Fundamentos metodológicos</b> .....	17
2.1 Marcas e posicionamentos da História acadêmica da Psicanálise: o trabalho com as biografias.....	19
2.2 Sobre escalas e indícios: aproximações entre Micro-História e Psicanálise.....	23
2.3 Fios e rastros de Karl Weissmann: indícios para uma construção biográfica.....	30
<b>3. Tempos de chegada e sobrevivência</b> .....	35
3.1 A Psicanálise no Brasil da Primeira República: por um lugar para o psicanalista Karl Weissmann.....	36
3.1.1 Medeiros e Albuquerque e a Psicanálise.....	38
3.1.2 Gastão Pereira da Silva e a Psicanálise.....	43
3.2 Primeiros tempos de Karl Weissmann em Minas Gerais: Psicanálise, idiomas e estratégias de sobrevivência.....	53
3.2.1 A jovem capital mineira entre a tradição e a modernidade: por um breve retrato de Belo Horizonte nos anos 1930.....	54
<b>4. Tempos de ascensão</b> .....	61
4.1 <i>O Dinheiro na Vida Erótica</i> : a estreia autoral de um “vigoroso psicanalista” .....	62
4.1.1 <i>O Dinheiro na Vida Erótica</i> e a difusão da Psicanálise no Brasil: um sujeito para a <i>Era Vargas</i> .....	67
4.1.2 Um sucesso editorial e uma importante carta: efeitos da publicação de <i>O Dinheiro na Vida Erótica</i> .....	73

4.2 Ascensão e consolidação de um <i>vigoroso psicanalista</i> : projetos de Karl Weissmann após <i>O Dinheiro na Vida Erótica</i> .....	78
<b>5. Tempos de estrelato</b> .....	95
5.1 Nos rastros das publicações: Goethe, Nietzsche e a construção da maturidade .....	95
5.2 Ensaio sobre Psicanálise e Criminologia: das fases da libido ao trabalho em penitenciária.....	104
5.3 Enfim, o estrelato: Weissmann e a hipnose.....	111
<b>6. Tempos de maturidade</b> .....	120
6.1 <i>A Conquista da Maturidade</i> : um cruzamento entre metapsicologia e política.....	121
6.1.1 Novos tempos em <i>O Cruzeiro</i> : testes de maturidade a partir da <i>Psicologia dinâmica</i> ....	129
6.2 <i>Masoquismo e comunismo</i> e suas relações com o golpe de 1964: a Psicanálise como uma pedagogia anticomunista.....	132
6.2.1 1964: condições e efeitos de um golpe latino-americano.....	133
6.2.2 Um psicanalista frente à “evidente comunização” do Brasil: uma cruzada da Psicanálise contra o marxismo.....	135
6.2.3 Masoquismo, comunismo e a propriedade privada: elementos “metapsicológicos” de uma patologia política.....	139
6.2.4 <i>Masoquismo e comunismo</i> após o golpe.....	147
6.3 Pioneirismo, ainda que tardio: um <i>lacaniano avant la lettre</i> e a marginalidade institucional.....	151
<b>7. Considerações Finais</b> .....	158
<b>Referências</b> .....	163
<b>Apêndice - Breve cronologia de Karl Weissmann</b> .....	179
<b>Anexos</b> .....	183

Quando vim da minha terra,  
se é que vim da minha terra  
(não estou morto por lá?),  
a correnteza do rio  
me sussurrou vagamente  
que eu havia de quedar  
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos  
no entrecerrar-se da tarde,  
pareciam me dizer  
que não se pode voltar,  
porque tudo é consequência  
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim  
de algum para outro lugar,  
o mundo girava, alheio  
à minha baça pessoa,  
e no seu giro entrevi  
que não se vai nem se volta  
de sítio algum a nenhum.

[...] Quando vim da minha terra,  
não vim, perdi-me no espaço,  
na ilusão de ter saído.  
Ai de mim, nunca saí.  
Lá estou eu, enterrado  
por baixo de falas mansas,  
por baixo de negras sombras,  
por baixo de lavras de ouro,  
por baixo de gerações,  
por baixo, eu sei, de mim mesmo,  
este vivente enganado, enganoso. (Andrade, 2016, pp. 14-15).

## 1 INTRODUÇÃO

Posso marcar, como período de surgimento das sementes deste trabalho, os anos de 2014 a 2016, quando eu me dedicava ao mestrado. Àquela época, morando em São João del-Rei, desenvolvi uma pesquisa relacionada à História da Psicanálise em Minas Gerais, buscando mapear e discutir esse campo desde seus primeiros momentos até o ano de sua institucionalização, em 1963.

Por ser uma pesquisa realizada, em grande parte, às escuras, dada a ausência de estudos sobre a Psicanálise em Minas durante o período em questão, fui me deparando com uma série de referências inesperadas e personagens surpreendentes. Dentre tais surpresas, encontrei um austríaco, de nome até então desconhecido para mim, sobre quem cheguei a discutir alguns tópicos ao longo da dissertação. Esse personagem, Karl Weissmann, não pôde ter em minha pesquisa a atenção que merecia, em função do tema com o qual eu trabalhava, e acabei deixando-o como apenas mais um dos vários autores que marcaram a História da Psicanálise em Minas Gerais.

Passados alguns meses da defesa do mestrado, comecei a me movimentar em direção à continuidade de minha pesquisa, desta vez em um doutorado. Com algumas conversas e indicações de Lucia Valladares, com quem pude contar em meu trabalho de mestrado, entrei em contato com Belinda Mandelbaum, professora com quem nunca havia entrado em contato pessoalmente, apesar de conhecer diversos de seus trabalhos. Após uma acolhida calorosa e várias discussões proveitosas, decidi que iria tentar o processo seletivo na Universidade de São Paulo (USP), com a disposição de sair de Minas Gerais e me mudar para São Paulo caso fosse aprovado.

Assim se deu meu processo de entrada no doutorado, com um projeto no qual propunha continuar investigando a História da Psicanálise em Minas Gerais, mas, dessa vez, seguindo as trilhas das instituições psicanalíticas e seus efeitos na cultura e na política do estado a partir do ano de 1963.

Fui aprovado com esse projeto, mas o mantive por não mais do que alguns meses. Após apresentar minha dissertação para a professora Belinda, conversamos sobre a possibilidade de escrita de um artigo. Entramos no rápido consenso de que valeria a pena buscar mais alguma coisa a respeito de Karl Weissmann. Este autor, além de ser alguém de quem Belinda já havia lido a respeito, no contexto de uma troca de cartas com Freud no final dos anos 1930, também era um personagem com quem eu sentia ter feito um contato mais breve do que o necessário em minha dissertação.

Então, passei a me dedicar à busca de trabalhos desse autor que pudessem embasar a escrita de nosso artigo. A partir desse momento, o interesse inicial foi se consolidando. Durante a escrita de minha dissertação, não me dava conta do quão intenso e volumoso era o seu trabalho, e do quão originais e polêmicas podiam ser as suas teses. Com esse universo se abrindo, deparava-me cada vez mais com uma questão: a vontade de investigar esse personagem em detalhes e de dedicar mais que um artigo a ele, que só foi crescendo.

De fato, o artigo ficou pronto e a sensação era de um mundo aberto à minha frente, diante do qual eu poderia avançar ou recuar, tendo em vista que não era esse meu projeto original. Mas um acontecimento decisivo se interpôs: em uma loja de livros usados, na cidade de São Paulo, encontro ao acaso um texto de Karl Weissmann, *Masoquismo e comunismo: contribuição à patologia do pensamento político* (1964). Ao passar o olho pelas declarações escritas já na orelha do livro, dei-me conta de ser um caminho sem volta. Aquele personagem havia me cativado o ponto de eu cogitar seriamente deixar meu projeto original para outro momento.

A decisão não foi tomada isoladamente. Abri o jogo com Belinda, comentei que meu interesse por Karl Weissmann seguia forte, e que a escrita do artigo havia me colocado diante da questão de pesquisar a respeito desse sujeito durante todo o doutorado. Ela, que também havia demonstrado grande interesse naquilo que havíamos escrito, acolheu a ideia e, após longa conversa, decidimos que a tese seguiria um caminho novo e, até poucos meses atrás, impensado. Quanto à surpresa e a inesperada mudança de objeto, faço minhas as palavras de Carlo Ginzburg: “Como ocorre com frequência, esta pesquisa também surgiu por acaso” (Ginzburg, 2006, p. 9).

Em termos gerais, essas foram as condições que me levaram a pesquisar a vida e a obra de Karl Weissmann. A partir dessa decisão, passei a buscar materiais e a investigar cada vez mais o trabalho desse autor. Caminhou comigo, de mãos dadas com o interesse por seu trabalho, o espanto por não ter conhecimento de estudos sobre esse importante e polêmico psicanalista austríaco, que morou no Brasil durante mais de sessenta anos, tendo participado de inúmeras discussões relacionadas a diversos tópicos da História do Brasil, sempre pensados por ele a partir do referencial psicanalítico.

Dáí em diante, passei a coletar todos os materiais possíveis a respeito de Karl Weissmann. Acompanhou-me, neste trabalho, o reconhecimento de que ele não era popular entre psicanalistas brasileiros. O espanto inicial se transformou em grande curiosidade, o que me moveu a buscar mais materiais que o autor havia publicado. E essa curiosidade acabou por

se transformar em um interesse por ler e compreender o que Weissmann havia produzido ao longo da sua vida.

Inicialmente, propus-me a escrever sobre as relações de Karl Weissmann com a política brasileira. Este caminho, obviamente influenciado pela surpresa com as teses presentes em *Masoquismo e comunismo* (1964), marcou os primeiros momentos desta pesquisa. Assim, havia me centrado na ideia inicial de articular alguns dos seus trabalhos às condições políticas do momento em que foram publicados, com destaque para os anos de 1937 e 1964.

Nesse caminho eu segui, e assim chegou a minha qualificação. Este foi um momento de importância na pesquisa, sendo que diversas questões foram colocadas. De tudo aquilo que foi dito, entendi que uma direção me atraía e nela decidi apostar: escrever uma biografia de Karl Weissmann. A ideia me chamou a atenção pelo fato de que, apesar de esse autor ter publicado importantes textos em momentos cruciais da política brasileira, tais publicações não davam conta de demonstrar a complexidade do seu trabalho. Assim, decidi que apresentá-lo, com seus caminhos e contradições, seria mais interessante para o momento, visto se tratar de um autor que tanto publicou sobre Psicanálise em nosso país, e que seu percurso não poderia ser resumido a alguns de seus textos. Sendo Weissmann um desconhecido neste campo de pesquisa, assumi o objetivo, com esta tese, de apresentá-lo, dando-lhe um lugar na História da Psicanálise no Brasil, para, em trabalhos futuros, poder me aprofundar em textos específicos de sua autoria.

Essa direção, que passa também pelas inúmeras questões que implicam na escrita de uma biografia, tornou-se, então, uma baliza central desta pesquisa. Dos cruzamentos entre os movimentos iniciais e a banca de qualificação, decidi que escreveria um texto biográfico.

## **1.1 Caminhos da tese**

Da banca de qualificação em diante, passei alguns meses imerso em leituras no campo da História, sobretudo em relação às biografias. Afinal, por ter a formação em Psicologia e em Psicanálise, precisei de um tempo até entender como se organizava o debate na área da ciência histórica. Algumas semanas após a qualificação, deparei-me com um trabalho que seria fundamental para minha pesquisa: o livro *O desafio biográfico* (2016), de François Dosse. Ali, eu me dei conta de que o tema das biografias era algo que suscitava um extenso debate no campo da História. Naquele momento, comecei a reorganização da minha escrita, com destaque para o capítulo referente ao método.

A partir dali, segui me familiarizando com o campo das biografias, até me deparar com a tese de doutorado escrita por Gustavo Tarelou sobre o psiquiatra Pacheco e Silva, intitulada

*Antônio Carlos Pacheco e Silva: psiquiatria e política em uma trajetória singular (1898 – 1988)* (Tarelow, 2019). Valendo-se da Micro-História, Tarelow trouxe um belo texto sobre esse polêmico psiquiatra. Essa tese, que também tem como uma de suas bases *O desafio biográfico* (2016), foi determinante para a definição dos caminhos da presente pesquisa, sobretudo em relação ao método. Assim, decidi que escreveria uma biografia de Karl Weissmann tendo como referência fundamental o campo da Micro-História.

Daí em diante, uma miríade de novas questões se abriu. Se anteriormente eu havia privilegiado uma escrita focada em textos específicos de Karl Weissmann, essa decisão implicou em um novo trabalho com arquivos. Este foi um processo interessante, uma vez que, a cada nova referência encontrada, dava-me conta do quão acertada havia sido minha escolha por tentar mapear a vida do psicanalista em questão. Sem descartar o que havia escrito anteriormente – pelo contrário, grande parte do meu texto de qualificação está presente no formato final da tese –, notei que inúmeros outros debates puderam ganhar espaço.

Dessa forma, muitas outras referências foram entrando na pesquisa, desembocando em perguntas como: quais foram os caminhos profissionais de Karl Weissmann? Com quem ele estudou? Quais suas concepções de Psicanálise? Como se deu sua formação? Quais relações teceu com outros psicanalistas, brasileiros ou estrangeiros? Quais foram os caminhos que ele traçou para trabalhar com Psicanálise no Brasil por tantos anos? Ou, ainda, qual a relação de seus trabalhos com o contexto sociocultural no qual foram escritos? E, dentre tantas outras, uma questão ganhou relevo: qual o lugar para Karl Weissmann na História da Psicanálise no Brasil?

A última questão foi escolhida como um dos fios condutores desta pesquisa, visto que muitas das outras perguntas seguiram na mesma direção. Acredito ter mapeado, ao menos em partes, esse conjunto de questionamentos, os quais foram sendo respondidas pelo cruzamento de diversas fontes pesquisadas ao longo desses anos.

Além de ter adquirido vários dos livros de Karl Weissmann, tanto em suas primeiras edições quanto nas versões posteriores<sup>1</sup>, encontrei também dezenas de textos de sua autoria em jornais e revistas. As consultas a esses materiais se deram, sobretudo, nos acervos digitalizados da Hemeroteca Digital Brasileira, mantida pela Biblioteca Nacional, nos arquivos da Hemeroteca Histórica, mantida pela Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, e no Arquivo Público Mineiro.

---

<sup>1</sup> Dentre os textos sobre Psicanálise, houve aqui a dificuldade específica de encontrar *O dinheiro na vida erótica*, livro de 1937. Consegui consultar apenas um volume, encontrado na biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, no acervo de obras raras. Esse material foi fotografado para consulta posterior. Apesar da indicação de uma possível segunda edição – indicação que será discutida no corpo da tese –, não encontrei outros exemplares para comprar ou consultar.

Paralelamente a essas pesquisas, iniciei um rico contato com a filha e o filho de Karl Weissmann, residentes em Belo Horizonte. Tive, por parte deles, uma calorosa acolhida, em entrevista realizada no fim de 2019. Questões da vida pessoal do autor também foram encontradas em textos sobre seu irmão, o escultor Franz Weissmann, que viveu no Brasil e se destacou em seu campo de trabalho.

Aqui, não posso deixar de assinalar o quanto as marcas do período de pesquisa e escrita desta tese impactaram seu andamento. Tanto essa entrevista quanto as consultas a arquivos foram realizadas antes da pandemia, sendo que muitas outras estavam por vir. Contudo, teve início o período que se segue até os dias presentes, marcado pela pandemia de Covid-19. Assim, o período de isolamento, que teve início em março de 2020, e segue até o momento de fechamento desta tese, impediu que fossem realizadas algumas das consultas a arquivos que gostaria de ter feito. Também as entrevistas posteriores foram suspensas, uma vez que cheguei a tentar um contato com a filha de Weissmann, sem conseguir realizar uma conversa por meios virtuais.

Nesse sentido, se foi possível apresentar Karl Weissmann a partir de diversas fontes, outras ficaram para momentos futuros. Gostaria, por exemplo, de realizar uma nova pesquisa nos arquivos da Hemeroteca Histórica de Minas Gerais, onde possivelmente encontraria alguns dos seus textos sobre Psicanálise publicados entre 1930 e 1940, como os da *Grifo* ou do *Folha de Minas*. Ademais, tinha planos de consultar os arquivos da Arquidiocese de Belo Horizonte e do Centro Dom Vital, localizado no Rio de Janeiro, com vistas a melhor entender algumas tensões decorrentes da publicação de seu primeiro livro sobre Psicanálise, *O dinheiro na vida erótica* (1937). Acredito, ainda, que poderia encontrar importantes referências sobre seu trabalho na Penitenciária de Ribeirão das Neves, caso tivesse conseguido uma consulta aos arquivos da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais. Por fim, fica em aberto o conteúdo do programa da *Rádio Inconfidência*, que Weissmann coordenou nos anos 1940, provavelmente falando de Psicanálise, e que poderia ser encontrado nos documentos da própria Rádio, que segue em funcionamento nos dias de hoje<sup>2</sup>.

Também assinalo a falta de informações acerca de sua vida pessoal. Dei um primeiro passo, que foi o contato com seus filhos, mas o processo acabou sendo interrompido pela pandemia. Na entrevista, uma série de informações foram apresentadas. Com o andamento da pesquisa, inúmeras novas hipóteses foram ganhando corpo, contudo, não encontrei elementos para apresentá-las na tese. Tais hipóteses passam pelos efeitos da imigração, pelas suas relações

---

<sup>2</sup> Todas as indicações apontadas nesse parágrafo serão apresentadas e discutidas ao longo desta tese.

familiares, pelas suas relações com o judaísmo e com o catolicismo, ou mesmo pelos motivos que podem ter levado Karl Weissmann a estudar Psicanálise, e como se deu esse primeiro contato ainda na juventude.

Esses pontos, como foi apontado, seguem em aberto. Não considero, entretanto, que isso chegue a colocar em questão minha empreitada. Gostaria, certamente, de dar corpo a essas hipóteses, que poderiam também se desdobrar em novas perguntas. Mas compreendo que uma pesquisa com arquivos e entrevistas dificilmente passaria incólume ao período de isolamento. Somado a isso, reconheço os limites de toda escrita biográfica, sempre dependente da época e das perguntas feitas pelo próprio pesquisador. Assim, não considero defensável a ideia de uma biografia definitiva, mas sim de um trabalho que se mantenha fiel aos arquivos encontrados ao longo dos estudos. Por fim, um trabalho dessa natureza, que possa apresentar um sujeito que tanto atuou no campo da Psicanálise, sendo ainda desconhecido para grande parte dos psicanalistas brasileiros, busca mais se constituir como um ponto de partida para novas investigações do que como algo definitivo, logo, inerte.

Partindo desses aspectos, organizamos a tese em cinco capítulos. No primeiro deles, debruçamo-nos sobre o método e as balizas conceituais que sustentam esta pesquisa. Ali, discutimos as definições de História e de biografia que nos orientam, visando aproximar o debate de textos biográficos no campo da Psicanálise. Destacamos o fato de este estudo ser conduzido por um psicanalista, e não por um historiador de formação, e os efeitos disso para as escolhas feitas ao longo da pesquisa, sobretudo no que tange à Micro-História.

No segundo capítulo, apresentamos os primeiros tempos da vida de Karl Weissmann, desde seu nascimento até a publicação do seu primeiro livro sobre Psicanálise, em 1937. Abordamos sua chegada ao Brasil, sua ida para Belo Horizonte e o modo como ganhou rápido reconhecimento como intelectual na capital mineira, principalmente por conta de seu trabalho com idiomas. Destacamos seu contato com Gastão Pereira da Silva e o modo como ambos se situam em uma tradição específica de psicanalistas no Brasil. Buscamos, também nesse capítulo, apontar algumas das condições de chegada da Psicanálise no Brasil, ressaltando o modo como esse saber se situou nos debates que ocorriam à época, sobretudo no que se refere à construção de uma identidade nacional. A apresentação desse debate interessa-nos, especialmente, por um motivo: dar corpo à tradição de psicanalistas profundamente comprometidos com a difusão desse saber ao público leigo, na qual situamos tanto Karl Weissmann quanto Gastão Pereira da Silva.

No terceiro capítulo, que vai de 1937 a 1949, demonstramos como Weissmann se envolveu cada vez mais com a Psicanálise, iniciando com a publicação de seu primeiro livro

sobre o tema, *O dinheiro na vida erótica*. Abordaremos, aqui, tanto as teses presentes no trabalho quanto os efeitos de sua publicação para a vida do autor. Apresentamos, em seguida, uma série de empreendimentos com os quais Weissmann se envolveu, que vão desde a publicação de textos sobre Psicanálise em jornais e revistas de circulação nacional – a exemplo de *O Cruzeiro* – até a fundação de uma revista em Belo Horizonte, passando pela participação constante em uma Rádio de grande abrangência em Minas Gerais. Demonstramos, também, como ele se lançou em uma empreitada de escrever sobre intelectuais germanófonos – sua língua materna –, com destaque para Schopenhauer, Nietzsche, Freud e Goethe. Ele chega, inclusive, a publicar uma biografia do primeiro deles em 1945, que foi altamente elogiada na mídia brasileira.

O quarto capítulo, que vai de 1949 a 1961, tem início com a publicação de um importante texto sobre Goethe e a maturidade. Neste momento, encontramos Weissmann já consolidado como importante intelectual e psicanalista no Brasil. Aqui, mostraremos sua participação em uma importante revista da elite intelectual mineira, a *Acaiaca*. Demonstramos como ele segue seu projeto de escrever sobre intelectuais do mundo germânico, chegando a organizar um volume da *Acaiaca* sobre Nietzsche. Discutiremos também seus textos sobre Psicanálise e Criminologia, que lhe renderam a contratação, como psicanalista, por uma importante penitenciária mineira. Por fim, trataremos do modo como Weissmann conquistou grande fama no país na condição de hipnotista, tendo lotado os maiores teatros brasileiros com concorridos espetáculos de hipnose.

O quinto capítulo desta tese vai de 1961 até 1989, ano em que Karl Weissmann falece. Iniciamos o capítulo com a publicação daquele que consideramos seu mais importante livro: *A conquista da maturidade* (1961). Com este trabalho, o autor condensa grande parte daquilo que havia dito e publicado anteriormente, além de organizar alguns dos debates que viriam nos anos seguintes. Assim, nos aprofundamos nas concepções de Psicanálise defendidas por Weissmann, e demonstramos como o conceito de maturidade foi por ele construído, tanto em sua dimensão metapsicológica quanto política, defendendo a proximidade entre a Psicanálise adotada por Weissmann e uma corrente específica do freudismo nos Estados Unidos. A partir daí, mostramos como o conceito em questão ordena uma série de testes psicológicos confeccionados pelo próprio autor e publicados com frequência em *O Cruzeiro*. Discutimos também o polêmico livro *Masoquismo e comunismo* (1964), apontando a inscrição de suas teses no campo de tensões políticas que o Brasil atravessava no período. Por fim, trazemos elementos de uma entrevista realizada com o autor por um grupo de psicanalistas lacanianos do Rio de Janeiro. Buscamos, então, retomar o debate sobre as filiações institucionais de Karl Weissmann e de

Gastão Pereira da Silva, desta vez para demonstrar as condições nas quais ambos foram reconhecidos como pioneiros da Psicanálise no país.

Com esta tese, visamos contribuir com os estudos sobre a História da Psicanálise no Brasil por uma via pouco investigada até então. Acreditamos colaborar com o debate em torno das biografias no campo da Psicanálise e, ao mesmo tempo, apresentar um personagem até então desconhecido nessa área de pesquisa. A seguir, passamos ao debate sobre o método e os conceitos que dão sustentação a este trabalho.

## 2 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Definimos nossa tese como uma pesquisa biográfica no campo da História da Psicanálise. Partindo desse ponto, apresentaremos os debates em torno das perspectivas historiográficas que orientam este trabalho. Afinal, se visamos contribuir para as discussões sobre a História da Psicanálise, é necessário trazer um panorama historiográfico a seu respeito, a fim de sustentarmos uma posição específica no campo em questão. Além disso, definir nossa pesquisa como biográfica, a princípio, não diz muito, uma vez que há uma infinidade de trabalhos biográficos situados em diversos horizontes de pesquisa. Dessa forma, buscaremos mapear a definição de História que sustenta este trabalho, além de demarcar um lugar específico nos estudos sobre História da Psicanálise no Brasil. Buscaremos, ainda, definir o que chamamos de biografia, visando apresentar as coordenadas que sustentam esta pesquisa.

Destarte, vale lembrar que os trabalhos que discutem a História da Psicanálise no Brasil são quase tão antigos quanto a própria chegada desse saber no país<sup>3</sup>. O primeiro trabalho a discutir a chegada da Psicanálise no país data de 1928 e é de autoria de Julio Pires Porto Carrero. O mesmo autor apresenta também um relatório no 3º Congresso Brasileiro de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em 1929, no qual fornece um breve panorama dos autores envolvidos com a Psicanálise em seus primeiros tempos, sobretudo os vinculados ao campo médico (Porto Carrero, 1929/2002). Podemos, dessa forma, entender que Porto Carrero inaugura o debate relacionado à historiografia da Psicanálise em nosso país. Desde então, uma série de outros trabalhos, a princípio esparsos, buscou apresentar elementos relacionados à História da Psicanálise no Brasil.

Como nos lembra Oliveira (2002a), após vinte anos do primeiro trabalho sobre a História da Psicanálise no Brasil, Virgínia Bicudo traz um novo texto, no qual faz uma “apologia do movimento lançado por Durval Marcondes” (Oliveira, 2002a, p. 47). Após o texto de Bicudo, as décadas de 1960 e 1970 trouxeram um novo fôlego ao campo, de modo que foram publicados trabalhos pelos pioneiros ou por seus discípulos, destacando os esforços no caminho de institucionalização da Psicanálise no país.

Esse conjunto de obras, inscritas em uma perspectiva memorialista, visava apresentar os fundadores do movimento psicanalítico de forma heroica e descritiva, que haviam lutado contra as dificuldades em prol da causa freudiana – diga-se de passagem, com forte inspiração na própria biografia de Freud escrita por Ernst Jones (1989). Dentre os trabalhos a marca da

---

<sup>3</sup> Aqui, apresentaremos apenas um breve panorama sobre a historiografia da Psicanálise no Brasil. Para uma discussão mais aprofundada, conferir os trabalhos de Oliveira (2002a; 2006).

escrita biográfica é patente e aparece, em sua maioria, como o esforço de construção de uma memória da Psicanálise no país por meio da exaltação de seus fundadores. Nos escritos, o testemunho se mantém como fonte privilegiada de informações.

Os trabalhos em questão, que têm início em 1928 e perduram até os dias atuais, podem ser agrupados e nomeados como a História oficial da Psicanálise no Brasil, visto terem sido produzidos, em grande parte, pelos pioneiros do processo de implantação do saber no país ou por membros das próprias instituições psicanalíticas – sobretudo aquelas vinculadas à *International Psychoanalytical Association* (IPA). Vale destacar que importantes trabalhos foram produzidos também fora de tais instituições, ainda assim se inscrevendo na tradição da História oficial da Psicanálise no Brasil, por apresentarem textos descritivos e pragmáticos, a exemplo das obras de Mokrejs (1993) e Sagawa (1989).

Partindo dos diversos problemas inerentes a essa tradição de pesquisa<sup>4</sup>, tem início uma nova perspectiva de trabalho no campo da História da Psicanálise no Brasil, no ano de 1983, como uma dissertação de mestrado em Filosofia. Escrita por Gilberto Rocha e publicada em 1989, sob o título de *Introdução ao nascimento da Psicanálise no Brasil* (1989), o texto se sustenta em uma perspectiva foucaultiana, vinculando a chegada da Psicanálise no Brasil à Psiquiatria da época, sendo a pesquisa conduzida a partir de arquivos e testemunhos.

Com esse estudo, acompanhamos uma ruptura com a História oficial, sendo inaugurada uma nova tradição de pesquisa na História da Psicanálise no país, que passa a se vincular, sobretudo, aos programas de pós-graduação das universidades brasileiras. Deixando de lado as narrativas apologéticas e o testemunho como fonte privilegiada de informações, há a abertura de todo um horizonte de trabalhos situados em diversos campos de investigação. A partir de então, escrever sobre História da Psicanálise nos convida a uma consequente reflexão acerca dos métodos de pesquisa, o que traz uma pluralidade de perspectivas, uma vez que os objetos investigados não se resumem àquilo que interessa às instituições de formação – como é o caso de Karl Weissmann. Estes são alguns dos motivos que nos permitem chamar essa tradição de História acadêmica<sup>5</sup>, sendo nela que nossa pesquisa visa a se inscrever.

---

<sup>4</sup> Como lembra Oliveira, “foram os limites da história oficial, assim como o próprio contexto de dissidências do movimento psicanalítico carioca, que contribuíram para a elaboração de outros trabalhos historiográficos. São escritos que comportam uma visão crítica e denunciam o silêncio das instituições a propósito dos ‘buracos negros’ dessa história” (2002a, p. 148).

<sup>5</sup> Inspirados, sobretudo, em Roudinesco (1995).

## 2.1 Marcas e posicionamentos da História acadêmica da Psicanálise: o trabalho com as biografias

Uma das marcas da perspectiva de pesquisa a que chamamos, aqui, de História acadêmica, é justamente seu pluralismo metodológico, sustentado por uma vasta interlocução entre campos distintos. Articulando leituras que vão desde a História cultural até investigações sobre o posicionamento das instituições de formação em Psicanálise durante a ditadura civil-militar, as pesquisas têm crescido em volume e diversidade de objetos. Certos temas parecem angariar maior interesse: estudos sobre a chegada e implantação da Psicanálise em regiões específicas do país (Nunes, 1988; Oliveira, 2006; Gageiro e Torossian, 2014; Santos, 2016); trabalhos sobre a difusão da Psicanálise no Brasil (Figueira, 1988, 1991, 1994; Russo, 2002); investigações sobre as produções escritas de grupos de psicanalistas (Gomes, 2018; Rubin, 2021); trabalhos a respeito do posicionamento de psicanalistas diante de condições políticas autoritárias (Mandelbaum e Frosh, 2017; Mandelbaum, Rubin e Frosh, 2018; Oliveira, 2012, 2017; Rubin, 2021; Lima, 2021); ou, ainda, o trabalho conduzido por Dunker (2015), em que discute a articulação da Psicanálise em diferentes projetos de construção de uma brasilidade.

Diante de um campo tão rico e plural, torna-se importante construir uma reflexão própria acerca dos métodos e das perspectivas de trabalho: se várias são as formas possíveis de se trabalhar com a História da Psicanálise no Brasil, faz-se importante que apresentemos os fundamentos da pesquisa aqui conduzida. Buscamos, com isso, sustentar a importância de se discutir o método nas pesquisas no campo em questão, bem como contribuir para esse conjunto de debates.

Destarte, apresentamos a definição de História que nos orienta ao longo deste trabalho. Inspiramo-nos no movimento que nasceu, há quase um século, com Marc Bloch e Lucien Febvre. Tais historiadores fundaram, em 1929, a Revista dos *Annales*, marcando uma forte ruptura com a forma de se fazer História até então, focada em grandes acontecimentos ou importantes personalidades. Abandonando a ideia de que a escrita histórica deveria apresentar ao leitor um passado desvelado e descrito em seus próprios termos, tais autores inauguram a principal tradição historiográfica do século passado, definida como *Escola dos Annales*, que passa a se orientar por problemas específicos, considerando a História como “uma ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos ao dos vivos” (Bloch, 2002, p. 67).

Essa mudança de perspectiva traz rupturas no próprio regime de historicidade que funda o ofício do historiador. Não se trata mais de supor um passado a ser descoberto e descrito por

meios supostamente adequados. Uma historicidade constituída em tais termos seria, para Bloch (2002), equivocada, pois considera a História como a ciência do passado. De fato, tal programa histórico, de base positivista e descritiva, é abandonado por essa tradição de pesquisa, que marca o ofício do historiador como o de um operador de uma análise da qual ele, necessariamente, participa, “como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa” (Bloch, 2002, p. 128).

A pesquisa histórica, nesse horizonte, abre-se como um recorte necessário do pesquisador, elaborado a partir das próprias ferramentas das quais dispõe, ou seja, da construção e da análise, e não de desvelamento ou descoberta. Não se trata, obviamente, de imaginar o passado ao sabor do presente, mas de reconhecer que a delimitação do objeto, assim como a escolha das ferramentas de análise, habita tempo estrangeiro àquele investigado: “de fato, a História está fadada à construção de seu objeto; sua elaboração é um processo social, necessariamente coletivo, que estabelece vínculos, cada vez revisitados, entre os homens do passado e aqueles do presente” (Farge, 2011, p. 129).

Definir o ofício do historiador como um trabalho de construção traz uma consequência direta, que é o reconhecimento do lugar do pesquisador no trabalho de escrita da História. Se o objeto de pesquisa não apresenta uma substância em si, mas é efeito das operações de recorte e delimitação propostas ao longo da própria investigação, reconhecer o lugar do pesquisador torna-se necessário por ele não ser mais um mero observador de acontecimentos descritíveis, mas o operador mesmo da construção desse objeto. Ao ignorar o próprio posicionamento, na tentativa de uma suposta descrição do passado, o historiador certamente se aproxima daquele que, segundo Bloch, é “um satânico inimigo da verdadeira História: a mania do julgamento” (2002, p. 58).

A esse respeito, Farge (2011) aponta a impossibilidade de uma História descolada dos posicionamentos e das paixões daquele que se propõe a escrevê-la. Longe de alegar uma suposta neutralidade, devemos reconhecer que nossas escolhas são atravessadas, desde a definição do objeto de pesquisa até as últimas conclusões, pelas chaves de leitura escolhidas, que nos permitem uma organização do campo de trabalho. Com efeito, partindo da impossibilidade de elaboração de uma História neutra, buscaremos, então, apontar as ferramentas de análise e discussão, tendo em vista as armadilhas que tal proposta pode nos colocar. Assim, nosso compromisso passa a ser o da construção de uma História verídica e plausível, mais do que a busca por uma História verdadeira, pautada numa pretensa descrição de fatos históricos.

Essa reflexão se torna particularmente importante para nós porque a presente pesquisa, situada no campo da História da Psicanálise, é conduzida por um psicanalista, e não por um

historiador de formação. Nesses termos, as questões relacionadas aos caminhos de investigação, às hipóteses levantadas, bem como as ferramentas utilizadas para análise e discussão, são centrais para o processo. Conforme veremos ao longo deste capítulo, privilegiamos uma abordagem historiográfica que apresente uma sólida aproximação com o ofício do psicanalista, tanto em termos de fundamento quanto de método.

Dito isso, um outro ponto se coloca diante de nós, referente tanto ao campo da História como ao da Psicanálise: o desafio ligado à escrita biográfica. Largamente utilizada por historiadores em um período anterior à criação da Revista dos *Annales* – apesar de ter desaparecido por longas décadas em meio ao grupo francês –, sendo também uma ferramenta polêmica e atual no campo da Psicanálise, a escrita biográfica apresenta uma vasta gama de possibilidades, nem sempre reconhecidas entre psicanalistas e historiadores. Primeiramente, há a preferência por se escrever sobre os grandes nomes da Psicanálise – principalmente Freud, que conta com dezenas de biografias –, sendo que o registro biográfico permanece pouco discutido pela História acadêmica da Psicanálise no Brasil. Em segundo lugar, quanto ao campo da História, a questão das biografias suscita longo e profícuo debate. Frente a isso, cabe adentrarmos brevemente na descrição do modo como trabalharemos com o registro biográfico, visando à construção de um posicionamento nessa seara de debates.

Para conduzir tal discussão, dentre as diversas formas de definição das biografias, temos como principal referência o texto de François Dosse, *O desafio biográfico* (2015). De acordo com o autor, o vasto campo de trabalho em torno das biografias requer que façamos a divisão em, ao menos, três grandes estilos de escrita.

O primeiro deles, referente ao que Dosse (2015) chama de “biografias heroicas”, foi amplamente utilizado em um momento anterior à fundação da Escola dos *Annales*. Esse estilo busca, segundo o autor, apresentar aos leitores um panorama da grande existência do biografado, exaltando suas características e, por vezes, suprimindo as polêmicas. Entre os objetivos dessa escrita está o de apresentar um herói como exemplo a ser seguido; ela se sustenta na ideia de descrever o passado que se busca exaltar. Suas características aparecem tanto na prática hagiográfica<sup>6</sup> quanto na apresentação de grandes personalidades, sejam artísticas, políticas, intelectuais ou militares.

No campo da Psicanálise, as biografias heroicas foram bastante utilizadas ao longo da sua História, tendo como exemplo central *Vida e obra de Sigmund Freud* (1989), de Ernst Jones.

---

<sup>6</sup> Uma hagiografia é definida, segundo o autor, como a escrita da vida de santos: “Esse gênero literário privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torna-las exemplares para o resto da humanidade” (Dosse, 2015, p. 137).

Como nos lembra Roudinesco (2016), embora não se constitua como uma hagiografia, o texto de Jones visa retratar um personagem em termos heroicos, suprimindo, por vezes, as contradições da vida de Freud:

Jones privilegiava a ideia de que Freud, cientista solidário e universal, com a força exclusiva de seu gênio, fora capaz de desarraigar-se das “falsas ciências” de sua época para desvelar ao mundo a existência do inconsciente. [...] Acima de tudo, transformava Freud num cientista mais inglês que vienense, mais positivista que romântico, bem menos atormentado em suas escolhas do que realmente se mostrara. Em suma, construía para uso de seus contemporâneos um memorial em homenagem ao príncipe e cientista que ele servira (Roudinesco, 2016, p. 478-479).

Para além da monumental biografia sobre Freud, esse estilo foi a base para a construção da memória dos pioneiros e precursores da Psicanálise no Brasil, naquela que chamamos de História oficial da Psicanálise. Os exemplos de escrita sobre Durval Marcondes, encontrados em Bicudo (1948) e Sagawa (1989), são fortes ilustrações desse aspecto.

O segundo estilo de escrita é definido por Dosse (2015) como o das “biografias modais”. Essa perspectiva, amplamente influenciada pela corrente de pensamento estruturalista, “consiste em descentralizar o interesse pela singularidade do percurso recuperado a fim de visualizá-lo como representativo de uma perspectiva mais ampla” (Dosse, 2015, p. 195). Aqui, os efeitos da relação entre a História e as Ciências Sociais – enfatizada por diversos autores da Escola dos *Annales* – conduziu o registro biográfico a um eclipse que tem em Bourdieu seu maior representante:

Produzir uma História de vida, tratar a vida como uma História, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (Bourdieu, 2006, p. 185).

Nessa perspectiva, há o interesse por aspectos biográficos apenas no sentido de buscar a dissolução do singular frente ao coletivo, de modo a tomar o sujeito como representante do tipo ideal ao qual se relaciona. No campo da História da Psicanálise, consideramos que os trabalhos de memória institucional, que buscavam discutir a vida de psicanalistas apenas naquilo que seria interessante em relação ao grupo do qual pertenciam, são ilustrativos desse ponto, a exemplo do livro *Álbum de família* (Nosek, 1994).

Por fim, assinalamos o terceiro estilo, o das “biografias hermenêuticas”, sendo este um espaço de investigação no qual se destaca o singular, mas sem abandonar a dimensão coletiva da experiência, de forma que “a pergunta sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação alimenta essa renovação da escrita biográfica” (Dosse, 2015, p. 229). Visando ir além das

biografias heroicas sem, no entanto, diluir o singular no estrutural, certos historiadores vão construir novos caminhos para o trabalho biográfico. Considera-se, a partir de então, que a vida do biografado não deva ser investigada como uma estrada de mão única, progressiva e cumulativa, mas como uma miríade de espaços diversos, fragmentados, que apresentam rupturas, recomeços e inflexões:

O moderno regime de historicidade desconstrói as figuras tutelares que se prestam à identificação. Essa desconstrução abre possibilidades para as figuras plurais. O biógrafo pode então fazer o melhor dos índices mais corriqueiros para compor relatos biográficos segundo as linhas de intensidade múltipla. A linearidade postulada pela biografia clássica já não será então considerada intocável. O fato de se considerar o homem como fundamentalmente plural, mantenedor de vínculos diversos, modifica a abordagem do gênero biográfico (Dosse, 2015, p. 297).

A biografia se apropria, nesse registro, de uma crítica consequente à noção de identidade, até então considerada imutável e linear, abrindo caminho para um vasto campo de possibilidades. Ao abandonar o objetivo de apresentar grandes exemplos para o leitor, reconhecendo o universo de contradições e fragmentações que atravessam a vida de todo e qualquer sujeito, não apenas uma nova perspectiva de escrita emerge como possível, mas a própria concepção dos objetos se transforma. Um exemplo desse estilo é o trabalho de Mandelbaum e Frosh (2020), que discute elementos da biografia de Durval Marcondes em relação à época em que o psicanalista viveu, destacando algumas das contradições que marcam sua vida e trajetória.

Como destaca Dosse (2015), no campo das biografias hermenêuticas podemos assinalar diversas perspectivas distintas. Para este trabalho, interessa-nos de perto a concepção de biografia hermenêutica apresentada e discutida a partir dos fundamentos da Micro-História.

## **2.2 Sobre escalas e indícios: aproximações entre Micro-História e Psicanálise**

Conforme relatamos anteriormente, consideramos a Micro-História um elemento central para a estruturação desta pesquisa. Partindo de uma proposta crítica à segunda geração da Escola dos *Annales*, em um momento no qual se tinha em grande valor as análises seriais e sustentadas pela longa duração, certos autores italianos constroem uma nova abordagem dos problemas históricos, sem, no entanto, romper com os fundamentos da tradição francesa

(Ginzburg, 1989; 2007; Revel, 1998)<sup>7</sup>. Encontramos, a partir da Micro-História, um vasto campo de problemas, com formas de trabalho até então impensáveis para a ciência histórica.

Lembramos, primeiramente, que a Micro-História não é uma abordagem estritamente biográfica. Ginzburg (1989) aponta que, ao se propor uma análise do universo micro-histórico, o registro individual pode ser um dos caminhos de análise, embora não o único; grupos específicos, uma cidade, um evento, uma publicação, uma obra de arte, enfim, diversos objetos de investigação podem ser tomados em uma pesquisa micro-histórica. Assim, apesar de não ser um campo unicamente voltado às biografias, a Micro-História contribuiu sobremaneira para a retomada do gênero textual nas pesquisas históricas:

*A microstoria* restituiu, pois, o direito de cidade à singularidade após uma longa fase de eclipse, no curso da qual o historiador devia sobretudo recorrer a meios estatísticos, a regularidades de uma História quantitativa e serial. Ela permite, deslocando-o sensivelmente, redinamizar um gênero que se creia em vias de extinção, o gênero biográfico (Dosse, 2015, p. 257).

Reconhecida a importância da Micro-História para o terreno das biografias, apresentamos, enfim, os fundamentos dessa abordagem. Podemos assinalar que, para além da restituição da singularidade à História, a Micro-História se sustenta em dois fundamentos intimamente relacionados: a mudança de escala e o paradigma indiciário.

O primeiro desses fundamentos, a variação de escala, colocou-se como questão central desde as primeiras reflexões da prática, nos anos 1970. Como dissemos anteriormente, influenciadas pela segunda geração da Escola dos *Annales*, as discussões historiográficas não tinham em alta conta o registro de objetos singulares, únicos. Com o nascimento da Micro-História, vemos justamente “uma reação contra um certo estilo de História social que seguia o modelo da História econômica, empregando métodos quantitativos e descrevendo tendências gerais, sem atribuir muita importância à variedade ou à especificidade das culturas locais” (Burke, 2008, p. 61).

Partindo desse impasse, a proposta de uma História feita pelo microscópio ganha corpo, inicialmente, entre os historiadores italianos, para depois se expandir para outros países da Europa e da América Latina. Da França, Jacques Revel<sup>8</sup> (2010) lembra que, com isso, há a

---

<sup>7</sup> Tais autores, dentre os quais se destacam Carlo Ginzburg, Carlo Poni, Geovanni Levi e Edoardo Grendi, passaram a organizar diversas publicações, a partir de 1976, que giravam em torno da revista italiana *Quaderni Storici*, e, nos anos 1980, concentravam seus trabalhos na *Microstorie*.

<sup>8</sup> Vale lembrar que Revel é um dos principais nomes da terceira geração da Escola dos *Annales*, o que demonstra a solidariedade entre o pensamento da Micro-História e essa tradição francesa da historiografia. Quanto à reaproximação do movimento dos *Annales* com as biografias, lembramos que Le Goff, outro de seus principais nomes, dedica uma biografia a São Luís, marcando uma forte retomada do gênero entre os franceses.

abertura, como horizonte, da construção de novas perguntas, de novos caminhos de pesquisa. Não se trata de expandir a percepção sobre antigos problemas, mas de proporcionar a construção de novos objetos, antes impensados:

Um dos méritos da micro-História é ter colocado, de saída, o problema da variação de escala e dos efeitos cognitivos que podem ser-lhe associados. É importante entender bem sua significação e o que está em jogo com isso. Ao contrário do que frequentemente se disse, a questão fundamental não é aqui a do estudo dos objetos de tamanho reduzido. [...] O que está em jogo na abordagem micro-histórica é a convicção de que a escolha de uma escala peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento. Retomando uma metáfora que foi muito utilizada nos últimos anos, variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama (Revel, 2010, p. 438).

Operar uma variação de escala não significa olhar de forma mais atenta a um objeto anteriormente conhecido, mas de propor uma nova forma de abordagem dos problemas históricos, de modo que a dimensão do micro, do singular, seja colocada como central: “Reduzir a escala de observação quer dizer transformar em um livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé<sup>9</sup>” (Ginzburg, 2007, p. 264).

Faz-se importante destacarmos que a redução de escala se dá sem que se abandone o esforço de interlocução com a dimensão social da experiência, uma vez que a proposta trata de situar o individual nos múltiplos espaços que ele ocupa. Desse modo, construir objetos históricos nessa perspectiva nos permite investigar o mesmo indivíduo em lugares distintos:

A escolha do individual não era considerada, no caso, contraditória com a apreensão do social: o que se esperava dela era que tornasse possível a inclusão de uma trajetória individual (a de um homem ou de um grupo de homens) numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações sociais que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação (Revel, 2010, p. 439).

Diante de tais elementos, temos um campo de possibilidades para a pesquisa biográfica que rompe com a noção de um indivíduo linear, para colocá-lo em relação ao seu tempo, com todas as contradições que implicam reconhecê-lo naquele lugar. Essa definição da relação entre o sujeito e seu tempo foi muito bem resumida por Schwarcz: “Não há indivíduo fora do seu tempo, assim como não há sujeito totalmente enjaulado pelo seu contexto” (2002, p 71).

---

<sup>9</sup> Reconhecemos, curiosamente, que em nosso trabalho de mestrado (Santos, 2016), Karl Weissmann apareceu justamente como um nome no apêndice de autores, para além de breves citações. Assim, se fazemos dele nosso objeto de investigação no doutorado, isso só foi possível pelo fato de termos, anteriormente, passado por seu nome em uma pesquisa com outros objetos e objetivos.

Intimamente relacionado à questão da variação de escala, o segundo fundamento da Micro-História, chamado por Ginzburg (1989) de paradigma indiciário, constitui-se também como basilar para este trabalho. Nessa perspectiva, ao se investigar objetos em uma escala microscópica, o pesquisador passa a se utilizar das fontes como um conjunto de indícios que apontam para fenômenos outros, não redutíveis à materialidade imediata do documento:

A representação de roupas esvoaçantes nos pintores florentinos do século XV, os neologismos de Rabelais, a cura dos doentes de escrófula pelos reis da França e Inglaterra são apenas alguns entre os exemplos sobre o modo como, esporadicamente, alguns indícios mínimos eram assumidos como reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, a de um escritor ou de toda uma sociedade (Ginzburg, 1989, p. 178).

Para seguir na definição do que seria um paradigma indiciário, Ginzburg (1989) inspira-se no trabalho do historiador da arte Giovanni Morelli, que, na segunda metade do século XIX, inicia uma série de análises fundadas em elementos pontuais de certas obras com o intuito de discutir elementos gerais do pensamento do artista que a produzira. Em tais análises, Morelli (apud Ginzburg, 1989) destaca o modo como traços mínimos podem indicar outras realidades, tanto acerca das obras quanto dos próprios artistas analisados, em uma operação que Ginzburg define como intimamente relacionada ao trabalho de um detetive:

O conhecedor da arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria. Os exemplos da perspicácia de Holmes ao interpretar pegadas na lama, cinzas de cigarro etc. são, como se sabe, incontáveis (Ginzburg, 1989, p. 145).

Além da comparação entre o conhecedor da arte e a operação do detetive, Ginzburg (1989) aponta para a proximidade do paradigma indiciário com um método de trabalho específico: o da Psicanálise. Para ele, o paradigma indiciário seria um solo em comum dos três campos, de modo que pode ser traçada “uma analogia entre os métodos de Morelli, Holmes e Freud. [...] Nos três casos, pistas talvez infinitesimais que permitem captar uma realidade profunda, de outra forma inatingível” (Ginzburg, 1989, p. 150).

Lembramos que uma aproximação entre o paradigma indiciário e a Psicanálise foi ensaiada pela pena do próprio Freud, em passagem do texto *Moisés de Michelângelo* (Freud, 1914/2012), na qual comenta justamente o trabalho de Giovanni Morelli:

Muito antes que eu pudesse ouvir algo sobre Psicanálise, fiquei sabendo que um conhecedor de arte, o russo Ivan Lermolieff, cujos primeiros artigos foram publicados em alemão entre 1874 e 1876, provocou uma revolução nas galerias de arte da Europa, reviu a atribuição de muitos quadros a um único pintor, ensinou a diferença entre cópias e originais e, a partir de obras libertas de suas caracterizações anteriores, construiu novas individualidades artísticas. Ele realizou isso, na medida em que se

abstraiu a impressão geral e os grandes traços de um quadro e destacou o significado característico de detalhes subestimados, de pequenos aspectos tais como a formação das unhas, dos lóbulos, das orelhas, das auréolas dos santos e outras coisas não levadas em consideração, que o copista imitou com descuido e que, de fato, cada artista executou de uma maneira especial. Mas considereei muito interessante quando soube que por trás do pseudônimo russo se escondia um médico italiano de nome Morelli. Ele morreu em 1891 como senador do Império Italiano. Acredito que seu procedimento está muito próximo da técnica da Psicanálise praticada por médicos. Também a Psicanálise está acostumada a partir de traços subestimados ou não observados, do refugio – o *refuse* – para intuir o misterioso e o escondido (Freud, 1914/2012, p. 197, grifo do autor).

A referência de Freud ao trabalho de Morelli, como uma técnica *muito próxima da Psicanálise*, aponta para um dos fundamentos do trabalho na clínica psicanalítica, que parte de elementos pontuais – chistes, lapsos, sonhos, sintomas – na direção de uma história que se passa em um registro outro que não o da consciência imediata. Os indícios podem ser apontados, dessa forma, como “pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” (Ginzburg, 1989, p. 150). Acreditamos que Freud concordaria com essa aproximação, como pode ser observado em uma afirmação presente em um texto tardio, *Construções em análise* (1937/2018), ao aproximar o trabalho do arqueólogo ao ofício do psicanalista:

O seu trabalho de construção, ou, se preferirmos, de reconstrução, mostra uma ampla coincidência com o do arqueólogo, que escava uma moradia destruída e soterrada de uma construção do passado. Na verdade, o trabalho aí é idêntico, apenas o analista trabalha sob melhores condições. [...] Mas, assim como o arqueólogo constrói as paredes de um prédio a partir dos *resquícios* de parede ainda existentes [...], o analista procede da mesma forma quando tira conclusões *a partir de fragmentos de lembranças, associações e declarações ativas do analisando*. Ambos permanecem como tendo o direito indiscutível de reconstrução através de complementação e junção dos restos conservados (Freud, 1937/2018, pp. 367-368, grifo nosso).

Para além da proximidade entre os métodos da Micro-História e da Psicanálise, apontamos ainda um importante diálogo entre as concepções de sujeito assumidas pelas duas perspectivas. Isso porque, no trabalho biográfico, ao se reconhecer o indivíduo em relação a seu tempo, sua cultura e sua classe, não deixamos de encontrar semelhanças com a própria concepção freudiana de sujeito. Para a Psicanálise, reconhecemos, com Freud (1922/2011), que a relação entre sujeito e experiência social não pode ser desconsiderada ou relegada a segundo plano. Tal reconhecimento não se dá para eclipsar a singularidade daquele que age e fala, mas para reconhecer as condições nas quais uma experiência singular se torna possível:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser

humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (Freud, 1922/2011, p. 11).

De Freud até a produção contemporânea em Psicanálise, as formas de pensar a relação entre sujeito e sociedade foram se tornando cada vez mais refinadas. Obviamente, não cabe aqui retomar o curso desse debate, mas lembrar-nos daquilo que afirma Dunker (2015), ao discutir os conceitos de mal-estar, sofrimento e sintoma, tanto na clínica como no horizonte de uma crítica do social:

A experiência individual do sofrimento singular se expressa em falas únicas, de preferência em primeira pessoa. Por isso é importante jamais separar o sofrimento individual dos movimentos sociais que lhe deram origem. O sofrimento individual, aliás, é ele mesmo um efeito social bem delimitável por sentimentos que lhe seriam atinentes: piedade e culpa, vergonha e desamparo, indiferença e ressentimento. [...] Há incidências completamente distintas do sofrimento individual quando se considera seu modo de inclusão ou sua refração diante dos ideais de uma comunidade (Dunker, 2015, p. 36).

Na sequência, o autor afirma ser o sofrimento “uma experiência compartilhada e coletiva” (Dunker, 2015, p. 37), para, então, concluir que “boa clínica é crítica social feita por outros modos” (Dunker, 2015, p. 46). Dessa forma, trazemos a necessária relação entre a experiência de um sujeito e as dinâmicas sociais que lhe atravessam, relação que habita os fundamentos da Psicanálise e da Micro-História. Esse reconhecimento nos convida a um exercício de crítica social tanto no primeiro campo quanto no último, por levantarem problemas pouco delimitáveis no âmbito de uma visão geral. Revel (2010) nos lembra que, na Micro-História, a atenção se desloca para o indivíduo, tendo em vista “aquilo que a experiência dele nos ensina sobre o mundo social onde vive. O indivíduo torna-se então, por assim dizer, um marcador das reorganizações profundas vividas pela sua sociedade” (Revel, 2010, p. 439), donde podemos concluir, parafraseando Dunker (2015), que Micro-História é, também, crítica social feita por outros modos.

Tais definições nos levam ao necessário debate sobre o estatuto da fonte em nossa pesquisa. Se, para Marc Bloch, “os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (Bloch, 2002, p. 79), Ginzburg (2007), em consonância com o historiador francês, toma o conjunto documental como rastros deixados, voluntária ou involuntariamente, pelo sujeito investigado. São esses rastros que permitem tecer uma relação entre os fios que conduzem uma

existência singular, conforme se pode ilustrar a partir do mito de Teseu: “Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar no labirinto, o mito não fala” (Ginzburg, 2007, p. 7).

Assim, os documentos são tomados como vestígios, rastros, que indicam os caminhos de uma experiência qualquer. Partindo dos rastros, podemos reconstruir os fios que, entrelaçados, apontam para a trama de uma existência singular: “Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-los compor-se numa trama densa e homogênea” (Ginzburg, 1989, p. 170). Logo, uma biografia inspirada na Micro-História, sustentada pelo paradigma indiciário, busca encontrar nos documentos os rastros de uma existência, seguir os diversos fios traçados pelo sujeito em questão, com vistas à composição de uma narrativa estruturada pela “relação entre o fio – o fio do relato, que nos ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade – e os rastros” (Ginzburg, 2007, p. 7).

Por fim, exemplificamos essa perspectiva biográfica com um famoso trabalho do próprio Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes* (2006). Neste texto, o autor discute, a partir de diversos documentos extraídos dos arquivos da Inquisição, a vida de um moleiro friulano, Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, nascido em 1532. Visando apresentar uma biografia do sujeito, Ginzburg oferece uma importante análise de elementos da própria cultura italiana do período:

De vez em quando as fontes, tão diretas, trazem muito perto de nós: é um homem como nós, e um de nós. Mas é também um homem muito diferente de nós. A reconstrução analítica dessa diferença tomou-se necessária, a fim de podermos reconstruir a fisionomia, parcialmente obscurecida, de sua cultura e contexto social no qual ela se moldou. Foi possível rastrear o complicado relacionamento de Menocchio com a cultura escrita, os livros (ou, mais precisamente, alguns dos livros) que leu e o modo como os leu. Emergiu assim um filtro, um crivo que Menocchio interpôs conscientemente entre ele e os textos, obscuros ou ilustres, que lhe caíram nas mãos. Esse crivo, por outro lado, pressupunha uma cultura oral que era patrimônio não apenas de Menocchio, mas também de um vasto segmento da sociedade do século XVI. Em consequência, uma investigação que, no início, girava em torno de um indivíduo, sobretudo de um indivíduo aparentemente fora do comum, acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular - e, mais precisamente, sobre a cultura camponesa - da Europa pré-industrial, numa era marcada pela difusão da imprensa e a Reforma Protestante, bem como pela repressão a esta última nos países católicos (Ginzburg, 2006, p. 10).

Como visto acima, da análise conduzida em *O queijo e os vermes* (2006), Ginzburg levanta relevantes hipóteses sobre a relação entre escrita, leitura e questões de classe social na Itália pós-Reforma Protestante. A associação entre Menocchio e seu tempo foi investigada, posta em questão, de modo que foram extraídas belas consequências da aposta na pesquisa

acerca de um indivíduo, objetivando alcançar elementos históricos mais gerais. Reconhecendo o significativo vínculo entre um sujeito específico e sua época, seguimos com Ginzburg (2006):

Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, desfrutado de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo –, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico. Aos olhos dos conterrâneos, Menocchio era um homem, ao menos em parte, diferente dos outros. Mas essa singularidade tinha limites bem precisos: da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro do qual se exercita a liberdade condicionada de cada um (p. 21).

Dessa forma, nossa pesquisa pode ser definida como biográfica, sustentada na inter-relação entre a tradição francesa da Escola dos *Annales* e a abordagem micro-histórica do objeto investigado. Nosso objeto, então, não se encontra voltado apenas para a produção de um texto sobre a vida de Karl Weissmann, já que, operando uma variação de escala e trabalhando com o paradigma indiciário, visamos levantar questões mais amplas sobre a própria História da Psicanálise no Brasil. Trabalharemos tanto com aspectos gerais da vida de nosso biografado quanto com detalhes mínimos, pequenos, levando em consideração seu papel na articulação entre a vida de um único sujeito e elementos que implicam a História do movimento do qual faz parte.

### **2.3 Fios e rastros de Karl Weissmann: indícios para uma construção biográfica**

Após definirmos nossa perspectiva de pesquisa, o próximo passo foi seguir os rastros deixados por Karl Weissmann ao longo de sua vida, visando compor um mapa dos lugares por onde passou. Neste ponto, deparamo-nos com um vasto universo de produção: livros, artigos, textos publicados em jornais de grande circulação e entrevistas compõem o resultado deste trabalho.

De fato, encontramos em Karl Weissmann um autor de fôlego, que escreveu muito, para diversos públicos. Suas produções incluem *best sellers* como *O hipnotismo: teoria, técnica e aplicação* (1958), *A conquista da maturidade*<sup>10</sup> (1961), ou ainda *O dinheiro na vida erótica* (1937); textos com nítida conotação política, como *Masoquismo e comunismo: contribuição à patologia do pensamento político* (1964); livros com material muito mais técnico, voltados para a divulgação da Psicanálise para públicos mais extensos, como *Psicanálise: ensaios e*

---

<sup>10</sup> Livro traduzido para o inglês em 1985, publicado como *Vistas into Maturity* pela Vantage Press.

*experiências* (1967a) e *Psicanálise* (1976); ou mesmo uma biografia, do filósofo Arthur Schopenhauer (1945a).

A apresentação dos livros nos dá a dimensão dos espaços ocupados por nosso biografado. No entanto, a produção escrita de Karl Weissmann não se esgota com essas obras. Ele publicou, também, dezenas de textos em jornais e revistas, nacionais e internacionais, que vão desde um artigo na *American Imago*, intitulado “Nietzsche and the anti-maturism” (1963a), até um vasto conjunto de trabalhos na revista *O Cruzeiro*<sup>11</sup>, em que ele discute diversos assuntos relacionados à Psicanálise.

Para além do conjunto de publicações, Karl Weissmann ocupou espaços distintos em sua atuação como psicanalista. Destacamos, como exemplo, sua atividade com a Psicanálise em Belo Horizonte já nos anos 1930, época em que Freud era difundido e comentado na cidade de forma esparsa<sup>12</sup>. Lembramos também de seu trabalho como psicanalista na penitenciária de Ribeirão das Neves, iniciado em 1953, e de suas atividades como hipnotizador de grande fama, defendendo as bases psicanalíticas da hipnose.

Concernente às condições de sua rápida ascensão como intelectual, encontramos questões igualmente interessantes. Citamos apenas algumas: nos anos 1930, ele escreveu um livro sobre a língua inglesa, que foi elogiado por um entusiasta do movimento integralista, ao mesmo tempo em que era investigado por suspeita de ser comunista; teve um contato precoce com Gastão Pereira da Silva, que escreveu um prefácio elogioso para seu primeiro livro sobre Psicanálise; teve presença constante em importantes projetos da intelectualidade mineira, aparecendo ao lado de personalidades como Mario Casasanta ou dividindo publicações com Juscelino Kubitschek; e demonstrava nítida predileção por autores de origem germânica<sup>13</sup>, que fizeram de Weissmann, com alguns de seus trabalhos, uma referência até os tempos atuais<sup>14</sup>.

Os rastros citados nos apontam para os caminhos seguidos por Karl Weissmann ao longo da sua vida, marcando contradições e pertencimentos dos mais diversos. Além de seus textos, contamos ainda com outras fontes de pesquisa, já que são escassas as informações a respeito de sua vida pessoal propriamente dita.

Atestamos que o trabalho de encontrar e organizar seus textos escritos foi longo, mas possível. No entanto, quanto à sua vida pessoal, nos deparamos com limites incontornáveis. A esse respeito, trazemos as palavras de Delgado e Ferreira (2014) sobre a importância de se

---

<sup>11</sup> Uma das maiores revistas do Brasil no século XX.

<sup>12</sup> Conforme pudemos encontrar em Santos (2016).

<sup>13</sup> Freud, Nietzsche, Schopenhauer e Goethe são nomes constantes em todo o seu percurso intelectual.

<sup>14</sup> Como é o caso de seu livro sobre Schopenhauer. Abordaremos isso posteriormente, em momento oportuno.

recorrer a uma “pluralidade de fontes que podem embasar a pesquisa histórica. Fontes que, em consonância com o objeto e a temporalidade pesquisados, incorporam a instância da memória em suas dimensões coletiva e individual” (Delgado e Ferreira, 2014, p. 8). Assim, recorreremos a uma entrevista com os familiares de Karl Weissmann, bem como a informações publicadas em biografias do seu irmão, Franz Weissmann, visando conhecer algo da vida pessoal de nosso biografado.

Ao longo do trabalho de seguir os rastros de Karl Weissmann nos deparamos com uma aparente contradição: encontramos um vasto conjunto de textos escritos e publicados *por* nosso autor, mas, curiosamente, foram escassas as referências encontradas *sobre* ele, sobretudo em relação à sua atividade como psicanalista. Em nossa pesquisa, encontramos um artigo comentando, de forma breve, a carta enviada por Freud a Weissmann (Moretzohn e Teperman, 2014) e uma entrevista conduzida por psicanalistas lacanianos do Rio de Janeiro em 1984. Mas, de maneira geral, Karl Weissmann se manteve ausente dos estudos sobre a História da Psicanálise no Brasil.

Essa aparente contradição – um importante psicanalista, que ocupou diversos espaços em sua vida, sendo, ao mesmo tempo, pouco conhecido entre seus pares – se constitui como uma questão fundamental nesta pesquisa. Um dos problemas que orientam nosso trabalho é justamente investigar o motivo de Karl Weissmann ter se mantido ausente dos estudos sobre a História dessa prática no Brasil, apesar dos lugares de destaque que ocupou. Assim, ao mesmo tempo em que pretendemos tecer com os fios que orientam a existência de Karl Weissmann, dando-lhe um lugar nos estudos sobre História da Psicanálise no Brasil, buscaremos apresentar hipóteses sobre o fato de ele ser pouco estudado nesse campo.

Por fim, diante dessa miríade de rastros, operamos com o paradigma indiciário com vistas a tecer uma narrativa em que articulamos as diversas peças de um quebra-cabeças, reconhecendo alguns dos fios que orientaram Weissmann pelo *labirinto da realidade*.

Nesse sentido, do início da pesquisa até seus momentos tardios, percebemos que certos fios se mantiveram, de alguma forma, constantes em nosso trabalho: o lugar de estrangeiro, que, tendo passado dificuldades ao chegar no Brasil, criou estratégias para sobreviver, publicando diversos trabalhos sobre questões financeiras e autores germânicos, traçando empreendimentos que o alçaram ao estrelato em terras brasileiras; o lugar de intelectual exaltado por onde passou, contando com o reconhecimento de diversas figuras proeminentes de campos distintos, como a política ou a literatura; e o lugar de psicanalista, com sua atividade de divulgação da Psicanálise ao público leigo, enquanto se mantinha à margem das instituições de formação.

Tais fios condutores da vida do biografado – estrangeiro, intelectual, psicanalista – criam condições que nos permitem inscrever este trabalho no quadro da História Cultural da Psicanálise no Brasil. A escolha se dá pelo fato de que buscaremos privilegiar, em nossa investigação, a relação entre Weissmann e os elementos do quadro sociocultural que lhe possibilitaram ocupar os lugares que ocupou, sendo que

importa compreender por que razão um conjunto de questões toma pouco a pouco sentido e valor no mercado das ideias, e como também um coletivo de intelectuais se apropria desses questionários e desses problemas para deles fazer a própria trama da sua vida (Roche, 1998, p. 28).

Seguindo os rastros de Karl Weissmann e dando relevo às questões destacadas anteriormente, adotaremos uma dinâmica temporal específica na escrita desta tese: se, por um lado, privilegamos a cronologia, por outro, assinalamos a mudança de capítulos a partir de inflexões biográficas, reconhecendo nosso investigado como um sujeito que traçou diversas estratégias ao longo de sua vida, reorganizando os referidos fios condutores. Essa escolha, portanto, dá-se de forma condizente com os rastros que localizamos ao longo da pesquisa, o que não implica na suposição de uma biografia definitiva, mas na construção de um personagem possível a partir dos indícios encontrados no decorrer do trabalho.

Sendo assim, organizamos o texto biográfico em quatro tempos distintos da existência de Weissmann:

- a) 1910 a 1936 – “Tempos de chegada e sobrevivência”: O intervalo de vinte e seis anos marca o período entre o nascimento e a primeira publicação psicanalítica de Karl Weissmann. Nesta seção, abordamos seu nascimento e a vinda ao Brasil com a família, bem como as dificuldades atravessadas pelos Weissmann nos anos 1920. Tratamos do contato de Karl Weissmann com a Psicanálise a partir das ideias de Russo (2002), buscando situá-lo em uma tradição específica de psicanalistas e divulgadores da doutrina ao público leigo no Brasil. Apresentamos também sua chegada a Belo Horizonte e sua rápida ascensão como intelectual na capital mineira, sobretudo com seu trabalho como professor de inglês e alemão, com as contradições e estratégias que isso implicou.
- b) 1937 a 1949 – “Tempos de ascensão”: Esta seção se inicia com o primeiro livro sobre Psicanálise publicado por Weissmann, que contou com inesperadas e surpreendentes repercussões. Esses doze anos marcam o período de ascensão e consolidação de Karl Weissmann como um importante psicanalista no país, divulgando elementos da doutrina em revistas e jornais de grande circulação nacional. Encontramos também, no período em

questão, um fecundo trabalho de escrita sobre intelectuais germânicos, com destaque para Goethe, Schopenhauer, Freud e Nietzsche.

- c) 1949 a 1961 – “Tempos de estrelato”: Damos início a esta seção tratando da publicação de um artigo sobre Goethe. Ao inserir o escritor alemão em seus trabalhos, Weissmann o toma como ideal civilizatório e, nesse momento, começa a ganhar corpo o conceito de maturidade, fundamental nos anos seguintes. O autor foi contratado como psicanalista de uma grande penitenciária na região metropolitana de Belo Horizonte, elaborando teses a respeito da relação entre Psicanálise e Criminologia. Por fim, abordamos a consolidação de Karl Weissmann como uma estrela da cultura popular, com espetáculos de hipnose em todo o país, sendo tal prática embasada na Psicanálise.
- d) 1961 a 1989 – “Tempos de maturidade”: Neste período, Weissmann, recém-chegado ao Rio de Janeiro, publica um livro em que se propõe a definir o que é a maturidade. Importante destacarmos que, para ele, a maturidade é definida como uma questão libidinal, organizada em torno de um cruzamento entre metapsicologia e política. Neste ponto da sua vida há maior participação nos impasses políticos vividos pelo Brasil, com marcante sentimento anticomunista – sendo o comunismo definido, aliás, como falta de maturidade. Apresentamos, ainda, seus trabalhos em revistas de grande circulação, desta vez publicando testes psicológicos que propunham avaliar a maturidade dos leitores. Por fim, discutimos elementos de uma entrevista realizada por um grupo lacaniano em 1983, na qual é apresentado como um pioneiro da Psicanálise no Brasil, ao lado de Gastão Pereira da Silva. O limite desta seção é o ano de 1989, com sua morte.

### 3 TEMPOS DE CHEGADA E SOBREVIVÊNCIA

Karl Weissmann nasceu em uma família judaica na Áustria, no dia 31 de agosto de 1910, filho de Karl Weissmann e Hedwig Weissmann<sup>15</sup>. Seu pai trabalhava em uma ferrovia local (Perlingeiro, 2011; Salzstein, 2001). Os Weissmann, que passavam por dificuldades financeiras, também sentiam na pele o crescente antissemitismo que ganhava força na Europa do período entreguerras. Por tais motivos, e também por conta das tensões que se apresentavam com cada vez mais força no continente europeu, a família decidiu seguir o fluxo migratório para as Américas. Assim, em 1921, Karl e Hedwig Weissmann, acompanhados dos quatro filhos – Karl, Franz, Stefan e Fritz<sup>16</sup> –, desembarcaram no porto de Santos.

Ao chegar no Brasil, os Weissmann compraram terras e construíram uma pequena fazenda para plantar algodão no sul do estado de São Paulo, juntamente a outros imigrantes<sup>17</sup>. O trabalho nas plantações, entretanto, acabou por não prosperar. Diante disso, a família se mudou, seis anos depois, para a capital paulista, onde montaram uma pequena fábrica de carrocerias de ônibus. As dificuldades financeiras apareceram novamente, de modo que os irmãos Karl e Franz Weissmann começaram a dar aulas de português para estrangeiros, a fim de complementar a renda familiar. A fábrica, que se mantinha com dificuldades, agravou sua situação com a crise de 1929, sendo que, ao fim do ano, a família se mudou novamente, para o Rio de Janeiro, com vistas a recomeçar em outra cidade.

Observamos que, chegando ao Rio, os Weissmann se abriram para os mais diversos campos de atuação. Karl Weissmann, pai dos quatro irmãos, construiu novamente uma fábrica de carrocerias, sendo acompanhado de perto por Fritz Weissmann, que seguiu investindo na indústria e chegou a fundar outra empresa de carrocerias de ônibus, a Ciferal – que se tornaria uma das maiores do Brasil. Franz, mais interessado pelas artes e pela escultura, começou a frequentar cursos e mostras de artistas da cidade. Posteriormente, seguiu como artista, consolidando-se como um dos maiores escultores do país. Já Karl, então com dezenove anos, passou a demonstrar cada vez mais apreço pelos assuntos ligados à Psicologia, à Psicanálise e à hipnose<sup>18</sup>.

Sabemos que, à época da chegada de Karl Weissmann no Rio de Janeiro, a Psicanálise já circulava por vários lugares do país, com significativas diferenças regionais. Intimamente

---

<sup>15</sup> Foto dos pais de Weissmann: Anexo 1.

<sup>16</sup> Foto dos irmãos: Anexo 2.

<sup>17</sup> Foto da casa na fazenda de algodão: Anexo 3.

<sup>18</sup> Infelizmente, não temos maiores informações sobre este período da vida de Karl Weissmann. Assim, desconhecemos os motivos desse interesse.

ligada às discussões políticas que atravessaram a Primeira República (1889 – 1930), a chegada da Psicanálise no Brasil não pode ser desvinculada de uma leitura dos projetos de construção do Estado brasileiro. A seguir, trazemos certos elementos desses projetos, de modo a mapear a Psicanálise com a qual Weissmann entra em contato ao dar início a seus estudos, para se destacar como importante intelectual já nos anos 1930.

### **3.1 A Psicanálise no Brasil da Primeira República: por um lugar para o psicanalista Karl Weissmann**

Discutir os caminhos da Psicanálise no Brasil, desde seus primeiros tempos, lança-nos à forma como se deu a Proclamação da República, em 1889. Após romper com o Império e com a oficialidade do catolicismo junto à política, uma considerável mudança institucional se consolidou com a Constituição de 1891, marcando um afastamento das relações oficiais entre a instituição católica e o Estado. Esse fato abriu espaço para diversas discussões sobre a organização social e política do país. As bases institucionais do novo regime, a partir de então presidencialista, bicameral e federalista, baseado na divisão equilibrada entre os poderes executivo, legislativo e judiciário, demarcaram claros limites com relação ao regime anterior.

A ruptura com a Igreja – ao menos em termos institucionais –, abriu um novo espaço para que grupos da sociedade em geral se ocupassem da vida política no país. Se anteriormente os campos da educação, saúde, identificações civis, ou mesmo os cemitérios, estavam por conta da Igreja, o vácuo deixado pela Proclamação da República possibilitou a construção de novas formas de se conceber e organizar múltiplos elementos da sociedade. Paralelamente a isso, o Brasil passou a ser palco de uma “verdadeira batalha de símbolos” (Schwarcz e Starling, 2018, p. 318), no esforço de construção de uma identidade nacional descolada do Império.

Um dos primeiros passos para a construção dessa identidade foi a definição de um novo hino da Proclamação da República, cuja letra teve como autores Leopoldo Miguez e Medeiros e Albuquerque<sup>19</sup>. Seguiram-se debates que determinaram os nomes de ruas, praças e prédios, a mudança no título de “corte” para “Capital Federal”, uma nova lista de feriados nacionais, e uma discussão sobre quem seriam os precursores da nascente república, a exemplo daquela envolvendo o feriado de 21 de abril:

Neste último caso, tratava-se de consagrar a figura de Tiradentes, o único rebelde condenado à morte durante a Conjuração Mineira de 1789. No entanto, como desconheciam retratos do herói, o que se viu foi um processo de crescente associação entre a sua figura e a de Cristo: olhar cândido, vestes brancas com um crucifixo no

---

<sup>19</sup> Conforme veremos adiante, o nome de Medeiros e Albuquerque nos interessa de perto.

peito, cabelos até os ombros, soltos. A partir desse momento, a imagem do novo herói ganharia a iconografia política, que se apropriou de Tiradentes não só como símbolo revolucionário: o mártir que se sacrificou pela República (Schwarcz e Starling, 2018, p. 318-319).

Tais propostas, no entanto, não se deram sem resistência. Como lembram Schwarcz e Starling (2018), ainda que um novo hino da Proclamação da República tenha sido decidido por meio de um concurso, o antigo hino nacional se manteve como oficial, mesmo não tendo entrado na disputa, de modo que passaram a existir dois hinos na mesma nação. Da mesma forma, a nova bandeira nacional manteve-se em íntima relação com a anterior, mudando apenas poucos aspectos, como a retirada do brasão monárquico e a introdução, em seu lugar, do lema positivista “Ordem e Progresso”. Aliás, a própria aproximação da suposta imagem do mártir da República – o Tiradentes – com a figura de Jesus não deixa de mostrar o quanto a narrativa católica se mantinha presente no cotidiano da população, a despeito da laicidade do Estado. Assim, a República não chegou com a ruptura que buscava anunciar, de modo que a tensão entre a construção do Estado republicano e a continuidade de tradições monárquicas se manteve constante:

Apesar dos esforços, continuava enraizado na nação um incômodo imaginário monárquico, presente até hoje não só em elementos da retórica patriótica como numa concepção de sociedade ainda impregnada pela mística dos títulos de nobreza, das ordens honoríficas e dos rituais de consagração (Schwarcz e Starling, 2018, p. 319).

Dentre os debates que marcam a Primeira República, diversos grupos intelectuais “mostram-se preocupados sobretudo com o problema da identidade nacional e das instituições” (Pecaut, 1990, p. 14). Propostas como a construção de uma identidade eminentemente brasileira, marcada pela miscigenação (Oliveira, 2006; Cantarino, 2012), a expansão da Medicina em direção à sociedade (Schwarcz e Starling, 2018; Oliveira, 2002b; Castro e Facchinetti, 2015), ou a catolicização dos costumes e da moral nacional (Leite, 2011) passaram a disputar um lugar ao sol. Endossadas pelo movimento modernista, por setores da Medicina e por instituições católicas, essas proposições levaram a intensos debates, que perduraram durante a Proclamação da República até os anos 1930, quando uma nova ruptura institucional se operou no Brasil<sup>20</sup>.

É nesse campo de debates que a Psicanálise chega ao Brasil. Russo (2002) assinala três lugares por onde a novidade freudiana circulou no período: os intelectuais da vanguarda

---

<sup>20</sup> Discutiremos, mais adiante, as marcas da Era Vargas.

modernista<sup>21</sup>; a elite médico-psiquiátrica da época<sup>22</sup>; e um grupo de divulgadores da doutrina freudiana ao público em geral<sup>23</sup>. O último deles nos interessa aqui. Como lembra Russo, “o terceiro modo de difusão da Psicanálise no período é, sem dúvida, o menos examinado e falado de todos. Refiro-me à divulgação da Psicanálise junto ao público leigo” (2002, p. 56). Foi com essa linhagem de intelectuais, pouco interessados em sociedades científicas e em ligas de higiene mental, que Karl Weissmann iniciou seus estudos na matéria, tanto com relação à Psicanálise, quanto ao hipnotismo.

Destarte, pensar as referências de Weissmann durante esse momento nos aponta para dois nomes em específico: Medeiros e Albuquerque e Gastão Pereira da Silva. Como lembra Pereira da Silva, em entrevista realizada nos anos 1980:

Foi meu aluno [...]. Eu apresentei o Karl Weissmann – se não é audácia dizê-lo – a Freud. O Karl Weissmann então disse, em uma carta que está na biografia de Ernest Jones, que ficaria muito contente se continuasse os estudos de Psicanálise ao meu lado (Pereira da Silva, 1985, p. 5).

Compreender os fundamentos dessa tradição se torna importante por marcar a filiação de Karl Weissmann a certo pensamento psicanalítico. Importa-nos, ainda, entender o conjunto de escolhas tomadas por Weissmann que o levaram a estudar justamente com Gastão Pereira da Silva e não com a elite psiquiátrica do Rio de Janeiro, também familiarizada com o pensamento freudiano. Conforme veremos, essa opção não se deu sem motivos, nem sem efeitos.

### 3.1.1 Medeiros e Albuquerque e a Psicanálise

José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934) dedicou-se, ao longo de sua vida, a diversas atividades intelectuais. Como lembramos anteriormente, foi

---

<sup>21</sup> Para mais, ver Oliveira (2006) e Facchinetti (2002).

<sup>22</sup> Nesse aspecto, a Psicanálise chegou mais como uma ferramenta terapêutica a serviço da Medicina do que como uma prática autônoma. Castro (2014) aponta que, para tanto, a Psicanálise deveria ser concebida como uma ferramenta científica no arsenal da Psiquiatria, sobretudo em relação aos psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), transformando-a em um elemento precioso no interior do projeto psiquiátrico referente à questão da identidade nacional: “Era necessário fazer da ferramenta psicanalítica uma prática científica institucionalizada. Foi assim que surgiram a Clínica de Psicanálise dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental, a inserção da psicanálise na Associação Brasileira de Educação, a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise e da especialização em Psicanálise dentro da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Nesses espaços científicos foi possível organizar toda uma “metapsicologia ortopédica” para instruir os brasileiros a moldarem seus comportamentos, educarem seus filhos e aprenderem como “descarregar” seus impulsos no ambiente com o mínimo de prejuízo para a sociedade (e, de preferência, em seu benefício)” (Castro, 2014, p. 203).

<sup>23</sup> Reconhecemos também a importância dos educadores para a chegada e a difusão da Psicanálise no Brasil, como bem ilustrado por Oliveira (2002b), assim como o papel dos intelectuais católicos na resistência àquilo que indicava para o nome de Freud (Santos, 2016).

um dos autores da letra do hino da Proclamação da República, sendo um dos grandes entusiastas da tradição republicana à época. Suas atividades envolveram diversos campos do conhecimento e de atuação, tendo sido professor, deputado, escritor, jornalista, memorialista, teatrólogo, entre outras ocupações. Além disso, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro ocupante da cadeira 22.

Pela extensão dos seus trabalhos, podemos entender Medeiros e Albuquerque como um importante intelectual do seu tempo. Não cabe, aqui, a apresentação esmiuçada de sua biografia, nem de seus trabalhos de modo geral, estudo que valeria uma pesquisa à parte. No entanto, seu nome figura entre os introdutores de diversas temáticas relacionadas à Psicologia e à Psicanálise no Brasil, fato que nos interessa de perto. Como nos lembra Campos, no *Dicionário biográfico de Psicologia no Brasil* (2007), Medeiros e Albuquerque foi o criador do primeiro laboratório de Psicologia Experimental do país. Foi também o primeiro a escrever um livro sobre testagem psicológica, chamado *Tests* (Medeiros e Albuquerque, 1924). Para o intelectual, a Psicologia serviria como uma importante ferramenta a serviço da educação, sendo ele um defensor intransigente de uma escola laica e de uma Pedagogia científica.

Quanto à Psicanálise, notamos que Medeiros e Albuquerque chega a ela de forma distinta daquela operada pelos médicos de seu período. Com efeito, o pensador não foi buscar em Freud elementos para enriquecer projetos médicos, visto que chegou à Psicanálise por meio de seu interesse pelas práticas da hipnose. É o que nos atesta na primeira edição do seu livro *O hipnotismo*, de 1919:

O hipnotismo, se é um capítulo da Medicina, também o é da psicologia. Foi principalmente por aí que ele, ao princípio, me interessou. Depois, quando eu conheci a psicanálise do Professor Freud – método que está tendo tão vasta difusão nos países de língua alemã e nos Estados Unidos – achei que, mesmo assim, o hipnotismo guardava a sua superioridade como processo terapêutico [...] Da psicanálise eu creio que o hipnotismo pode tirar alguns ensinamentos úteis. E ainda, pela psicanálise, se eu me interessei, foi por causa do lado psicológico da questão, porque esse método é o que pretende ir mais longe no que se pode chamar de sondagem do Inconciente (Medeiros e Albuquerque, 1919, p. 11).

Destacamos, do trecho acima, o fato de Medeiros e Albuquerque se interessar pela Psicanálise mais como um capítulo da Psicologia do que como uma prática terapêutica. Para ele, nesse trabalho, a hipnose seria superior em termos clínicos, de modo que o próprio se considerava um hipnotista, sem pretensões de se definir como psicanalista. No entanto, aponta que a Psicanálise não deixaria de ser uma valiosa teoria do inconsciente, que poderia fornecer ensinamentos úteis às práticas hipnóticas, como no caso do destaque para a importância dos fatores inconscientes na determinação da personalidade, ou dos conflitos existentes entre

diferentes sistemas psíquicos: “Os estudos, por tantos títulos admiráveis, de Freud e sua escola, puseram bem em relevo as consequências, sempre nocivas e muitas vezes trágicas, dos desacordos entre as ações conscientes e os seus móveis subconscientes” (Medeiros e Albuquerque, 1919, p. 131).

As considerações acerca da Psicanálise tornam-se ainda mais evidentes em outro trabalho de Medeiros e Albuquerque. Para além de seu livro sobre hipnotismo, o profícuo autor traz uma importante referência à Psicanálise no fim dos anos 1910: uma conferência realizada na Policlínica do Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 1919, intitulada “A psicologia de um neurologista – Freud e as teorias sexuais”.

Nesse trabalho, que foi publicado como um capítulo do livro *Graves e fúteis* (1922), o autor apresenta, já nas primeiras páginas, uma dura crítica à excessiva dependência dos brasileiros à intelectualidade francesa: “só recebemos ideias científicas por intermédio da França. Ora, em francês só se publicou até hoje um volume a esse respeito, escrito pelo professor Régis e pelo professor Hesnard. É um livro mau, um livro mal feito” (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 103)<sup>24</sup>. Lembramos que ele destacou, em seu livro sobre hipnose, a grande difusão da Psicanálise nos países de língua alemã e nos Estados Unidos. Com efeito, Medeiros e Albuquerque mostrava-se um intelectual antenado ao que se passava para além da França<sup>25</sup>.

Quanto ao modo pelo qual realizou sua leitura, encontramos o aprofundamento do debate em torno da Psicanálise como uma teoria psicológica autônoma. Segundo Medeiros e Albuquerque:

O que domina a psicologia de Freud é a distinção nítida por ele feita de três zonas de atividade intelectual: o consciente, o subconsciente e o inconsciente, o modo pelo qual se forma o inconsciente e as relações que se estabelecem entre essas três zonas. Freud

---

<sup>24</sup> Essa crítica parece proceder. Lembramos, aqui, de um trecho da fala de Porto-Carrero, apresentada em 1929 no *III Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*, ao falar dos seus primeiros contatos com a Psicanálise, juntamente a Afrânio Peixoto: “Com o livro de Régis e Hesnard em mão, abordámo-lo sobre o assunto” (Porto-Carrero, 1929/2002, p. 155). Trazemos, ainda, Oliveira, que comenta algo nessa direção, sobre os médicos da Liga Brasileira de Higiene Mental: “O fato é que nessa época, muitos dos posicionamentos sobre a psicanálise são referenciados nos trabalhos de Régis e Hesnard, autores do primeiro livro sobre a psicanálise na França, *La psychoanalyse des névroses et des psychoses*, cujo essencial consiste justamente em rejeitar a doutrina germânica em favor de uma latinização da psicanálise” (Oliveira, 2002b, pp. 137-138).

<sup>25</sup> Uma crítica semelhante se faz presente em seu livro sobre testes psicológicos, denunciando a excessiva dependência dos intelectuais brasileiros à França: “Os que desejam estudar o assunto veem-se, entretanto, embaraçados, porque entre nós, no domínio intelectual, nada entra senão vindo da França. E precisamente em francês ainda não existem bons livros sobre essa questão. É verdade que Binet foi francês e a ele se deve ao estupendo impulso que teve o emprego dos testes. Mas, como tantas vezes acontece, a sua iniciativa perdeu-se quase completamente em sua pátria. Foram os Estados Unidos que tomaram a dianteira do movimento. E hoje, ao passo que há milhares de obras a tal respeito nos Estados Unidos, não sei de nenhuma em francês, especialmente dedicada a isso” (Medeiros e Albuquerque, 1924, p. 8).

dá uma importância máxima à força de repressão, graças à qual as ideias passam para inconciente (1922, p. 105).

Reconhecendo em Freud uma teoria psicológica composta pelos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente, o autor assinala a importância do conceito de repressão, bem como os caminhos de formação do inconsciente. Para ele, tanto a repressão quanto a formação do inconsciente estariam interligados em um único processo, vinculado à educação e atravessado pelo desenvolvimento individual em cada sociedade:

Se um adulto expusesse nitidamente as ideias de uma criança, seria um monstro, um criminoso. Por isso desde muito cedo a obra de educação começa, mostrando a cada instante à criança o que ela não deve fazer. É um trabalho contínuo de repressão dos instintos do selvagemzinho. [...] Força-se assim uma sedimentação, uma estratificação de desejos recalcados que nunca mais ousarão mostrar-se: é o domínio do Inconciente. O Inconciente se faz, portanto, sobretudo de aspirações infantis desde tão cedo sujeitas à repressão, que perdem a possibilidade de se mostrar de novo. E aí estão os habitantes, os prisioneiros das masmorras do Inconciente (Medeiros e Albuquerque, 1922, pp. 110-111).

Chama-nos a atenção, no trecho acima, a comparação da criança a um *selvagemzinho*, cujos instintos não estariam reprimidos via educação. Segundo Medeiros e Albuquerque, já na infância são encontrados diversos instintos no indivíduo, que seriam alvo da repressão pela sociedade. Aparecendo ao lado de outros, com destaque para o de alimentação, a sexualidade seria, desde cedo, alvo de diversas repressões, que levariam esses instintos a se alocarem na “masmorra” da personalidade, o inconsciente: “Não há, porém, dúvida alguma que nada sofre mais repressão individual e social que os desejos sexuais” (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 128).

Dessa forma, os caminhos da sociedade deveriam transformar um *selvagemzinho* em um adulto civilizado, por meio da repressão de seus instintos, sobretudo os sexuais. Tal repressão formaria, no indivíduo, algo que o autor compara a um censor, usando, para tanto, a ilustração da censura jornalística:

De fato, nos lugares em que não há liberdade de imprensa, os governos instalam nas redações dos jornais censores encarregados de cortar tudo o que não é ortodoxo. Dentro de nós se passa um fenômeno análogo. Os conselhos de nossos pais, de nossa família, da sociedade inteira, dizendo-nos a cada passo “Não faça isso... Não faça aquilo... Isto é mau... Isto é feio...” – acabam por constituir um hábito de reação contra certas ideias. Assim que elas se querem manifestar, esse grupo de restrições morais e sociais acorda e age como se fosse um verdadeiro censor, gritando às ideias condenadas: “Não podem passar!” (Medeiros e Albuquerque, 1922, pp. 111-112).

Ao discutir o motivo para tamanha repressão da sexualidade na vida humana, no esforço civilizatório do pequeno selvagem, Medeiros e Albuquerque não deixa de ensaiar um trabalho

de crítica social. O autor situa que, apesar de a sexualidade não ser o único instinto que conduz a vida humana, seria um dos mais poderosos motores da experiência. Ressalta, então, que a moral vigente, sobretudo a católica, seria a grande responsável pelas tentativas de repressão às experiências da sexualidade humana, no entanto, apesar dos seus esforços, essa moral não encontraria energia suficiente para censurar a sexualidade:

Se se pensa no que diz respeito à Humanidade, ainda assim há que cogitar, não em séculos ou milênios, mas nas centenas de milênios em que ela teve religiões, nas quais havia a exaltação, a adoração constante da sexualidade. Os cultos fálicos foram universais. Há apenas dois mil anos que o catolicismo entrou em luta contra essa tendência, sem nunca aliás ter podido vencê-la. Dois mil anos! Que é isso? Quase nada. A crosta sólida da terra é comparada à espessura de uma casca de laranja em relação ao núcleo ainda incandescente. A crosta do pensamento humano atual, moralizado e casto, em relação ao núcleo em que a sexualidade era a preocupação dominante, só poderia ser representada por uma finíssima película de cebola (Medeiros e Albuquerque, 1922, pp. 122-123).

Por fim, o autor discute ainda elementos de psicopatologia ao apresentar algo das neuroses para a Psicanálise. Marcando o psiquismo como um prédio de três andares, com a masmorra do inconsciente sendo constantemente vigiada pela censura imposta ao longo do desenvolvimento, o intelectual destaca que o Censor não seria algo ruim, pois se trataria de “um conjunto de prescrições estabelecidas para nosso bem, para nos evitar sofrimentos ou para nos conformar com os ditames de sociedade” (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 120). Contudo, esse censor poderia eventualmente reprimir desejos muito intensos e perseverantes, marcando um conflito que resultaria em uma neurose:

Quando, porém, há em certas pessoas um desejo forte e perseverante que o Censor reprime e contraria, isso pode dar lugar às neuroses – que são os sintomas da luta entre os desejos reprimidos, desejos que muitas vezes vêm dos tempos da infância, e o Censor que os reprime. Esses desejos são sempre, nas neuroses, de ordem sexual, porque é exatamente sobre as coisas de sexualidade que se exerce mais energicamente a repressão da sociedade, da religião, da moral – e, por outro lado, a sexualidade é um dos grandes instintos básicos de todo ser vivo (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 142).

Segundo o autor, o caminho para se curar uma neurose seria justamente “descobrir o desejo inconsciente – que está sendo reprimido. Descoberto, ele perde a sua nocividade. Um dos recursos para chegar a isso é a análise dos sonhos, que Freud considera a estrada real para o Inconsciente” (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 142). Outro caminho seria, como observamos em outro trabalho do intelectual, o hipnotismo.

Podemos considerar que há, em Medeiros e Albuquerque, uma leitura autônoma da Psicanálise em relação aos médicos de seu tempo, abrindo um hiato com relação aos trabalhos

de sua época. Crítico à filiação francesa, buscou ler Freud em suas traduções em inglês, dando destaque para os textos *A interpretação dos sonhos* (1900/2019) e *A psicopatologia da vida cotidiana* (1904/2021). Encontramos também elementos do ensaio *Moral sexual cultural e o nervosismo moderno* (1908/2019) quando Medeiros e Albuquerque aponta a neurose como resultante de um conflito entre a sexualidade e a moral repressiva da época em que vivia.

O que se destaca, em sua trajetória intelectual, é o fato de ele conceber a Psicanálise como uma teoria psicológica autônoma, descolada da Medicina e capaz de fornecer uma terapêutica específica das neuroses, via interpretação dos sonhos e dos lapsos do sujeito – apesar de ele mesmo preferir a terapêutica da hipnose. Ao realizar essa operação, o autor localiza na Psicanálise tanto uma teoria da personalidade quanto uma teoria do desenvolvimento humano. A Psicanálise seria, dessa forma, um caminho para lançar luz à transformação do *selvazinho* em um sujeito civilizado. Ela seria, ainda, uma forma de se curar das neuroses que decorressem desse percurso.

Os trabalhos de Medeiros e Albuquerque parecem apontar para uma rota de entrada e discussão da Psicanálise no Brasil pouco estudada pela historiografia até então. Atento ao que se discutia em diversos países, Medeiros e Albuquerque encontrou na Psicanálise não uma ferramenta complementar para a Medicina, mas uma teoria da personalidade capaz de levantar questões à Psicologia geral, bem como à Neurologia: “Essa psicologia constitui um mundo. Ela abriu veredas novas para quase todos os problemas, quer propriamente de psicologia, quer consequentemente de neurologia” (Medeiros e Albuquerque, 1922, p. 142).

Mesmo sem se declarar psicanalista, o ilustre republicano, entusiasta de primeira ordem de uma modernização do Estado e da laicização do ensino, adepto das práticas da Psicologia Experimental e da hipnose, construiu e apresentou ao público uma Psicanálise original para o seu tempo. E, como veremos, Medeiros e Albuquerque abriu um caminho que foi trilhado por intelectuais e psicanalistas de modos distintos, com destaque para Karl Weissmann e Gastão Pereira da Silva. É sobre este último de que trataremos a seguir.

### **3.1.2 Gastão Pereira da Silva e a Psicanálise**

Gastão Pereira da Silva (1896-1987) foi um psicanalista de considerável importância na História da Psicanálise no Brasil. Em sua autobiografia, *25 anos de Psicanálise* (Pereira da Silva, 1959), ele afirma ter se formado em Medicina, sendo que publicou, já nos anos 1920, alguns textos médicos. Afirma, ainda, que praticava “Medicina em lombo de burro” (Pereira da

Silva, 1959, p. 1) pelas cidades do interior do Rio de Janeiro, tendo se mudado para a capital em algum momento da década de 1920<sup>26</sup>.

Segundo ele, a prática médica não lhe trazia grandes satisfações, tendo em vista seu interesse pelo estudo da alma dos pacientes ser maior do que o de suas doenças físicas. Esse interesse o levou a buscar elementos da Psicologia e da Psicanálise. Antes de entrar em contato Freud, Pereira da Silva afirma ter tomado conhecimento das ideias de Janet, Binet e Dupré. No entanto, o contato com as ideias da Psicanálise lhe despertou um interesse imediato, o qual se deu, principalmente, por conta da palestra proferida por Medeiros e Albuquerque em 1919, sobre a qual comentamos anteriormente. Segundo Pereira da Silva:

Devo destacar a memorável conferência realizada na Policlínica Geral do Rio de Janeiro por Medeiros e Albuquerque, em 1919, sob o título “A Psicologia de um Neurologista: Freud e as suas teorias sexuais”. Foi Medeiros e Albuquerque um dos primeiros, senão o primeiro, a sair dos moldes acadêmicos para apresentar ao grande público, naquela linguagem simples e atraente, que só ele possuía, o esquema da Psicanálise. [...] Realmente, não se escreveu ainda em português coisa tão lúcida e que tanta simpatia conquistou para as doutrinas do grande judeu Sigmund Freud (1959, p. 3, grifo nosso).

Após tomar conhecimento da palestra, Pereira da Silva afirma ter lido “dois livros de autoria do próprio Freud sobre os nossos ‘atos falhados’ na vida cotidiana e a sua ‘Introdução à Psicanálise’, que me ofertou o jornalista Leal Guimarães” (Pereira da Silva, 1959, p. 4). Foi então que o estudioso se viu em um momento de grande importância em sua vida:

Senti, então, que teria de seguir um novo rumo, o rumo da Psicanálise. Mas não sabia ainda se havia compreendido bem as bases fundamentais daquela doutrina. Pensei, assim, em escrever um romance, baseado em postulados freudianos. Em 28, o livro ficou pronto. Vim ao Rio para distribuí-lo entre livrarias e jornais. O primeiro exemplar foi logo enviado a Medeiros e Albuquerque, que fazia crítica, aos domingos, no “Jornal do Comércio”. O crítico, severo e exigente, como não podia deixar de ser, fez grandes restrições ao meu incipiente trabalho, mas a certa altura, louvou o conteúdo psicológico do romance, descobrindo em mim um psicanalista em latência. Exultei. Aquele que melhor sintetizada Freud, ao alcance da compreensão do grande público, dava-me uma espécie de “salvo-conduto” para prosseguir na minha peregrinação através dos longos e penosos caminhos da Psicanálise (Pereira da Silva, 1959, p. 4).

Reconhecendo a influência de Medeiros e Albuquerque sobre sua decisão de estudar Psicanálise, Pereira da Silva se apresenta como um herdeiro intelectual do jornalista e hipnotizador. Ademais, conforme veremos adiante, há uma grande compatibilidade entre o pensamento de ambos. Pereira da Silva, médico com interesse recém adquirido pelos estudos

---

<sup>26</sup> É difícil traçar com exatidão as datas relativas aos primeiros anos de Pereira da Silva. Como lembra Marcondes, “as poucas fontes historiográficas de que dispomos para tentar traçar um perfil biográfico de Gastão Pereira da Silva muitas vezes são contraditórias” (2015, p. 40).

em Psicanálise, constitui-se como sujeito de trajetória peculiar, a começar pela própria decisão de tentar melhor compreender o pensamento freudiano a partir da escrita de um romance. Dedicaremos as próximas páginas a uma investigação sobre elementos do seu pensamento que foram determinantes na formação de Karl Weissmann.

Começemos pelos caminhos de formação. Após ser incentivado por Medeiros e Albuquerque a continuar seus estudos, Pereira da Silva nos lembra que não existiam, à época, espaços de formação psicanalítica no Brasil. Para além disso, aponta que:

só se falava de Psicanálise entre professores, ou pessoas cultas. Porto-Carrero, então professor na Faculdade de Direito, a incluía no seu programa de Medicina Legal. [...] Porto-Carrero foi, entretanto, um acadêmico. Não desceu da sua cátedra para trazer ao conhecimento do grande público os princípios básicos da nova ciência (Pereira da Silva, 1959, p. 2).

Porto-Carrero era um dos mais importantes psicanalistas do Brasil à época e, pela afirmação de Pereira da Silva, encontramos a demarcação clara dos limites na relação entre eles. Com efeito, parecia haver mesmo uma tensão entre ambos, reconhecida abertamente pelo autor: “Porto-Carrero não me gostava. Combatia-me. Mas eu nunca lhe quis mal por isso” (Pereira da Silva, 1959, p. 2). Além da existência dessa tensão, destacamos a elitização apontada pelo estudioso, segundo o qual circular entre pessoas cultas e eruditas não lhe interessava. Por esse motivo, Pereira da Silva seguiu caminhos que se mantiveram à margem dos outros interessados no assunto:

Diante de tais obstáculos, eu teria que me haver sozinho<sup>27</sup>, estudando a obra de Freud. Vi, entretanto, que a simples teoria não bastava. E assim principiei a ensaiar na prática o que aprendia nos livros. A tarefa não foi fácil. Mas serviu para concluir que ninguém aprende a prática da Psicanálise se não tiver pendores para a arte de analisar, exatamente como ninguém será capaz de pintar um quadro se não possuir legítima vocação. [...] Antes de tudo, precisa ser dotado de uma autêntica tendência, por assim dizer, *inata*, para que possa chegar a ser um verdadeiro analista prático (Pereira da Silva, 1959, pp. 5-6).

Como visto, o autor parte do reconhecimento de que exercer a Psicanálise requer, antes de tudo, uma vocação para tanto. Defendendo haver uma tendência *inata*, ele prossegue traçando como se deu sua formação psicanalítica:

Por onde devo começar? Pela interpretação dos meus próprios sonhos, tal como aconselha Freud. Assim, procurei, de início, analisa-los, seguindo as regras, ou melhor, a técnica ensinada pelo criador da Psicanálise através de um dos seus mais vigorosos e expressivos trabalhos sobre a interpretação dos sonhos (Die

---

<sup>27</sup> Podemos notar, aqui, uma curiosa aproximação entre a forma como Pereira da Silva se apresenta, na condição de psicanalista solitário, e a descrição heroica feita por Ernest Jones acerca do próprio Freud, como um cientista que lutou contra o *establishment* médico da época.

Traumdetung), um livro que bem confirma o sentido oculto do “inconsciente”. [...] Só depois de praticar a análise de meus próprios sonhos é que procurei analisar os sonhos alheios (Pereira da Silva, 1959, p. 6).

Pereira da Silva, depois de abordar a importância do livro sobre os *atos falhados*, aponta o lugar fundamental que *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) teve em sua formação. Após decidir por interpretar seus próprios sonhos, ele afirma que deu início à prática de anotar o que sonhava, deixando lápis e papel sobre a mesa de cabeceira.

Após esse período inicial, Pereira da Silva deu início ao projeto de analisar os sonhos alheios, articulando seu interesse pela Psicanálise à prática de jornalista. Ele, que era colunista de diversos jornais nos anos 1930 (Marcondes, 2015), passou a analisar trechos dos sonhos de leitores de alguns desses periódicos. Assim, conseguiu, ao mesmo tempo, adquirir material de trabalho e difundir a Psicanálise e a prática de interpretação dos sonhos ao público em geral.

De forma paralela, Pereira da Silva aprofundou os estudos psicanalíticos ao longo dos anos 1930. Enquanto muitos interessados pela Psicanálise se esforçavam por tecer relações com analistas formados pela IPA<sup>28</sup>, ele, por sua vez, seguiu um caminho particular. Sempre muito crítico às exigências da análise didática<sup>29</sup>, Pereira da Silva foi um autodidata intransigente, afirmando que a autoanálise seria muito mais importante para a formação de um psicanalista:

Freud dizia que o psicanalista precisava da análise do seu próprio inconsciente para ser um bom analista e aconselhava a *autoanálise*, ou deixar-se analisar, sempre que possível, por um colega. Mas a vida já me havia ensinado a me autoanalisar. Eu já havia praticado muitas e muitas vezes a *autoanálise* por intuição! Apenas me faltava um método, uma técnica, e esta eu aprendi, depois, com o próprio Freud! Por tudo isto, estou firmemente convencido de que a *autoanálise*, praticada de maneira permanente (pois Freud passou a praticá-la até o fim de sua longa vida), que dá ao analista essa livre capacidade de interpretar e julgar. Creio mesmo que, sem ela, a *autoanálise*, a *análise didática* é deficiente, porque se a *autoanálise* pode facultar ao analista uma permanente vigilância do inconsciente, desde que se dedique a ela uns poucos minutos por dia, o mesmo não acontece com a *análise didática*, que é uma espécie de *curso* que se frequenta e se conclui, ficando o inconsciente, depois de concluída a análise, ao sabor de novas agressões da vida! A *análise didática* não fecha o corpo às investidas de uma “neurose de situação” (Pereira da Silva, 1959, p. 195, grifos do autor).

Após apreender a técnica da análise, por intuição e pelo estudo dos métodos freudianos, Pereira da Silva se reconheceu em condições de exercer o ofício de psicanalista. No entanto,

<sup>28</sup> Lembramos que, em 1936, desembarca em São Paulo Adelheid Koch, psicanalista filiada à IPA. Ela chega, indicada por Ernst Jones, como fruto dos esforços de interessados em uma formação ipeísta na capital paulista, com destaque para Durval Marcondes. Na década anterior, em 1927, havia sido inaugurada a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP), por iniciativa do próprio Durval Marcondes e de Franco da Rocha. A SBP, no entanto, teve dificuldades para se manter, justamente pela ausência de um analista didata.

<sup>29</sup> Dispositivo de formação analítica na qual o candidato deveria se submeter a um trabalho de análise com um psicanalista autorizado pela instituição em questão.

destacamos que uma autorização foi necessária – ou melhor, credenciamento –, a qual ele sentiu ter conseguido pelo próprio Freud, através de sua troca de cartas com o criador da Psicanálise: “não tive mestres locais, ou escolas regionais, onde me fosse possível aprender a prática da Psicanálise, a não ser me correspondendo com o próprio Freud” (Pereira da Silva, 1959, p. 195). Tal credenciamento, porém, ocorreu de maneira curiosa. Ao analisarmos a carta escrita e enviada por Freud, no ano de 1934, vemos a seguinte mensagem:

Muito Prezado Sr. Doutor. Eu estou em débito com o senhor pelo livro anterior e o mais recente que o senhor me enviou, por todos os esforços que o senhor aplicou na Psicanálise e sua participação nas traduções através das quais o seu amigo Dr. Ninitsch<sup>30</sup> me introduziu na literatura de seu país. E infelizmente não estou em condições de me mostrar grato como o senhor gostaria. Eu tomei há um ano ou mais a decisão de não fazer mais prefácios, introduções e recomendações, depois que o número deles tinha ultrapassado a medida permitida. Mas o senhor não deve lamentar a minha decisão uma vez que meu nome no Brasil é desconhecido e só deve tornar-se conhecido através dos seus trabalhos e dos do Dr. Ninitsch. A fotografia assinada que o senhor queria ter, o senhor deve receber. Embora eu não saiba que valor possa ter o retrato da fisionomia feia de um homem agora com 78 anos. Em memória das minhas próprias lutas com acirradas resistências eu lhe desejo o mais satisfatório sucesso. Cordialmente, seu Freud (Freud apud Marcondes, 2015, grifo nosso).

Da carta em questão, que foi reproduzida em diversos trabalhos posteriores de Pereira da Silva<sup>31</sup>, encontramos um Freud deveras atencioso com o material enviado para ele, a saber, os livros *Para compreender Freud* (1932) e *Psicanálise em 12 lições* (1934). Como apresentado na escrita de Freud, o brasileiro solicitou, possivelmente, algum prefácio, ou indicação, pedido que foi gentilmente recusado. Chama-nos a atenção dois pontos fundamentais: primeiramente, o fato de Freud afirmar que seu nome era desconhecido no Brasil, já que ele havia trocado cartas com outros leitores dele nesse país; em segundo lugar, o incentivo dado por ele a Pereira da Silva, definindo-o como responsável por fazer a Psicanálise ser conhecida no Brasil.

Considerando-se diretamente ligado a Freud via correspondência, Pereira da Silva dispensou projetos de formação institucional, bem como o dispositivo da análise didática, já que, para ele, o credenciamento como psicanalista veio da referida carta, que o levou a ter “a certeza de que *estava certo*” (Pereira da Silva, 1959, p. 195, grifo nosso). A partir daquele momento, sentindo-se incentivado pelo próprio Freud, dedicou-se ainda mais à divulgação da Psicanálise no Brasil, pela via de textos em jornais, radionovelas ou livros escritos para o grande público. A consideração de ser um psicanalista *credenciado* se mostra nítida quando, na abertura da segunda edição do livro *25 anos de Psicanálise*, lemos a seguinte apresentação do

---

<sup>30</sup> Como lembra Marcondes (2015), Zoltan Ninitsch era um editor iugoslavo naturalizado brasileiro, que havia feito a tradução, para o alemão, dos textos de Pereira da Silva para enviar a Freud.

<sup>31</sup> Como pode ser observado no anexo 4.

autor: “Gastão Pereira da Silva – Credenciado por Sigmund Freud e antigo correspondente da Internationaler Psychoanalytischer Verlag (Vien.)” (Pereira da Silva, 1978, p. 1)<sup>32</sup>.

Com um percurso autodidata e se sentindo credenciado diretamente pelo criador da Psicanálise, Pereira da Silva engajou-se no profícuo trabalho de divulgar a doutrina ao público leigo. Chama-nos a atenção que, mesmo tendo um trajeto tão singular em comparação a outros interessados em Psicanálise no Brasil à época, Pereira da Silva definiu a si mesmo, por toda a vida, como um freudiano ortodoxo. Vemos afirmações dessa natureza em diversos de seus trabalhos, como em *Para compreender Freud*, da coleção “Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise”:

Nada mais estamos fazendo que sintetizar a essência de suas lições magistrais, que devem ser seguidas por todos aqueles que desejam realizar a “Psicanálise verdadeira” e ortodoxa. É claro que os ecléticos podem modificar o método, mas estes, como já tivermos ocasião de mencionar, em outro lugar, não são psicanalistas puros (Pereira da Silva, 1980, p. 153)<sup>33</sup>.

Esse posicionamento se seguiu até os últimos anos de sua vida, como atesta uma entrevista realizada nos anos 1980: “Mas eu acho que a verdadeira Psicanálise é a ortodoxa, mesmo porque tudo o mais são subterfúgios. [...] Eu continuo ortodoxo, mesmo porque, seja qual for o caminho que se seguir, tem que dar no Freud” (Pereira da Silva, 1985, p. 141). No entanto, ao adentrarmos nas definições dadas por Pereira da Silva acerca da Psicanálise e da relação de Freud com seus discípulos, encontramos uma leitura marcada por diversas peculiaridades naquilo que tange à perspectiva dessa Psicanálise ortodoxa, a começar por quem seria considerado por ele como o principal discípulo de Freud:

Jung. Foi o principal. Quem está na primeira linha é o Jung. [...] Não houve briga entre os dois, apenas o Jung achava que nem tudo era sexual. Então procurou seguir o Freud discordando dele nessa questão básica que é a sexualidade, que hoje em dia também é muito confundida com genitalidade. [...] Daí é que vem o fato de o Jung ser talvez um dos maiores psicanalistas de todos os tempos (Pereira da Silva, 1985, p. 148).

Sabemos das diversas divergências, tanto pessoais quanto teóricas, existentes entre Freud e Jung<sup>34</sup>. Mas chama a atenção o modo como Pereira da Silva define a sua ortodoxia, já que, em sua determinação da diferença entre os *psicanalistas puros* e os impuros, parece existir um caminho de formação pouco compartilhado por outros psicanalistas.

---

<sup>32</sup> Como mostrado no anexo 5.

<sup>33</sup> Discutiremos a questão relacionada aos debates sobre a “verdadeira Psicanálise”, tal como se organizou nos anos 1970, no sexto capítulo desta tese.

<sup>34</sup> Não entraremos nessa discussão, por fugir aos objetivos desta tese. Para mais, conferir: Roudinesco e Plon (1998), Frosh (2005), e o próprio Freud (1914/2012).

Em termos teóricos, encontramos uma leitura da Psicanálise que parte dos elementos apresentados por Medeiros e Albuquerque para aprofundá-los em várias direções<sup>35</sup>, começando pelo reconhecimento da Psicanálise como uma disciplina autônoma em relação à Medicina: “Psicanálise não implica em Medicina, propriamente dita” (Pereira da Silva, 1959, p. 202). Para Pereira da Silva, a Psicanálise havia abandonado o caráter estritamente médico para se tornar um saber geral sobre a existência humana, ou melhor, para se tornar uma *filosofia universal*:

Com o estudo dos *sonhos*, dos *lapsos* e das *neuroses* (que estudaremos mais adiante) a célebre doutrina de Freud tornou-se um vasto sistema de psicologia normal e patológica, comportando múltiplas aplicações no terreno de todas as manifestações culturais da vida: -Arte, Literatura, Pedagogia, Sociologia, Ciência Religiosa e tantos outros ramos do conhecimento humano, dando-nos a chave mágica de uma porção de problemas até hoje nebulosos e cada vez mais imperfeitamente apresentados. Ela, a psicanálise, com as revelações formidáveis do *inconsciente*, perde assim o seu caráter meramente médico, para se revestir, sob o aspecto orgulhoso, de uma filosofia universal. Freud apresenta o *espírito*, a *psique* do homem, de maneira *objetiva* (Pereira da Silva, 1932, pp. 72-73, grifos do autor).

A Psicanálise seria, então, uma teoria geral da *psique* humana, com aplicações em campos os mais diversos. Seu ponto de partida seria, em consonância com as afirmações de Medeiros e Albuquerque, o estudo dos sonhos e dos lapsos, tendo desembocado em *um vasto sistema de psicologia normal e patológica*. A Psicanálise se sustentaria, fundamentalmente, em torno de duas questões: o inconsciente e a sexualidade humana. Dentre elas, parece-nos haver um maior destaque para o conceito de inconsciente:

O que caracteriza a psicanálise como ciência não é, pois, a matéria de que trata, senão a técnica que emprega. Sem violentar a natureza de sua estrutura, pode ser aplicada tanto à História da civilização, à ciência das religiões, à ciência mitológica como ao mais sério estudo da neuropatologia. Seu único fim e sua única função consiste em descobrir o *inconsciente* na vida psíquica (Pereira da Silva, 1932, p. 75, grifo nosso).

A apresentação desse conceito é realizada de forma densa pelo autor. Encontramos, primeiramente, a referência ao inconsciente como um conjunto de “ideias que por motivo de outra ordem são *recalcadas*, tornando-se *incapazes de consciência*” (Pereira da Silva, 1932, p. 8, grifo nosso). Entretanto, há, em seu trabalho, um segundo sentido para a noção de inconsciente; segundo o estudioso, coexistiriam duas instâncias do *Eu*, um inconsciente, e outro coerente, mais identificado à consciência. No *Eu inconsciente* habitariam não apenas os

---

<sup>35</sup> Ao analisar as diversas edições dos livros de Pereira da Silva, encontramos transformações profundas em sua leitura da Psicanálise, ao longo dos anos. No entanto, não faremos uma discussão mais detalhada a esse respeito, por fugir aos objetivos deste trabalho. Aqui, tomaremos como base das nossas discussões alguns de seus textos, com destaque para o *Para compreender Freud* (1932), em sua segunda edição, e o *25 anos de Psicanálise* (1959), em sua primeira edição.

conteúdos reprimidos, mas também um conjunto de tendências herdadas pela espécie, que nos aproximariam de uma existência *bestial*:

O *Inc.* não é só a cadeia em que se acorrentam as tendências indignas do C.C. Nele existem um punhado de formações psíquicas herdadas. Comparado a uma povoação primitiva, o *Inc.* é também a região agreste onde reside o homem bárbaro, onde adormece a *besta* com todos os instintos selvagens. Aí estão os impulsos e as tendências mais repulsivas, asquerosas e degradantes. Aí está tudo aquilo que “esquecemos” por ser temível, fatal ou vergonhoso à nossa personalidade [...] Por tudo isto aí se acha o nosso verdadeiro *eu*, o *eu* inconciente, reprimido, estranho ao *eu* coerente (Pereira da Silva, 1959, pp. 12-13, grifos do autor).

Reconhecendo no inconsciente uma dimensão comparável à da mentalidade de povoações primitivas e bárbaras, Pereira da Silva aponta que esse seria o verdadeiro espaço onde se daria a existência humana, o *Eu* verdadeiro, oposto àquele consciente e coerente. Localizamos, nessa distinção, uma referência ao texto freudiano *O Eu e o id* (1923/2011), que é aprofundada quando o autor discorre ainda mais a respeito dessas duas instâncias psíquicas:

Como dissemos, este *eu* primitivo, bárbaro, selvagem, este *ex eu*, digamos assim, é o *homem-instinto*. A isto deu Freud o nome do vocábulo latino *id.*, *id* é pois uma fonte de energia derivada dos instintos. O *id* entretanto, como já nos é fácil prever, vive em constantes agressões ao *eu* que a educação edificou. (Pereira da Silva, 1932, p. 14, grifos do autor).

Encontramos, dessa forma, dois lugares distintos: o *id* instintual, selvagem, inconsciente; e o *eu* coerente, consciente, edificado pela educação. Essa referência ao *id* enquanto dimensão animal da existência, marcando o lugar do *homem-instinto*, é o que nos lança para a outra base da Psicanálise em Pereira da Silva, a sexualidade:

O principal instinto que anima o *espírito* é, para Freud, o *instinto sexual*. Ele, o *instinto sexual*, é, por excelência, o reflexo vivo da luta incessante contra a morte. Ele anima, move, desdobra todos os demais instintos vitais e é a razão mesma da vida (Pereira da Silva, 1932, p. 73, grifos do autor).

Para o autor, dentre os vários instintos que animariam o espírito, o sexual seria um dos mais importantes. No entanto, não seria o único, uma vez que, na sua luta contra a morte, ele se juntaria a outras formas instintuais, como a sede e a fome. O destaque que a sexualidade teria na Psicanálise se daria como descoberta dos efeitos de uma educação sexual moralista e repressora, que levaria o instinto sexual ao inconsciente, ao curso de diversos traumas:

Encoberto por bem do preconceito e da moral o sexualismo vem cobrando os juros mais onerosos na formação do espírito e na educação do homem. Recalcado desde os primórdios da infância não pode, como o instinto da sede e da fome, expandir-se em liberdade. Sábio, porém, como os demais instintos, ele se revela de qualquer outro modo para exigir os seus direitos frustrados e a sua satisfação integral. Daí, inibido na

sua finalidade realizadora, ou não podendo seguir normalmente o curso do seu desenvolvimento, vai deixando por onde palmilha *traumas fatais* que a psicanálise descobre no dinamismo silencioso e espiritual do homem. A esta força do instinto sexual deu Freud o nome de *libido* (Pereira da Silva, 1932, p. 73, grifos do autor).

Desses conflitos ou traumas fatais decorreriam as neuroses que, segundo o autor, poderiam ser tratadas pela Psicanálise. A neurose seria consequência do conflito entre o *eu* inconsciente – ou *id* bestial – e o *eu* coerente, consciente, fruto da educação. Esse conflito se daria, principalmente, por conta de a sexualidade ser uma “palavra incansavelmente anatematizada, principalmente, pelos pedagogos, amaldiçoada pela “moral” e crucificada pelos misoneístas” (Pereira da Silva, 1932, p. 83). Daí encontramos a importância da educação sexual para o autor, que defende que falar de sexualidade deveria dispensar moralismos, pois trabalhar sobre essa esfera, sobretudo com as crianças, seria um caminho profilático das neuroses: “Esta última apresenta iniludível importância para a pedagogia, cuja missão é a de prevenir a neurose, intervindo desde logo no desenvolvimento sexual” (Pereira da Silva, 1932, p. 81).

Como pode ser observado, o pensamento psicanalítico de Pereira da Silva se constitui como algo vasto, alcançando diversas esferas da experiência humana. Sendo assim, não nos cabe aprofundarmos aqui, mas algumas considerações se fazem necessárias. Destacamos a erudição do autor que, já no começo dos anos 1930, apresenta reflexão extensa e atualizada da obra de Freud. Citando textos publicados havia menos de uma década, Pereira da Silva dá mostras de estar em dia com o que se passava em Viena. Quanto à sua concepção de Psicanálise, encontramos diversos elementos transmitidos por Medeiros e Albuquerque. No entanto, existem diferenças marcantes entre ambos, a começar pelo fato de Pereira da Silva ter se dedicado, efetivamente, à clínica psicanalítica, considerando-a superior à prática da hipnose.

Um elemento que devemos apontar aqui é a semelhança entre a leitura efetuada por Pereira da Silva e aquela realizada por psiquiatras vinculados à elite médica do país, assinalada por Russo (2002). Como mostra Castro (2014), encontramos nesses psiquiatras elementos que se aproximam do pensamento de Pereira da Silva, sobretudo nos pares *id*-inconsciente e *ego*-educação, bem como os efeitos de tais articulações conceituais para o campo da Educação.

Contudo, se por um lado há certa aproximação no campo conceitual, por outro lado, notamos que o mesmo não se dá nos projetos conduzidos. Os psiquiatras que se organizavam em instituições médicas, como lembra Castro, traziam “a perspectiva de institucionalização da Psicanálise com o intuito de torná-la uma ferramenta científica para educar o ‘*id*’ brasileiro, transformando-o no ‘*ego* civilizado’” (2014, p. 201). Em outras palavras, buscavam na

Psicanálise mais uma ferramenta científica adicional para a Psiquiatria da época, envolvida no projeto de modernização do país e construção de uma identidade nacional.

Pereira da Silva, por sua vez, emplacou um projeto distinto, mantendo-se distante das instituições médicas e se engajando na divulgação da Psicanálise para o grande público, concebida por ele como um saber autônomo ou uma *filosofia universal*. As aplicações da Psicanálise, nesse horizonte, seriam as mais diversas. O autor endossou a importância de se estender os saberes psicanalíticos para os campos da Educação e da Criminologia – em consonância com os psiquiatras da LBHM –, mas lembramos, também, que escreveu dezenas de biografias inspiradas na Psicanálise, como as de Lenin, Getúlio Vargas e Dostoiévski. Em seu trabalho existem ainda contribuições da Psicanálise aos mais variados campos do conhecimento, a exemplo da Grafologia e do Marxismo.

Para além disso, manteve uma intensa atividade de publicações e participações em rádios. Ainda nos anos 1930 seu nome se fez conhecido em diversas revistas de circulação nacional, como *O Malho*, *Carioca* e *Vamos Lêr!* (Marcondes, 2015). Seus livros de divulgação foram reeditados diversas vezes também na década de 30<sup>36</sup>. Ele recebia e analisava sonhos de leitores das revistas, contribuindo intensamente para a divulgação da Psicanálise ao longo dessa década. Ademais, Pereira da Silva dedicou-se à surpreendente elaboração e realização de um curso de Psicanálise por correspondência<sup>37</sup> durante os anos 1950.

Quanto a seu lugar de intelectual frente ao que se passava no Brasil à época, reconhecemos que, a despeito de não endossar o projeto dos psiquiatras nas ligas médicas, Pereira da Silva “participou de um outro processo com características modernizantes, com ênfase na construção de uma identidade e de uma cultura brasileiras de âmbito nacional” (Marcondes, 2015, p. 104). Com efeito, seu trabalho de divulgação da Psicanálise ao grande público – missão que assumiu para si após receber a carta do Freud – contribuiu sobremaneira para a difusão dos conceitos psicanalíticos pela cultura brasileira. Como lembra Russo, os efeitos dessa divulgação da Psicanálise orientam-se, para além da questão pedagógica, por “divulgar um certo modo de se autoproblematizar, que, uma vez realizado, leva à forma ‘correta’ de nomear, circunscrever e interpretar os próprios conflitos. E, claro, à necessidade de falar de si, desvelar seus sentimentos mais íntimos, a um especialista” (Russo, 2002, p. 59). Nesses termos, Russo destaca que:

---

<sup>36</sup> A título de curiosidade, lembramos que o *Para compreender Freud*, publicado originalmente em 1931, encontrava-se em sua quinta edição menos de dez anos depois, em 1940.

<sup>37</sup> Ele destacava a importância de não se conceber tal curso como uma formação terapêutica, mas como mais uma ferramenta de divulgação de elementos da doutrina (Pereira da Silva, 1959).

a problematização realizada através dos relatos de experiências e vivências colocava na berlinda os comportamentos ou normas ditados pela tradição. Da educação dos filhos, passando pela virgindade feminina até a sexualidade no casamento, esses comportamentos mais íntimos, mais privados, migravam da seara da tradição para a visão neutra da ciência (Russo, 2002, p. 59).

Assinalamos, com isso, a inscrição dos trabalhos de Pereira da Silva neste projeto de situar, no campo da ciência, questões antes marcadas pela tradição. Haveria, então, uma nova maneira de os leitores nomearem seus impasses, encarando a si mesmos e a vida social a partir de uma teoria científica. A Psicanálise operaria, nesses termos, como uma espécie de “auto-ajuda psicológica” (Russo e Carrara, 2002, p. 285), de modo que Pereira da Silva endossou certo “processo de modernização e transformação de valores por que passava e ainda passa a sociedade brasileira” (Russo, 2002, p. 60). Podemos observar, assim, uma forte relação entre o projeto intelectual endossado por Gastão Pereira da Silva e as próprias condições que o Brasil atravessava desde a Primeira República, sobretudo no que tange às transformações e tensões envolvendo modos tradicionais de existência e uma sociedade em vias de se modernizar, tendo a ciência um papel central nesse processo.

Diante disso, adiantamos que Karl Weissmann, aluno e herdeiro intelectual de Pereira da Silva, seguiu caminhos semelhantes, a serem destacados ao longo desta pesquisa.

A apresentação dos projetos de Pereira da Silva é fundamental por um motivo específico: entre modernistas, psiquiatras, e uma Psicanálise que rompia, desde seus primeiros tempos, com a Psiquiatria, Karl Weissmann conseguiu uma inserção na terceira vertente. Não sendo médico, e residindo no Rio de Janeiro, onde moravam Medeiros e Albuquerque e Gastão Pereira da Silva, nosso autor passou a estudar Psicanálise e práticas de hipnose com aqueles que lhe abriam diversas possibilidades. Com efeito, reconhecemos que as temáticas discutidas por Medeiros e Albuquerque e Gastão Pereira da Silva foram determinantes para o percurso de Weissmann, do hipnotismo ao autodidatismo, passando pela questão da análise leiga.

### **3.2 Primeiros tempos de Karl Weissmann em Minas Gerais: Psicanálise, idiomas e estratégias de sobrevivência**

Após ter vivido no Rio de Janeiro por poucos anos, Karl Weissmann chegou em Belo Horizonte no ano de 1931. Apesar da pouca idade, o austríaco já trazia na bagagem as experiências da imigração, do ensino de idiomas, da vida em diversas cidades brasileiras e, claro, elementos da Psicanálise aprendidos com Gastão Pereira da Silva. Ao chegar na jovem

capital mineira, Weissmann se dispôs a falar de Psicanálise, tendo afirmado em uma entrevista concedida a Jorge, que:

ao chegar em Belo Horizonte em 1931, eu era o único cultuador da Psicanálise, ou, como dizia o crítico e ensaísta Eduardo Frieiro, ‘o único vigário de Freud naquela paróquia’. O único que tinha lido Freud, tudo dele e sobre ele, no original e mais em quatro idiomas ao meu alcance (Weissmann, 1984, p. 166).

A fala acima, tendo em vista seu caráter testemunhal, apresenta algumas imprecisões. Sabemos que a Psicanálise era conhecida em Minas Gerais desde os anos 1920, contando com comentadores nos campos médicos e literários da cidade<sup>38</sup>. No entanto, ao se definir como “cultuador da Psicanálise” e “vigário de Freud”, reconhecemos o lugar de Weissmann como importante leitor e comentador de Freud em Belo Horizonte.

Para além disso, questionamo-nos a respeito de sua rápida ascensão na cidade: em meados dos anos 1930, seu nome já era conhecido nos círculos intelectuais mineiros. A esse respeito, a fala destaca justamente a importância da questão dos idiomas em sua experiência. Com efeito, Weissmann chegou a Belo Horizonte falando de Psicanálise, mas fez do ensino de línguas sua principal atividade – ao menos nos primeiros anos. Inclusive, lembramos que o fato de ser um imigrante interessado em Psicanálise não deixou de ter consequências em sua vida, conforme veremos adiante.

Assim, temos importantes questões a conduzirem nossos próximos passos: quais elementos culturais de Belo Horizonte possibilitaram a Karl Weissmann uma rápida ascensão intelectual? Quais os efeitos de seu lugar de imigrante no período em questão? Quais os caminhos traçados por ele em seus primeiros anos na capital mineira? Apresentar certos elementos culturais e políticos do período se mostra necessário para que possamos, então, compreender a relação entre Karl Weissmann e seu tempo nos primeiros anos morando em uma nova cidade.

### **3.2.1 A jovem capital mineira entre a tradição e a modernidade: um breve retrato de Belo Horizonte nos anos 1930**

Em Belo Horizonte, os ares da modernidade chegavam rapidamente. A jovem capital, inaugurada em 1897, adentrava em sua terceira década de vida. Fora planejada e construída para acompanhar a expansão das cidades brasileiras, tendo vencido o concurso para capital por

---

<sup>38</sup> Como discutido em Santos (2016).

conta da sua localização central no estado de Minas Gerais<sup>39</sup>. A proposta era nítida: dar ao estado uma grande capital, que pudesse fazer frente aos impasses sanitários e geográficos da antecessora Ouro Preto, excessivamente montanhosa e de difícil acesso.

Essa nova e planejada capital seria considerada um símbolo daquilo que havia de moderno no estado. Construída com inspiração em diversas metrópoles – como Rio de Janeiro, São Paulo, Viena, Paris e Londres –, a cidade contou com rápido crescimento populacional: de 13 mil habitantes, em 1900, para cerca de 210.000 no fim dos anos 1930 (Botelho, 2007). Marcado pela chegada de brasileiros vindos de outras localidades, bem como de imigrantes que chegaram ao Brasil no período, esse crescimento dá mostras do caráter de transformação pelo qual passava o estado de Minas Gerais.

No entanto, mesmo que muita coisa tenha mudado, reconhecemos que as transformações encontraram fontes de resistência por parte do catolicismo, intensamente vivido no estado. Como vimos anteriormente, a Proclamação da República teve como uma de suas marcas o rompimento das relações oficiais entre Estado e Igreja. Entretanto, como destaca Leite (2011), as transformações no cotidiano da população se deram de modo muito mais lento e resistente, com destaque para Belo Horizonte. Primeiramente, isso se deveu ao fato de os primeiros moradores da cidade, vinculados à administração pública e às elites locais, terem vindo, em sua maioria, de Ouro Preto. A antiga capital mineira traz como marca, até os dias atuais, justamente a força do catolicismo (Caldeira, 2011). Soma-se a isso o modo como, mesmo dentre o contingente de imigrantes, os católicos formavam a maioria incontestada: “os não católicos praticamente não existiam entre os imigrantes que vieram para Minas Gerais (dado o predomínio de italianos, espanhóis e portugueses, de origem católica). E, de fato, a população não católica permaneceu francamente minoritária durante muitas décadas” (Botelho, 2007, p. 13).

Foi nessa tensão entre um crescimento exponencial e as marcas da tradição católica que Belo Horizonte se fez capital<sup>40</sup>. A respeito do cotidiano da população belorizontina, encontramos nos trabalhos de Pedro Nava (1978) belas ilustrações da divisão entre as tradições locais e o rápido crescimento da cidade. Segundo o autor, com o aumento da população, aumentaram também os bares e os prostíbulos – e, obviamente, o número de igrejas –, de modo

---

<sup>39</sup> Cidades como Juiz de Fora, Barbacena e São João del-Rei haviam concorrido no mesmo concurso. Barbacena, considerada a mais forte candidata, recebeu como prêmio de consolação um grande hospital psiquiátrico, visto à época como um símbolo do que havia de mais moderno no país (Magro Filho, 1992).

<sup>40</sup> Não entraremos em detalhes acerca do nascimento e do crescimento de Belo Horizonte aqui, nem sobre a importante História do catolicismo em Minas Gerais, por fugir aos objetivos deste trabalho. Para mais informações, ver Santos (2016).

que em lugares mais boêmios, como a Rua da Bahia, “a cachacinha era pudicamente tomada em xícaras, para não escandalizar a família mineira passando na rua” (Nava, 1978, p. 4). A vida noturna da cidade também foi bem descrita pelo memorialista, que demonstra a imensa variedade de prostíbulos, alguns com grande movimentação e prestígio.

A Igreja, por outro lado, investia intensamente nos valores das tradições familiares e na manutenção da mulher como submissa ao marido, a despeito das aspirações modernizantes. Como ilustra Carlos Drummond de Andrade, em um conjunto de crônicas publicadas no jornal do Órgão Oficial do Estado entre 1930 e 1935, havia um movimento de intelectualização da mulher que não era bem visto por setores conservadores da população. Esse impasse é ilustrado por um diálogo que o escritor acompanhou em um trem, publicado em crônica, no qual uma mulher exclamava: “Eu gosto imenso de Marcel Prost! Adoro Jean Giroudoux! Sou louca por Paul Valéry!” (Andrade, 1987, p. 17), ao que um homem lhe responde: “Diabo! E o que pensa o seu marido de tudo isso?” (Andrade, 1987, p. 17).

Aliás, para além da tensão entre a intelectualização da mulher – e do espanto masculino frente a isso –, o diálogo nos aponta para algo de grande importância: a chegada e a difusão de autores estrangeiros como sinal do que havia de moderno na cidade. Escritores e intelectuais europeus e estadunidenses ganhavam espaço em Belo Horizonte, assim como ia ocorrendo a própria incorporação de palavras estrangeiras no cotidiano da população. Drummond descreve, não sem ironias, o intenso debate ocorrido em torno da palavra *stock* e a dificuldade em decidir se ela deveria ser traduzida por “estoque” ou mantida com a grafia original do inglês. O escritor chega a comparar Belo Horizonte com uma torre de babel, devido ao grande número de idiomas que circulavam na cidade, brincando que talvez fosse o momento de criar um clube de defesa da língua portuguesa, para fazer frente a tantos clubes de outros idiomas.

Diante dessa mudança de costumes, que encontrava resistência naqueles que buscavam conservar a sociedade no formato defendido pela Igreja Católica, a Psicanálise chegou a Belo Horizonte também como um sinal dos tempos modernos. Como apontamos em outro momento (Santos, 2016), o nome de Freud já circulava na cidade desde a década anterior, despertando algo entre o fascínio e uma intensa resistência, sobretudo advinda de intelectuais católicos e de jornais ligados à Igreja. Suas teorias sobre o inconsciente e a sexualidade ganhavam terreno ao mesmo tempo que ganhavam opositores. Ilustramos essa oposição com um comentário a respeito do carnaval, publicado no jornal *O Diário*, em 23 de fevereiro de 1936, em que a teoria freudiana é comparada a uma pornografia científica<sup>41</sup>:

---

<sup>41</sup> Os jornais *Lar Catholico* e *Semana Religiosa* também dedicavam, com frequência, comentários contrários a elementos da doutrina freudiana.

Nunca se imaginava que Belo Horizonte, uma terra tão católica, pudesse arrancar dos seus cofres, em uma hora de crise terrível, quase duzentos contos para fomentar uma bacanal pagã, que nenhuma nação civilizada consagra. Nem jamais se admitiu que a Capital de Minas – mirabile dictu – pudesse criar uma comissão especial de Carnaval para organizar ‘batalhas’ do instinto, onde homens e moças se estorcem, se excitam, e se decompõem num requinte de impudicícia, no máximo de licenciosidade, tanto nos ditos e nas canções como nos gestos e atitudes que justificam a pornografia científica do pansexualismo de Freud. Deus nosso, onde estamos? Que é feito das virtudes mineiras, atoladas no charco do folião Momo, imperando na cidade por obra e graça da Prefeitura? (O Diário, 1936, p. 5).

Ante tais condições, Karl Weissmann chegou a Belo Horizonte e logo se destacou. Vindo da Europa, pôde encontrar um lugar não apenas como um mensageiro do que havia de moderno, mas como um sinal próprio da modernização ambicionada pelos belorizontinos da época. Ao chegar, logo se aproximou de um grupo de intelectuais, com aspirações modernistas, composto por poetas, arquitetos, jornalistas, que lhe apontaram para caminhos possíveis na capital mineira:

Os componentes fixos do grupo eram o René de Guimarães, primo de Fritz, convencido de sua semelhança com John Barrymore no perfil do rosto e poeta nas horas vagas; o José Bartolota, de italiana beleza, que só saía de casa depois do sol posto e era dado, também a poetar; o Juracy, vivendo da publicidade de revistas e jornais com tiragem limitada aos anunciantes; o Diogo Costa, jornalista com ideias políticas e *Karl Weissmann, ao qual Henrique aconselhara, com sucesso, transformar-se em professor de inglês para aproveitar o nome estrangeiro* (Vasconcellos apud Brasileiro, 2008, p. 257, grifo nosso).

Seguindo as indicações do amigo, e já dando mostras de sua tendência autodidata, Karl Weissmann passou a se dedicar ao trabalho com idiomas, aproveitando o próprio nome como elemento de destaque. Além de oferecer aulas de inglês e alemão na cidade<sup>42</sup>, o austríaco se dedicou à escrita de um livro para o ensino de inglês. Valendo-se do nome estrangeiro, bem como de sua experiência como professor de idiomas na adolescência – ao lado do seu irmão Franz –, Weissmann publicou, em 1934, “*Our English Teacher: 50 Lições de Inglês*”. Neste livro, publicado pela Companhia Editora Nacional como parte da *Bibliotheca Pedagógica Brasileira*, encontramos um curso de inglês com cinquenta lições, que vão desde o básico ao avançado, com uma riqueza de exemplos que compõem as mais de trezentas páginas do trabalho. Dois anos depois, a obra já contava com uma segunda edição. No volume publicado em 1936, algo chama a atenção: a apresentação do livro, feita por Lucio José dos Santos. Nela, vemos a seguinte mensagem:

---

<sup>42</sup> Como pode ser visto em seu cartão profissional, no anexo 6.

Ilmo. Sr. Prof. Karl Weissmann,  
 Examinei o seu OUR ENGLISH TEACHER, de que já me fora dado conhecer alguma coisa, pelas publicações feitas no “ESTADO DE MINAS”. Embora não seja autoridade na matéria, muito apreciei o seu método, que considero excelente, simples, claro e prático, permitirá a qualquer pessoa, fácil e suavemente, não só adquirir conhecimentos gramaticais seguros do inglês, como fala-lo e escrevê-lo com bastante correção, dominando mesmo certas peculiaridades da língua. Uma das grandes vantagens está precisamente no caráter pratico do método, sem as demasias perfeitamente dispensáveis pelos que têm, como principal objetivo, a pratica corrente da vida. Julgo, portanto muito recomendável o seu trabalho e estou certo de que terá o merecido sucesso. Felicitando-o por isso, fico às suas ordens.  
 Afetuosas saudações, 2 de dezembro de 1934 (Santos apud Weissmann, 1936, p. 7).

A elogiosa mensagem pede uma apresentação de seu autor, Lucio José dos Santos (1875-1944), um importante intelectual mineiro, nascido na região de Ouro Preto. Santos teve uma trajetória que envolveu aspectos políticos, acadêmicos e religiosos. Foi o segundo reitor da Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais), entre 1931 e 1933 – mesma época em que presidiu o Centro Dom Vital de Minas Gerais<sup>43</sup> –, publicou livros de Engenharia e História de Minas Gerais, ao mesmo tempo em que escrevia textos em defesa do ensino religioso nas escolas. É o patrono da cadeira 31 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Adepto de primeira ordem do movimento integralista<sup>44</sup>, Lucio José dos Santos dá corpo à força daquilo que havia de tradicional e religioso em Minas Gerais, demonstrando como diversas tendências da modernidade – ele também foi professor de Engenharia nas principais universidades mineiras da época – deveriam se submeter ao crivo da fé para encontrar espaço.

Com o currículo e a experiência que tinha, Lucio José dos Santos foi convidado para ser diretor do Ginásio Afonso Arinos, mesmo lugar onde Karl Weissmann trabalhou como professor<sup>45</sup>. Dar aulas nesse Ginásio, um dos principais da cidade, dirigido por um dos maios renomados – e conservadores – intelectuais da capital mineira, mostra como Karl Weissmann ascendeu rapidamente como professor de idioma em Belo Horizonte, ainda com 24 anos de idade.

No entanto, nem só de bons momentos viveu Karl Weissmann em seus primeiros anos na capital mineira; em 1935, ele foi investigado pelo Corpo de Segurança do Serviço de

---

<sup>43</sup> O Centro Dom Vital foi fundado no Rio de Janeiro em 1922 e contou com filiais em diversos estados brasileiros. Foi um dos principais centros de estudo e difusão do catolicismo leigo no país, tendo como principal nome Alceu Amoroso Lima.

<sup>44</sup> Conforme visto no anexo 7, Lucio José dos Santos ingressou oficialmente nas fileiras dos camisas verdes em 1 de maio de 1936.

<sup>45</sup> Como nos atesta o anúncio de um jornal em 1936. Conferir no anexo 8.

Investigações do Estado de Minas Gerais. O motivo? Suspeita de ser comunista<sup>46</sup>. Tal investigação demanda algumas considerações.

Como apontamos, Karl Weissmann se aproximou de um grupo de intelectuais com aspirações modernistas, o que não era bem visto diante das condições políticas da época. Com um golpe de Estado, Getúlio Vargas havia tomado o poder político em 1930, dando fim à Primeira República e marcando o início de um período de maior investimento nas esferas da família a partir de valores compatíveis com os da Igreja Católica (Schwarcz e Starling, 2018). Nesse cenário, “as mudanças trazidas pelo movimento “revolucionário” liderado por Getúlio Vargas, contribuíram para que o comunismo passasse a ser visto cada vez mais como um perigo interno, digno da atenção cuidadosa das autoridades responsáveis pela manutenção da ordem” (Motta, 2000, p. 24).

Com um quadro de perseguição àqueles suspeitos de serem comunistas, o grupo do qual Karl Weissmann fazia parte foi investigado em peso. Sylvio Vasconcellos – arquiteto que defendia a importância social de sua disciplina – foi investigado ao lado de amigos e ameaçado de morte caso estivesse mentindo a respeito das acusações. Vasconcellos relata sobre ter sido investigado:

Vinha eu, porém, caminhando um dia da pensão para o escritório quando um homem aproximou-se perguntando: - Você é Sylvio de Vasconcellos? - Sou; por quê? - Então me acompanhe. - Mas está na hora de meu serviço, ponderei. - Não tem importância; Dr. Moretson quer falar com você, mas antes, vamos à sua casa. Dr. Moretson era o delegado da ordem política e social, conhecido por sua perseguição ao fantasma do comunismo. Comecei a sentir-me mal; não por receio de enfrentar a polícia o que imaginava fácil à luz de minha consciência limpa, mas por temor das repercussões do caso, principalmente em meu emprego, conforme Santoro ameaçara. Apesar disso mantive-me calmo e conduzi o “tira” a meu quarto. Revolveu-o por inteiro em busca de indícios que me condenassem, demorando-se em uma mala grande de Hortênsia que esvaziou por completo. Sem haver encontrado qualquer coisa que me incriminasse, levou-me ao Dr. Moretson. - Sim senhor: então o senhor confessa ou não que é comunista? - Não posso confessar porque não sou. Política nunca me interessou. Um datilógrafo, ao lado, escrevia perguntas e respostas. - Então por que você anda com esses amigos: o Henrique<sup>47</sup>, o Diogo, o Dimitrief? Tem outros; estão todos aqui fichados. Não são comunistas. - Que eu saiba não. Nunca me falaram do assunto... só conversamos sobre literatura... roda de café... de cabaré... Depois, há muito tempo que nem os vejo... - E encontros secretos? Sei muito bem como são... não adianta esconder. E fique sabendo: se pego um, não me custa jogá-lo pela janela daqui, acrescentou apontando para a mesma. Suicídio... você sabe. Onde são os encontros? - Olha, Dr. Moretson: não sei do que o senhor está falando; nada mesmo. Agora tenho mulher para sustentar e trabalho o dia inteiro. Chego em casa quero é descanso. Não tenho tempo para pensar em bobagens de política; é coisa que não me interessa; de jeito algum. De onde o senhor tirou essas ideias a meu respeito? Dr. Moretson não respondeu. Arrancou a folha da máquina, leu-a e mandou-me assiná-la: “Perguntado, declarou o acusado não ser comunista; declarou não conhecer ninguém

<sup>46</sup> O documento da Polícia pode ser encontrado no anexo 9.

<sup>47</sup> Lembramos que foi Henrique o amigo que sugeriu a Karl Weissmann seguir o caminho dos idiomas.

adepto da doutrina comunista, etc. etc. etc.” Assinei (Vasconcellos apud Brasileiro, 2008, p. 301).

Além de compor um grupo de jovens intelectuais suspeitos aos olhos da polícia, outros fatores tornaram as coisas difíceis para Karl Weissmann. Lembramos que, durante a Era Vargas, os estrangeiros – sobretudo os judeus – eram vistos com considerável desconfiança, já que “as correntes imigratórias não poderiam estar comprometidas com a ideia de corrosão social e com as doutrinas exóticas, traços pertinentes à imagem estereotipada dos judeus, avaliados como inassimiláveis, comunistas, parasitas e avessos ao trabalho agrícola” (Carneiro, 2018). Weissmann, um estrangeiro judeu, interessado em Psicanálise – uma *ideologia exótica* aos olhos da Igreja (Santos, 2016) –, dedicado ao trabalho intelectual e não ao agrícola, sendo ainda amigo de jovens “suspeitos de comunismo”, pode ter acionado as suspeitas das autoridades policiais quanto às suas intenções. A investigação, entretanto, não parece ter encontrado indício algum contra ele<sup>48</sup>.

Assim foram os primeiros anos de Karl Weissmann em Minas Gerais, próximo de jovens suspeitos de serem comunistas e também próximo de um dos maiores intelectuais conservadores do estado. Era suspeito de se interessar por “ideias exóticas”, ao mesmo tempo em que representava algumas das maiores novidades na capital mineira: o ensino de idiomas e a teoria freudiana, tão respeitada quanto atacada. E foi ensinando idiomas e falando de Psicanálise que Karl Weissmann foi conquistando seu lugar de intelectual. Essa rápida ascensão certamente se deu pelos caminhos que escolhera, mas ressaltamos que o fato de ele ser estrangeiro, na Belo Horizonte dos anos 1930, certamente criou condições para seu sucesso – bem como para suas dificuldades com a polícia.

Após esse período inicial, acompanhamos Weissmann se lançar em empreitadas cada vez maiores. Seguimos seu caminho no próximo capítulo, que tem início quando ele publica seu primeiro – e bem-sucedido – livro sobre Psicanálise.

---

<sup>48</sup> Destacaremos, em outro momento deste trabalho, possíveis efeitos dessa investigação, sobretudo quando o anticomunismo ganhou força no Brasil novamente.

#### 4 TEMPOS DE ASCENSÃO

Como vimos anteriormente, Karl Weissmann se destacou como professor de idiomas em Belo Horizonte na aurora dos anos 1930. Sua relação com a Psicanálise, entretanto, ainda não havia se consolidado. Essa relação se alterou substancialmente no ano de 1937, quando ele publicou seu primeiro livro sobre o assunto, *O dinheiro na vida erótica*. Com este trabalho – listado por importantes jornais como um dos mais vendidos do ano –, o nome de Weissmann se fez conhecido em diversas partes do país. Os efeitos dessa publicação também foram cruciais para consolidá-lo como um importante psicanalista no período.

Após essa obra, vemos nosso biografado investir em publicações e trabalhos dos mais diversos, construindo caminhos de considerável originalidade, de forma que diversas oportunidades se abriram para ele. Referimo-nos, por exemplo, ao vasto número de trabalhos escritos por ele a partir de 1937, envolvendo artigos sobre Psicanálise, Filosofia e Linguagem – dentre outros temas –, publicados em algumas das maiores revistas do país, ou livros que foram prontamente reconhecidos como *best sellers*. Weissmann também foi nome constante em uma rádio mineira, possivelmente falando sobre Psicanálise, além de ter fundado uma importante revista de cultura em Belo Horizonte, a *Grifo*.

Pelo volume de seus empreendimentos nesse período, organizaremos este capítulo visando à apresentação de Karl Weissmann a partir de suas publicações, trabalhos realizados e relações estabelecidas com pessoas de importância no mundo psicanalítico, a começar pelo próprio Freud. Esses tempos de ascensão intelectual, que o fizeram ser conhecido dentro e fora do país, seguiram até o ano de 1949, quando ele publica um texto a respeito de Goethe e a Psicanálise, marcando uma nova fase em seus escritos, bem como em suas apostas intelectuais.

Dessa forma, iniciaremos com a obra *O dinheiro na vida erótica* (1937), dando destaque para as teses psicanalíticas apresentadas pelo autor, bem como suas implicações para a clínica – possivelmente praticada por ele já nesse período –, e considerando os efeitos do livro para a vida de Karl Weissmann. Posteriormente, discorreremos acerca do conjunto de textos publicados em jornais, revistas ou livros que fizeram dele um intelectual e psicanalista cada vez mais reconhecido. Apontaremos, ainda neste capítulo, importantes nomes da intelectualidade mineira e brasileira com quem Weissmann partilhou espaços e projetos.

#### 4.1 *O dinheiro na vida erótica: a estreia autoral de um “vigoroso psicanalista”*

Como já mencionamos, o ponto alto da relação de Karl Weissmann com a Psicanálise, nesses primeiros tempos, pode ser localizado no ano de 1937, com a publicação de *O dinheiro na vida erótica*. Ao longo do livro, o autor se inspira na Psicanálise para discutir, como sugere o título, elementos da vida financeira. Chama a atenção o modo como concebe a Psicanálise e como extrai daí um conjunto de reflexões que, à primeira vista, parecem dedicadas aos fenômenos econômicos, mas que acabam por apresentar efeitos mais amplos – inclusive clínicos.

No prefácio, escrito por seu professor Gastão Pereira da Silva, Weissmann é apresentado como “um bom e moderno educador, foi seduzido pela Psicanálise, encontrando no novo conhecimento uma fonte segura para a verdadeira missão da pedagogia. Assim, se fez, rapidamente, *vigoroso psicanalista*” (Pereira da Silva, 1937, p. 7, grifo nosso). Posteriormente, Karl Weissmann justifica sua empreitada:

Sendo a Psicanálise a ciência do inconsciente, ou melhor a exploração do mesmo, lancemos mão de seus elementos precisos, afim de sondarmos os meandros da alma [...] Busquemos, pois, o fundo sexual das cogitações econômicas; em outros termos, estudemos a psicologia das tendências mercantis dos nossos dias à luz da Psicanálise, ciência que, conforme o leitor já deve saber, interpreta tudo em um sentido genésico (Weissmann, 1937, p. 36).

Cabe-nos perguntar, primeiramente, sobre a forma como Weissmann concebia a Psicanálise em seu primeiro trabalho acerca do tema. Sendo, segundo ele, uma ferramenta que abria caminho para interpretações de uma ampla gama de fenômenos, faz-se fundamental conhecer a forma como se estruturava, para o autor, essa chave de leitura. Após definir a Psicanálise como a ciência do inconsciente, apresenta alguns dos seus conceitos:

Freud chama de libido – aquela energia sexual que se acha em guerra constante com as restrições impostas pelo consciente ao inconsciente. Todos os psicanalistas, não obstante as discórdias entre si, concordam em um princípio fundamental, em que as neuroses são produtos de conflitos travados no inconsciente, conflitos estes que surgem dos recalques, complexos, desejos reprimidos, enfim das restrições impostas pelas normas convencionais da vida em sociedade (Weissmann, 1937, p. 47).

O trecho acima – que não deixa de nos remeter às considerações feitas por Medeiros e Albuquerque acerca das neuroses – aponta a libido como força inconsciente, restrita à consciência por via dos recalques e das restrições impostas pelas *normas sociais*. Assim, as noções de libido e sexualidade vão se mostrar centrais no trabalho de Weissmann. A esse

respeito, vemos o autor afirmar o estatuto primordial do desenvolvimento da vida sexual, tendo na infância as suas principais marcas:

Retornamos à Psicanálise que consiste na exploração do primeiro período infantil – o florescimento da vida sexual. [...] Entre os conceitos mais vigorosos da doutrina de Freud, figura a teoria da sexualidade infantil, o cavalo de batalha dos tartufos que ainda hoje opõem resistências obstinadas às verdades dessa natureza (Weissmann, 1937, p. 51).

Desse horizonte conceitual, Weissmann separa duas fases que afirma serem os pilares do pensamento freudiano: a fase oral e a fase anal. A partir da primeira delas, o autor considera a necessidade de serem oferecidas chupetas às crianças, propondo também a explicação para o alcoolismo e o tabagismo como “um prolongamento, ou substituto da chupeta infantil; o indivíduo, portanto, para me exprimir em linguagem mais clara, mama o charuto” (Weissmann, 1937, p. 52). Quanto à segunda fase, Weissmann considera em particular o interesse da criança pelos seus excrementos, quando afirma que:

a retenção dos dejetos intestinais afigura-se lhe como a conservação de um tesouro (propriedade), a sua expulsão, um dom da criação, prodigalidade ou mesmo fertilidade. Donde no inconsciente a ideia do tesouro ou seja, do ouro, se prender ao conceito dessa posse na infância (Weissmann, 1937, p. 52).

Dessa reflexão, ele conclui que “são, precisamente, os efeitos das primeiras impressões vitais, os responsáveis pelas neuroses e perversões ulteriores” (Weissmann, 1937, p. 101).

Após o período pregenital infantil, marcado pelas primeiras impressões vitais, chegaria o de latência e, posteriormente, o da genitalidade, atravessada pelas marcas dos períodos infantis<sup>49</sup>. O momento genital coincidiria com a entrada na adolescência. Como aponta Gastão Pereira da Silva, que introduz e discute os principais elementos do trabalho no prefácio do livro, esse período seria referente ao “que chama ‘primado da zona genital’, no qual a sexualidade, primitivamente difusa, orienta-se para a finalidade realizadora da procriação” (Pereira da Silva, 1937, p. XIX).

Dos trechos anteriores, podemos constatar que a leitura da Psicanálise feita por Weissmann no momento em questão se sustentava em uma noção de desenvolvimento infantil, tal como o proposto por Freud (1905/2016), centrado em um caminho marcado por fases distintas, a partir das quais se poderia pensar uma ampla gama de fenômenos neuróticos. No entanto, fatores sociais também atravessam o texto, sobretudo quanto ao debate acerca das razões para os sujeitos recalcarem suas tendências sexuais:

---

<sup>49</sup> Notamos que, nesse texto, Weissmann não chega a citar o complexo de Édipo como um dos momentos de desenvolvimento.

Ao fazermos uma discriminação psicanalítica entre as múltiplas razões que, ligam e confundem em nosso obscuro inconsciente o dinheiro com os estímulos de ordem erótica, com os interesses esterquilínios da infância – não podemos desprezar os fatores de natureza individual e, principalmente, social. A fixação dos instintos primitivos que se prendem à ideia de posse na infância e que, segundo Freud, se podem prolongar à vida afora, constituindo os traços característicos do adulto pueril, sofrem sobremodo a influência da época, dos privilégios ou das calamidades de ordem social (Weissmann, 1937, p. 71).

Dentre os fatores de natureza social, Weissmann destaca os efeitos da riqueza e da pobreza sobre a vida afetiva. Os exemplos são variados, abordando, por exemplo, a dinâmica libidinal de agiotas, de homens que vivem pelo dinheiro ou do próprio ato comercial. Um elemento que ganha relevo em seu trabalho é justamente a questão de classes, sobretudo quando o indivíduo chega na adolescência:

Na adolescência o indivíduo recebe os primeiros choques preso às satisfações de ordem sexual no desempenho de suas obrigações, ou funções sociais – no terreno pela vida. Ali, fundem-se os conflitos psíquicos de ambas as origens – os de natureza erótica e os de ordem social. O fator classe desempenha em tais casos papel preponderante. É que já o menino aprende a generalizar o efeito de qualquer punição ou, humilhação social na perda simbólica de sua virilidade (Weissmann, 1937, p. 102).

Assim, esta é a marca conceitual da obra em questão: ela se orienta por uma perspectiva desenvolvimentista da Psicanálise, marcada por fases claras na infância que deixariam efeitos saudáveis ou patológicos. Na adolescência, o indivíduo se depararia com questões de classe que poderiam deixar marcas sobre o que ele chama de virilidade masculina – ou protesto viril<sup>50</sup>. A vida adulta seria marcada pela genitalidade, definida como resultado de um desenvolvimento normal<sup>51</sup>, tanto em relação às questões libidinais quanto sociais – com destaque, novamente, para o fator classe. É dessa forma que, valendo-se do conceito de libido e da distinção entre um inconsciente recalcado e uma consciência construída socialmente, Weissmann concebe a Psicanálise em seu trabalho<sup>52</sup>.

Nesse panorama, as neuroses seriam causadas por problemas oriundos da educação, ou mesmo por traumas econômicos ocorridos na infância ou no começo da adolescência. E, diante disso, o autor apresenta quais seriam as bases de um trabalho clínico com a Psicanálise, visando curar as neuroses:

O processo psicanalítico individual, que foge à competência do estudo presente, ordena que se cure estas neuroses, levando à tona da consciência do doente, os

<sup>50</sup> Em possível referência à leitura de Alfred Adler, que enfatiza tal noção (Roudinesco e Plon, 1998). Discutiremos isso mais adiante.

<sup>51</sup> Usamos esse termo em consonância com o texto de Karl Weissmann.

<sup>52</sup> Vale lembrar que tal leitura traz forte inspiração naquela que ficou conhecida como a primeira tópica freudiana (Roudinesco e Plon, 1998).

complexos patogênicos que estão submersos no inconsciente, canalizando os impulsos presos em caminhos falsos para vias normais ou finalidades criativas. Levar à tona do consciente os referidos complexos, é tarefa do psicanalista, bem como analisar-lhes o sentido pela interpretação dos sonhos, reações, decisões, lapsos de linguagem ou escrita (atos falhados) e, enfim, interpreta-los sucessivamente, até que não pesem mais sobre a alma do indivíduo (Weissmann, 1937, p. 42).

Partindo desses fundamentos, encontramos em *O dinheiro na vida erótica* (1937) algo surpreendente: o esboço de um caso clínico atendido e discutido por ele. No último capítulo do livro, Weissmann apresenta um sujeito que conhecera, em um caso nomeado como “As origens de um fracasso amoroso e de um sucesso comercial” (1937, p. 100). Trata-se de um indivíduo com riqueza e fama na cidade, conhecido por suas habilidades comerciais e respeitado entre pares. Ele tinha contato com Karl Weissmann, que relata diversos encontros entre ambos. Em um deles, o sujeito confessa que, apesar de bem-sucedido financeiramente, sua vida amorosa se organizava da seguinte maneira:

Parecia-lhe estranho que, apesar de sua personalidade atraente, não lhe fosse dado conhecer o amor sentimental: o amor fora das casas públicas. Suas satisfações genésicas se limitavam às profissionais. [...] Quando, como às vezes acontecia, uma senhora ou menina da sociedade se lhe entregava por amor ou simpatia, o homem, que na convivência com os demais, era um bom amigo, dado à arte, à poesia, à filosofia, parecia um verdadeiro monstro: saciava com rapidez comercial sua sede libidinosa, sem sequer proferir uma única palavra de carinho. Terminado o ato sexual, seguia-se impreterivelmente o comercial, o pagamento à vista, o que, segundo ele mesmo o afirmava, completava o prazer mórbido de sua estranha personalidade (Weissmann, 1937, p. 108).

As confissões, segundo Weissmann, feitas diretamente à sua pessoa, foram acompanhadas de diversas discussões. Comparando o caso ao romance *O médico e o monstro* – comparação tecida a partir da interpretação de um sonho –, Weissmann afirma que, em um dos encontros, conseguiu convencer o sujeito a lhe falar de lembranças que pudessem explicar o que é chamado, no texto, de dupla personalidade<sup>53</sup>. Conceitualmente, ele justifica sua insistência:

Para podermos fazer uma análise do comportamento humano dentro da atual sociedade econômica, para explicarmos certos fenômenos patológicos que prendem a satisfações de ordem monetária – é preciso sondar a infância, às vezes, explorar o primeiro período infantil – o florescimento da vida erótica (Weissmann, 1937, p. 101).

---

<sup>53</sup> Karl Weissmann cita Otto Rank ao comentar sobre esse fenômeno, no entanto, não chega a apontar para nenhum trabalho específico.

Assim, o autor resume o que teria se passado em vários encontros e aborda o que o indivíduo narra acerca de um acontecimento que teria ocorrido aos treze anos. Ele, que trabalhava no balcão de uma humilde loja da cidade, teria recebido a tarefa de entregar uma encomenda na casa de uma rica mulher da cidade, “uma senhora de cabeleira branca que bem poderia ser sua avó” (Weissmann, 1937, p. 103). Ao chegar à casa, essa mulher o convidou para entrar e “o pequeno herói não resistiu ao convite” (Weissmann, 1937, p. 103). Em certo momento, ambos teriam ido ao quarto, onde:

ela jogou o pequeno visitante em cima do seu leito, como se estivesse apenas brincando. Deu-se o resto satisfatoriamente; o menino deu *prova de sua virilidade*, satisfazendo a sexagenária em dois atos, sentindo-se, após isso, exaltado, *cheio de orgulho masculino*, tanto o lisonjeava a conquista de uma dama da mais alta sociedade. Radiante de alegria e entusiasmo, saiu do dormitório chique, enquanto o objeto de sua inesperada conquista se retirou, por um instante, para um aposento adjacente. O menino esperou, afim de se despedir. Voltou ela: *más que surpresa estranha!* – com uma cédula de vinte mil réis na mão (Weissmann, 1937, p. 104, grifo nosso).

Então, Weissmann afirma que o jovem tentou negar o dinheiro, mas não conseguiu, sendo que “nunca antes se sentira tão despojado de sua *dignidade masculina*; teria saído como um castrado da distinta residência” (Weissmann, 1937, p. 105, grifo nosso). Ao discorrer sobre a virilidade ofendida, aponta o diagnóstico do caso:

É que o dinheiro o reconduziu a duas realidades dolorosas, tendo ambas comprometido a dignidade do seu sexo em florescência. O pagamento inesperado neutralizou o intencionado desafio e descatamento dirigidos contra a classe, à qual se achava subordinado pela sua condição de inferioridade econômica. [...] Não teria decerto reparado os vestígios da velhice, uma vez que lhe tivesse sido dado o privilégio de *desafiar com a supremacia do seu sexo*, o tabu da classe dos patrões odiados. Fora essa intenção apenas, que lhe valera a conquista. *Sua atitude correspondia ao que em Psicanálise se chama de: protesto viril* (Weissmann, 1937, p. 106, grifo nosso).

Após a apresentação do caso, bem como dos fundamentos do que seria o tratamento, Weissmann sustenta que esse acontecimento da adolescência teria sido a causa dos sintomas posteriores. Da articulação entre o que ele chama de um trauma sexual e um impasse econômico, resultariam os sintomas apresentados pelo rico comerciante – médico e monstro. Ao longo dos encontros, em que foram narrados sonhos e sintomas, Weissmann afirma que, de início, o sujeito se interessou pelo que ele dizia teoricamente, sem, no entanto, recorrer à lembrança que o psicanalista define como causa das neuroses. Em certo momento, “a nossa palestra, entretanto, venceu aos poucos as resistências teimosas e abrindo as portas secretas do seu inconsciente, veio-lhe a lembrança da ocorrência acima relatada. Em nosso próximo

encontro, foi essa a sua primeira palavra: ‘V. tem toda razão’” (Weissmann, 1937, p. 111). Ao que o autor conclui:

Trazidos à tona da consciência os motivos psíquicos de sua estranha conduta e relembrando o trauma com que ele se dera na idade de treze anos, o meu interlocutor acabou admitindo, que tenha sido a velha com o seu dinheiro a principal causa do seu fracasso amoroso, ao mesmo tempo, o estímulo decisivo na construção de seu ideal compensador: o sucesso de sua carreira e o bem estar material (Weissmann, 1937, p. 112).

Como pode ser visto, a história nos traz elementos que apontam para diversos encontros, nos quais Karl Weissmann trabalha com o sujeito a partir de sua leitura da Psicanálise. Obviamente, não pretendemos discutir a pertinência de suas hipóteses ou a validade das condições do tratamento. O que nos interessa é destacar a apresentação de um caso clínico atendido por ele, sua fundamentação teórica, as hipóteses diagnósticas e sua conclusão. Tudo isso nos mostra que Karl Weissmann possivelmente já atendia clinicamente na Belo Horizonte dos anos 1930.

#### **4.1.1 O Dinheiro na Vida Erótica e a difusão da Psicanálise no Brasil: um sujeito para a Era Vargas**

Para além das questões metapsicológicas e clínicas presentes em *O dinheiro na vida erótica*, indagamo-nos a respeito dos efeitos da publicação do livro para a difusão da Psicanálise no Brasil. A esse respeito, Weissmann define da seguinte forma o público almejado com a obra em questão:

Contrariando a opinião de muitos daqueles inimigos latentes da ciência de Freud, que proliferam nesta geração de neuróticos, visando resolver os múltiplos problemas da vida *por meios arcaicos*, atestamos que *a Psicanálise deve ser difundida* para que possa cumprir sua alta finalidade social na era presente. Antes de tudo, os presados leitores deverão tornar-se colaboradores. O conhecimento desta ciência como apanágio de um número limitado de grandes cientistas, perde sua utilidade para os demais, e mesmo sua finalidade real, para se tornar de outro lado um luxo de amadores diletantes (Weissmann, 1937, p. 41, grifo nosso).

O livro é declaradamente escrito pelo autor como um trabalho de difusão da Psicanálise para o grande público; a ideia seria possibilitar aos leitores acesso às teses psicanalíticas, sem que eles precisassem ser, necessariamente, *grandes cientistas*. Como vimos no capítulo anterior, esse era também um dos objetivos do trabalho de Gastão Pereira da Silva – professor de Weissmann – desde os primeiros textos. Nesse sentido, encontramos já de início uma importante relação entre Karl Weissmann e Pereira da Silva – além do prefácio do livro –,

quanto ao que propunham alcançar com seus trabalhos. Na sequência, Weissmann apresenta suas apostas na difusão da Psicanálise por meio de seu trabalho:

Voltemos sumariamente à segunda pergunta: é útil a contribuição da Psicanálise na profilaxia social? Si jorrar luz, como foi assas provado, sobre a miséria humana, ela é, evidentemente, útil, e constitui um meio de saneamento social, no sentido mais extenso dessa palavra (Weissmann, 1937, p. 45).

Weissmann afirma, de maneira taxativa, que a Psicanálise “favorece a harmonização da vida psíquica com o ambiente social” (Weissmann, 1937, p. 44). Dessa forma, o autor define a Psicanálise como uma verdadeira ferramenta civilizatória, capaz de operar como forma de saneamento social. E se difundir a Psicanálise para o público leigo era, de fato, um dos objetivos de Karl Weissmann, encontramos nele um autor efetivamente entusiasmado com o alcance dessa ciência:

A batalha entre os instintos e a moral falsa, que a Psicanálise provoca, leva por sua vez, à vitória os mais inteligentes. São os superiores que vencem tais barreiras e resistências, são os mentalmente fortes que sobrevivem às batalhas. Para estes, os conhecimentos do seu próprio “eu” por mais intrincados que sejam, equivalem ao poder que mais almejam, *o poder sobre si mesmos*, isto sem prejuízo à contemplação estética do universo (Weissmann, 1937, p. 47, grifo nosso).

Lembramos, com Russo (2002), que a Psicanálise endossada por Gastão Pereira da Silva nos anos 1930 se constituía como uma espécie de autoajuda, aos modos de uma ferramenta com a qual o próprio sujeito poderia melhor se conhecer, a partir da leitura de livros. Essa chave de leitura seria sustentada por um saber calcado na ciência. Weissmann, ao defender que seu livro poderia fornecer elementos para que os leitores adquirissem o *poder sobre si mesmos* sem recorrer a *métodos arcaicos*, parece endossar esse campo de trabalho.

Cabe, então, a pergunta: como esse trabalho poderia operar como uma ferramenta de autoajuda, a partir de premissas psicanalíticas? Acreditamos encontrar essa resposta pinçando, no livro, elementos para se delinear aquilo que Karl Weissmann definia como genitalidade – ou desenvolvimento normal. Assim, vale indagar o que seria, efetivamente, compreendido por genitalidade; temos vários indícios presentes ao longo da obra.

Em primeiro lugar, encontramos ao longo do trabalho uma disposição heterossexual como horizonte de normalidade. Sempre concebendo a genitalidade como o resultado de um desenvolvimento saudável, com a reprodução como horizonte, o indivíduo deveria ser educado para passar pelas fases anteriores do modo que o autor define como normal: “É que nos casos normais, tais interesses e instintos esterquilínios da propriedade mesquinha, vão se sublimando, e os interesses presos aos interesses infantis, transferem e adaptam-se a uma nova ordem de

cousas” (Weissmann, 1937, p. 72). O prolongamento ou a fixação nas fases da primeira infância seriam responsáveis por disposições consideradas, pelo autor, patológicas ou pouco desejáveis, como é o caso dos homossexuais – definidos por ele como invertidos –, presos ao que Weissmann chama de componentes neuróticos anais:

Para o invertido a ideia do dinheiro se prende aos componentes neuróticos anais, associando-se mais diretamente com o conceito primitivo de massa fecal, prova é, o prazer erótico que tais indivíduos experimentam na retenção ou expulsão das fezes. Não quer isto dizer que, o anal-erótico ignore o simbolismo alheio. Prova isto, sua prodigalidade para com indivíduos que prometem uma eventual compensação de sua amizade homossexual. Cito a propósito o caso de um invertido que, apesar de sua avareza proverbial, pagava generosamente os que se dispunham a satisfazer-lhe seus furores eróticos (Weissmann, 1937, p. 73).

A segunda característica dessa genitalidade é a que se refere à dimensão financeira propriamente dita, largamente discutida no livro. Sempre definindo como constante um sentimento de inferioridade em homens de poucas posses financeiras, Weissmann tece diversas considerações acerca da relação que o par níquel-cédula teria para a vida de cada um. Para ele, o gosto por moedas indicaria uma clara fixação erótica anal, ao passo que “a cédula, entretanto, parece lisonjear e estimular a exaltação dos sentimentos viris, pois, lembra as possibilidades genésicas e o prestígio social” (Weissmann, 1937, p. 92). Nessa direção, ele afirma, ainda:

Quem ainda não observou uma particular amoralidade e indiscrição do níquel? Sua pequenez costuma frequentemente incomodar indivíduos habituados a lidar com o dinheiro de verdade. Adiantemos que é o meio circulante dos pobres, o pão e a alegria dos miseráveis, a esmola do mendigo, a gorjeta do garçom. Toda essa mesquinhez bastaria para deprimir o sentimento altivo da personalidade (Weissmann, 1937, p. 91).

Marcando o *níquel*, e sua *pequenez*, como um claro indicador de tendências infantis, Weissmann o opõe à cédula, sendo esta o *dinheiro de verdade*, que indicaria sentimentos altivos e viris da personalidade. Dessa forma, homens de poucas posses financeiras – pobres, mendigos, ou mesmo trabalhadores menos abastados, como garçons – estariam condenados à satisfação infantil, ao passo que pessoas com maior poder aquisitivo obteriam satisfações relacionadas à vida adulta:

é que o níquel constitui um elemento inseparável aos interesses, dedicações e alegrias infantis. As cédulas materializam as aspirações do adulto. Nas fantasias eróticas do inconsciente, o níquel simboliza mais o produto do esforço infantil – sua única obra: Fezes. A cédula mais um esforço do adulto: Esperma. Partindo deste ponto de vista, compreendemos porque o níquel deprime e a cédula exalta o sentimento de virilidade nos casos normais (Weissmann, 1937, pp. 94-95).

Podemos concluir que esse elemento da genitalidade, equivalente à vida adulta, seria determinante para Weissmann: o gosto por dinheiro em cédulas, com valores mais elevados que os encontrados nas moedas, exaltaria o que ele chama de sentimentos viris e altivos da personalidade adulta. Nessa direção, ele chega a afirmar que “uma moeda, caindo do bolso encabula, ao passo que a cédula, muito pelo contrário, exalta o sentimento da personalidade” (Weissmann, 1937, p. 94).

Por fim, assinalamos que, em diversos momentos do texto, o autor nos permite vislumbrar certa ordenação masculina na esfera social. A predominância desse modelo ideal, em sua dimensão masculina, é patente em diversos pontos do trabalho. Como descrevemos no caso acima, Karl Weissmann defende que haveria, por parte do jovem, o objetivo de desafiar a mulher e sua classe social com a “supremacia de seu sexo. Sua atitude correspondia ao que em Psicanálise se chama: protesto viril” (Weissmann, 1937, pp. 105-106).

Esse ideal masculino se faz fortemente presente em outras passagens do texto. Pautando-se no que chama de *protesto viril*, Weissmann dá mostras de que a figura masculina ocupa lugar de destaque, uma vez que concebe o papel do homem como aquele que se sustentaria nas relações cédula- virilidade- força. Para ele, o feminino deveria se contentar com o lugar de “belo sexo” (Weissmann, 1937, p. 111), coadjuvante da vida masculina, situada na oposição “mulher da sociedade [...] mulher pública” (Weissmann, 1937, p. 108).

Assim, podemos entender que, em *O dinheiro na vida erótica*, a genitalidade, considerada o ponto de chegada desejável de todo o desenvolvimento da libido, seria a amarração entre três eixos fundamentais: ela aponta para uma disposição heterossexual, abastada e masculina. Em relação a esse modelo ideal de genitalidade, uma ampla gama de indivíduos apresentaria componentes anais, que marcariam a sua conduta de uma forma que Weissmann considerava negativa: homossexuais; homens que se interessam por mulheres ricas, bem como as próprias mulheres ricas; ou mesmo homens de poucas posses financeiras que mantêm interesse por moedas e não por dinheiro em cédula.

Weissmann ainda articula diversas *tendências anais* entre si e chega a citar um método para se descobrir *inclinações homossexuais* em homens através do uso de moedas. A título de exemplo, o autor menciona o caso de um militar que, tendo se abaixado para buscar uma moeda no chão diante de seus colegas, teria supostamente deixado clara a sua orientação sexual, em uma situação carregada de violência:

O humilde homenzinho, taxado de inclinações de natureza homossexual, mesquinho e avarento, saiu da fileira, agachou-se para apanhar o dinheiro, cujo valor, mesmo para ele nada representava. Imediatamente, os companheiros precipitaram-se sobre a sua pessoa, dando-lhe palmadas no traseiro que foi por eles desnudo, e chegaram até, ao

ponto de praticarem obscenidades mais concretas, afim de lhe satisfazer os prováveis furores. Segundo informações colhidas, este processo psicológico em se utilizando da moeda para descobrir tendências que comprometam a dignidade do sexo masculino, é bastante em voga entre militares de certas regiões (Weissmann, 1937, p. 98).

Cabe-nos, aqui, uma importante consideração: Karl Weissmann, ao definir, em 1937, o desenvolvimento normal como uma articulação entre um ideal abastado, heterossexual e masculino, não estaria em íntima compatibilidade com o próprio ideal de sujeito defendido e divulgado na Era Vargas<sup>54</sup>? Certamente, não seria possível nos aprofundarmos, aqui, nas condições políticas daquele momento, mas algumas palavras a esse respeito se fazem necessárias.

Lembramos, inicialmente, que Vargas chegou ao poder em 1930, com um golpe de Estado que findou o período da Primeira República. Com isso, uma forte ruptura se operou no Brasil, não apenas em termos institucionais, mas na forma de uma reorganização das tensões que compunham a sociedade brasileira, produzindo efeitos:

Na economia, na política, na sociedade e na cultura, os quais transformaram radicalmente a História do país. [...] O Congresso Nacional, As Assembleias Legislativas Estaduais e as Assembleias Municipais foram dissolvidas, os políticos eleitos durante a Primeira República perderam seus cargos, os presidentes dos estados foram substituídos por interventores, a imprensa de oposição foi censurada – pela primeira vez, desde a Constituição de 1824, todos os postos de poder nos país estavam sendo ocupados por civis e militares não eleitos (Schwarcz e Starling, 2018, p. 361).

Dentre as várias mudanças de rumo na política brasileira, Dutra (2012) nos lembra da constituição do ideário político da Era Vargas como profundamente calcado nas ideias de pátria e desenvolvimento. Tais referências implicaram um intenso investimento nas noções de família e de desenvolvimento nacional, tendo como solo comum o espaço da infância, vista como garantia de um futuro para o país. Nesse momento, observamos também uma reaproximação do Estado com a Igreja, a partir de diversas iniciativas políticas – como o retorno da possibilidade de ensino religioso nas escolas, em 1931 –, o que certamente contribuiu para fortalecer o investimento na família como célula fundamental da sociedade (Vilhena, 1992).

A valorização da família enquanto figura chave do projeto político pode ser ilustrada com o artigo 144 da Constituição de 1934, que determinava que “A família, constituída pelo casamento indissolúvel, está sob a proteção especial do estado” (Brasil, 1934, não paginado). Nessas coordenadas, torna-se importante compreender o papel politicamente definido para o homem e para a mulher no interior desse projeto de família.

---

<sup>54</sup> Período na História do Brasil situado entre 1930 e 1945.

Para lançarmos luz sobre essas questões, lembramos que uma das marcas que definiram os espaços da família durante os anos 1930 foi a radicalização da ideia de desenvolvimento nacional. Ao longo dessa década, os investimentos na esfera do trabalho e da produção se tornaram elementos fundamentais, considerados como condições de dignificação e integração do sujeito à sociedade. Nesse quadro, o lugar do homem era, em larga escala, associado à produção de riquezas, visto como “cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pela riqueza do conjunto da nação” (Gomes, 1999, p. 55).

Quanto à mulher, seu lugar foi definido como o de responsável pela casa e pelo cuidado com as crianças, sendo que, do feminino, “esperava-se o sentimento de que o seu maior dever é a consagração ao lar e o bom desempenho de seu papel de mãe e dona-de-casa (Bomeny, 1999, p. 151). Tanto o governo de Vargas quanto a Igreja reconheciam o trabalho da mulher fora do lar como um dos fatores de desintegração da família, logo, como sendo perigoso para o projeto político da época. A elas caberia, no máximo, e por instrução da Igreja, o trabalho social junto aos meios operários, de modo a “aí levar a doutrina e a moral cristã, como antídoto à proliferação das ideias socialistas e comunistas” (Vilhena, 1992, p. 54).

A construção política em torno do trabalho honesto e da família aponta, assim, para lugares definidos para homens e mulheres: a eles, o espaço de pai, chefe e provedor da família, o responsável por fornecer boas condições morais e materiais para a prole; a elas, o espaço da família, o lugar de dona-de-casa e mãe, responsável pelos cuidados dos filhos.

Não seria justamente esse o ideal de genitalidade defendido por Weissmann em seu trabalho? Pautando-se na articulação entre um desenvolvimento *normal*, que visa a uma genitalidade centrada em uma dinâmica produtiva e heterossexual – com destaque para o masculino e seus protestos *viris* –, Karl Weissmann defende uma Psicanálise em consonância com a própria noção de família e de desenvolvimento na Era Vargas. Além disso, ao definir a Psicanálise como uma poderosa ferramenta de saneamento social, Weissmann faz dessa doutrina algo distante dos *grandes cientistas* e próximo dos leitores, oferecendo um caminho para o autoconhecimento – o poder sobre si mesmo – ao alcance de todos.

Temos indícios, portanto, para afirmar que *O dinheiro na vida erótica* (1937) foi um livro compatível com o ideal de sujeito defendido pelo governo na Era Vargas. Sua proposta, de difundir a Psicanálise como uma ferramenta de harmonização entre indivíduo e sociedade, encontra correlato nas coordenadas políticas do período. Isso pode explicar, inclusive, o porquê de Karl Weissmann não ter sido importunado com a publicação desse trabalho, em uma época

em que tantos intelectuais foram perseguidos e presos por conta de seus textos e de suas ideias<sup>55</sup>. Ademais, pode explicar também o sucesso alcançado pelo livro e a rápida ascensão do autor como um importante psicanalista no Brasil – o que certamente contou com a ajuda de uma troca de cartas com Freud a respeito do livro.

#### **4.1.2 Um sucesso editorial e uma importante carta: efeitos da publicação de *O Dinheiro na Vida Erótica***

A publicação de *O dinheiro na vida erótica* surtiu diversos efeitos e pôde abrir a Karl Weissmann portas até então inimagináveis. Destacamos que a publicação desse livro lhe rendeu diversos comentários na mídia. Assim divulgava o *Estado de Minas*, em 15 de setembro de 1937: “Acaba de chegar em Belo Horizonte novo livro do Professor Karl Weissmann, ‘O dinheiro na vida erótica’ [...] tendo em poucos dias causado sucesso nos meios cariocas e paulistas, onde o livro já se encontra à venda” (Estado de Minas, 1937, não paginado). O mesmo jornal publicou, apenas uma semana depois, em 26 de setembro, um texto altamente elogioso a respeito do trabalho de Weissmann<sup>56</sup>, assinado por Milton Martins de Andrade<sup>57</sup>:

Está tendo grande aceitação em todo o Brasil o novo e curioso ensaio do prof. Karl Weissmann. [...] Weissmann, aprofundando-se no estudo do inconsciente pelo método analítico de Freud, apresenta, em sua obra, conclusões inéditas e convincentes, abrindo, indiscutivelmente, novos horizontes para estudos sociais, ligando, de modo sutil, o fator econômico ao sexual. O livro vem acompanhado de um prefácio honroso e instrutivo do célebre escritor, médico e psicanalista dr. Gastão Pereira da Silva, no qual o mencionado divulgador da ciência de Freud apresenta o prof. Karl Weissmann como uma coluna forte e irremovível, entre os poucos que vêm se debatendo à custa das mais amargas lutas pela divulgação da Psicanálise no Brasil. [...] Karl deverá continuar. *Ele começou triunfando*. [...] Impróprio, porém, para menores (Andrade, 1937, grifo nosso, não paginado).

Dos trechos acima, destacamos ao menos dois aspectos fundamentais: o caráter de elogio e reconhecimento dado a Karl Weissmann por um dos principais jornais de Minas Gerais; e o reconhecimento de seu trabalho de divulgação da Psicanálise no Brasil, ao lado de Gastão Pereira da Silva. Com efeito, a intenção de Weissmann ao publicar o livro – divulgar a Psicanálise ao público leigo, seguindo seu professor e se distanciando dos *grandes cientistas* – dá mostras de ter sido bem-sucedida.

---

<sup>55</sup> Lembramos que, em 1937, Vargas deu um novo golpe de Estado, instaurando um período de dura repressão e muita violência política, prendendo diversos intelectuais no país, como foram os casos de Jorge Amado, Graciliano Ramos e Nise da Silveira.

<sup>56</sup> O mesmo texto foi publicado no jornal *A Notícia*, de Joinville (SC), no dia 31 de dezembro de 1937.

<sup>57</sup> Infelizmente, não encontramos maiores informações a respeito desse jornalista.

Encontramos outro comentário a respeito da obra, datada de 14 de outubro de 1937, desta vez, no *Diário Carioca*:

O livro que a Editora Brasília acaba de lançar não é uma tradução, como parece indicar o nome arrevesado do autor. [...] Trata-se de obra de um jovem pedagogo austríaco chegado ao Brasil há seis ou sete anos e que, conhecedor profundo da Psicanálise, já tendo escrito alguns volumes de divulgação, surge agora firmando o seu primeiro trabalho de exame e opinião. [...] O dinheiro na vida erótica contribui com observações até agora inéditas sobre a correlação da vida sexual do indivíduo e o sistema econômico que rege a existência da sociedade humana. Não obstante a complexidade da matéria, o jovem autor soube afastar dificuldades, *apresentando um trabalho tão importante para os estudiosos como agradável para os leigos que nele encontrarão uma leitura atraente e curiosa*. A edição da Brasília é impecável no acabamento gráfico, e o prefácio de Gastão Pereira da Silva vale por um outro estudo de Psicanálise (*Diário Carioca*, 1937, p. 13, grifo nosso).

Essa apreciação, publicada em jornal do Rio de Janeiro, aponta também a importância do prefácio escrito por Gastão Pereira da Silva, que aparece como um tipo de cartão de apresentação do livro de Karl Weissmann – e que marca, novamente, a proximidade entre ambos.

Outro comentário, assinado pelo crítico e ensaísta Eduardo Frieiro, mostrou-se um pouco menos empolgado, apesar de ainda exaltar a obra. No pequeno texto, publicado em *Páginas de crítica* (1955), ganha destaque, de início, a descrição da relação de Gastão Pereira da Silva e Karl Weissmann com a Psicanálise:

O Sr. Gastão Pereira da Silva, autor e editor de obras de Psicanálise *para uso do povo*, e que é uma espécie de vigário de Freud no Brasil, escreveu para esta obra do Sr. Karl Weissmann um Prefácio em que o apresenta aos leitores. [...] Coluna da fé freudista, esplendor da Libido, vaso da Psicanálise, eis o que é o Sr. Weissmann, na opinião do seu irmão de crença, Sr. Pereira da Silva. E por ali se vê que o freudismo é algo assim como uma religião que tem os seus fiéis e os seus apóstolos, os quais *se batem ardorosamente pela propagação da nova fé*, lutam até o sacrifício e são capazes, mesmo, de buscarem a coroa do martírio como fazem os santos das outras religiões (Frieiro, 1955, p. 97, grifo nosso).

O ensaísta adota um posicionamento relativamente crítico aos argumentos de Weissmann, afirmando ser a relação dos psicanalistas com a Psicanálise mediada por um ato de fé. Após apresentar o autor, Frieiro tece comentários sobre os conceitos psicanalíticos presentes no livro. Dando destaque para a hipótese apresentada a respeito das relações entre vida financeira e libido, conclui, sem demonstrar grande entusiasmo com a argumentação do livro:

E aí temos confirmada, ao menos de certo modo, a tese do Sr. Karl Weissmann: a *ambitio* sobrepujando a *libido* na sociedade atual. De certo modo, dissemos. Porque a interpretação psicanalítica do “dinheiro na vida erótica”, embora engenhosa, é na realidade um tanto arrastada pelos cabelos. Convence um pouco, *ma non troppo*.

Convincente é o talento do Sr. Weissmann no tratar assuntos dessa índole, assuntos, em verdade, um tanto escabrosos e escatológicos (Frieiro, 1955, p. 101, grifo do autor).

Para além dos comentários a respeito de *O dinheiro na vida erótica* (1937), Karl Weissmann teve seu trabalho destacado no *Anuário Brasileiro de literatura* (ABL), como um dos livros mais vendidos pela Editora Brasilia:

Editamos neste ano, 14 obras, num total aproximado de 30.000 volumes, sendo que marcaram sucesso “O Romance de Oswaldo Cruz”, de Gastão Pereira da Silva, “O dinheiro na vida erótica”, de Karl Weissmann, bem como a admirável tradução de Leonel Fischer, das “Regras para a Direção do Espírito”, de Descartes (ABL, 1938, p. 403).

Assim, os diversos comentários encontrados na mídia brasileira a respeito da publicação dessa primeira obra de nosso biografado indicam o fato de ele ter sido um verdadeiro sucesso editorial – ao lado de Gastão Pereira da Silva e Descartes – no ano de sua publicação. Também há indícios de Weissmann ter alcançado seu principal objetivo, a saber, o de divulgar a Psicanálise para o público leigo.

Encontramos ainda, ao longo da pesquisa, uma referência que merece a nossa atenção: a possibilidade de Karl Weissmann, por pressão de um bispo local, ter alterado o nome de seu livro de *O dinheiro na vida erótica* para *O dinheiro da vida exótica*. É o que nos sugere o seguinte trecho, encontrado no trabalho de See Franz:

Os nazistas caçavam judeus nas ruas de Viena, mas Freud encontrou tempo para a carta a Minas Gerais, ao autor do livro *O dinheiro na vida erótica* – título corrigido depois, por pressão do bispo local, para *O dinheiro da vida exótica*, Freud explicaria (See Franz, 2013, p. 42, grifo do autor).

Tal referência constitui a única indicação que encontramos dessa possível alteração<sup>58</sup>. Porém, mesmo que não confirmada, a pressão pela mudança no título do livro de Weissmann realmente pode ter ocorrido, visto ter sido forte a resistência exercida por autoridades católicas no período contra toda e qualquer referência que articulasse Psicanálise e sexualidade. Com efeito, pudemos demonstrar em outros trabalhos (Santos, 2016; Santos e Kyrillos Neto, 2016) a força do catolicismo como principal fonte de resistência à circulação das ideias psicanalíticas em Minas Gerais.

---

<sup>58</sup> Infelizmente, não encontramos outras indicações a respeito dessa sugestão, o que poderia ocorrer a partir de uma pesquisa nos arquivos da Arquidiocese de Belo Horizonte, ou no Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro.

É esclarecedora, a esse respeito, a citação de Oliveira (2006) de uma entrevista dada pelo mineiro Oscar Resende de Lima, em 1990, comentando seus primeiros interesses pela Psicanálise, justamente no final dos anos 1930. Segundo Lima (apud Oliveira, 2006), ao buscar referências sobre a Psicanálise em Belo Horizonte, na época, deparou-se com as seguintes condições:

[...] eu ouvia falar de Psicanálise já nos tempos de meninote e quando eu era adolescente, final da adolescência, tive interesse em conhecer alguma coisa de Psicanálise, pensei em ler Freud, as obras mais fáceis. Minha família materna era muito religiosa, católica, e havia um padre que orientava a família e interferiu. Eu não poderia ler Freud. As obras de Freud estavam no *index librorum prohibitorum*. Insisti, então levaram-me ao bispo, e o bispo não permitiu que eu lesse Freud. Acabei, então, lendo por minha própria conta. [...] Menciono isso porque é um retrato do clima existente onde passei a minha adolescência e que foi Belo Horizonte. Havia, então, essa resistência contra a Psicanálise por parte dos ambientes religiosos e católicos de lá (Lima apud Oliveira, 2006, pp. 106-107, grifo do autor).

Como pesquisar as relações entre Psicanálise e Catolicismo não é nosso objetivo aqui, destacamos, porém, o quão plausível é essa referência<sup>59</sup>. Como demonstramos anteriormente, apesar de escrever sobre Psicanálise, Karl Weissmann articulou hipóteses freudianas a um horizonte compatível com a moral familiar do período, fortemente inspirada no Catolicismo. Assim, apesar da possível sugestão de mudança do nome, arriscamos dizer que *O dinheiro na vida erótica* (1937) pode ter despertado resistência dos católicos mais pelo título do que por seu conteúdo propriamente dito – conteúdo que pode explicar o sucesso obtido por Weissmann em jornais de inspiração católica poucos anos depois.

Por fim, outro efeito da publicação de *O dinheiro na vida erótica* (1937), dentre tantas consequências, foi, certamente, o mais importante para a vida de Weissmann: ter recebido uma carta do próprio Freud, em retribuição ao envio do livro<sup>60</sup>.

A esse respeito, Weissmann afirma, em entrevista realizada em 1984:

Mandei para Freud o livro em português, com apenas um pequeno resumo em alemão, já que ele dizia ler facilmente o espanhol [...] Na minha carta a ele, fiz uma resenha do movimento psicanalítico no Brasil. Citei, entre outros, Durval Marcondes, Franco da Rocha, Júlio Porto-Carrero, Medeiros de Albuquerque que, em tempos mais passados, fizera algumas palestras sobre Psicanálise, e *meu amigo Gastão Pereira da Silva* (Weissmann, 1984, pg. 167, grifo nosso)<sup>61</sup>.

<sup>59</sup> Lembramos apenas que Dom Antônio Cabral Junior foi o bispo da arquidiocese de Belo Horizonte entre 1924 e 1967, o que nos aponta para uma possível resistência às ideias psicanalíticas em Minas Gerais por parte dele, visto que no mesmo período o nome de Freud foi alvo de severas críticas no estado (Santos, 2016).

<sup>60</sup> Uma cópia da carta pode ser encontrada no anexo 10.

<sup>61</sup> Infelizmente, não encontramos essa carta enviada por Weissmann a Freud, apesar das pesquisas nesse sentido.

Freud, sempre muito atencioso a quem lhe escrevia, redigiu a resposta a Karl Weissmann no dia 21 de março de 1938, a despeito do contexto cada vez mais difícil em que se encontrava. Tais condições, que envolviam a crescente tomada de países europeus pelo regime nazista – a Áustria acabara de ser anexada ao III Reich –, colocavam os judeus vienenses em situações cada vez mais ameaçadoras. Por esse motivo, Freud inicia sua carta com a seguinte declaração: “Senhor, Boas notícias são sempre bem recebidas, e em tempos como estes particularmente gratas” (Freud apud Weissmann, 1984, p. 185).

Ao longo da carta, lemos: “Com grande interesse fiquei sabendo de sua atividade em prol da Psicanálise em parceria com o Dr. Pereira da Silva, e, com grande pesar, da morte prematura do prof. Porto Carrero” (Freud apud Weissmann, 1984, p. 185). Freud demonstra estar a par dos recentes acontecimentos relacionados à Psicanálise no Brasil, visto que o falecimento de Porto-Carrero acontecera havia apenas um ano.

O conteúdo da carta, no entanto, demonstra mais a cordialidade de Freud para com aqueles que lhe enviavam materiais do que uma discussão a respeito do texto especificamente enviado por Weissmann:

Eu até leio espanhol com facilidade, mas a semelhança com a sua língua apenas torna confusa minha tentativa de entender algo do conteúdo. Várias vezes o tentei sem sucesso e com o presente livro não me saí melhor. Espero que o estudo da Psicanálise lhe traga cada vez mais satisfação à medida que o senhor se aprofunde. E, de coração, desejo-lhe um belo sucesso. Atenciosamente, Freud (Freud apud Weissmann, 1984, p. 185).

Como podemos ver, Freud não chegou a ler o trabalho escrito e enviado por Weissmann, o que o impossibilitou de tecer qualquer comentário sobre as teses presentes em *O dinheiro na vida erótica* (1937). No entanto, isso não parece ter sido um grande problema para Weissmann, já que recebeu a carta assinada por Freud em 1938 e, a partir de então, “a exibia triunfalmente para todos” (Cabernite apud Salim, 2010, p. 257)<sup>62</sup>.

Parece-nos que, não dispondo de uma formação médica ou institucional, Weissmann tinha, nessa carta, uma credencial de seus vínculos transferenciais com o criador da Psicanálise. Fazemos essa suposição devido à carta não tratar do conteúdo da obra, resumindo-se a expressões de cordialidade, o que não impediu nosso biografado de usá-la para estampar a contracapa de seus livros ao longo de toda a vida.

Aliás, não deixamos de encontrar aí nova semelhança nos percursos de Karl Weissmann e Gastão Pereira da Silva. Como narramos anteriormente, receber uma carta de Freud foi

---

<sup>62</sup> Karl Weissmann não hesitava em comentar o fato de ter sido um dos correspondentes de Freud no Brasil, tanto em entrevistas para jornais quanto em seus livros, até os anos 1980, quando já estava em idade avançada.

condição fundamental para o médico carioca ter se envolvido, com tamanha dedicação, à divulgação da Psicanálise no Brasil. Assim, ambos fizeram uso dessa correspondência como uma espécie de autorização vinda do criador da Psicanálise. O autodidata Weissmann recebeu uma das últimas missivas de Freud e soube usá-la muito bem.

A carta foi notícia na mídia nacional pouco tempo depois de chegar. Vemos, por exemplo, o jornal *O Estado*, de Santa Catarina, publicar uma reportagem no dia 29 de abril de 1938, comentando o teor da correspondência: “Freud refere-se somente a seu contentamento de ter a Psicanálise se propagado pelo mundo, notadamente no Brasil, onde já possui grandes discípulos, entre os quais o Sr. Gastão Pereira da Silva” (O Estado, 1938, p. 5).

Podemos perceber, dessa forma, o quanto a publicação de *O dinheiro na vida erótica* (1937) foi fundamental para a vida de Karl Weissmann. Noticiado em diversos estados brasileiros e considerado um sucesso editorial, o livro consolidou seu autor como um importante divulgador da Psicanálise no Brasil. Daí em diante, as oportunidades não pararam de chegar para esse jovem austríaco que, antes de completar trinta anos, já despontava como um importante intelectual e psicanalista no Brasil.

#### **4.2 Ascensão e consolidação de um vigoroso psicanalista: projetos de Karl Weissmann após *O dinheiro na vida erótica***

O período que se seguiu à publicação do primeiro livro é marcado por uma crescente participação de Karl Weissmann em diversos espaços, na condição de intelectual e psicanalista. Famoso portador de uma carta de Freud – e reconhecido como divulgador da Psicanálise por diversos jornais brasileiros –, Weissmann se lançou em diversas empreitadas. Embora suas atividades tenham se tornado variadas, seu empenho em publicar textos sobre Psicanálise foi uma constante.

Como vimos, *O dinheiro na vida erótica* foi destacado como um sucesso de vendas pelo editor, em publicação do *Anuário Brasileiro de Literatura*, no ano de 1938. Acreditamos que esse destaque abriu portas para a publicação de um artigo na revista no ano seguinte. Assim, Weissmann publicou “Arte e Psicanálise”, no *Anuário Brasileiro de Literatura* de 1939<sup>63</sup>. Nele, o autor demonstra erudição ao apresentar diversos temas relacionados à Psicanálise, com destaque para sua relação com a arte. A base da argumentação é o reconhecimento de que:

---

<sup>63</sup> O mesmo número contou com textos de Graciliano Ramos, Antônio Austregésilo, Eduardo Frieiro, entre muitos outros autores importantes.

a grandeza e o verdadeiro valor da Psicanálise, de há muito tempo já não se baseiam sobre o simples tratamento de neuropatas pelo método catártico de Freud. A minúcia secundária da cura individual, o consultório médico, apenas constituiu um ponto de partida: o fim a que se propõe essa doutrina é de proporções muito mais vastas; *é indicar uma nova direção à cultura e uma concepção mais clara de alma.* [...] De há muito tempo a Psicanálise transportou a sua técnica da alma individual para a alma coletiva. Invadiu os domínios religiosos, pedagógicos, políticos e sociais, os redutos artísticos e literários (Weissmann, 1939, p. 78, grifo nosso).

Demonstrando, novamente, estar alinhado com o que pensava Gastão Pereira da Silva – que é citado ao longo do artigo –, Weissmann situa a Psicanálise como um vasto campo do conhecimento, chegando a defini-la como a base de uma nova direção para a cultura. A tese central do texto segue uma dupla argumentação: a de que o artista poderia se valer da Psicanálise para melhor entender sua própria produção; e a de que a Psicanálise tem como precursora necessária a produção artística, sendo ela própria um encontro entre ciência e poesia. Segundo o autor:

Artistas e psicanalistas costumam ser bons amigos. É que o gênio criador é sempre atraído magneticamente pelas profundidades. Foram, aliás, grandes artistas e poetas como Dante, Shakespeare, Goethe e outros mais, que, à sua maneira, desceram ao inferno das paixões humanas, contemplando a luta contra o demônio. Freud mesmo reconhece que foi a arte a precursora da Psicanálise. Grande parte de seus estudos ele os baseou nas obras dos maiores poetas, romancistas e artistas. A Psicanálise se confunde com uma função artística, o que não deve nem pode diminuir os seus méritos nos domínios da ciência (Weissmann, 1939, p. 78).

O caminho da argumentação segue a distinção entre a inspiração artística da Psicanálise e a Psicanálise da arte como um dos seus campos de *especialidade*. Assim, Weissmann faz a distinção entre relações da Psicanálise com outras disciplinas, tais como religião e a Psicologia dos povos:

Não se deve confinar a função artística da Psicanálise à Psicanálise da arte. Esta apenas representa um de seus ramos, e nesta especialidade sua função realmente é idêntica à da crítica literária. Há além da Psicanálise da arte, a Psicanálise dos povos, obra original, senão uma das mais originais de Freud – sob o título de “TOTEM e TABU”. Os três ensaios sobre a teoria sexual, em que se volve a atenção principal sobre a sexualidade infantil – a metapsicologia – a análise do Eu e do ID – a interpretação dos sonhos – que representa a bíblia da Psicanálise – ainda “O Futuro de uma Ilusão” – a psicologia das religiões, uma das últimas obras de Freud – livro que lhe rendeu volumes alentados da parte de refutadores e conferências inúmeras em quase todos os países da Terra (Weissmann, 1939, p. 80).

Após listar diversos campos de interlocução da Psicanálise com outras disciplinas – a partir de Freud –, o autor cita ainda os nomes de Sandor Ferenczi, Ernest Jones, Theodor Reik e Pfister para sustentar seu argumento. Assim, o texto de Karl Weissmann aparece como um

convite para a classe artística conhecer melhor a Psicanálise, defendendo a rica interlocução entre ambos os campos.

Ademais, Weissmann sustenta, tal como no livro anterior, que o papel da Psicanálise para o leitor seria o de “vencer os sombrios temores que o escravizam, exaltando o poder de que mais precisa, *o poder sobre si mesmo*” (Weissmann, 1939, p. 79, grifo nosso). Em outras palavras, esse trabalho também pode ser lido como um esforço de divulgação da Psicanálise, mas, dessa vez, com foco na classe artística. O autor dá um passo além em relação a *O dinheiro na vida erótica* (1937), por não defender somente o conhecimento da Psicanálise como algo que pode ajudar o leitor a se conhecer melhor. Ele, então, compara a leitura ao próprio tratamento clínico, sendo possível ao leitor certa forma de cura pela via dos textos de Psicanálise: “O indivíduo inteligente, sucessível de tratamento *ou à leitura psicanalítica*, logra a cura das suas neuroses até o grau que lhe convém” (Weissmann, 1939, p. 79, grifo nosso).

Além de publicar esse artigo em uma revista de circulação nacional, observamos que Karl Weissmann trilhou diversos outros caminhos no período que envolve o fim dos anos 1930 e a chegada da década de 1940. Dentre eles, encontramos o biografado em um importante espaço da intelectualidade mineira, como integrante dos quadros da Rádio Inconfidência – Emissora Oficial do Estado de Minas Gerais –, ao lado de Mário Casasanta<sup>64</sup>, João Dornas Filho<sup>65</sup> e João Alphonsus<sup>66</sup>. A Rádio Inconfidência, inaugurada em 1936, pode ser assim descrita:

Os programas de conteúdo literário multiplicaram-se na emissora. Seguiram-se ao O Boletim Literário, a Crônica da Semana, a cargo do jornalista Jair Silva, que por meio de crônicas resumia os principais acontecimentos da semana, contadas de maneira pitoresca, irreverente e agradável; a Antologia Sonora, organizada pelo jornalista Álvares da Silva; o Caleidoscópio; a Hora Literária, entre outros. A elite intelectual mineira concebia, em grande parte, a programação da rádio. Alphonsus de Guimaraens Filho, João Alphonsus, Luiz de Bessa, *Karl Weissmann*, Aires da Mata Machado Filho, Moacyr de Andrade, Jorge Azevedo, Eduardo Frieiro – entre tantos e tantos outros nomes – divulgavam e difundiam o conhecimento por meio de informações literárias e históricas, que se tornavam acessíveis à grande parte da população, a quem a imprensa não alcançava (Guimarães, 2014 p. 32, grifo nosso).

---

<sup>64</sup> Educador brasileiro, Casasanta foi um dos signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932, ao lado de Cecília Meireles, Afrânio Peixoto e Raul Briquet. Foi reitor da Universidade Federal de Minas Gerais por dois mandatos: 1930-1931 e 1941-1944. Era o diretor dos assuntos educacionais da Rádio.

<sup>65</sup> Escritor, poeta e historiador mineiro. Dornas Filho foi membro do movimento modernista em Minas Gerais, sendo um dos fundadores da revista *Leite Criolo*, além de ter participado da também modernista *A Revista*, ao lado de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Foi também membro da Academia Mineira de Letras. Participou da Rádio Inconfidência com os programas *Vultos e Fatos da Nossa História* e *O Dia de Amanhã na História* (Cota, 2016).

<sup>66</sup> Advogado e poeta, João Alphonsus foi um importante nome do modernismo mineiro. Próximo de Carlos Drummond de Andrade, Alphonsus foi um dos fundadores da revista *Verde* – periódico modernista com grande abertura para discussões de inspiração psicanalítica (Santos, 2016). Era o responsável pelo programa *Hora Literária* no ano de 1943 (Cota, 2016).

Weissmann, já reconhecido como parte da *elite intelectual* mineira do período, contribuiu como organizador responsável pelo programa *Caleidoscópio* de 1940 a 1945, tendo como colegas Alphonsus de Guimarães Filho<sup>67</sup> e Milton Pedrosa<sup>68</sup>. A proposta do programa seria a de:

uma apresentação interessante e amena de fatos e assuntos os mais variados, além de comentários, curiosidades e anedotário - tudo marcado por um cunho educativo e cultural ao alcance popular. [...] é um dos programas da série literária que aquela emissora vem apresentando diariamente para os seus ouvintes (Cota, 2016).

Apesar de não termos localizado documentos referentes ao conteúdo do *Caleidoscópio*, encontramos indícios dele nas palavras do próprio Weissmann, em entrevista realizada nos anos 1980, ao comentar um livro que seria publicado em 1985, intitulado *Vistas Into Maturity*<sup>69</sup>: “Este livro nasceu, há muitos anos, de uma série de palestras radiofônicas na emissora oficial de Belo Horizonte, tendo mais tarde aparecido em livro sob o título *A Conquista da Maturidade*” (Weissmann, 1984, p. 183).

Lembramos que a Rádio Inconfidência fora criada com o objetivo de ser um importante centro de difusão de valores defendidos pelo governo durante a Era Vargas, com destaque para o patriotismo, o civismo e a moral católica. Sendo um órgão oficial do estado de Minas Gerais, encontrou no governo de Benedito Valadares<sup>70</sup> as condições de nascimento, com “a intenção de moldar o pensamento das crianças e jovens segundo o ideário político vigente na busca pela edificação da nacionalidade, por meio da difusão de conteúdos que corroboravam o estabelecimento e o fortalecimento de uma comunidade nacional” (Cota, 2016, p. 185).

A julgar pelo trecho que citamos da entrevista de Weissmann, acreditamos que suas falas na Rádio Inconfidência se referiam à articulação entre a noção de genitalidade – questão central de *O dinheiro na vida erótica* (1937) e compatível com o próprio ideário político do período – e a noção de maturidade. Apesar de a segunda delas não aparecer abertamente no livro de 1937, notamos que Weissmann dá crescente importância à maturidade ao longo de seu percurso, e suas falas na Rádio Inconfidência podem ter sido os primeiros ensaios nessa direção.

<sup>67</sup> Alphonsus de Guimarães Filho foi um escritor brasileiro, vencedor do Prêmio Jabuti de Poesia em 1985. Foi irmão do escritor João Alphonsus.

<sup>68</sup> Milton Pedrosa foi um intelectual dedicado a investigar as relações entre os esportes – sobretudo o futebol – e a cultura brasileira.

<sup>69</sup> Tradução para o inglês do seu *A conquista da maturidade* (1961). Trataremos de ambos os livros adiante.

<sup>70</sup> Benedito Valadares é um importante nome da política mineira e nacional. Foi nomeado para o governo de Minas Gerais por Getúlio Vargas em 1933, sucedendo Gustavo Capanema. Ficou no governo do estado até 1945, tendo nomeado Juscelino Kubitschek (JK) como prefeito de Belo Horizonte em 1940. Além de JK, é considerado uma das principais referências para o também político Tancredo Neves.

Quanto a outro de seus projetos, temos a fundação de uma revista em Belo Horizonte, no ano de 1938, a *Grifo*<sup>71</sup>. Encontramos a seguinte descrição da revista no *site* da Hemeroteca Histórica de Minas Gerais:

Revista fundada pelo Sr. Karl Weissmann e de publicação muito irregular. Periódico literário que apresenta ensaios, contos e poesias com a colaboração de intelectuais como J. Guimarães Menegale, Mário Casasanta, João Dornas Filho, Arthur Versiani Velloso, Nilo Aparecida Pinto, Bahia Vasconcelos, José Bartolota, Batista Brasil, Bernardo Guimarães Filho, Godofredo Rangel, João Alphonsus, Agripa de Vasconcellos, César Burnier e Clemente Luz (Hemeroteca Histórica, 2017, não paginado).

A *Grifo*, devidamente registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda<sup>72</sup>, contou com a presença constante de importantes intelectuais mineiros, alguns atuantes também na Rádio Inconfidência, como João Alphonsus e Mário Casasanta. Karl Weissmann, além de ter sido fundador e secretário da revista até 1942, publicou nela diversos textos<sup>73</sup>. Encontramos, dentre eles, dois artigos e uma entrevista.

Na entrevista, realizada por Weissmann com o escritor e poeta Agripa Vasconcellos, ambos discorrem acerca da cena literária em Minas Gerais, ao que o poeta conclui: “Para terminar sei que em Minas, além de mim, *há outro incondicional discípulo de Freud. É o sr. Sei até que ele escreveu em artigo de morte, uma carta bastante eloquente*” (Vasconcellos, 1941, p. 6, grifo nosso)<sup>74</sup>. Constatamos, assim, que Weissmann era, de fato, reconhecido como *discípulo* de Freud no período, e vemos o destaque para a carta recebida em decorrência da publicação de *O dinheiro na vida erótica* (1937).

Quanto aos artigos, Weissmann inicia, em 1941, um projeto de divulgação da Psicanálise que teria o nome de “Eureka: ensaios de Psicologia Divertida”. O projeto foi apresentado da seguinte forma pelos editores da *Grifo*:

O sr. Karl Weissmann, desde o aparecimento do seu livro "Dinheiro na Vida Erótica", que lhe mereceu um elogio de Freud, permanece no panorama cultural do Brasil, *como um dos maiores conhecedores de Psicanálise entre nós*. Daí, o êxito seguro que alcançará com o seu magnífico ensaio, o qual, de maneira divertida e curiosa, levará os leitores para as regiões recônditas do inconsciente, mostrando as múltiplas facetas da alma humana. Qual um mágico que trai os seus segredos, Weissmann se

<sup>71</sup> Pelos dados constantes na página da Hemeroteca Histórica de Minas Gerais, a *Grifo* contou com quatorze números, entre 1938 e 1944 (Hemeroteca Histórica, 2017). Infelizmente, só tivemos acesso a quatro deles.

<sup>72</sup> Criado em 1939 por Getúlio Vargas, o Departamento de Imprensa e Propaganda se constituiu como um órgão de difusão de ideias compatíveis com o Estado Novo. Manteve a centralidade das ações governistas no que se refere a dispositivos de propaganda e homenagens a Vargas, mantendo importante papel na censura de ideias opostas ao que vinha do governo.

<sup>73</sup> Encontramos referências aos seguintes textos: “Em torno de uma superstição – Psicologia das cores do vestuário”, e “O problema da Imortalidade”, de 1938, e “A pequenez do mundo e a angústia contemporânea”, de 1942. Tais textos se encontram em edições às quais não tivemos acesso.

<sup>74</sup> As relações entre Agripa Vasconcellos e a Psicanálise seguem desconhecidas até o momento desta pesquisa.

apresentará em público interpretando o verdadeiro significado dos símbolos, desvendando os mais emaranhados segredos da alma humana, decifrando as superstições à luz da Psicologia profunda e da História. Com êsse seu novo trabalho a Psicanálise se verá acrescida de valiosos e curiosos aspectos (Grifo, 1941, p. 25, grifo nosso).

Os ensaios seriam publicados ao longo dos números da *Grifo*, visando a leitores os mais diversos. A ideia de difundir a Psicanálise, portanto, se mantém, ganhando cada vez mais força. Dentre esses artigos, encontramos apenas um, publicado em 1941, que leva o título de “A superstição e a Guerra” (Weissmann, 1941). O texto, a despeito de pertencer a um conjunto de *ensaios de psicologia divertida*, trouxe um assunto de grande seriedade para o momento: Karl Weissmann discute elementos da Segunda Guerra Mundial a partir da Psicanálise: “É esta, a primeira vez na História da inteligência militar que a doutrina do Prof. Sigismundo Freud serve à defesa de uma nação” (Weissmann, 1941, p.10). O tema central do artigo é uma análise do caráter supersticioso que permeia a relação entre os ditadores e o povo, necessariamente mediado pela palavra:

Quando Hitler escreveu em seu famoso livro "Mein Kampf", "na Guerra palavras valem por atos", ele traiu a notáveis sociólogos e psicanalistas ingleses a natureza de sua arma secreta. "Na guerra palavras valem por atos" — logo o locutor ao serviço da propaganda inimiga representa um indivíduo em ação: um autêntico soldado — atirando palavras em lugar de balas — ferindo almas, inutilizando consciências em lugar de mutilar ou estraçalhar corpos. Eis a ofensiva verbal, tão eficiente e perigosa quanto os ataques em terra, ar ou mar. Enfrentar essa nova arma — a propaganda — compete a psicólogos e sociólogos (Weissmann 1941, p. 9).

O autor chega a citar um conjunto de psicanalistas que trabalhavam juntamente ao governo inglês para analisar e discutir as estratégias de propaganda dos inimigos: “Esses psicanalistas oficiais analisam os discursos e as decisões dos ditadores à distância tal como numa sessão psicanalítica individual” (Weissmann, 1941, p. 8). Ele traz exemplos de lutas ocorridas em outros momentos para defender a hipótese de que os recursos à mitificação da liderança e a medos supersticiosos não seriam novidades da Segunda Guerra, mas uma espécie de nova roupagem em relação aos conflitos anteriores:

Os índios se pintavam e se fantasiavam antes de enfrentar o inimigo. Os soldados Japoneses, ainda bem recentemente, marchavam para a guerra usando máscaras sinistras afim de solapar a moral do adversário. [...] Os métodos empregados hoje são outros. Mais modernos. Muito embora em sua essência e em seus efeitos não se distingam quase dos meios primitivos. Em lugar do rugido de leão, encontramos discursos ameaçadores de morte e de destruição. Em vez do chocar ruidoso dos escudos, as bombas de assovio, os rumores sinistros, etc. São, como se vê, apesar de toda técnica moderna, os mesmos recursos primitivos e infantis, os que hoje constituem a ofensiva da propaganda. (Weissmann, 1941, p. 8).

A tese sustentada por Weissmann é de que tais efeitos de liderança seriam permeados por fenômenos infantis – ou mesmo primitivos – de busca por proteção em grandes líderes. Os argumentos são sustentados por uma leitura que aproxima Freud, quando fala do caráter infantil desses fenômenos de liderança, e Jung:

E os próprios chefes que assim impressionam, as consciências frágeis, são outras tantas projeções atualizadas das grandes imagens primitivas, os terríveis “arquétipos” de Jung, existentes nos velhos mitos da humanidade. Figuras lendárias que nos mais perigosos momentos, quando as forças coercitivas da civilização relaxam, como no caso de uma nação em guerra, exercem uma influência terrível sobre a moral das massas (Weissmann, 1941, p. 9).

Como vemos, o texto “A superstição e a guerra” (1941) é um ensaio que visa discutir aspectos da guerra – sobretudo os fenômenos de liderança – a partir da Psicanálise<sup>75</sup> e de elementos do pensamento de Jung<sup>76</sup>. Publicado em 1941, esse artigo se mostra extremamente pontual, se considerarmos que Weissmann analisa um conflito ainda em andamento, com hipóteses sobre as lideranças fascistas e suas promessas de proteção: “Com o advento do Fascismo esses sentimentos afetivos se polarizaram, como seria natural, na pessoa do Duce, passando deste para a sua arma predileta: a aviação Italiana, que passou a ser a Santa Protetora da Itália” (Weissmann, 1941, p. 9).

O outro texto que encontramos na *Grifo* com a assinatura de Weissmann leva o título de “Liberdade” (1942). Esse artigo também chama a atenção, sobretudo por um fator específico, pois, se no anterior o autor criticava o fascismo europeu, nesse, por sua vez, ironiza elementos da Ação Integralista Brasileira<sup>77</sup>, movimento inspirado no fascismo italiano:

E um dia me fosse cortada a língua, não hesitaria na escolha da minha última palavra. Esta não seria Deus, nem Pátria, nem Família<sup>78</sup>, nem tão pouco o nome do ente mais querido. Seria Liberdade. A palavra mais significativa em nossos dias; sinônimo de felicidade e de justiça: Suprema Síntese da Dignidade Humana (Weissmann, 1942, p. 3).

Com um caráter muito mais político do que inspirado na Psicanálise, Weissmann defende, no artigo, a importância da liberdade para todos: sejam artistas, intelectuais, “os judeus que se acham nos campos de concentração, os capitalistas cujas fortunas foram confiscadas, as pessoas injustamente impedidas no exercício de sua profissão” (Weissmann, 1942, p. 3). Para

<sup>75</sup> Não deixamos de notar a inspiração no texto freudiano “Psicologia das massas e análise do Eu”, de 1922.

<sup>76</sup> Como assinalamos anteriormente, Gastão Pereira da Silva, professor de Karl Weissmann, considerava Jung o principal psicanalista depois de Freud.

<sup>77</sup> Como descrevemos anteriormente, Weissmann chegou a ter boas relações com Lucio José dos Santos, entusiasta do Movimento Integralista Brasileiro.

<sup>78</sup> Lembramos que o *slogan* integralista era justamente “Deus, Pátria e Família”.

ele, a noção de liberdade seria imprescindível para qualquer exercício de criação. Ao concluir, retoma as críticas a países com o que chama de mentalidades totalitárias: “A chamada ‘intelectualidade’ fascista, nazista ou comunista degrada a verdadeira inteligência criadora, sujeitando-a à censura, dirigindo-a, fazendo-a andar servilmente num determinado sentido (Weissmann, 1942, p. 3).

Acreditamos ser importante lembrar que, se Weissmann apresentou um conceito de genialidade em consonância com o projeto moral da Era Vargas – além de ter participado dos quadros da rádio oficial do estado de Minas Gerais –, o artigo “Liberdade” (1942), por outro lado, nos mostra que seu alinhamento político não era direto. Destacamos que, em 1942 e já sob a organização do Estado Novo, certos motes integralistas haviam sido intensificados pelo próprio Vargas – com destaque para o patriotismo –, além de haver a supressão das liberdades individuais (Schwarcz e Starling, 2018). Assim, ao sobrepor a ideia de liberdade às noções de Deus, pátria ou família, encontramos em Weissmann um contraponto a alguns dos pilares do Estado Novo<sup>79</sup>.

Dessa forma, podemos encontrar no projeto da *Grifo* um importante espaço criado e ocupado por Weissmann, no qual ele pôde publicar textos de sua própria autoria, além de estar na companhia de destacados intelectuais do período. Aliás, como mostramos em trabalho anterior (Santos, 2016), as revistas *Verde*, *Leite Criolo* e *A Revista* foram também espaços de circulação de ideias freudianas em Minas Gerais nos anos 1920. Vimos que Weissmann partilhou espaços com os fundadores dessas revistas tanto na Rádio Inconfidência quanto na *Grifo*, donde podemos concluir que, mesmo sendo um dos principais nomes de divulgação da Psicanálise em Minas Gerais no período, esteve na companhia daqueles que haviam aberto algum espaço para tais debates na década anterior.

Assim, o início dos anos 1940 foram determinantes para a consolidação de Karl Weissmann no cenário intelectual mineiro, e é no lugar de referência erudita que ele atravessa a década de 1940. A partir de 1944, começa a publicar uma série de textos em um jornal de grande circulação de Belo Horizonte, o *Folha de Minas*. Ali, discorre sobre poesia, linguagem, política, Nietzsche<sup>80</sup> e, sobretudo, Psicanálise.

Alguns desses textos chamam a atenção. Em “Os cordeiros sobrevivem aos lobos” (1944a), por exemplo, o autor tece duras críticas à guerra, como um caminho oposto à

---

<sup>79</sup> Podemos observar o caráter ambíguo da posição de Karl Weissmann em relação à Era Vargas, já que estivera presente nos quadros de uma rádio oficial do governo ao mesmo tempo em que publicava o artigo “Liberdade”, na *Grifo*.

<sup>80</sup> A presença de autores germanófonos em sua obra vai se intensificando, como será mostrado nas páginas seguintes.

civilização e à constituição de laços entre humanos. Para isso, ele se inspira no conceito de pulsão de morte, de Freud: “O fim para o qual se encaminha a vida é a morte, já o disse Freud. Essa sentença atinge o indivíduo. É um veredicto individual, não coletivo [...] a luta entre os homens conduz à morte coletiva” (Weissmann, 1944a, p. 3). Diante dessas considerações, conclui:

A luta, no sentido comum e fecundo dessa palavra, longe de ser fecunda e construtiva, é estéril e destrutiva. [...] Está provado que o ofício da guerra inutiliza os homens. O que um povo ganha em armas perde em civilização. Essa verdade salta à vista, tomando-se o termo em sua acepção mais exata. Civilização compreende o dispêndio adequado de valores, enquanto por progresso se entende sua produção (Weissmann, 1944a, p. 3).

Ao lado desse texto, que pode ser considerado um pequeno ensaio de crítica social inspirada na Psicanálise, encontramos três outros artigos de Karl Weissmann no *Folha de Minas* que são dignos de nota para nossa pesquisa. Observamos que esses escritos trazem, novamente, discussões sobre a relação entre Psicanálise e sociedade.

No primeiro e mais breve deles, encontramos a aposta de Weissmann em uma Psicanálise que possibilitaria o triunfo da razão sobre a vida *instintual*. É o que nos mostra o seguinte trecho de “Ninoscopia”: “Em ‘O futuro de uma ilusão’, Freud deixa entrever o primado da razão e do bom senso, o que equivale dizer um mundo melhor do que conhecemos no passado e mesmo no presente” (Weissmann, 1944b, p. 3).

No segundo, intitulado “Freud e a civilização” (1944c), Weissmann vai além. Novamente em consonância com Gastão Pereira da Silva, chega a definir Freud como um:

médico do mundo. Aliás, desde que se escreveu a Interpretação dos sonhos, ‘Totem e Tabu’, o ‘Mal-estar na civilização’, ‘Futuro de uma ilusão’, a Psicanálise deixou de ser o que era em princípio, isto é, um assunto meramente médico, para tornar-se um método de investigação geral nos domínios mais vastos da Sociologia. Como método de tratamento de psicopatas, sua importância sempre foi restrita, restrito como tudo o que se ocupa do indivíduo isolado (Weissmann, 1944c, pp. 3-4).

Considerando a Psicanálise uma ferramenta a serviço da civilização, Weissmann comenta a importância de noções como *sublimação* e a necessidade de autocontrole a ser exercido por cada indivíduo, uma vez que tendências “destruidoras, antissociais e interculturais seriam um fato psicológico de caráter decisivo para quem vai ajuizar as possibilidades da civilização” (Weissmann, 1944c, p. 4). A respeito de situar a Psicanálise como uma ferramenta de harmonização entre indivíduo e sociedade, o autor é taxativo:

Qual é em resumo o objetivo da Psicanálise? Harmonizar a vida psíquica com o ambiente social; encaminhar as energias para fins úteis; libertar-nos dos temores

sombrios que nos escravizam; estabelecer o poder de que mais precisamos após a dominação do mundo exterior: *o poder sobre nós mesmos*. Em seus fins a Psicanálise está rigorosamente dentro do programa da civilização, uma vez que civilizar significa exatamente isso: harmonizar todas as forças humanas para fins humanos; evoluir do inconsciente para o consciente, do instinto para a razão, da superstição para o saber, do natural para o artificial, do simples para o complexo, da violência para a brandura, do caos para a ordem e desta para a liberdade (Weissmann, 1944c, p.4, grifo nosso).

Por fim, em “Consciente e civilização” (1944d), Weissmann retoma novamente a importância do autoconhecimento como forma de controlar o próprio destino: “No sentido da profundidade o conhecimento do EU nos confere o poder de que mais precisamos – o poder sobre nós mesmos, tornando-nos, de certo modo, senhores do nosso destino” (Weissmann, 1944d, p.3). Sua aposta, de inspiração freudiana, não vislumbra a promessa de uma felicidade plena, já que: “A civilização é renúncia. Não é o melhor, mas apenas o mais digno dos estados possíveis. Longe de ser agradável, ‘a tarefa do homem civilizado é dura’ – dizia Freud” (Weissmann, 1944d, p. 3). Ao que conclui: “É que o consciente é filho do inconsciente. E o pai, à maneira dos antigos monarcas, transmite ao príncipe herdeiro os conhecimentos, mas hesita em lhe passar o poder” (1944d, p.3).

Como podemos observar nas discussões acima, nosso biografado seguiu, em suas publicações, apostando na Psicanálise como uma importante ferramenta de autoconhecimento e autocontrole. Em consonância com seus trabalhos anteriores, encontramos nesses artigos verdadeiros ensaios de crítica social inspirada na Psicanálise. Tomando Freud como um importante pensador das profundidades, Weissmann define a Psicanálise como uma ferramenta que pode promover a harmonização entre indivíduo e sociedade, por fornecer um conhecimento científico e racional capaz de domar os *instintos*.

Essa aposta na Psicanálise como uma ferramenta científica se faz presente em outros dos seus textos, como em “O Mito das Estrelas” (1944e), no qual Weissmann faz duras críticas à astrologia, comparando-a a crenças infantis e definindo-a como muito inferior à Psicanálise para a investigação dos sentidos humanos (Weissmann, 1944e). Essa mesma aposta se faz presente, ainda, em “A verdade contra Nietzsche” (1944f), artigo em que sustenta o trabalho do filósofo como mórbido e extravagante. Para ele, Nietzsche pecava em buscar no passado inspiração para a vida humana, o que poderia comprometer o projeto de *renúncia instintual* necessário para a vida civilizada:

Como sociólogo, político e educador, Nietzsche, que chamou de “música do futuro” a sua filosofia, não representa o futuro e nem sequer o presente, mas o passado porque ele é o filósofo da luta, da luta no sentido orgânico e zoológico do termo. Às nossas gerações, Nietzsche só pode interessar como lírico de ideias, enfim unicamente como

poeta, pois só ao poeta podemos perdoar essas extravagâncias (Weissmann, 1944f, p. 4).

Após as publicações no *Folha de Minas* e seguindo o caminho de escrever sobre filósofos e intelectuais de origem germânica, o austríaco lançou, em 1945, um trabalho que contribuiu ainda mais para sua consolidação como intelectual de renome: uma biografia intitulada *A vida de Schopenhauer* (1945a). Ao apresentar o livro, Weissmann o situa em uma série de outros trabalhos:

Dois livros nossos, um sobre Nietzsche e outro sobre Freud, aparecerão em continuidade a Schopenhauer. Mais tarde, talvez, venha a figurar dentro de um só volume, sob o título de *Três contemporâneos da humanidade: a Dor, a Luta, e o Sexo*. Mas antes de lutarmos com Nietzsche e amarmos com Freud, soframos um pouco com Schopenhauer (Weissmann, 1945a, p. 11, grifo do autor).

O trecho acima nos mostra a importância dos autores germânicos no trabalho do autor, que, ao longo de sua vida, acrescentaria ainda Goethe como outro nome de referência em seu pensamento.

Quanto ao livro<sup>81</sup> sobre Schopenhauer, publicado pela editora Cultura Brasileira, notamos que foi muito bem acolhido e comentado no país<sup>82</sup>. Encontramos repercussões dessa publicação em diversos jornais brasileiros, além de bons comentários por parte de importantes intelectuais. Destacamos a apresentação feita por João Etienne Filho<sup>83</sup> na ocasião do lançamento da segunda edição da obra, afirmando sua surpresa e deslumbramento com o texto:

Foi este o encanto que a leitura do livro de Karl Weissmann me proporcionou, como já proporcionara a João Luso e Monteiro Lobato, para citar apenas dois dos grandes que o saudaram, quando de seu aparecimento. Curiosamente, aliás, Monteiro Lobato revelaria ao nosso autor que sua esposa e sua filha tinham apreciado imensamente o livro (Etienne Filho, 1980, não paginado).

Apesar de não termos encontrado maiores indícios da relação entre Karl Weissmann e Monteiro Lobato, o comentário nos aponta para uma boa acolhida vinda desse importante escritor brasileiro, além do próprio Etienne Filho, que não poupou elogios ao trabalho de Weissmann.

Diversos jornais saudaram a publicação. Assim autor e obra são apresentados no jornal *Leitura*:

<sup>81</sup> Não entraremos no conteúdo do texto propriamente dito, já que foge aos objetivos desta pesquisa. Daremos destaque aos efeitos desse trabalho para a vida de Karl Weissmann.

<sup>82</sup> Vale lembrar, *A vida de Schopenhauer* ainda é lido e comentado como uma referência para trabalhos sobre o filósofo em questão, a exemplo do trabalhos de Souza (2015).

<sup>83</sup> Importante jornalista, professor, teatrólogo, poeta e escritor mineiro.

Karl Weissmann, escritor austríaco e *psicanalista de fama nacional*, lança por intermédio da Livraria Cultura Brasileira Ltda., VIDA DE SCHOPENHAUER, alentado estudo biográfico, jubiloso trabalho literário com uma excelente apresentação gráfica. Livro destinado a larga repercussão no continente, VIDA DE SCHOPENHAUER é biografia fiel, bem trabalhada e selecionada síntese de pensamento vivo (Leitura, 1945, p. 70, grifo nosso).

Em edição da *Revista da Semana*, Weissmann continua a receber elogios: “Psicanalista experimentado, como atesta um livro anterior, aplica esse ramo da ciência, com toda a sua penetração e todo o seu poder de elucidação, às ideias e aos atos do autor d’*O Mundo como vontade e representação*” (Revista da Semana, 1945, p. 36). A publicação do livro lhe rendeu ainda uma entrevista na *Dom Casmurro*, importante revista do período. Nela, Weissmann reitera sua intenção de falar de Schopenhauer em uma sequência de textos com Freud e Nietzsche:

A ideia me veio como parte de uma trilogia, aproveitando os três pensadores cujas doutrinas venho estudando há quinze anos quase que exclusivamente. [...] Schopenhauer, Nietzsche e Freud. Do voluntarismo do primeiro – como já o verificou Thomas Mann, vai-se pelo radicalismo psicológico do segundo, em linha reta ao terceiro. Para os leitores que ignoram essa continuidade doutrinária, eles representam outro aspecto não menos justificado: a Dor, a Luta, o Sexo (Weissmann, 1945b, p. 2).

Notamos, então, que *A vida de Schopenhauer* (1945a) contribuiu sobremaneira para a consolidação de Weissmann como um intelectual em todo o país. Essa publicação também foi apresentada na coluna de livros em destaque da revista *O Cruzeiro*, em 1945. E foi nessa revista que Weissmann encontrou outro espaço para escrever e publicar sobre Psicanálise.

Assim, a partir de 1947, nosso biografado se torna presença constante em *O Cruzeiro*, publicando diversos textos nos quais discutia dramas conjugais a partir de reflexões pautadas na Psicanálise<sup>84</sup>. A publicação carioca, que circulou no Brasil entre 1928 e 1975, é considerada a revista ilustrada de maior importância do país no século XX (Grisolio, 2015). Em função de sua importância – e, certamente, pela importância de tais publicações para a vida de Karl Weissmann –, apresentaremos, a seguir alguns pontos acerca de *O Cruzeiro*, para melhor situar esse conjunto de textos na biografia do autor.

Criada e dirigida por um dos mais influentes e polêmicos homens públicos do Brasil à época, Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro* tem uma História longa e de profundas transformações. Em seus primeiros anos, direcionava-se a um público basicamente feminino, em uma lógica que definia o lugar da mulher como o de submissão ao lar e à família:

---

<sup>84</sup> Karl Weissmann esteve presente na *Cruzeiro* em três momentos distintos: ao comentar sobre problemas conjugais a partir da Psicanálise, entre 1947 e 1949; como referência a debates sobre hipnotismo, em 1958; e com uma série de testes psicológicos, nos anos 1960. Falaremos desses outros momentos ao longo da tese.

De cunho conservador, a revista divulgava o tipo ideal de mulher: submissa e que se vinculava ao universo do frívolo e supérfluo; uma mulher que cumpria as normas sociais e tinha seu papel demarcado socialmente: o lar e a condução da família (Grisolio, 2015, p. 15).

Esse posicionamento se alterou nos anos 1940, com o cenário internacional marcado pela Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, com a crescente tensão entre União Soviética e Estados Unidos, na Guerra Fria, que começava a ganhar forma. Como nos mostra Mendes (2011), o ano de 1947 marca uma torção na forma como se estrutura *O Cruzeiro*, com uma ruptura no modelo de revista de variedades sustentado até então. A partir daí, vemos uma postura radicalmente anticomunista e em prol de uma “americanização” do Brasil, buscando colar a própria noção de desenvolvimento do país a uma aproximação ao modelo estadunidense de vida. Segundo Mendes: “Entendemos que nesse momento a americanização começa a ser usada como sinônimo de modernização. Durante a Guerra Fria, a disputa entre os dois polos hegemônicos se apresenta como uma escolha de qual modelo era o ideal” (Mendes, 2011, p. 121). Assim, a autora conclui:

O pós-guerra foi marcado pelo intenso debate de diversos projetos para a modernização. A revista *O Cruzeiro* se apresentou como porta-voz de um desses projetos baseado na promoção da modernização do Brasil, assumindo como modelo os Estados Unidos e defendendo um tipo de desenvolvimento para a sociedade permeado de valores americanizados em todas as esferas sociais, desde a economia até a cultura (Mendes, 2011, p. 122).

Vale lembrar que assumir um caminho relacionado ao contexto da Guerra Fria, em sua luta anticomunista, não significou um abandono da agenda em favor da submissão feminina por parte da revista. Como nos aponta Ribeiro, a linha editorial de *O Cruzeiro*, até os anos 1960:

adotou e anunciou padrões modernos e, nessa perspectiva, publicou aconselhamentos de como ser boa esposa, mãe, e dona de casa; de como se vestir bem e ser elegante, compôs manuais de comportamentos descritos em colunas conservadoras e solidificou a submissão da mulher ao marido, atribuindo a ela, apenas o papel de dona de casa, rainha do lar, e mãe (Ribeiro, 2009, p. 121).

Assim, temos uma publicação que mantém a linha editorial pautando o lugar da mulher como submissa ao lar e ao casamento e que, a partir de 1947, busca se reorganizar. No entanto, não passou por uma mudança quanto ao lugar proposto ao feminino: apenas o organizou a partir de debates modernos. Essa breve apresentação é fundamental, porque Karl Weissmann passou

a publicar ali exatamente no ano de 1947 e, conhecendo a linha editorial de *O Cruzeiro*, temos condições de entender algo da proposta dos seus textos<sup>85</sup>.

Encontramos debates sobre família e gênero já no primeiro artigo, publicado em 18 de outubro de 1947, intitulado “Quando o lar não é um paraíso”. Após comentar uma série de impasses conjugais, Weissmann afirma: “para os psicanalistas os começos dessa hostilidade remontam às épocas em que teve lugar a diferenciação dos sexos, quando uma das partes alcançou um desenvolvimento mais poderoso, obrigando a outra, a mais fraca, a aceitar a submissão” (Weissmann, 1947, p. 82). A centralidade na figura masculina se mantém nesse texto, da mesma forma que em *O dinheiro na vida erótica* (1937). Sendo o único publicado em 1947, traz a conclusão de que as diferenças entre homens e mulheres causariam uma série de divergências, já que “o homem é dado à razão – sobretudo ao estudar psicologia –, enquanto a mulher ao amor” (Weissmann, 1947, p. 82).

Já em “Quem casa quer casa” (1948a), Weissmann apresenta uma série de mudanças que estariam ocorrendo na esfera da família e do casamento. No entanto, elas não colocariam em crise a existência do matrimônio, destacado pelo autor como *lei fundamental da natureza*: “Não fora assim e teríamos subvertidas a ordem mais sagrada do universo, e as leis mais fundamentais da natureza. O próprio mundo deixaria de existir” (Weissmann, 1948a, p. 77).

Dentre as referidas mudanças, traz como exemplo certas transformações naqueles que viriam a ser os lugares do homem e da mulher: “A civilização condescende com uma certa efeminização do homem e certa masculinização da mulher. Esse fenômeno coincide, como já observou Thomas Mann, com a descoberta psicanalítica da bissexualidade original e natural do ser humano” (Weissmann, 1948a, p. 90). Homens, mais preocupados com a aparência, estariam se afeminando, enquanto mulheres, tendo acesso a exercícios físicos, estariam se tornando mais masculinas: “Os homens abrandam suas maneiras. Já não consideram a boa aparência um privilégio feminino. Cortam ou pelo menos aparam os bigodes... Por sua vez, as mulheres exercitam-se nas atividades profissionais e esportivas do sexo masculino” (Weissmann, 1948a, p. 90). A despeito de tais transformações, Weissmann ainda afirma:

O progresso social jamais há de suprimir a esposa, dona de casa e mãe de família, carinhosamente e dedicada companheira do homem. Apesar dos tempos modernos, a mulher sempre há de ser mulher, desejosa de seduzir o homem pelos expedientes secretos de sua arte, arte na qual sempre há de primar. Por outro lado, o homem sempre

---

<sup>85</sup> Encontramos as seguintes publicações de Weissmann em *O Cruzeiro*, no momento em questão: “Quando o lar não é um paraíso”, de 18 de outubro de 1947; “Crise de Maridos” de 31 de julho de 1948; “Quem casa quer casa”, de 7 de agosto de 1948; “Problemas conjugais em revista”, de 14 de agosto de 1948; “Por que falha o matrimônio?”, de 4 de setembro de 1948; “Por que trabalha a mulher?”, de 18 de setembro de 1948; “Bom marido, mas...”, de 16 de julho de 1949; “Édipo no drama conjugal”, de 23 de julho de 1949.

há de ser homem, malgrado a barba escanhoada e as maneiras suavizadas pela civilização (Weissmann, 1948a, p. 90).

Os próximos textos publicados por Weissmann, “Problemas conjugais em revista” (1948b) e “Por que falha o matrimônio?” (1948c), são enumerações de problemas conjugais comuns à época, sendo eles frutos das *exigências* do matrimônio:

Muitos não conseguem corresponder às suas exigências e sucumbem a neuroses e psicoses que popularmente se chamam de “tolices”. Freud pôde observar que sobretudo as mulheres, *cujos instintos são de mais difícil sublimação*, sofrem frequentemente com o casamento as mais terríveis desilusões, contraindo diversas moléstias nervosas que as inutilizam muitas vezes para o resto da existência (Weissmann, 1948c, p. 88, grifo nosso).

Weissmann segue debatendo as “tolices”, bem como suas condições de tratamento:

Muitas pessoas que ao menor distúrbio orgânico recorrem ao médico, desprezam idêntica medida *quando se trata de salvar o equilíbrio da alma e a harmonia do lar*, das quais dependem a felicidade e o bem-estar de uma família inteira. Assim, quando um matrimônio falha, o fracasso é levado à conta de meras “tolices”. [...] Em Psicanálise algumas dessas “tolices” chamam-se complexos, e suas manifestações neuroses ou psicoses. [...] Foi preciso toda uma doutrina psicológica, uma revisão total nos setores mais importantes do conhecimento humano, enfim uma nova interpretação do homem para computar a soma dos sacrifícios e inteligentes esforços necessários para deixar de ser tolo. E ainda resta saber até que ponto é praticável e desejável a cura para nossas tolices (Weissmann, 1948c, p. 4, grifo nosso).

Algo, aqui, chama a atenção: Weissmann dedica seus trabalhos a apresentar impasses conjugais cotidianos, comumente chamados, à época, de tolices. No entanto, há um esforço de traduzir tais “tolices” em uma linguagem psicanalítica, a exemplo do que o autor chama de complexos, neuroses e psicoses. Após transformar problemas cotidianos em questões psicanalíticas, efeito de *uma revisão total nos setores mais importantes do conhecimento humano*, Weissmann indica o tratamento: “Dentre as tolices que ameaçam fundamentalmente a vida conjugal e que se combatem psicanaliticamente, destacam-se as seguintes...” (Weissmann, 1948c, p.4). Após enumerar diversas “tolices”, Weissmann conclui: “Mesmo com a ajuda dos psicanalistas, muitas dessas “tolices” continuarão em vigor, aberta ou disfarçadamente” (Weissmann, 1948c, p. 90).

Seguindo o caminho temático, Weissmann publica “Édipo no drama conjugal” (1949a), texto que torna ainda mais nítida a intenção de debater o casamento a partir de termos psicanalíticos. Segundo ele:

são as ligações afetivas em excesso entre mãe e filho, pai e filha, que, embora não se confundindo com o amor comum e que, longe de construírem necessariamente uma corrupção dos laços maternos e paternos, lançam as bases das desilusões conjugais. *É*

o “complexo de Édipo” de que estamos a falar. [...] São os pais que iniciam, em geral inconscientemente, as séries de todas as nossas ilusões e desilusões. São eles que vão se desdobrando em motivos vários de imitação, temor, admiração, desprezo ou profundo respeito, até tomarem a forma vaga do destino, aquele obscuro poder – que segundo Freud – só uma minoria concebe impessoalmente. [...] (Weissmann, 1949a, p. 81, grifo nosso).

Em consonância com os artigos anteriores, Weissmann interpreta impasses familiares a partir de termos psicanalíticos – no caso, o complexo de Édipo –, para novamente prescrever o tratamento: “Toda uma série de tolices conjugais *que se combatem psicanaliticamente* tem sua origem nas ligações afetivas entre mãe e filho, pai e filha, que, para a infelicidade de muitos casais, se prolongam excessivamente” (Weissmann, 1949a, p. 86, grifo nosso).

Portanto, os textos escritos por nosso biografado em *O Cruzeiro* seguem a linha editorial da revista, visto que o psicanalista debate questões conjugais e de gênero a partir de termos científicos. Aliás, essa passagem de termos cotidianos para uma linguagem psicanalítica é muito bem ilustrada com as seguintes palavras, de “Édipo no drama conjugal”, no momento em que Weissmann debate a noção de destino: “Você é meu destino! tão comum nas juras amorosas, na boca de um apaixonado, de acordo com as *regras semióticas da Psicanálise*, quer dizer: você é minha origem, meu fim” (Weissmann, 1949a, p. 86, grifo nosso). Lembramos, com Russo (2002), que o papel da Psicanálise no esforço de divulgação ao grande público foi o de operar, justamente, essa mudança: da tradição à ciência, sem, no entanto, provocar transformações sociais significativas.

Como temos observado ao longo desta tese, Weissmann vinha difundindo a Psicanálise como uma ferramenta civilizatória, com potencial de harmonizar indivíduo e sociedade. Se encontramos, em *O dinheiro na vida erótica* (1937), forte relação entre o conceito de genitalidade e o ideário defendido pelo governo na Era Vargas, vemos que ele se vale de uma leitura semelhante em *O Cruzeiro*, mas bem adaptada às propostas da revista. Nesses textos, Weissmann pauta uma série de discussões familiares com base na Psicanálise, valendo-se da *semiótica psicanalítica* para interpretar tais fenômenos como neuroses, psicoses ou complexos para, em seguida, indicar o tratamento que poderia *salvar o equilíbrio da alma e a harmonia do lar*: a própria Psicanálise.

Ao lado das publicações, importantes eventos para a vida de Weissmann marcaram o período em questão, a começar pelo fato de ele ter se naturalizado brasileiro, conforme publicação no *Diário Oficial da União* em 20 de novembro de 1947.

Na mesma época, Weissmann estabeleceu diálogo com importantes nomes do movimento psicanalítico nacional e internacional. Por volta de 1945, ele iniciou contato com

um sujeito que ocuparia, décadas depois, um importante – e polêmico – lugar para a Psicanálise no Brasil: Leão Cabernite. O próprio Cabernite afirma<sup>86</sup> que, “em 1945, no terceiro ano do curso (formei-me em 1948), decidi estudar alemão. Para tanto, procurei Karl Weissmann. No intervalo das aulas, ele tocava no violino o minueto de Boccherini e discutíamos Psicanálise” (Cabernite apud Salim, 2010). Conforme apontamos, Weissmann era um importante professor de alemão em Belo Horizonte, para além dos seus trabalhos com Psicanálise e Filosofia. A esse respeito, nosso biografado afirma que:

as ideias de Freud se infiltravam assim, de contrabando, nas aulas particulares e de ginásio. Deve ter resultado daí que mais de um ginásiano, contrariando, talvez, a sua verdadeira vocação, e à minha revelia, se tornou psicanalista tornando-me credor de seu destino e, às vezes, quem sabe lá, de seu ódio vitalício. Pelo menos o senhor Leão Cabernite foi um caso desses e, ao que tudo indica, positivo e com muito sucesso em sua atuação profissional (Weissmann, 1984, p. 171).

Após se formar em Medicina, Leão Cabernite seguiu para o Rio de Janeiro, para estudar Neurologia e Psicanálise. Lá, entrou em contato com Werner Kemper<sup>87</sup>, com quem seguiu sua formação em Psicanálise. E foi justamente com Kemper que Karl Weissmann começou uma importante relação, por volta de 1950 – a respeito da qual falaremos no capítulo seguinte.

Podemos concluir, dessa forma, que o intervalo entre os anos de 1937 e 1949 foi fundamental para a ascensão e consolidação de Weissmann no cenário intelectual brasileiro. Anteriormente já sendo reconhecido como professor de idiomas em Belo Horizonte, com a publicação de *O dinheiro na vida erótica* (1937), seu nome correu o Brasil de maneira elogiosa, tanto em função do livro quanto pela carta de Freud. Ademais, como observamos neste capítulo, os anos seguintes foram agitados, com sua participação em jornais e revistas de circulação nacional, como intelectual presente na Rádio Inconfidência, ou mesmo com a fundação da *Grifo*.

Se esse período pode ser marcado como uma época de ascensão e reconhecimento, os anos seguintes foram surpreendentes para o próprio Weissmann – ao menos em alguns aspectos. Da mesma forma, notamos uma sutil mudança na forma como seus escritos se organizaram, de modo que uma concepção fundamental em seu pensamento começa a ganhar forma: a noção de maturidade. Assim, seguindo os rastros deixados por Weissmann ao longo de sua existência, entramos em um novo capítulo desta tese.

---

<sup>86</sup> Em carta publicada pelo psicanalista Sebastião Salim.

<sup>87</sup> Psicanalista alemão que trabalhou no Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia – conhecido como Instituto Göring –, durante o período nazista. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Kemper foi enviado ao Brasil para formar psicanalistas no país.

## 5 TEMPOS DE ESTRELATO

Marcamos, aqui, um novo período da vida de Karl Weissmann. A chegada desse novo tempo não se deu com uma ruptura, ou com a publicação de algum *best seller*. No entanto, notamos uma importante mudança na forma como Weissmann passou a organizar seus escritos. Há, com a entrada de Goethe em seus textos, a construção de uma noção que seria fundamental em seu percurso, sobretudo a partir dos anos 1960, a de maturidade. Trabalharemos a partir desses escritos, mostrando como o par Goethe-Nietzsche assume um lugar proeminente quando nosso biografado trata de maturidade-imaturidade, da mesma forma como as definições de vida social e civilização vão ganhando forma em decorrência da própria entrada de Goethe em seus trabalhos.

Nesse período, Weissmann já pode ser considerado um relevante intelectual e psicanalista, dado o conjunto de seus trabalhos anteriores. Essa relevância certamente contribuiu para eventos marcantes – e, em certa medida, inesperados até para o próprio Weissmann – que viriam a ocorrer nos anos 1950.

Abordaremos também as relações estabelecidas por ele com intelectuais e políticos, que tornaram possíveis diversas das suas empreitadas. Discutiremos ainda a relação proposta por ele entre Psicanálise e Criminologia, que lhe rendeu ser contratado pelo estado de Minas Gerais como psicanalista de uma penitenciária. Por fim, nos debruçaremos sobre seu percurso com a hipnose, investigando a relação entre hipnotismo e Psicanálise, para demonstrar como Karl Weissmann chegou ao estrelato, com concorridos espetáculos de hipnose em alguns dos maiores teatros do Brasil.

### 5.1 Nos rastros das publicações: Goethe, Nietzsche e a construção da maturidade

Damos início a esse novo período na escrita da vida de Weissmann com a publicação de um breve artigo, em 1949, na *Kriterion*, revista de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A revista – bem avaliada até hoje – trazia publicações de velhos conhecidos do autor, como Mario Casasanta e Eduardo Frieiro. O artigo, intitulado “Goethe, o Gênio Paterno” (1949b), aponta para relevantes concepções de sociedade assumidas pelo autor. Segundo ele, a importância de Goethe seria subestimada por não falantes de alemão: “Não estranhemos, por isso, certo ceticismo e certa incompreensão em face da extraordinária e crescente importância de Goethe por parte de alguns daqueles que estão impedidos de apreciar-lhe a personalidade, dificilmente traduzível para outro idioma” (Weissmann, 1949b, p. 407).

Para além da questão do idioma, Weissmann se vale de elementos da Psicanálise para falar da importância de Goethe para o mundo:

Por ser gênio, não deixou Goethe de ser homem, ou antes, sua grandeza não lhe prejudicou as proporções humanas. Tornou-se destarte o protótipo do grande homem, do homem importante. E, como o grande homem, psicologicamente falando, é sempre um pai, Goethe transformou-se para a humanidade em símbolo paterno. [...] Notaram os psicanalistas que, de há muito, Goethe vem adquirindo significação paterna para boa parte da humanidade (Weissmann, 1949b, pp. 407-408).

O que seria, então, essa questão paterna para Weissmann? Notamos que, no texto, já são esboçadas as proximidades entre os conceitos de paternidade e maturidade: “Aprazia a Goethe, visivelmente, seu papel de excluído do mundo, solitário em seu isolamento grandioso e superior, velho, ou pelo menos *maduro como convém a um pai*” (Weissmann, 1949b, p. 417, grifo nosso). E ao comentar que Goethe “sonhava não só com aventuras espirituais, senão também com realizações de natureza eminentemente prática” (Weissmann, 1949b, p. 412), o autor nos dá indícios do que seria esse gênio paterno: “Thomas Mann, que cita esses fatos vê nisso uma prova do espírito burguês de Goethe. [...] Preferimos ao sentido burguês o sentido paterno, muito embora tenhamos que convir que *pai e burguês amiúde se confundem*” (Weissmann, 1949b, p. 412, grifo nosso). Ao que segue:

Por motivos espiritualmente burgueses, segundo certos autores, ou constitucionalmente paternos, consoante nosso ponto de vista, Goethe, sempre inclinado a favorecer o progresso e a estabelecer a paz entre os homens, *detestava as chamadas lutas de classe e as revoluções*. Não tolerava o fenômeno social da insubordinação. Nem permitia sequer que se discutisse a função superior do mando (Weissmann, 1949b, p. 414, grifo nosso).

Com esse texto, Weissmann nos indica o caminho de sua concepção de progresso, bem como de uma vida social organizada: “não concebemos um Goethe inimigo da legitimidade, da ordem e do poder; um Goethe foragido da lei ou perseguido pela autoridade, como aconteceu e ainda acontece a tantos gênios” (Weissmann, 1949b, p. 415). O autor, então, conclui, comparando Goethe a Nietzsche: “Goethe é um símbolo de pai, em sua olímpica serenidade, assim como Nietzsche, seu discípulo, é um caso de filho em seu *pathos* agressivo e incessante agitação” (Weissmann, 1949b, pp. 108-109, grifo do autor).

Podemos acompanhar Weissmann na construção de um ideal tanto individual quanto coletivo: Goethe seria o auge da maturidade humana, em sua dimensão de serenidade e progresso social. Para nosso biografado, Goethe se afigura como um gênio paterno/burguês no sentido de símbolo máximo da ordem e da legitimidade, bem como da repulsa a conflitos sociais, lutas de classes ou guerras de todo o gênero: “Longe de amedrontar ou ameaçar a

humanidade, à maneira dos arquétipos profetas de outros naipes, Goethe procurava dissipar na alma das gerações as inquietudes e os *temores que a escravizavam*” (Weissmann, 1949b, p. 415, grifo nosso). Em oposição a Nietzsche – comparado a um filho em sua agressividade e agitação –, Goethe se orienta para o que será concebido como exemplo maior da maturidade, em suas dimensões individuais e coletivas.

Aliás, os trabalhos sobre Nietzsche e maturidade nos levam para outro conjunto de publicações de Weissmann, iniciado ainda em 1949. Estamos nos referindo a seus textos na *Acaiaca*, revista de cultura mineira que, em função de sua importância no estado – bem como pelo teor das suas publicações e pela participação constante de políticos e intelectuais de relevância nacional –, pede uma breve apresentação.

Fundada em 1948, a *Acaiaca* teve uma década de vida, sendo publicada até 1958. Seu primeiro número trouxe um editorial escrito por Paulo Dias Correia, médico e psicanalista mineiro<sup>88</sup>, que exaltava a importância de se dedicar aos assuntos da cultura e do espírito. Os temas publicados na revista são diversos, transitando entre artes plásticas, poesia, Psicanálise, Filosofia etc. Apesar de ser apresentada como uma revista de cultura, sem partidanismos políticos ou religiosos, tinha em sua composição editoriais notáveis intelectuais, artistas e políticos da capital mineira: “São as figuras políticas e artísticas mais importantes da cidade que compõem sua redação e, seu público, mesmo quando em edições especiais voltadas para cidades no interior, foi durante toda a vida da revista a elite mineira” (Menezes, 2010, p. 201).

Dentre os nomes constantes que assinavam textos na revista destacam-se Cecília Meireles, Ferreira Gullar, o próprio Paulo Dias Corrêa, Manuel Bandeira, Celso Brant e Juscelino Kubitschek. Este último chega a pautar alguns dos caminhos da *Acaiaca*: “Após a eleição de Juscelino Kubitschek para o governo do estado de Minas Gerais, cargo que assume em 31 de janeiro de 1951, sua influência, que já se fazia presente desde sua entrada como colaborador, aumenta consideravelmente” (Menezes, 2010, p. 206). Kubitschek, em seu projeto de modernização do estado, defendia uma maior interlocução entre Belo Horizonte e outras regiões mineiras, ideia que foi prontamente seguida pela *Acaiaca*, que começou a publicar números inteiramente dedicados a cidades do interior de Minas Gerais em 1951. Acerca da revista, Menezes também nos lembra:

Revista de uma elite intelectual e política de Belo Horizonte que soubera, em novos tempos, empreender novas formas de dominação, a *Acaiaca* exerceu um grande papel no cenário político e não apenas cultural da cidade. A publicação buscava oferecer ao seu público as referências do que era ou não era de “bom gosto”, o que deveria ser

---

<sup>88</sup> Lembramos que Correia foi, além de um autor constante, o primeiro diretor da revista, ficando no cargo até o fim de 1949.

admirado e ignorado, num jogo de constantes referências aos modelos europeus, elencando um panteão de pintores, escritores e poetas (Menezes, 2010, p. 208).

Assim, temos uma publicação que endossou de perto o projeto defendido por Juscelino Kubitschek nos períodos em que fora deputado federal por Minas Gerais e, de maneira ainda mais nítida, quando ele ocupou a cadeira de governador do estado. *Acaiaca*, uma revista de cultura que visava apresentar o que deveria ser considerado de *bom gosto*, nitidamente inspirado em intelectuais e artistas europeus<sup>89</sup>, “representou um importante veículo de transmissão de ideias e valores caros à elite belo-horizontina” (Menezes, 2010, p. 203). Para além disso, “a revista esteve efetivamente, para além do cenário cultural e artístico, presente na consolidação de uma ideologia política (Menezes, 2010, p. 213).

Dentre os autores de relevância intelectual, cultural e política do estado de Minas Gerais, encontra-se, então, Karl Weissmann, que publicou diversos textos na *Acaiaca*. Como demonstraremos, seus textos seguiam de perto a política editorial da revista. Podemos organizá-los da seguinte maneira: textos sobre Nietzsche; ensaios sobre Psicanálise; e um texto que abre suas discussões entre Psicanálise e Criminologia. E, como veremos, o conceito de maturidade se torna o operador central dos três tópicos mencionados<sup>90</sup>.

Quanto aos textos sobre Nietzsche, vemos Weissmann seguir seu projeto de escrever sobre filósofos e intelectuais de origem germânica. Nos textos para a *Acaiaca*, percebemos que Nietzsche é, também, um autor presente nas reflexões do autor<sup>91</sup>. Tais textos envolvem um necrológio, escrito em 1949 – publicado, portanto no período em que Paulo Dias Correia estava na direção da revista –, e uma pequena biografia, publicada no ano de 1951, em um volume inteiramente dedicado a Nietzsche e organizado pelo próprio Weissmann<sup>92</sup>.

O que encontramos, no conteúdo dos textos, segue aquilo que o autor já havia publicado a respeito de Nietzsche, em trabalhos anteriores. Ao comentar os trabalhos do filósofo alemão, Weissmann o apresenta como oposto de Goethe – o gênio paterno/burguês –, encarnando um espírito de rebeldia pouco compatível com a civilização. Tais leituras passam, certamente, pela

---

<sup>89</sup> Eram constantes, na revista, a apresentação de partituras de Bethoven e textos sobre Goethe, Descartes, Nietzsche ou Filosofia Grega.

<sup>90</sup> Além desses trabalhos, Weissmann traduziu do alemão alguns textos para serem publicados na revista, o que reforçou sua posição de referência no idioma.

<sup>91</sup> Apresentaremos elementos dos textos escritos por Weissmann sem nos ater à preocupação com a pertinência de suas teses a respeito de Nietzsche. O que nos importa é o modo como o filósofo entrou no conjunto de seus trabalhos.

<sup>92</sup> Importante reconhecer que Weissmann, mesmo não sendo um dos editores da revista, organizou todo o volume sobre Nietzsche, o que nos aponta para seu reconhecimento enquanto versado no assunto – certamente ao lado de especialista em Schopenhauer e Freud.

Psicanálise. É o que observamos no primeiro, um necrológio escrito em 1949, quando o autor comenta os efeitos da rígida autoridade do pai de Nietzsche sobre o filho:

As impressões recebidas entre os dois e quatro anos são as mais decisivas, asseveram os psicólogos. E se assim é, bem se pode dizer que Karl Ludwig Nietzsche teve tempo de fazer sentir ao filho o peso de sua autoridade e fazer influir em sua formação. A tragédia do Édipo, oriunda desse rancor inconsciente contra o progenitor, assumiu na existência de Nietzsche todas as formas clássicas (Weissmann, 1949c, p. 67).

O trecho acima se refere, nitidamente, à relação do jovem Nietzsche com o pai – falecido pouco depois do filho passar dos quatro anos –, tendo como chave de leitura a noção de Édipo. Nesse breve texto, Weissmann já esboça elementos da vida de Nietzsche, com vistas a situá-lo como contraexemplo de maturidade. As ideias aqui presentes são expandidas em um texto publicado em 1951, também na *Acaiaca*, em volume especial, organizado por Weissmann e inteiramente dedicado a Nietzsche. O texto de abertura do volume, intitulado “Nietzsche, o Contemporâneo da Luta”, propõe-se a apresentar um perfil do filósofo ao longo de suas quase quarenta páginas.

No texto em questão, encontramos uma detalhada discussão de diversos trabalhos de Nietzsche. Também são comentados momentos da vida do filósofo, a exemplo da sua relação com Wagner e Cosima, além dos lugares favoritos de Nietzsche, como a Itália, inspiração para parte considerável de seu trabalho sobre a Renascença. Elementos do seu pensamento também são apresentados, sobretudo o caráter de tensão e a importância da luta contra a fraqueza e o intelectualismo. No entanto, apesar de apresentar a vida e diversas ideias de Nietzsche, Weissmann não parece se entusiasmar com as propostas do autor que estudara: “Decepcionado com a razão, [Nietzsche] esperava encontrar no irracional, no demoníaco e no combate ao intelectualismo as verdadeiras fontes da vida. Sabemos em que desastrosas experiências resultaram as tentativas de encontrar a vida no combate à razão [...]” (Weissmann, 1951, p. 28).

Lendo no filósofo germânico uma decepção com a razão humana, Weissmann chega a afirmar que “o génio de Nietzsche, que é a encarnação da luta, tem de ser refratário ao ideal universal de um mundo melhor e mais justo, mais equilibrado e mais feliz” (Weissmann, 1951, p. 28), fazendo de Nietzsche o oposto de Goethe:

De acordo com seus princípios, fez-se psicólogo, despertar energias e aumentar as possibilidades criadoras da alma, sem cogitar propriamente de ampliar os domínios do consciente, ou de liberar o homem de conflitos interiores, *de complexos ou de qualquer dos temores que o escravizam*<sup>93</sup>. Penetrou nos recessos da personalidade, não tanto para sublimar, mas antes para justificar e incentivar os impulsos agressivos;

---

<sup>93</sup> Como vimos anteriormente, Weissmann apresenta Goethe de maneira exatamente oposta, sendo alguém que procurava *dissipar os temores que escravizam*.

*não para estabelecer a ordem e a paz, mas, sim, o caos, o caos criador* (Weissmann, 1951, p. 13, grifo nosso).

Ao lado dessa apresentação crítica de tais ideias, encontramos também comparações entre Nietzsche e Freud, marcando uma importante diferença entre ambos, lida a partir da própria Psicanálise:

A declaração de Nietzsche “Deus está morto” tem um sentido mais transcendental do que geralmente se admite: traduz o conflito entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, de que nos fala Freud [...]. Nietzsche encarna esse conflito entre o “princípio do prazer” e o “princípio da realidade”, entre as forças regressivas e as forças progressivas, entre o “sim” e o “não” (Weissmann, 1951, p. 16)<sup>94</sup>.

Seguindo esses argumentos, Nietzsche teria como objetivo enfraquecer o princípio da realidade, elevando o princípio do prazer, instância na qual se localizaria a força do pensamento nietzschiano. E, se entre Freud e Nietzsche há essa diferença conceitual, há nitidamente, também, uma relação de oposição entre ambos quanto aos efeitos das ideias de cada um dos autores: “Não estranhemos que sua análise não acalme como a de Freud, mas que, ao contrário, exalte e que longe de servir a propósitos psiquiátricos, gere perigosos estímulos, capazes de conduzir à loucura” (Weissmann, 1951, p. 14). Nietzsche, fazendo-se psicólogo, seguiria em uma direção perigosa, já que, segundo Weissmann, sua obra poderia suprimir a ordem e a paz, conduzindo os sujeitos à loucura.

Aliás, havendo a demarcação de uma diferença entre os pensamentos de Freud e Nietzsche – bem como de seus efeitos –, observamos Weissmann ir além e propor uma discussão da própria loucura do filósofo alemão a partir da Psicanálise e de Jung:

O ato criador e libertador do mundo – valha-nos a fórmula de Jung - que Nietzsche esperara realizar e de certo modo realizou exige além da supressão do pai, o matricídio. Êle, que se atreve às mais extremadas consequências, que fizera falar seus abismos e expusera à luz suas recônditas profundidades, tinha primeiro, que enfrentar e vencer esse derradeiro obstáculo, para, depois, arrostar com o resultado de sua heresia: a loucura, ou seja, a solidão das solidões (Weissmann, 1951, p. 31).

Ao que conclui, comparando Nietzsche ao próprio Édipo, personagem da tragédia de Sófocles:

Édipo castigou-se a si mesmo arrancando os próprios olhos. Nietzsche, em busca da velha Grécia, em seu rancor contra o Deus dos cristãos, utilizando os mesmos recursos para libertar suas energias, também privado da vista, terminou seus dias nas trevas da loucura (Weissmann, 1951, p. 19).

---

<sup>94</sup> Notamos, aqui, uma forte referência ao texto freudiano *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911/2010).

Por fim, e valendo-se novamente da Psicanálise, Weissmann se propõe a explicar os motivos de Cosima – esposa de Wagner, apelidada de Ariana – preferir o músico a Nietzsche:

Nietzsche esperava que Ariana — do mesmo modo que antes havia abandonado von Buelow, seu legítimo esposo, para unir-se a Wagner — deixaria desta vez Teseo para seguir Dionísio. Nessa expectativa ele feria, sem o suspeitar, um delicado e *poderoso complexo*, que, envolto nas alegorias do mito, veio a ser tão solene e magistralmente dramatizado, por Sófocles e Eurípedes: o complexo de Electra, equivalente feminino do complexo de Édipo. Em seus dramas, os dois citados trágicos fazem ressaltar as relações ilícitas entre pai e filha e às convicções religiosas misturam-se as afeições sexuais. Ora, para Cósima, Nietzsche nunca poderia comparar-se a Wagner nem muito menos, superá-lo. Filha de Liszt, em caso algum ela consentiria em trocar pelo poeta o genial músico a quem respeitosa e só chamava de mestre, exaltando e glorificando assim, na pessoa do esposo em perspectiva, a imagem do pai (Weissmann, 1951, pp. 30-31, grifo nosso).

Como pode ser observado, Weissmann se vale da Psicanálise não apenas para propor uma explicação para a loucura de Nietzsche, mas também suas decepções amorosas seriam justificadas psicanaliticamente. Segundo ele, Nietzsche não seria um concorrente à altura de Wagner, já que Cosima, filha de Liszt<sup>95</sup>, sempre teria como preferência um compositor a um filósofo. A explicação passaria pelo Édipo – ou, no caso, Electra –, o *poderoso complexo* que Nietzsche teria tentado ferir, sem sucesso.

Assim, de um modo geral, encontramos nos textos sobre Nietzsche, publicados por Weissmann na *Acaiaca*, elementos que merecem destaque, a começar pelo próprio fato de o autor avançar em seu projeto de escrever sobre três grandes intelectuais germânicos: Schopenhauer, Nietzsche e Freud. O livro planejado não chegou a ser publicado, o que pouco interessa, ao menos no sentido de apresentar elementos dos três autores. Com seu livro sobre Schopenhauer – um sucesso editorial –, seu reconhecimento enquanto psicanalista e *discípulo de Freud*, mais os textos sobre Nietzsche, nosso biografado parece consolidar seu projeto.

Para além disso, Weissmann destaca a relação entre os três intelectuais. Em seu trabalho, Schopenhauer é apresentado como forte referência para Nietzsche, que teria sido intensamente afetado com a leitura de *O mundo como Vontade e Representação*: “o pessimismo de Schopenhauer comunica-lhe uma nova força, dessas que, à maneira da música, elevam a alma a tais alturas que todas as misérias se perdem de vista” (Weissmann, 1951, p. 21). Já a relação de Nietzsche com Freud seria de certa distância quanto aos conceitos – sobretudo no que tange à dualidade entre princípio do prazer e princípio da realidade –, e de verdadeira oposição quanto aos efeitos de suas teorias: Freud, tal como Goethe, traria uma cura dos *temores que escravizam*,

---

<sup>95</sup> Franz Liszt, importante compositor húngaro, que viveu no século XIX.

enquanto Nietzsche teria um potencial enlouquecedor, sendo que Weissmann se vale do próprio exemplo nietzschiano para ilustrar tal afirmação.

Lembramos que essas distinções e demarcações têm um forte motivo: Weissmann sempre havia se declarado psicanalista, e não um filósofo de inspiração nietzschiana. Se ele chegou até os anos 1950 fazendo uso da Psicanálise na leitura de fenômenos diversos – clínicos, financeiros, familiares etc. –, aqui, continuará se valendo de certas noções psicanalíticas para discutir questões pessoais de Nietzsche, como os impasses amorosos e a própria loucura.

Por fim, os trabalhos dedicados a Nietzsche surgem em um momento próximo à entrada de Goethe nos trabalhos de Weissmann. Ambos os autores têm relação, como demonstramos anteriormente, de verdadeiro antagonismo – aproximando Goethe da obra freudiana –, que opera no sentido de trazer bases para o conceito de maturidade, que começa a ganhar corpo nos escritos de nosso biografado. E é justamente esse conceito que nos leva para o próximo conjunto de textos publicados por ele na *Acaiaca*, mais voltados a um debate psicanalítico propriamente dito.

Os textos de Weissmann, especificamente sobre Psicanálise e maturidade, publicados na *Acaiaca*, têm início em julho de 1950, com “O infantilismo no homem moderno”, seguido por “3 aspectos do infantilismo no homem moderno”, de julho de 1951, e “Tipos honorários”, publicado em janeiro de 1952.

O primeiro deles, “O infantilismo no homem moderno” (1950a), é introduzido de maneira interessante, uma vez que, nas páginas anteriores ao texto, notamos que há um breve texto intitulado “Precioso autógrafo de Freud” (1950b). Nele, há uma cópia da carta enviada por Freud a Weissmann<sup>96</sup>, bem como sua tradução. Assim, a famosa missiva estampava as páginas anteriores ao seu primeiro artigo sobre Psicanálise publicado na revista mineira, operando como verdadeiro cartão de apresentação de suas credenciais para falar do assunto<sup>97</sup>.

Quanto a “Infantilismo no homem moderno” (1950a), a abertura já nos indica o tom do texto: há uma citação de Goethe, retirada de *Fausto*, a respeito da relação entre idade e maturidade<sup>98</sup>, que pode ser traduzida livremente por “A idade não nos torna adultos. Não! Faz de nós crianças de verdade” (Goethe apud Weissmann, 1950a p. 18). A aposta na Psicanálise é alta:

Indicar o que há de infantil no homem moderno não é tão simples como determinar o que é preto e o que é branco, frio ou quente. Só graças à Psicanálise, com seu meio século de fecundas experiências *nos domínios do conhecimento e do controle da*

<sup>96</sup> Como pode ser visto no anexo 11.

<sup>97</sup> Semelhante ao que fazia Gastão Pereira da Silva.

<sup>98</sup> “*Das alter macht nicht kindisch, wie man spricht, Es findet uns nur noch als war kinder*”.

*natureza humana*, explorando sistematicamente o prolongamento da nossa infância, é que podemos saber a rigor — respeitando, é claro, a necessária inexatidão de todas as ciências do espírito e biológicas — o que é infantil e o que é adulto numa pessoa, época ou instituição. Só a Psicanálise nos permite avaliar aproximadamente a medida em que o drama de toda a humanidade decorre do infantilismo e o que é lícito esperar de um "salvador". Sem as revelações psicanalíticas acerca das atividades e desenvolvimento do Eu, sem o conceito da libido com seus estágios consecutivos e vinculamentos anatômico-fisiológicos, sem o complexo de Édipo, sem a exploração, enfim, do inconsciente, jamais chegaríamos a saber por que entre todos os seres vivos precisamente o homo sapiens, ainda não encontrou o seu meio adequado, ou antes, por que unicamente ele ainda não se acha preparado para o seu mundo, reagindo ao mesmo inábil, imatura e irracionalmente (Weissmann, 1950a, p. 18, grifo nosso).

Ao longo dos três textos dedicados àquilo que Weissmann chama de infantilismo no homem moderno, encontramos um autor interessado em difundir a Psicanálise a partir de uma chave de leitura sustentada na oposição entre infância-maturidade. Tais conceitos, defendidos a partir da Psicanálise, tinham íntimas relações com os autores Nietzsche-Goethe conforme apresentados por ele. O autor defende, ainda, que apenas a partir da Psicanálise seria possível se chegar a um sólido conhecimento acerca da maturidade: “A luta contra o infantilismo é, pelo menos por enquanto, apanágio da Psicanálise. [...] Produto da própria evolução libertadora que é, a Psicanálise unicamente ajuda a evoluir e a libertar-nos da tirania infantil” (Weissmann, 1950a, pp. 23-24). E, sustentando que, “em Psicanálise, o tipo infantil é o tipo pregenital” (Weissmann, 1950a, p. 24), ele já adianta uma longa lista a respeito dessas pessoas. Segundo o autor:

O tipo infantil pertence invariavelmente à classe das pessoas que: não sabem verdadeiramente o que querem e vivem a desejar coisas impossíveis; são simbólicos; sempre tem necessidade de um ideal; vivem emocionalmente subordinadas aos pais ou demais pessoas da família; são amigos inseparáveis; são entusiastas do progresso técnico; são dados ao especialismo, não obstante sua índole dispersiva; são acumulativos, colecionadores, adotando um critério eminentemente quantitativo na seleção dos valores; são sádico-masoquistas (sociais, culturais e, frequentemente, sexuais); são fetichistas, inclinados ao travesti; têm uma predileção pronunciada pela indumentária marrom; são dados ao alcoolismo, à falta de outro entorpecente; são vítimas do problematismo conjugal, dentro e fora do matrimônio; são revolucionários, pré-revolucionários ou obstinados conservadores; são os tipos honorários; são sistematicamente do contra (Weissmann, 1950a, pp. 24-25).

Após a apresentação da longa lista dos tipos de pessoas com possíveis tendências infantis, Weissmann chega a aprofundar algumas de suas ideias a respeito do tema. No entanto, não entraremos, neste momento, no conteúdo desses textos, pelo fato de ensaiarem as teses apresentadas naquele que será seu mais importante livro, *A conquista da maturidade*, publicado no início dos anos 1960. Interessa-nos demonstrar, aqui, o quanto a Psicanálise se mantém, em seus escritos, como uma importante ferramenta não apenas clínica, mas de debate acerca de uma série de valores sociais e políticos, como o uso de roupas marrons ou revoluções.

Já o outro texto que destacamos nessa série de escritos presentes na *Acaiaca*, que envolve Psicanálise e Criminologia, anuncia não só um conjunto de hipóteses defendidas por Weissmann, mas um importante caminho trilhado por ele ao longo da década de 1950. O artigo “A base anal da criminalidade” (1952) pode ser visto como o prelúdio do que estava por vir nos próximos anos, uma vez que ele seria contratado como psicanalista de uma penitenciária mineira no ano seguinte. É a respeito dos escritos sobre Psicanálise e Criminologia, bem como sobre sua atuação como psicanalista em uma penitenciária em Minas Gerais, que trataremos a seguir.

## **5.2 Ensaio sobre Psicanálise e Criminologia: das fases da libido ao trabalho em penitenciária**

O primeiro trabalho que encontramos sobre a relação entre Psicanálise e Criminologia, conforme apontamos anteriormente, é “A base anal da criminalidade” (1952). Apesar de já ter ensaiado ideias nessa direção em textos anteriores, é em 1952 que Weissmann dedica um artigo exclusivamente ao tema.

Nesse trabalho, observamos Weissmann basear sua leitura dos fenômenos da criminalidade a partir das ideias que já encontrávamos anteriormente, sobretudo quanto à questão do desenvolvimento da libido. Notamos também que as ideias de Freud são situadas no campo da Criminologia em oposição aos trabalhos de Lombroso<sup>99</sup>:

Foi no princípio deste século que Freud descobriu a sede anatômica dos impulsos de morte (a região onde se eliminam os dejetos). Essa descoberta, que, no começo, provocou terríveis controvérsias, tornando-se objeto de pesquisas ulteriores, resultou na ingente contribuição da Psicanálise à criminalística moderna. A teoria da libido com seus estágios consecutivos e vinculamentos anatômico-fisiológicos, mostrou-se particularmente fecunda em consequência nos domínios da criminologia [...] Estabelecendo a base anal da criminalidade, o pai da Psicanálise, contrariando as teorias de Lombroso acerca da delinquência congênita, firmou o princípio, segundo o qual todos os homens, sem exceção, passaram por uma fase anal, isto é, delinquente, no curso de seu desenvolvimento, e que normalmente nela permanecem durante uma boa parte de sua vida. Os criminosos seriam unicamente os indivíduos que prolongam esse estágio pregenital (anal) ou a ele regridem em razão de alguma dificuldade encontrada em sua ulterior evolução para a genitalidade (Weissmann, 1952, p. 28).

Ao longo do texto, após afirmar que “o delinquente habitual é invariavelmente um tipo pregenital (oral ou anal)” (Weissmann, 1952, p. 30), o autor ensaia uma série de articulações

---

<sup>99</sup> Cesare Lombroso (1835 - 1909) foi um psiquiatra, antropólogo e criminologista italiano. Suas ideias acerca da relação entre crime e hereditariedade fizeram dele um importante e polêmico nome para os estudos em Criminologia.

entre essa leitura do desenvolvimento libidinal e tipos específicos de crimes, como o furto, o homicídio, o jogo e o alcoolismo<sup>100</sup>. De modo geral, encontramos, aqui, ideias que o autor trazia desde os anos 1930, envolvendo uma leitura psicanalítica do desenvolvimento da libido aplicada aos mais diversos campos da experiência humana.

Chama a atenção o fato de Weissmann opor as ideias de Freud às de Lombroso, sobretudo na distinção entre o caráter congênito da teoria criminal lombrosiana e os aspectos desenvolvimentistas e constitucionais presentes na Psicanálise. Assim, Weissmann coloca o sujeito que cometeu crimes no campo da neurose, e não da genética. E, se tais sujeitos se assemelham, constitutivamente, ao neurótico, o campo de trabalho junto a eles passaria, necessariamente, pela Psicanálise.

As ideias presentes no artigo – bem como suas conclusões acerca do potencial da Psicanálise – abriram caminhos para Weissmann. Em março de 1953, ele foi contratado como psicanalista de uma importante penitenciária mineira, localizada em Ribeirão das Neves, como atesta uma publicação do jornal carioca *Correio da Manhã*, datada de 24 de março de 1953:

O prof. Karl Weissmann acaba de ser designado pelo governador do Estado, para exercer a função de psicanalista da Penitenciária Agrícola de Neves, sendo esta a primeira designação do gênero em todo o país, muito embora na Europa a assistência psicanalítica já constitua rotina há muitos anos. O prof. Karl Weissmann dedica-se há mais de 20 anos aos estudos do subconsciente, sendo conhecido além das fronteiras do Brasil (*Correio da Manhã*, 1953, p. 4).

O governador de Minas Gerais, à época da contratação, era precisamente Juscelino Kubitschek. Acreditamos que os trabalhos de Weissmann na *Acaiaca* criaram as pontes necessárias para essa escolha, pois, como vimos, Kubitschek era um dos mais importantes nomes da revista. Para além disso, o governador havia nomeado como diretor da penitenciária o advogado e político Alberto Teixeira dos Santos Filho<sup>101</sup>, responsável direto pela contratação de Weissmann, que comenta em entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, em 19 de abril de 1953:

Cumpre-me congratular-me com os mineiros pelo precedente que abriram no penitencialismo nacional. A penitenciária de Neves, dirigida pelo dr. Alberto Teixeira dos Santos Filho, pela primeira vez promete tornar possível e eficaz a ação terapêutica e pedagógica da Psicanálise nos estabelecimentos penais [...] A penitenciária de Neves tem realizado verdadeiros prodígios dentre desses limites mantidos por lei (Weissmann, 1953, p. 6).

<sup>100</sup> Segundo Weissmann, o alcoolismo seria “veículo, ou, melhor, pretexto para todos os crimes” (Weissmann, 1952, p. 32).

<sup>101</sup> Santos Filho foi deputado estadual em Minas Gerais entre 1947 e 1951. Foi também o primeiro prefeito do município mineiro de Congonhas.

Ao longo dessa entrevista, em que Weissmann é apresentado como “uma das maiores autoridades em Psicanálise que possuímos” (Weissmann, 1953, p. 6), vemos nosso autor avançar em suas hipóteses sobre a questão da delinquência. Ao ser questionado sobre qual seria a “índole dos nossos criminosos”, Weissmann responde: “Essa varia, naturalmente, de indivíduo para indivíduo, como de classe para classe”, ao que segue: “*nossos delinquentes são, em sua quase totalidade, homens pacatos*” (Weissmann, 1953, p. 6, grifo nosso). Há, aqui, uma continuidade em relação às ideias apresentadas em “A base anal da criminalidade” (1952), quanto à aproximação entre as condições da neurose e do crime.

Para além dos textos citados acima, encontramos, acerca do trabalho de Weissmann na penitenciária, outros dois escritos e um trecho de entrevista concedida nos anos 1980. Acreditamos que esses textos podem nos fornecer maiores indícios acerca do seu ofício de psicanalista nesse campo de trabalho. Eles se encontram publicados em *Ensaio e experiências*, livro publicado em 1967.

Em “O Criminoso como personalidade neurótica e psicopática” (1967b), Weissmann discute elementos presentes em “A base anal da criminalidade” (1952), defendendo que “os três mecanismos apontados como responsáveis pela criminalidade neurótica são: a inconsciência dos motivos subjetivos do crime, o sentimento de culpa que preexiste ao delito e o indefectível masoquismo que corresponde às necessidades punitivas e de autoexpição” (Weissmann, 1967b, p. 124). Partindo daí, o autor traça uma forte relação entre neurose e o ato do crime: “A diferença entre o neurótico e o que Bergler chamou de criminótico consiste basicamente no modo de exteriorizar o seu conflito interior. O neurótico exterioriza por meio de sintomas mórbidos à sociedade, o criminoso por meio de atos proibidos” (Weissmann, 1967b, p. 122).

Ele então ilustra tal distinção com sua prática, afirmando que:

na minha prática com detentos pude observar amiúde a reversão desse processo psíquico: sequestrados da possibilidade de escoar seus impulsos à maneira habitual, isto é, delinquentemente, os detentos apresentavam sintomas neuróticos morbidos. [...] Muitos são os presos que tentam defender-se autoplásticamente, satisfazendo, direta ou indiretamente, a sua criminalidade específica dentro do próprio estabelecimento penal, burlando, desafiando ou subornando a vigilância. Há os que tentam uma solução de seu conflito via sublimação, recorrendo aos expedientes literários, por exemplo. Geralmente sem êxitos compensadores. Mais de um dos meus pacientes escreviam o seu “Romance de um Condenado”, ou suas “Memórias do Cárcere”. Um famoso batador de carteiras elaborou um manual de prevenção contra os meliantes de sua classe. O resultado de seu bem intencionado projeto foi uma terrível crise nervosa (Weissmann, 1967b, pp. 122-123).

Mesmo reconhecendo a importância de realizar um trabalho psicanalítico junto aos detentos, Weissmann dedica boa parte de “Psicanálise em penitenciária” (1967c) a debater os

impasses dessa prática: “Como seria fácil de imaginar, dentro dos muros de um presídio a natural resistência à Psicanálise, como tal, é necessariamente maior. O detento é geralmente mais exercitado no uso da resistência” (Weissmann, 1967c, p. 137). No entanto, e apesar dos impasses, ele comenta a respeito desse trabalho, ilustrando-o com um caso atendido na penitenciária, durante a entrevista realizada em 1983:

Meu trabalho era o de recuperar delinquentes e principalmente de pesquisa no terreno paralelo da neurose e da criminalidade. [...] Na época em que assumi o meu posto na Penitenciária de Neves, li o trabalho de uma analista que exercia a sua função no famoso presídio de Dartmouth, na Inglaterra, onde os presos ainda eram regularmente surrados. A citada analista tinha, entre outras atribuições de sua competência, de examinar os detentos, a fim de verificar se estavam ou não em boas condições psicológicas para serem açoitados... Está subentendido que minha função em Neves não era essa. A minha tarefa consistia, entre outras, em neutralizar as tendências e manifestações sadomasoquistas, sabendo que a pena, ainda a mais humana, constituía o móvel inconsciente do crime. Mas não são unicamente os detentos, senão também os funcionários que se beneficiam da presença de um psicanalista. Um exemplo: um assaltante, no oitavo mês de análise e com sinais de recuperação, contou-me este sonho, que valeu por um valioso aviso: “Estou-me penteando diante de uma pessoa que não consigo identificar. Passando o pente, noto que do interior da minha cabeça saem vermes, que, ao caírem ao chão, se transformam em moscas varejeiras. Estranhei o fato de a saída dos vermes se processar sem causar dor, sem abrir orifícios no crânio e sem ao menos provocar hemorragia.” À minha pergunta: o que é que sai de dentro da cabeça da gente sem dor, sem abrir buraco no crânio e sem provocar hemorragia, o próprio detendo só teve uma resposta: os pensamentos. À minha argumentação: mas pensamentos que assumem a forma de vermes e de moscas varejeiras são pensamentos podres, pensamentos de morte e de fuga, o preso acabou confessando-me um plano de evasão em massa, vinculado a um sinistro programa de matança (Weissmann, 1984, pp. 173-174).

Weissmann seguiu na penitenciária até 1959. Apesar de ter se desvinculado do trabalho junto aos detentos, seguiu dando aulas a respeito do tema, como nos atesta uma reportagem publicada no *Correio de Manhã*, de 13 de maio de 1960. Weissmann, que na reportagem é apresentado como “Antigo psicanalista da Penitenciária de Neves” (*Correio da Manhã*, 1960, não paginado), teria ministrado uma aula sobre Psicanálise e Criminologia aos alunos da Faculdade de Direito em Belo Horizonte, onde defendeu suas teses a respeito da temática, afirmando que “a psicologia aumenta a compreensão entre os homens, de que poderá resultar um mundo de menos medo e ódio. Ela é necessária com todos os seus defeitos e faltas” (*Correio da Manhã*, 1960, não paginado).

Sabemos que os trabalhos envolvendo Psicanálise e Criminologia não eram novidade, à época das incursões de Weissmann. Já nos anos 1930, notamos um florescimento de propostas de articulação entre a Psicanálise e o fenômeno da criminalidade em diversos países do mundo,

além de o debate já ter existido em anos anteriores<sup>102</sup>. Podemos assinalar, como exemplo, as propostas do juiz Carranca e Trujillo, no México (Gallo, 2015), os trabalhos de Franz Alexander e Hugo Staub (1934), em Berlim, ou mesmo a tese defendida pelo psicanalista francês Jacques Lacan, intitulada *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* (1932/1987), na qual discute a tentativa de homicídio no caso Aimée e o assassinato cometido pelas irmãs Papin. O caso brasileiro não se fez diferente. Autores como Porto-Carrero (1932), Arthur Ramos (1937) e Ribeiro (1935/2010) já apresentavam caminhos de leitura na articulação entre Psicanálise e Criminologia, sobretudo em uma interlocução com a Medicina forense.

No entanto, notamos que há, no caso de Weissmann, algo que merece destaque. Para além do desenvolvimento teórico presente em seus textos – sendo os autores Alexander e Staub nomes comuns nesses trabalhos –, há que se destacar o fato de ele ter sido contratado como *psicanalista* na Penitenciária de Ribeirão das Neves, mesmo não sendo médico. Esse evento parece ter sido consequência de ao menos dois fatores, intimamente relacionados: seu reconhecimento como importante psicanalista no período, contando, à época, com dezenas de artigos publicados em jornais e revistas de grande circulação; e o conjunto de relações estabelecidas por Weissmann desde os anos 1930, já que circulava entre a *elite intelectual* mineira, publicando textos ao lado de importantes escritores, políticos e intelectuais, a exemplo do próprio Juscelino Kubitschek, governador do estado à época da contratação.

Por fim, lembramos que o trabalho de Weissmann na penitenciária se deu no momento em que ele se aproximou de um importante psicanalista da época: Werner Kemper. Leão Cabernite aponta que, em 1949, Weissmann “se correspondia com Werner Kemper, psicanalista alemão didata da IPA, que estabeleceu moradia no Rio, convidado por médicos daquela cidade para organizar e formar uma Associação de Psicanálise” (Cabernite apud Salim, 2010, p. 258).

A respeito desse contato, o psicanalista Sebastião Salim, ao longo de uma conversa pessoal, pôde nos trazer informações preciosas:

E o certo é que, com a chegada do Kemper no Rio, houve uma preocupação do próprio Kemper de divulgar um pouco a Psicanálise. E ele queria fazer esse trabalho em Belo Horizonte. O próprio Kemper queria fazer esse trabalho em Belo Horizonte. Então ele fez um contato com o Karl Weissmann para reunir aqui [em Belo Horizonte] as pessoas interessadas em fazer a formação no Rio (S. Salim, comunicação pessoal, 24 jun. 2014).

---

<sup>102</sup> Vale lembrar que o campo de articulação entre Psicanálise e a Criminologia já era objeto de investigação de diversos autores, durante as décadas anteriores, sobretudo no campo da Medicina Forense. O que destacamos é a expansão desse campo de discussão para além dos limites das práticas médicas, visto que advogados, juízes, e demais pessoas não formadas em Medicina passaram, a partir de então, a se interessar cada vez mais pelo que a psicanálise poderia dizer sobre o fenômeno da criminalidade.

Apesar de o contato entre ambos ter começado a se estabelecer, possivelmente, em 1949, foi apenas alguns anos depois que Weissmann se aproximou de Kemper. Tal aproximação passou, ao menos em parte, pelo seu trabalho na penitenciária, e envolveu diversos aspectos da formação psicanalítica, com críticas de ambos os lados. Nosso biografado conta que “Kemper era um homem simpático, e parecia de boa estabilidade mental e emocional, salvo alguma timidez [...] Kemper era um bom psicólogo, um psicólogo nato. [...] Quando vinha para Belo Horizonte, era meu convidado” (Weissmann, 1984, pp. 169-170). A relação, como pode ser observado na citação, extrapola o nível profissional, tornando-se uma amizade de caráter peculiar, se levarmos em consideração as origens de cada um deles, bem como as condições de suas respectivas chegadas ao Brasil. Isso porque Karl Weissmann era de origem judaica e Werner Kemper era um psiquiatra e psicanalista alemão que havia participado ativamente do Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia – o Instituto Göring –, fundado em 1936 e principal centro de atividades psi durante o período de vigência do Terceiro Reich.

Sabemos que a Psicanálise, durante o período nazista, passou por diversas transformações teóricas e institucionais, com implicações em todo o mundo e, certamente, na própria Alemanha (Frosh, 2005). Por lá, muitos psicanalistas judeus se viram obrigados ao exílio, enquanto outros foram perseguidos e mortos (a exemplo de John Rittmeister). Já os analistas que permaneceram na Alemanha se adequaram à lógica ariana, como Felix Boehm, Muller-Braunshweig e o próprio Werner Kemper, que chegou a coordenar trabalhos do Instituto Göring junto ao exército alemão. Para além da discussão a respeito do envolvimento de Kemper com o nazismo, na condição de membro do partido, simpatizante, ou alguém que jogou o jogo do período em que se encontrava<sup>103</sup>, não há como negar que ele manteve boas relações com aqueles que perseguiram os judeus e toda e qualquer pessoa que demonstrasse inclinação por ajudá-los.

Na relação entre ambos, um curioso episódio se refere justamente ao trabalho de Weissmann como psicanalista na Penitenciária de Ribeirão das Neves. Segundo ele, quando Kemper chegou ao Brasil:

Eu exercia na ocasião o cargo de psicanalista na Penitenciária Agrícola das Neves, a primeira nomeação oficial do gênero. Certa feita, ao referir-se a esse precedente, [Kemper] disse-me que era um abuso da parte do Governo nomear um psicanalista sem credenciação de sua Sociedade e sem indicação sua... Não que me negasse competência profissional. Lembrei-o, judiciosamente, de que a Sociedade Psicanalítica incorria em abuso bem mais grave, nomeando analistas didatas que desconheciam o idioma dos analisandos. Kemper falava muito mal o português. No princípio, praticamente nada (Weissmann, 1984, pp. 169-170).

---

<sup>103</sup> Discussão conduzida por Füchtner (2000).

Como pode ser observado, havia entre os dois um respeito não isento de críticas, e uma indicação de Kemper no sentido de que Weissmann se filiasse à Sociedade da qual ele era presidente, a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Apesar dessas indicações, Weissmann apresenta, aqui, um posicionamento crítico quanto à formação institucional em Psicanálise<sup>104</sup>. Ao comentar sobre o início das atividades da SPRJ, Weissmann afirma que, “no início, eu vinha às vezes ao Rio de Janeiro participar dos seminários. Não na qualidade de tradutor do Kemper nem como analisando ou ouvinte, mas como conferencista, falando sobre minhas experiências como analista de penitenciária<sup>105</sup>” (Weissmann, 1984, p. 170). A esse respeito, encontramos a seguinte indicação da presença de Weissmann no Rio de Janeiro, publicada no jornal *A Noite*:

Professor Karl Weissmann – Encontra-se nessa capital, onde veio solicitado para falar em aulas da sua especialidade, o professor Karl Weissmann, assistente psicanalítico da Penitenciária Agrícola de Ribeirão das Neves, Minas Gerais. É o professor figura de renome em Psicanálise, autor de várias obras, biográficas e ensaios, estudos sobre grandes personalidades das letras universais. É brasileiro, nascido naquele estado<sup>106</sup>, onde reside em Belo Horizonte. Karl Weissmann viajou em companhia de sua gentilíssima esposa<sup>107</sup>, sua colaboradora, comparecendo ao seu desembarque amigos, jornalistas, escritores e colegas (*A noite*, 1953, p. 4).

Acreditamos que o anúncio da presença de Weissmann no Rio de Janeiro, para ministrar aulas de sua especialidade, indica justamente o trabalho com o grupo de Kemper. E vemos que Weissmann, apesar de manter sua convicção de que não precisaria se filiar a qualquer instituição para exercer seu lugar de psicanalista, não hesitou em tomar partido nas tensões que ocorriam no Rio de Janeiro, entre Werner Kemper e Mark Burke<sup>108</sup>, como pode ser percebido no trecho da entrevista a seguir. Ele afirma que Kemper:

veio, ao que parece, enviado por Jones como didata para “brevetar” analistas que se incorporariam à Sociedade Internacional de Psicanálise, e em substituição a um inglês, de nome Burke, que, se não me engano, teve de ser recolhido para tratamento psiquiátrico. Salvo equívoco meu, foi acometido por delírios paranoides (Weissmann, 1984, p. 169).

<sup>104</sup> Como assinalamos em capítulo anterior, essa também era uma postura defendida por Gastão Pereira da Silva.

<sup>105</sup> O texto que discutimos anteriormente, “O criminoso como personalidade neurótica e psicopática” (1967b), foi apresentado da seguinte forma: “Resumo das palestras proferidas nas Faculdades de Direito de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Fortaleza e em Seminários Psicanalíticos do Rio de Janeiro, do grupo do Dr. Werner Kemper” (Weissmann, 1967b, p. 121).

<sup>106</sup> Notamos a patente imprecisão dessa informação.

<sup>107</sup> Essa é a primeira indicação que temos de ele ser casado à época. Como temos assinalado ao longo da tese, informações pessoais sobre Karl Weissmann são um tanto escassas, no atual estágio da pesquisa.

<sup>108</sup> Largamente discutido em Vianna (1994).

A discussão entre Kemper e Burke é longa e, “salvo equívoco”, Weissmann definir Burke como alguém que foi acometido por delírios paranoides é demonstrar uma posição bem definida quanto à discussão que acontecia no Rio de Janeiro. Podemos perceber o quanto, a despeito das origens distintas, marcadas por uma trágica e violenta relação – envolvendo Judaísmo e a Alemanha nazista –, Weissmann e Kemper mantiveram boas relações e tensões respeitadas. Como o próprio Weissmann define: “com Kemper mantive, além dos contatos pessoais, uma rica troca epistolar. Havia entre nós, extraoficialmente, uma transferência recíproca altamente positiva” (Weissmann, 1984, p. 172).

A relação entre Weissmann e Kemper nos mostra também o caráter autodidata da formação do primeiro. Ainda nos anos 1950, nosso biografado se mantinha fiel à convicção apresentada desde seus primeiros anos de contato com a Psicanálise, quanto à possibilidade de praticá-la sem a necessidade de uma formação médica ou de uma análise didática. Não aprofundaremos nessa discussão aqui, visto que ela será retomada em um momento posterior da tese.

Por fim, para além dos seus trabalhos na penitenciária e das relações com Werner Kemper, destacaremos agora um outro conjunto de eventos ocorridos no período, e que foram fundamentais para a trajetória de Karl Weissmann: seu trabalho com hipnotismo.

### **5.3 Enfim, o estrelato: Weissmann e a hipnose**

Durante os anos 1950, além dos trabalhos na Penitenciária de Ribeirão das Neves, bem como das outras publicações e atividades do psicanalista, observamos um conjunto de acontecimentos que merece destaque nesta biografia. Estamos nos referindo ao trabalho de Weissmann com a hipnose, que começou timidamente e, em poucos anos, o conduziu ao estrelato, sob a alcunha de maior hipnotista do hemisfério ocidental.

A afirmação de seu envolvimento inicialmente tímido com o campo da hipnose parte de uma fala do próprio Weissmann, na qual comenta como isso ocorreu:

Bem, lá por volta de 1953, virei de uma hora para a outra “o mago do hipnotismo científico”. Estava na época exercendo meu cargo de psicanalista na Penitenciária de Neves, quando os Diários Associados estavam empenhados em levantar dinheiro para a construção de um sanatório para pobres em Belo Horizonte, o Sanatório do Morro das Pedras. Eu era um dos que deviam contribuir para a iniciativa. Já havia feito anteriormente conferências sobre Neurose e Criminalidade. O tema tinha que ser algo mais atraente. Em suma, dispus-me a falar sobre novos conceitos de Hipnose. Como seria de se esperar, a conferência não ficaria apenas na parte verbal. A imprensa entrou em ação e a conferência teve os ingredientes de um, àquela época, inédito espetáculo (Weissmann, 1984, p. 182, grifo do autor).

Esse começo inusitado foi muito bem ilustrado pela filha de Weissmann, em uma comunicação pessoal:

Teve um hipnotizador aqui, chamado “Cecareli”, italiano. Ele fez um espetáculo, foi um sucesso. E foi engraçado porque o papai, nós fomos, eu, o papai, e a mamãe, no espetáculo desse italiano. Foi ali no teatro dum parque, o Francisco Nunes. E quando nós saímos de lá, o papai falou assim “Eu sei fazer isso, melhor que esse cara”. Aí mamãe e eu falamos “Ah, o que que é isso? Você é metido demais! Não sabe não! Então faz pra gente ver!” Chamamos um primo meu e ele hipnotizou direitinho, aí várias pessoas quiseram, sabe? Aí algumas pessoas que sabiam que o pai também tinha experiência com hipnotismo, pediram ele pra fazer em caráter beneficente. Aí ele fez, no auditório “Francisco Nunes”, e eles foram pedindo pra repetir. Depois alguns empresários entenderam e falaram “Não, a questão é a seguinte: você vai dar um tempo pra essa atividade sua, e nós vamos arrumar pra você dar espetáculos aí, no Brasil todo. Espetáculo, e também ensinando nas faculdades a hipnose para os médicos e dentistas, para aquelas pessoas que têm problemas com anestesia, né (S. Weissmann, comunicação pessoal, 13 de setembro de 2019).

A partir daí, seguiram-se inúmeras experiências, numa ascendente popularidade e reconhecimento que fizeram de Weissmann uma verdadeira estrela da cultura popular, com espetáculos em diversos estados do país, lotando teatros por onde passava. Encontramos referências a eventos realizados em diversas cidades do país, como Belo Horizonte, Uberaba, Rio de Janeiro, São Paulo, Natal, Recife, Porto Alegre e Curitiba, sendo apenas algumas das cidades onde se apresentou nesse período.

Recortes de jornais da época podem ser particularmente enriquecedores para a compreensão da magnitude das apresentações. Em um deles, publicado no jornal *Lavoura e Comércio*, de Uberaba, há uma longa reportagem acerca do espetáculo realizado por Weissmann em 1954, no Teatro Francisco Nunes, em Belo Horizonte<sup>109</sup>:

As demonstrações de hipnotismo do professor Karl Weissmann, realizadas ontem à noite no teatro Francisco Nunes, não obstante o forte temporal que caiu sobre a cidade, constituíram um espetáculo de retumbante sucesso, semelhante em toda a linha às excepcionais noitadas que proporcionou aos belorizontinos o famoso dr. Cecarelli. Sem a teatralidade que caracterizou as exibições do mestre italiano, a sessão do prof. Karl Weissmann revestiu-se de caráter científico, alcançando êxito absoluto. A numerosa assistência que compareceu à casa de espetáculos do Parque Municipal não poupou aplausos ao conhecido escritor e psicanalista. [...] Já não há dúvida quanto ao valor do trabalho do prof. Weissmann, que, sem dúvida nenhuma, nada deixa a dever ao do famoso dr. Cecarelli, mas, pelo contrário, o suplanta em alguns pontos (*Lavoura e Comércio*, 1954, p. 5).

Em outro recorte, publicado em 11 de outubro de 1955 no *Diário Carioca*, vemos um anúncio ocupar mais de um quarto da página, divulgando o espetáculo que aconteceria no Rio

---

<sup>109</sup> Possivelmente, o mesmo evento ao qual sua filha se refere.

de Janeiro, no auditório da TV-Rio, como “a maior sensação já vista na televisão” (Diário Carioca, 1955, p. 11)<sup>110</sup>. Já o *Correio da Manhã* divulga um anúncio, também em 1955, no qual Weissmann é apresentado como um *psicólogo internacionalmente reconhecido*. A apresentação é descrita nos seguintes termos:

Sensacional demonstração de hipnotismo; Espetáculo melhor que todos os anteriormente vistos; Provas de Hipnose coletiva, controle hipnótico do inconsciente! Experiências nas quais as pessoas sentem emoções distintas, alucinações negativas e positivas dos sentidos; Trocas de personalidade - Regressão da memória; Experiências e telepatia (Correio da Manhã, 1955, p. 7)<sup>111</sup>.

Seguindo essa linha, em outro anúncio, relacionado a um espetáculo que ocorreria no Teatro Glória, também no Rio de Janeiro, vemos nosso biografado novamente ser exaltado. Desta vez descrito como *magô do hipnotismo científico no Brasil*, Weissmann tem seu espetáculo anunciado pelo jornal como “Um mistério apaixonante que não se deixa desvendar” (Correio da Manhã, 1956, p. 3). Em outro anúncio, há uma interessante indicação acerca do alcance de tais eventos. O jornal *Última Hora* divulgou o espetáculo, em quase metade de uma página, com a seguinte descrição:

Sensacionais demonstrações de Hipnotismo numa palestra científica com o professor Karl Weissmann (Professor de Psicologia da Penitenciária das Neves – Minas Gerais). Instrutivo! Emocionante! 100% científico! *Um milhão de “tevedos” acompanharam pela TV-Record*, de São Paulo, as demonstrações feitas através daquela emissora pelo prof. Karl Weissmann! (Última Hora, 1955, p. 8, grifo nosso)<sup>112</sup>.

Seguindo os rastros dos espetáculos de hipnotismo, notamos que tais ocorrências, longe de serem eventos isolados, repetem-se em grande número de jornais, em diversos estados brasileiros, o que atesta o lugar de Karl Weissmann como ícone da cultura popular brasileira. Notamos um destaque, entretanto, para o Rio de Janeiro, já que Weissmann era presença constante nos principais teatros da cidade, como o Teatro Glória, o Teatro República, o Teatro Carlos Gomes ou o auditório da TV-Rio.

Trazemos, aqui, o trecho de uma conversa que tivemos com sua filha, acerca de um dos efeitos desses espetáculos na TV:

Eu me lembro duma madrugada, a casa era aqui mesmo, era outra casa mas nesse mesmo lugar. Numa madrugada que eu não conseguia dormir porque o telefone tocava sem parar, eram pessoas pedindo ao papai para acordá-las, porque ele hipnotizou, e foi televisionado, e as pessoas ficaram hipnotizadas em casa! Então muita gente dormiu e eles ligaram a madrugada inteirinha, “Por favor, lembra meu filho”, ai ele

<sup>110</sup> Como pode ser visto no anexo 12.

<sup>111</sup> Apresentamos uma cópia no anexo 13.

<sup>112</sup> O anúncio pode ser visto no anexo 14.

falava “Vou te acordar, vou contar de um a cinco e você vai acordar”. Tem muita gente conhecida minha, que conta isso (S. Weissmann, comunicação pessoal, 13 de setembro de 2019).

Sobre o formato desses espetáculos, encontramos uma longa e curiosa descrição de um deles, publicada no *Diário da Noite* em 26 de outubro de 1954, assinada pelo repórter Almir de Aquino Fonseca e intitulada “Demonstração de ‘hipnotismo em massa’ com funcionários do Banco do Brasil: do ‘balancê-balancê aos imaginários galopes a cavalo, almoços em aviões, tempestades e outras coisas”:

Realizou-se, ontem, no auditório da Associação Atlética do Banco do Brasil, à Avenida Atlântica, em Copacabana. Interessante demonstração de “hipnotismo em massa”, pelo professor austríaco Karl Weissmann, psicanalista da Penitenciária de Neves, nas proximidades de Belo Horizonte. Bastante concorrida, a apresentação de hipnotismo no auditório da AABB ofereceu lances verdadeiramente curiosos, devido às “poses” dos hipnotizados, todas contendo um toque de humorismo. Inicialmente o professor Karl Weissmann, coadjuvado pela sua esposa, Sra. Anais Lobo Weissmann, nos efeitos sonoros, apresentou um “balancê-balancê”, servindo-se para isso de todo o auditório presente, inclusive o repórter... Todos os presentes, de pé, calcanhares juntos, braços estirados ao longo do corpo, músculos relaxados e olhos fechados, balançaram ao som da música, sob as ordens do professor. Logo após, procedendo pelo método de eliminação, o professor Karl Weissmann selecionou alguns, entre os mais “balançadores”, e os colocou no palco, na mesma situação, para a prova definitiva. Aí então, depois dessa “eliminatória”, é que realmente começou o espetáculo... O professor Karl mandou que todos os que se encontravam no palco se sentassem em cadeiras, de tal modo que as cabeças ficassem sobre os encostos. Depois, nova música, enquanto o professor ordenava que todos imaginassem uma estrela solitária, etc. etc., e dormissem. Depois veio a História do violino. Todos “tocaram” violino divinamente, com exceção de uma senhorita, que desistiu e voltou a ocupar o seu lugar, no auditório. Os que permaneceram no palco, pareciam realmente dormir e obedeciam cegamente às ordens do professor. E não faltava mais nada! O professor mandou que todos “montassem a cavalo” e “galopassem até a estrada de ferro”. Não satisfeito, ainda fez com que todos “almoçassem num avião com toda pressa, para saltar na próxima parada”. Depois, fez desabar uma tempestade, pedindo que todos abrissem os seus guarda-chuvas de “araque”... Assim, por meio de gestos imaginários, como verdadeiros autômatos, os próprios assistentes muito contribuíram para o êxito da demonstração de “hipnotismo em massa” do professor Karl Weissmann, no auditório da AABB. O professor regressa hoje para Belo Horizonte (Fonseca, 1954, p. 2).

Seu trabalho como hipnotizador lhe rendeu, também, uma segunda passagem pela revista *O Cruzeiro*, com duas reportagens. Na primeira delas, de 11 de outubro de 1958, encontramos uma matéria ricamente ilustrada, na qual são apresentadas e discutidas as possibilidades de se hipnotizar um grande público. Vemos uma forte defesa da técnica hipnótica utilizada por Weissmann e suas aplicações tanto em espetáculos quanto em consultórios médicos e odontológicos:

Karl Weissmann, psicanalista austríaco - mas não médico - há muito radicado no Brasil, foi quem popularizou o hipnotismo entre nós. Só depois de suas primeiras exibições de teatro, suas primeiras entrevistas à imprensa e seus primeiros cursos para

médicos e odontológicos, é que o hipnotismo foi entrando em moda no Rio, em S. Paulo e Belo Horizonte (O Cruzeiro, 1958, p. 24).

A segunda reportagem foi publicada em 7 de março de 1959, e tinha como título “Psicanálise baixou em terreiro”. Encontramos, nela, uma delicada discussão acerca da leitura da Umbanda feita por Weissmann. Isso porque o texto, bem como suas ricas ilustrações, gira em torno de uma visita dos repórteres, acompanhados de Karl Weissmann, a um terreiro de Umbanda próximo a Belo Horizonte, para acompanhar uma sessão<sup>113</sup>. Na reportagem, Weissmann discute o que ocorria no terreiro a partir de uma relação entre Psicanálise e hipnotismo. Segundo ele, toda a sessão poderia ser resumida da seguinte forma: “É um espetáculo autêntico de hipnotismo. De hipnotismo caboclo [...] O núcleo de tudo é a hipnose. O resto é o enredo” (O Cruzeiro, 1959, p. 49).

Assim, Weissmann centra suas explicações sobre a Umbanda e encontra lugar para as mais distintas manifestações ocorridas durante a sessão, como as modificações fisionômicas, os cânticos conduzidos em idiomas a princípio desconhecidos, ou mesmo as atitudes inspiradas em animais, tais como aves. Para ele, o *hipnotismo caboclo* marca a expressão umbandista, definindo o pai de santo como alguém que conduz a reunião pelo fenômeno da sugestão e do auto-hipnotismo. Ao fim da reportagem, ao ser perguntado pelos entrevistadores do motivo pelo qual as pessoas participam das sessões, Weissmann responde:

Há compensação, sim - afirma, sorrindo, o professor. - São gratificações emocionais. O desejo de fazer milagres. As fantasias de onipotência. A necessidade de impressionar o vizinho. A vontade de exercer o poder em sua forma mais ambicionada. Vale dizer: produzindo bons e maus efeitos. Geralmente, preferem-se os maus efeitos, por serem mais convincentes. Lembrando Schopenhauer, diriam que só o mal é positivo (O Cruzeiro, 1959, p. 50).

É importante destacar a compatibilidade das teses de Weissmann com a forma pela qual *O Cruzeiro* se relacionava com as questões religiosas, como publicação declaradamente pró-catolicismo. Com relação a essas questões, Mendes nos lembra que a revista trazia a seguinte marca:

A temática religiosa era muito recorrente na revista, normalmente dando ênfase às notícias a respeito da Igreja Católica, padres, rituais, festas e manifestações, símbolos e figuras importantes [...] Era muito comum reportagens sobre espíritas, exotéricos, candomblé, umbanda e todo tipo de expressão religiosa que trazia prejuízo, segundo essa lógica dos verdadeiros valores cristãos da sociedade. Não à toa, as reportagens normalmente apresentavam um tom jocoso que tendia a ridicularizar ou entender essas práticas como inferiores e mentirosas. Apresentavam-nas como exóticas e ridículas (Mendes, 2011, p. 49).

---

<sup>113</sup> Uma das ilustrações apresentadas na revista pode ser visualizada no anexo 15.

Como nos aponta a autora, definir as expressões espirituais não católicas como inferiores era uma prática usual da revista. Seguindo essa baliza, Weissmann se mostra alinhado com o posicionamento da publicação, ao tratar a Umbanda como um mero fenômeno hipnótico.

Recordamos que as reportagens sobre o hipnotismo trouxeram o nome de Weissmann de volta à revista após oito anos de ausência. Os efeitos disso, para ele, podem ser pensados em dois sentidos distintos e igualmente positivos para a sua projeção nacional. O primeiro deles se refere à maior popularização de sua prática hipnótica, já que se tratava da revista de maior circulação do país, com destaque para a validade de suas atividades e análises. O segundo, mais delicado, diz respeito a uma aproximação ainda maior com o público de *O Cruzeiro*, identificado à agenda pró-catolicismo (Mendes, 2011), que pôde ver Weissmann se utilizar da hipnose e da Psicanálise para situar a Umbanda como simples efeito sugestivo.

Lembramos, ainda, que suas análises sobre a Umbanda renderam comentários altamente positivos no jornal católico *A Cruz*, na edição de 8 de março de 1959, ou seja, exatamente no dia seguinte à publicação da reportagem sobre o terreiro. Esse comentário dividiu a página do jornal com colunas chamadas “A voz do pastor” e “Evangelho”:

O grande mestre em hipnotismo viu reproduzir-se no “terreiro” tudo aquilo que ele tem feito nos teatros e pela televisão. Chegou, por fim, depois de muito observar, à mesma conclusão a que chegaram o Irmão Vitricio e frei Boaventura. Nada há ali de sobrenatural; os espíritos não baixam, vêm à tona. Todos os fenômenos são hipnóticos, embora seja inconsciente o hipnotizador. [...] Nada podem fazer os pais-de-santo, além do que fazer para deleitar plateias, o professor Weissmann e os dois religiosos citados. Apenas, por ignorância ou má fé exploram seus pacientes, que creem na sobrenaturalidade dos fenômenos do “terreiro”. Estimular macumba, como fazem os vereadores, é um crime. O que se devia fazer era campanhas de esclarecimentos aos incautos e repressão aos exploradores (*A Cruz*, 1959, p. 2).

O uso político das análises feitas por Weissmann, como nos atenta a citação acima, é patente. Sua leitura não pode ser descolada dos seus possíveis efeitos de deslegitimação de práticas não católicas. Vale indagar, inclusive, se os dois efeitos que destacamos anteriormente podem ser lidos como separados um do outro, ou se o seu espaço n’*O Cruzeiro*, bem como sua maior projeção como hipnotizador e intelectual, não ocorreram justamente por conta de seu posicionamento compatível com uma agenda católica.

Paralelamente à visibilidade obtida por ele com seus eventos públicos de hipnose, seu espaço no plano autoral também se consolidou de forma marcante. Essa consolidação se deu, sobretudo, com a publicação de sua obra *O Hipnotismo: psicologia, técnica e aplicação*, em 1958, pela Livraria Prado. O livro foi descrito pelos editores da seguinte maneira:

Este livro, o primeiro que se publica no gênero em nosso país, não se limita à Hipnose médica ou odontológica ou a qualquer outro setor especializado. É um tratado de hipnotismo em geral. Mostra o que é a Hipnose, quais as suas aplicações, e ensina realmente a hipnotizar. Lê-lo, portanto, é aprender com um dos maiores, senão o maior hipnotizador contemporâneo e entrar em contato com um psicólogo de sua época (Weissmann, 1958, p. 1).

Esse material, um tratado que aborda a História do hipnotismo e atravessa as aplicações mais comuns à época, desenvolve-se como uma articulação da prática a partir de uma visão que podemos definir como metapsicológica, visto que fundada em teses freudianas: “Já não se tenta negar que a técnica hipnótica, com suas bases psicológicas modernas, é uma consequência direta da orientação e penetração psicanalíticas” (Weissmann, 1958, pp. 9-10). Seguindo essa linha, o autor afirma:

Quanto às suas técnicas modernas, são uma consequência direta da orientação e penetração psicanalíticas. Fazendo nossas as palavras de Zilboorg, ninguém duvida atualmente de que a influência e os efeitos do magnetizador ou hipnotizador se fundam essencialmente, senão exclusivamente, nas profundas reações inconscientes do “sujet”. E o conceito do inconsciente ainda era desconhecido na época de Braid e coube a este formular de uma maneira puramente descritiva o que sentia intuitivamente (Weissmann, 1958, p. 26).

Nas passagens em questão, podemos apreender que o conceito de inconsciente era de grande importância para o “veterano na Psicanálise” (Weissmann, 1958, p. 10). Nessas condições, Weissmann submete a prática da hipnose à metapsicologia, fundando-se em uma articulação de noções usadas naquelas que ficaram conhecidas como as tópicos do aparelho psíquico:

a Hipnose efetivamente inibe as funções do consciente (o Ego), liberta, ainda que condicionalmente, o inconsciente (o Id), mas não tem poder sobre a consciência (o Superego). Esta última é a polícia interior, que continua vigilante no mais profundo transe hipnótico (Weissmann, 1958, p. 42).

Ao longo do livro, notamos também uma forte influência do trabalho de Medeiros e Albuquerque. Como anteriormente apontamos nesta tese, esse intelectual foi, ao lado de Gastão Pereira da Silva, uma importante referência já nos primeiros passos de Weissmann, e não deixa de surpreender que, em *O Hipnotismo: psicologia, técnica e aplicação* (1958), um dos raros brasileiros citados seja justamente Medeiros e Albuquerque, com seu trabalho sobre hipnotismo<sup>114</sup>. Aliás, observamos Weissmann acompanhar também a defesa feita por Medeiros e Albuquerque, em *O Hipnotismo*, quanto ao alcance clínico da hipnose. Com efeito, nosso

---

<sup>114</sup> Também comentado no terceiro capítulo desta tese.

biografado se definia como psicanalista, mas não deixava de recorrer à hipnose em diversos casos clínicos, desde distúrbios do metabolismo a dificuldades de concentração, passando por distúrbios da sexualidade, ou mesmo o tabagismo (Weissmann, 1958).

Outro importante ponto se destaca na teoria da hipnose sustentada por Weissmann. Ao lado dos fundamentos conceituais dessa prática, há outra vertente de seu trabalho inspirado na Psicanálise: a questão da sugestão hipnótica. Chama a atenção o modo como o autor assume, em seu próprio livro, o prestígio de que dispunha à época. Ao discutir o fenômeno da sugestão, que seria a base dos processos hipnóticos, afirma que:

para compreender a natureza da sugestão, o seu *modus operandi* e ainda as suas possibilidades práticas, é preciso um conhecimento razoável das reações psicológicas e um entendimento mais profundo da alma humana, na sua tríplice divisão em Consciente, Inconsciente e Consciência. E conhecê-la tanto no que se refere à sua dinâmica como à sua estrutura. A sugestão é uma força que nos domina a todos, em grau maior ou menor, e longe está de exercer uma ação superficial ou apenas acidental em nossa vida (Weissmann, 1958, p. 31).

Ao afirmar isso, o autor traz a questão: “O que determina psicologicamente essa tendência de agir sob o mando ou a influência alheia, e aceitar coisas imaginárias como se fossem reais, mais facilmente em relação a certos fatos ou pessoas do que em relação a outras?” (Weissmann, 1958, p. 32). Em seguida, oferece a resposta:

A resposta já está formulada pelos psicólogos: É o prestígio. Reconhecemos no prestígio um dos fatores decisivos na indução hipnótica. Note-se que, geralmente, só se consegue hipnotizar as pessoas junto às quais se tem o prestígio necessário. Portanto, o prestígio é uma componente indissolivelmente ligada ao expediente social da hipnotização. Quanto ao prestígio, *sabemos que se deriva da ideia de poder*, que, por sua vez, emana da aparência ou atitudes de uma pessoa. *Para os psicanalistas o prestígio se forma, largamente, em virtude de uma situação de transferência*. Seria, citando Ferenczi, a expressão inconsciente, instintiva e automática da submissão filial frente à autoridade materna ou paterna. O prestígio do hipnotista resultaria, portanto, de uma confusão inconsciente da pessoa do hipnotizador com “papai” ou “mamãe” (Weissmann, 1958, p. 32, grifo nosso).

Com essas afirmações, Weissmann, que à época era considerado por muitos como *o maior hipnotista do hemisfério ocidental*, não deixa de reconhecer a importância desse prestígio para a realização da hipnose. Em suas palavras, apenas quem dispunha de tamanho prestígio teria condições de hipnotizar uma plateia inteira.

Retomamos, aqui, o trecho apresentado pela filha de Weissmann, ao narrar que passou a noite em claro por conta de pessoas pedindo ajuda a seu pai para que pudessem acordar, após assistirem ao espetáculo de hipnose pela televisão. Soma-se a isso os anúncios cada vez maiores presentes nos jornais – um deles chega a dizer que mais de um milhão de pessoas teriam

assistido ao evento –, com descrições dos fenômenos de palco gerados pelo trabalho de Weissmann. O número exato de pessoas assistindo às apresentações não chega a interessar tanto aqui; o que se destaca, efetivamente, é o conjunto de indícios que nos apontam para a força de Karl Weissmann como um sujeito de grande prestígio no Brasil. Assim, os espetáculos de hipnose, para além da audiência, dos conteúdos e das apresentações, provam a intensidade da transferência gerada por ele em decorrência de seus trabalhos. Em suma, Weissmann dispunha de grande prestígio à época, como um importante intelectual, psicanalista e autor. E, pelas suas palavras, ele sabia bem disso.

Essa relação esboçada por ele entre transferência e autoridade paterna também não nos parece ingênua. Como vimos ao logo deste capítulo, a questão da maturidade veio ganhando cada vez mais espaço no trabalho de Weissmann, ao ponto de se dedicar a textos em que discutia as relações entre infantilismo-maturidade, inspirado, sobretudo, nas figuras de Nietzsche e Goethe. Este último, sendo definido por Weissmann como gênio paterno, um sujeito de grande autoridade sobre seus pares, esboçaria o próprio ponto alto do que seria a maturidade humana. Trata-se de uma articulação que nos deixa a seguinte questão: seria Weissmann um sujeito identificado ao ideal de maturidade e autoridade que ele localizaria em Goethe? Além disso, para ele, seria a Psicanálise um caminho para se alcançar tal ideal? Acreditamos encontrar respostas no próximo livro de sua autoria, *A conquista da maturidade* (1961), sobre o qual trataremos mais adiante.

Por ora, lembramos que Weissmann deixa seu trabalho na penitenciária em 1959, época em que também se distancia dos seus espetáculos de hipnose em grandes palcos, passando a se dedicar a cursos de hipnotismo para médicos e dentistas. Foi um distanciamento providencial, uma vez que, em 22 de julho de 1961, o presidente Jânio Quadros assinaria o decreto 51.009, proibindo “espetáculos ou números isolados de hipnotismo, e letargia, de qualquer tipo ou forma, em clubes, auditórios, palcos ou estúdios de rádio e de televisão” (Brasil, 1961, p. 6642). Assim, quando o decreto chegou, Weissmann já estava se dedicando a outras atividades, sem deixar de colher os frutos do grande sucesso vivido nos palcos ao logo dos anos 1950.

No mesmo período, ele se muda para o Rio de Janeiro, um movimento quase natural, tendo em vista seu prestígio ter crescido exponencialmente ao longo da década, tanto na condição de psicanalista quanto na de *mago do hipnotismo*, sendo a ainda capital nacional<sup>115</sup> o lugar onde Weissmann conheceu o ápice da sua fama. A vida no Rio de Janeiro também trouxe uma série de oportunidades, sobre as quais falaremos no próximo capítulo desta tese.

---

<sup>115</sup> Lembrando que Brasília foi inaugurada em 1960, ou seja, em 1959, o Rio de Janeiro ainda era capital do país.

## 6 TEMPOS DE MATURIDADE

Os anos 1960 trazem novos tempos para Weissmann, que chamamos de “tempos de maturidade”, em referência direta à publicação de seu novo livro, *A conquista da maturidade* (1961). Consideramos este o mais importante do autor, visto condensar grande parte daquilo que havia sido dito por ele até então, além de organizar os debates que estariam por vir. Com efeito, a obra retoma o conjunto de ideias defendidas por Weissmann sobre o que ele chama de “sequência trifásica da caracteriologia psicanalítica”. Notamos, ao longo desta tese, que elementos dessa *sequência* já se faziam presentes, de maneira mais ou menos nomeada, em grande parte de seus trabalhos. Aqui, Goethe e Nietzsche também são retomados, nesse mesmo debate entre maturidade e imaturidade.

Além da discussão conceitual, encontramos uma longa lista de áreas em relação às quais Weissmann situa o conceito de maturidade: na questão do dinheiro, do esporte, da religião, da ideologia política e da Filosofia, dentre outras. Há, efetivamente, a construção do que o autor chama de um modelo de maturidade, longamente discutido no texto. Por fim, ele arrisca ainda apresentar o que seriam formas de imaturidade em vários campos, como nas artes ou na Filosofia. Iniciaremos o capítulo com esses debates, mantendo foco nas questões conceituais, as quais consideramos o ponto alto das teorizações de Weissmann.

Das hipóteses presentes em *A conquista da maturidade* (1961), o autor extrai uma série de consequências e projetos, que serão apresentados em seguida. Daremos destaque, aqui, para dois deles. O primeiro diz respeito a seu retorno a *O Cruzeiro*, a partir de 1961, com testes de psicologia baseados em suas hipóteses sobre maturidade, propostos pelo próprio Weissmann, que discutem questões financeiras, políticas, estéticas (barba, roupas etc.), referentes à alimentação ou mesmo aos sonhos.

Além dos testes, acompanhamos o autor se situar no campo de debates e tensões que antecederam o golpe militar de 1964, chegando a contribuir com um polêmico livro intitulado *Masoquismo e comunismo* (1964), escrito no fim de 1963. O livro, em que Weissmann declaradamente buscou patologizar todo posicionamento à esquerda do espectro político, teve suas ideias apresentadas em *A conquista da maturidade* (1961), sobretudo na relação defendida pelo autor entre masoquismo e comunismo, bem como entre fascismo e sadismo.

Por fim, retomaremos elementos da entrevista realizada pelo grupo de lacanianos do Rio de Janeiro, em 1983, visando levantar questões sobre o trajeto de Weissmann como psicanalista autodidata. Nela, é apresentado como um *pioneiro da Psicanálise no Brasil*. Fazendo a brincadeira de ser um *laciano avant la lettre*, Weissmann parece ser situado como pioneiro

mais por sua crítica à formação *ipeísta* – crítica compartilhada por Lacan e pelos lacanianos – do que por suas teses psicanalíticas. Finalizaremos o capítulo discutindo esse reconhecimento tardio, visando dar um lugar a Karl Weissmann – bem como a Gastão Pereira da Silva – no campo da História da Psicanálise no Brasil.

### **6.1 A conquista da maturidade: um cruzamento entre metapsicologia e política**

Conforme afirmamos, encontramos, aqui, o cruzamento de grande parte dos debates anteriores, entretecidos a uma metapsicologia da maturidade. Notamos que algumas das articulações teóricas apresentadas no livro já eram ensaiadas desde *O dinheiro na vida erótica* (1937), sobretudo quanto à discussão sobre as fases de desenvolvimento da libido.

Parte considerável de *A conquista da maturidade* (1961) se desenvolve no sentido de sustentar conceitualmente seu trabalho, em uma leitura profundamente inspirada em dois textos freudianos: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016) e *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011). De fato, há fortes referências às fases da libido e às relações entre infância e desenvolvimento – teses ensaiadas por Freud em 1905<sup>116</sup> –, como na seguinte passagem, em que o autor esboça um resumo das suas ideias: “Segue a título de suplemento e síntese auxiliar um resumo do esquema, já consagrado, da caracteriologia psicanalítica com a sua sequência trifásica (oral, anal, fálico-genital), de há muito indissolúvelmente ligado ao exercício da psicologia profunda” (Weissmann, 1961, p. 103).

Após a apresentação, Weissmann discute o que seriam diferentes tipos de personalidades imaturas, marcadas pelas fases citadas. Nessa direção, o autor apresenta elementos *caracteriológicos* referentes a estilos distintos de imaturidade, como nas predileções por álcool e tabagismo<sup>117</sup> presentes nas personalidades orais, ou a agressividade e o crime, proeminentes nas personalidades anais<sup>118</sup>, e as competições típicas das personalidades fálicas. Segundo ele:

Dessas três etapas a primeira é, necessariamente, a mais imatura e também a mais decisiva. A mais difícil de vencer. É, por assim dizer, o ponto de partida para a maturidade. O problematismo de sua superação corresponde aos perigos e vicissitudes de uma decolagem. Pela própria ordem cronológica, o tipo oral é mais imaturo do que o anal, e este, por sua vez, mais do que o fálico. [...] O que caracteriza as

<sup>116</sup> Essas teses seguiram como objeto de interesse de Freud em outros textos. Damos destaque para *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) por ser um momento crucial de apresentação desses elementos da teoria psicanalítica.

<sup>117</sup> Demonstramos, no terceiro capítulo desta tese, o quanto essa ideia já estava presente em *O dinheiro na vida erótica* (1937).

<sup>118</sup> Essas teses já haviam sido apresentadas em “A base anal da criminalidade” (Weissmann, 1952).

personalidades imaturas, quer as orais, quer as anais, quer as fálicas, é o fato de que elas todas, à maneira de crianças, nunca sabem ao certo o que querem e de desejarem coisas impossíveis (Weissmann, 1961, p. 108).

Assim, Weissmann defende uma psicopatologia – além do que ele chama de uma proposta *caracterológica* – inspirada nas teses freudianas acerca do desenvolvimento da libido.

Intimamente articulado à *sequência trifásica da caracteriologia psicanalítica* é o conjunto de referências presentes em *A conquista da maturidade* (1961), que nos apontam para o texto *O Eu e o Id*, publicado por Freud em 1923. Segundo o autor, um desenvolvimento da libido rumo à maturidade marcaria, necessariamente, a passagem do *id* para o *ego*: “Como quer que seja, o processo da maturação psicológica, baseado no conhecimento de si mesmo, exige uma gradativa conscientização, ou seja, transformação de *id* em *ego*, na frase lapidar de Freud. Jamais se passará em sentido contrário” (Weissmann, 1961, p. 119). Ao que continua:

A criança ainda possui um *ego* fraco. Podia-se quase dizer que ainda não tem *ego*. Daí o seu medo, a sua intolerância às frustrações e às incertezas. É dominada ainda pelos sentimentos de insegurança, de fraqueza ou de abandono. Em sua defesa recorre ao recurso psicológico da projeção. Por projeção, entendemos, sabidamente, a tendência de atribuir a outrem tudo aquilo que se recusa a reconhecer em si mesmo. Toda criança, não importa muitas vezes a idade cronológica, condescende com esse expediente de defesa psíquica. Inconscientemente, projeta suas próprias agressividades e ameaças sobre os outros, sempre que as coisas não lhe saem conforme os próprios desejos ou necessidades. Mas à medida em que alcança a maturidade psicológica, o *ego* se fortalece e a pessoa desenvolve os mecanismos de defesa adequados para enfrentar os riscos e perigos reais da vida, em níveis mais maduros e adultos (Weissmann, 1961, pp. 127-128, grifos do autor).

Como podemos constatar na citação, há a articulação do infantil ao *id* e do *Ego* às funções adultas, referentes à noção de maturidade. A inspiração no texto freudiano é nítida: “Freud já havia referido, ainda que implicitamente, à maturação em termos de transformação de *id* em *ego* (Wo Es war sol Ich Werden)” (Weissmann, 1961, p. 87). Desse modo, sujeitos imaturos teriam *egos* fracos, tal como crianças, enquanto a maturidade se confundiria com a constituição de um *ego* forte.

Assim, o conceito de *ego* aparece como operador central na metapsicologia da maturidade proposta por Weissmann, pois, como vimos, há a defesa de que um sujeito maduro seria alguém com um *ego* forte – o que mostra alguma inspiração na leitura da segunda tópica freudiana (Roudinesco e Plon, 1998). O autor, partindo da afirmação de que “Freud insiste na importância da noção de realidade na vida adulta” (Weissmann, 1961, p. 151), chega à sua própria definição de *ego*: “Entendemos por *Ego* aquela parte da psique que representa a

realidade”<sup>119</sup> (Weissmann, 1961, p. 130). Ao que nos cabe a pergunta: que noção de realidade estaria em jogo? Voltaremos a essa questão adiante.

Observamos que, para além da metapsicologia da maturidade, Weissmann apresenta em seu texto o que chama de um *modelo*, ou seja, um indivíduo maduro, o qual não passa, necessariamente, pela teoria freudiana:

A maturidade é o que nos concilia com a realidade, promovendo o beneficiamento das potencialidades anímicas, progressiva e harmoniosamente integradas nos diferentes níveis na própria experiência. [...] Na fase do crescimento, a pessoa se caracteriza notoriamente pelo entusiasmo; na da maturação, pela sobriedade, pelo senso comum, pelo equilíbrio e, não raro, por certa jovialidade. As forças do desenvolvimento continuam ativas nos períodos ulteriores do amadurecimento. Não para efeitos de exaltação e, sim, para efeito de consolidação, de crítica e moderação construtiva. À medida que amadurece, a pessoa reduz os antagonismos estéreis ou as oposições negativas. *Troca a arrogância pela humildade, a inveja pela gratidão e o receio pela confiança.* Torna-se mais tolerante em face das frustrações, incertezas e demais situações incomodas *inevitáveis*. Maturidade significa ainda maior independência crítica e emocional, melhor julgamento, melhor vinculação entre liberdade e responsabilidade. [...] Sob o aspecto social, a maturação psicológica compreende, sobretudo, a passagem da arrogância para a humildade, da inveja para a gratidão, e do receio para a confiança (Weissmann, 1961, pp. 111-112, grifos do autor).

Nesse sentido, o *modelo* de maturidade indica a construção de um perfil que pouco tem em comum com o desenvolvimento das ideias de Freud. Há uma metapsicologia do amadurecimento, mas o próprio conceito de maturidade aponta para um perfil construído por Weissmann e que se mostra um tanto estranho ao texto freudiano.

O autor vai além da conceituação da maturidade e da apresentação daquele que seria esse *modelo*. Observamos, no livro, uma série de ilustrações nas quais explica o que seria um sujeito maduro, em diversos campos da experiência. Por exemplo, há um interessante debate entre maturidade e preconceito: “a conquista da maturidade é, obviamente, incompatível com os preconceitos de cor e de raça, assim como com os preconceitos de um modo geral” (Weissmann, 1961, pp. 24-25).

Nessa direção, há um destaque no texto para certa crítica esboçada por Weissmann em relação a maturidade e gênero: “Duvido que um autor ouse apresentar uma mulher como modelo de maturidade psicológica. Para tanto as prerrogativas da maturidade ainda continuam demasiadamente condicionadas ao preconceito patriarcal da superioridade masculina” (Weissmann, 1961, p. 26). Ademais, ao apontar a relação entre maturidade e sociedade, escreve

---

<sup>119</sup> Notamos que também há, em *A conquista da maturidade* (1961), uma referência ao texto freudiano *Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010), em que Freud defende a distinção entre dois princípios básicos: do prazer e da realidade. Weissmann também faz uso dessa distinção ao longo do texto, mas de maneira um pouco mais lateral, no sentido de reforçar a ideia da relação entre *ego* e realidade.

que “a mulher, nas nossas sociedades mais ou menos patriarcais, vive mental, emocionalmente e socialmente mais bloqueada do que o homem” (Weissmann, 1961, p. 27). Assim, o autor segue:

Um modelo de maturidade pode ser masculino ou feminino, indiferentemente, uma vez que por maturidade não se entenda o estado em que o homem é *homem*, antes de tudo, ou a mulher, *mulher*, acima de quaisquer outras manifestações, e, sim, *o estado em que a criatura é realista e socialmente integrada ao máximo*. Não diremos que tal estado é assexual, senão unicamente que não é um apanágio do sexo masculino (nem do feminino). É antes bissexual. Pois, em sua consecução, dependemos de componentes masculinos e femininos proporcionalmente combinados na organização psicossomática da personalidade (Weissmann, 1961, p. 29, grifo do autor).

Destacamos o debate entre Psicanálise e gênero por um motivo específico: conforme demonstramos no quarto capítulo desta tese, Weissmann se mantinha apegado à noção de superioridade masculina ao publicar *O dinheiro na vida erótica*, em 1937. Com efeito, o autor, aqui, distancia-se consideravelmente dessa noção, defendendo que, no caso feminino, as questões de maturidade estariam mais voltadas às dinâmicas sociais *patriarcais* do que a outros fatores, chegando a criticar Freud: “Em relação às possibilidades maturadoras da mulher, muitos psicólogos ainda se detêm na barreira do sexo. E temos, por vezes, a impressão de que o próprio Freud, o único psicólogo de gênio [...] ainda teve certas dificuldades em transpô-la” (Weissmann, 1961, p. 30). Nessa direção, Weissmann conclui: “Não deve estar *infinitamente* longe o dia em que uma mulher possa concorrer com os homens no terreno da maturidade psicológica” (Weissmann, 1961, pp. 30-31, grifo do autor). Assim, localizamos um movimento significativo no pensamento de Weissmann, sobretudo no que tange às questões de gênero defendidas quase três décadas antes.

A apresentação nos interessa, ainda, porque Weissmann afirma, taxativamente, que a maturidade independe do gênero, estando relacionada a quanto o sujeito em questão seria *socialmente integrado ao máximo*. A constatação, somada à noção de que o *ego* – representante metapsicológico da maturidade – se refere à realidade nos sujeitos maduros, começa a nos apontar para indícios do que seria, de fato, essa realidade como posta pelo autor. Assim, somados os enunciados, chegamos à conclusão de que, para Weissmann, um sujeito maduro, ou seja, com *ego* forte, seria integrado socialmente. Isso nos leva à próxima questão: de que realidade social Weissmann está falando? Seguimos pinçando elementos no texto para dar conta dessa pergunta.

Um ponto de interesse presente no livro, que nos sugere elementos para responder a essa questão, localiza-se no tópico intitulado “Maturidade e estado civil”, em que Weissmann se

propõe a discutir os expedientes da maturidade tangentes à questão do casamento, chegando a afirmar que:

quanto ao estado civil do nosso modelo, creio estar de acordo com a grande maioria dos leitores, votando, por via de dúvidas, a favor do candidato casado. [...] o celibato incoercível é quase sempre indício de alguma imaturidade, de fixação materna ou paterna, quando não de alguma neurose específica ou de algum infantilismo psicosexual. Quem não casa é quase sempre um *caso*. E um *caso* alude invariavelmente a uma imaturidade e nunca à maturidade psicológica (Weissmann, 1961, pp. 36-37, grifo do autor).

Essas considerações acerca do casamento, colocado como condição de um sujeito maduro, já haviam sido esboçadas anteriormente, sobretudo nos textos publicados na revista *O Cruzeiro* nos anos 1940. No entanto, há, aqui, a afirmação taxativa de que um sujeito maduro seria, necessariamente, um sujeito casado, além do fato de que a *solteirice* seria forte indício de adoecimento: “as *esquisitices* que caracterizam a maioria dos solteirões ou solteironas, são geralmente reduzíveis à manifestação de determinadas fobias, dentre as quais se destaca notadamente a fobia de responsabilidade, não se desprezando as outras” (Weissmann, 1961, p. 37). Um sujeito com *ego* forte, independentemente do gênero, deveria apresentar predileções ao casamento, sob risco de ser colocado no rol dos imaturos. Há, portanto, como já apontamos nos trechos publicados em *O Cruzeiro*, uma leitura da Psicanálise que se situa em defesa da família – heteronormativa, no caso, visto que homossexuais também entram na categorização dos imaturos proposta pelo autor.

Além da patente defesa do casamento – e da família –, Weissmann se arrisca a discutir a relação entre maturidade e política, defendendo uma curiosa, mas não ingênua, associação: “O nosso *modelo*, politicamente falando, só pode ser um convicto democrata, à falta de melhor ideologia. Não há de ser um comunista e muito menos um fascista. Os regimes totalitários operam, notoriamente, à base de tendências infantis e irracionais” (Weissmann, 1961, p. 64). Ao que segue:

Normalmente um democrata, não obstante todo o possível robotismo e sentimento de isolamento social, se nos afigura muito menos infantil e irracional do que um comunista ou um fascista. As atitudes patéticas de um *Duce* ou de um *Fuehrer*, ovacionados pelos seus adeptos ululantes, se distanciam muito mais dos padrões correntes da maturidade do que as palavras e os gestos mais serenos de um chefe de Estado democrático (Weissmann, 1961, p. 66).

Essa defesa da democracia parece ir muito além da salvaguarda de um sistema eleitoral específico. Notamos que Weissmann aponta tanto fascistas quanto para comunistas como

sujeitos imaturos e chega a chamar de patéticas as atitudes do *Duce* ou do *Führer*, referindo-se, obviamente, a Mussolini e Hitler.

Não esmiuçaremos as bases do argumento de Weissmann em relação aos comunistas, pois o tema foi assunto específico de seu livro seguinte, *Masoquismo e comunismo* (1964), sobre o qual trataremos mais adiante. Apenas lembramos que *A conquista da maturidade* foi publicado em 1961, momento em que a Guerra Fria alcançava sua maior tensão. Assim, Weissmann, ao definir comunistas como imaturos, parece assumir um lugar nessa guerra, apontando uma tendência defensora dos ideais estadunidenses e já esboçando o forte anticomunismo que encontraremos três anos depois.

Temos, ao longo de *A conquista da maturidade* (1961), uma verdadeira metapsicologia do amadurecimento humano. Essa leitura, nitidamente inspirada na segunda tópica do aparelho psíquico, proposta por Freud a partir de *O Eu e o Id* (1923/2011), sustentava uma teoria desenvolvimentista, na qual a libido seguiria por fases até atingir a maturidade. Nesta, o *ego* seria *integrado ao máximo na realidade*. A definição de realidade, no entanto, não encontra base no campo de conceitos psicanalíticos, ganhando contorno na defesa de certa noção de família e num intenso anticomunismo – ou seja, em uma agenda política.

Neste ponto, trazemos o trabalho de Lima (2021) para conferir solidez ao debate, uma vez que se propôs a (re)construir a História da Psicanálise no período ditatorial brasileiro (1964 – 1985), dedicando diversas passagens a uma temática de nosso interesse. O autor sustenta, dentre outras teses, a compatibilidade entre a agenda psicanalítica do período e a Doutrina de Segurança Nacional, tendo como ponto de encontro o que pode ser chamado de uma *ética da maturidade* (Lima, 2021).

Inspirado nos trabalhos de Eli Zaretsky, sobretudo no texto *Political Freud* (2015), Lima (2021) nos apresenta essa ética da maturidade como “uma matriz de entendimento adaptacionista, cuja caricatura emblemática é a tradição da *ego-psychology* norte-americana, que consiste em vincular estágios supostamente mais avançados do desenvolvimento psíquico à regulação normativa da vida social” (Lima, 2021, p. 234). O autor narra diversos casos clínicos para, a partir de um deles, apontar o “padrão tácito do horizonte normativo e moral da maturidade, permitindo o encontro do que havia sido previsto anteriormente: a militância é a patologia e a harmonia familiar é a cura” (Lima, 2021, p. 328).

Ora, as semelhanças são patentes. Em seu trabalho, Weissmann se vale justamente do lugar do casamento e da família como exemplos de espaços de maturidade, ao mesmo tempo em que aponta o comunismo como sintoma de imaturidade. Se, por um lado, há uma considerável variedade de autores citados em seu trabalho – a exemplo de Erich Fromm,

Edmund Bergler, Melanie Klein, Ernst Jones, Ernst Kris e Otto Fenichel, além de diversos textos freudianos –, por outro lado, encontramos uma forte compatibilidade entre a Psicanálise defendida por Weissmann e a tradição da *ego-psychology* estadunidense. Essa corrente, como nos lembram Roudinesco e Plon, “tem em comum com todas as outras correntes do freudismo norte-americano o fato de ter sido fundamentada na ideia de uma possível integração do homem numa sociedade” (1998, p. 170). Os autores explicam:

Enquanto Freud, em 1923, afirmou a primazia do inconsciente sobre o consciente e provocou uma reviravolta no campo de estudo das pulsões com a introdução da pulsão de morte, os partidários da *Ego Psychology* sustentam uma postura que vai em sentido contrário a esse descentramento. Segundo eles, o eu se autonomiza (e se torna um eu autônomo) ao controlar suas pulsões primitivas, o que lhe permite conquistar sua independência frente à realidade externa (Roudinesco e Plon, 1998, pp. 170-171).

Seguindo as pistas deixadas por Lima (2021), encontramos em Weissmann um interessante expoente dessa perspectiva teórica advinda dos Estados Unidos, naquilo que pode ser nomeado como *ética da maturidade*. Além disso, notamos fortes indícios de que, ao defender um sujeito maduro como alguém *socialmente integrado ao máximo*, Weissmann está se referindo a um horizonte normativo, no qual a maturidade se igualaria à adaptação de cada um à sociedade<sup>120</sup>.

Para sustentar nossa hipótese, retomamos a diferença, apresentada por Weissmann, entre Goethe e Nietzsche<sup>121</sup>. Goethe, que anteriormente havia sido apresentado como um gênio paterno/burguês, completamente avesso a revoluções e lutas de classe, segue no mesmo estatuto no presente livro: “Goethe é considerado um dos representantes máximos da maturidade, sendo a sua obra, antes de mais nada, uma obra de civilização, isto é, *uma obra defensora e conservadora das excelências da vida civilizada*” (Weissmann, 1961, p. 6, grifo nosso). Enquanto isso, Nietzsche segue em seu lugar de extremo infantilismo:

Com efeito, o *futuro* que Zaratrusta anuncia é o passado. Suas grandes esperanças não passam de grandes saudades. Seu perspectivismo é retrospectivismo. O *super-homem* é em suma diametralmente oposto às aspirações da maturidade psicológica. Nietzsche assumiu uma direção nitidamente regressiva. Ele é o expoente máximo do anti-maturismo do nosso século (Weissmann, 1961, p. 143).

<sup>120</sup> Tais indícios, inclusive, estão presentes em praticamente todos os seus textos, e não apenas em *A Conquista da Maturidade* (1961).

<sup>121</sup> Há uma parte considerável de *A conquista da maturidade* (1961) dedicada a sustentar as teses de Weissmann sobre Nietzsche. Essa parte foi traduzida integralmente em um artigo intitulado “Nietzsche and the anti-maturism”, publicado na importante revista *American Imago*, em 1963 (Weissmann, 1963a).

Nietzsche e suas paixões filosóficas são novamente definidas por Weissmann como o ápice do “antimaturismo” de sua época, em nítida oposição a Freud:

Freud preconiza a necessidade de transformar o *id* em *ego* (Wo Es war sol Ich werden). Nietzsche, ao contrário, insiste na premência de reverter o *ego* em *id*. O homem, para ele, deve voltar às trevas do caos (do caos nem sempre criador). Digase de passagem que pregar a necessidade de retorno ao caos, não é apenas gracioso, é loucura (Weissmann, 1961, p. 150).

Constatamos que as referências a Goethe não deixam margem de dúvida com relação à concepção de sociedade defendida por Weissmann em seus textos: uma sociedade ordenada, sem grandes agitações, sem lutas de classes ou revoluções. Em resumo, uma concepção conservadora e normativa da vida social.

Antes de seguirmos, faz-se necessário demarcar uma diferença em relação ao trabalho de Lima (2021): ele discute a ética da maturidade em sua tese como um horizonte tanto teórico quanto clínico e político, presente na agenda de psicanalistas durante o período da ditadura civil-militar brasileira. Além disso, seu foco se mantém entre os psicanalistas vinculados às instituições de formação, bem como às publicações que circulavam em tais espaços. O caso de Weissmann se faz distinto por, ao menos, dois motivos.

O primeiro deles se refere à publicação de *A conquista da maturidade* ter ocorrido em 1961, logo, antes do golpe de 1964. Mais do que isso, sabemos que diversos elementos desse livro já haviam sido apresentados por Weissmann em 1937, quando se propôs a discutir a vida financeira em uma perspectiva desenvolvimentista, com as fases da libido como chave de leitura para diversos fenômenos humanos. Encontramos também em *O dinheiro na vida erótica* (1937), ainda que de maneira esboçada, a noção de genitalidade como horizonte normativo almejado com o desenvolvimento libidinal. Enquanto isso, o conceito de maturidade começa a ganhar corpo ainda nos anos 1940, sobretudo em *Goethe, o gênio paterno* (1949b), passando a ocupar o lugar antes dedicado à noção de genitalidade. Assim, se Lima (2021) mapeia práticas de psicanalistas durante a ditadura brasileira sob a égide da ética da maturidade, encontramos tais ideias sendo esboçadas, em Weissmann, desde os anos 1930, atingindo seu ápice antes mesmo do golpe de 1964. E tais concepções vinham sendo difundidas e divulgadas por Weissmann em *best sellers*, bem como em jornais e revistas de grande circulação nacional, o que pode ter contribuído para a consolidação dessas ideias, junto ao público leigo, bem antes do período estudado por Lima (2021).

O segundo ponto a ser considerado se refere ao fato de Weissmann não ter se envolvido nos projetos de formação psicanalítica, sejam ipeístas ou não. Como temos demonstrado ao longo desta tese, seu caminho foi muito mais autodidata. No entanto, e mesmo estando à

margem dos espaços de formação, Weissmann parece ter contribuído para a difusão de uma Psicanálise que se sustenta numa ética da maturidade fortemente inspirada na *ego psychology*.

Assim, e constatando a inspiração política do modelo de maturidade defendido por Weissmann, encontramos ao menos dois projetos que vêm como extensão das teses defendidas em *A conquista da maturidade* (1961). Notamos que ambos ajudam a dar corpo à hipótese de que o autor endossava um projeto de Psicanálise com forte alinhamento estadunidense, durante a Guerra Fria. O primeiro deles é a sua terceira passagem pela revista *O Cruzeiro*, dessa vez apresentando testes psicológicos a serem respondidos pelos leitores. O segundo, que veio três anos depois, é a publicação de *Masochismo e comunismo* (1964).

### 6.1.1 Novos tempos em *O Cruzeiro*: testes de maturidade a partir da Psicologia dinâmica

Tratemos, primeiramente, dos testes em *O Cruzeiro*. Conforme mostramos em capítulo anterior, a revista havia assumido, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, uma postura cada vez mais pró-Estados Unidos. Com a Guerra Fria se tornando cada vez mais acirrada, essa postura também se radicalizou. Santomauro (2015) nos mostra a profunda solidariedade entre publicações no Brasil e a Agência de Informação dos Estados Unidos<sup>122</sup>, a partir de 1953, que exerceu forte influência sobre diversas revistas e jornais brasileiros da época. Ela contava justamente com *O Cruzeiro* em seu quadro de aliados:

Além da eficiente distribuição, a USIA no Brasil também contava com aliados de peso para difundir suas notícias, como o já mencionado Assis Chateaubriand e jornalistas declaradamente pró-americanos como Carlos Lacerda, Pereira Carneiro e Paulo Bittencourt. Assim como esses, havia as organizações como a Agência Nacional, que “plantavam” matérias e/ou editoriais (muitas vezes com pseudônimos) em jornais de grande circulação como *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa*, e revistas como *O Cruzeiro* (Santomauro, 2015, pp. 241-242).

Dessa forma, *O Cruzeiro* chega aos anos 1960 fazendo parte desse aparato editorial que defendia e difundia ideias com nítido posicionamento na Guerra Fria. Nessas condições, Weissmann retorna à revista com páginas intimamente relacionadas às teses apresentadas em *A conquista da maturidade* (1961). O primeiro texto, publicado em 30 de dezembro de 1961 – ou seja, no mesmo ano do livro –, traz uma extensa reportagem na qual Weissmann é entrevistado

<sup>122</sup> Criada nos Estados Unidos em 1953, a USIA – United States Information Agency – tinha como um dos objetivos contribuir na difusão de ideias anticomunistas e pró-Estados Unidos, sobretudo nos países da América Latina. Segundo o autor, “a Agência foi um instrumento a mais da política externa dos Estados Unidos e trabalhou em consonância com outros autores e componentes do seu *soft power*, cujas ações eram despertadas pelo fascínio que despertava em outros povos o *American Way of Life*” (Santomauro, 2015, p. 12).

a respeito do tema. Sua apresentação já chama a atenção, visto que, estampado ao lado de uma foto de Weissmann, há a seguinte questão<sup>123</sup>: “O prof. Karl Weissmann, conhecido psicanalista, quer saber, sem maiores rodeios: você é um homem maduro?<sup>124</sup>” (O Cruzeiro, 1961, p. 53).

A partir dessa questão, Weissmann apresenta sua noção de Psicanálise e de maturidade: “A maturidade é o que nos concilia com a realidade. As pessoas imaturas se reconhecem facilmente pelas suas vidas irreais ou pouco reais. [...] Submetidas a tratamento psicanalítico, essas pessoas começam a receber doses mínimas de realidade” (Weissmann apud O Cruzeiro, 1961, p. 53). E se, por um lado, há a permanência dessa agenda, já presente em *A conquista da maturidade* (1961), por outro, há também uma forte preocupação com os rumos da política internacional, em íntimo alinhamento com a revista:

Se, em períodos passados da História, a humanidade se vinha ressentindo da carência de homens psicologicamente maduros para prover os postos de mando, essa carência se vem tornando particularmente inquietante no mundo de hoje, quando estamos na iminência de termos de pagar o mais terrível preço pelos caprichos e impulsos de um único dirigente imaturo<sup>125</sup> (Weissmann apud O Cruzeiro, 30 de dezembro de 1961, p. 53).

Após essa reportagem, Weissmann retorna à publicação na condição de autor, em março de 1962, com uma coluna chamada “Psicologia”, na qual seriam publicados testes de personalidade e de maturidade, até fevereiro do ano seguinte. A periodicidade de tais testes espanta: em um ano, encontramos ao menos trinta e duas aparições da coluna, que em determinados períodos foi publicada semanalmente. Assim ela é apresentada: “O que você prefere, um castelo ou um hotel? Parece brincadeira, mas é sério. Chama-se isto de Psicologia. [...] É a ciência da realidade interior. No Brasil, o Professor Karl Weissmann é “expert” na matéria, o que provará aos leitores<sup>126</sup>” (Weissmann, 1962a, p. 83, grifo nosso). Em seguida, Weissmann descreve seu programa, bem como seus pressupostos:

A organização do nosso programa nos permitirá incursionar nos mais importantes e variados setores da vasta e complexa ciência do comportamento humano. A nossa orientação nos manterá dentro da linha da Psicologia dinâmica, nem sempre acessível aos métodos tradicionais de inferência e experimentação (Weissmann, 1962a, p. 84, grifo nosso).

---

<sup>123</sup> Conforme mostramos no anexo 16.

<sup>124</sup> Na mesma reportagem, Weissmann chega a citar novamente a questão das mudanças sociais que transformariam os parâmetros de maturidade entre homens e mulheres. No entanto, chama a atenção seu título, com forte direcionamento ao público masculino, mostrando seu alinhamento com a política editorial de *O Cruzeiro* no que tange à agenda a favor da submissão feminina, como destacamos em capítulo anterior.

<sup>125</sup> A referência é dirigida às constantes ameaças de uma guerra nuclear entre Estados Unidos e União Soviética.

<sup>126</sup> Lembramos que a Psicologia, como ciência autônoma, foi reconhecida no mesmo ano de 1962, mais especificamente no dia 27 de agosto.

Daí em diante, acompanhamos Weissmann, por meio da coluna “Psicologia”, propor aos leitores uma vasta gama de testes de personalidade confeccionados pelo próprio autor e acompanhados de pequenos textos sobre o assunto. Estruturados com poucas perguntas e suas respectivas respostas ao final da página, eram intimamente relacionados às teses defendidas em *A conquista da maturidade* (1961). Trazemos, como exemplo, os dois testes publicados no dia 5 de maio de 1962, intitulados “Teste de capacidade psicológica – investigação criminal” e “Você é um tipo introvertido ou extrovertido?”<sup>127</sup>. No mês de dezembro de 1962, encontramos alguns testes mais curiosos: “Você sofre de neurose monetária?”, no dia 1; e “Como você se sente no barbeiro?”, no dia 22 do mesmo mês<sup>128</sup>.

Por fim, damos destaque para a última publicação da coluna que encontramos, de 23 de fevereiro de 1963, intitulada: “Você tem tendências totalitárias?”. Aqui, foram publicados dois testes<sup>129</sup>, apresentados da seguinte maneira:

Os dois testes de hoje, o questionário e os oito desenhos do já consagrado psicólogo social Goulter servem para avaliar o grau de uma das características mais específicas da personalidade totalitária<sup>130</sup>: a rigidez de princípios e de conduta e a intolerância à ambiguidade (Weissmann, 1963b, p. 76).

Não conhecemos o autor citado por Weissmann, porém, chama a atenção a explicação dada para o teste com desenhos de animais: “As pessoas rígidas e autoritárias, com propensões fascistas ou comunistas, revelam neste teste uma marcada tendência de continuar aferradas ao original, ou seja, à imagem do cão, mesmo depois que este já se transformou em gato” (Weissmann, 1963, p. 76)<sup>131</sup>.

Alguns aspectos chamam a atenção no retorno de Weissmann a *O Cruzeiro*. Primeiramente, o esforço de divulgação de elementos da Psicanálise ao público brasileiro, dessa vez na forma de testes psicológicos; sua afirmação de que sustentaria seu programa na *Psicologia dinâmica* não deixa dúvidas quanto a isso. Em segundo lugar, a forte relação entre as teses defendidas em *A conquista da maturidade* (1961) e os referidos testes, a exemplo das questões criminais, financeiras e estéticas.

Há, mais uma vez, profunda compatibilidade entre as propostas e ideias de Weissmann e a política editorial de *O Cruzeiro*. Com efeito, ambos estavam situados no campo de tensões

<sup>127</sup> Como pode ser visto no anexo 17.

<sup>128</sup> Como pode ser visto no anexo 18.

<sup>129</sup> Que pode ser visto no anexo 19.

<sup>130</sup> Não nos parece haver qualquer ligação de conteúdo entre esses testes e o trabalho do intelectual alemão Theodor Adorno, que investigou a personalidade autoritária, tendo publicado diversos textos sobre o assunto.

<sup>131</sup> Notamos, aqui, o esforço de Weissmann por avaliar propensões fascistas ou comunistas a partir de testes um tanto simples, o que nos faz duvidar dos possíveis resultados.

que o mundo atravessava, defendendo ideias anticomunistas. Tal compatibilidade pode ser vista, por exemplo, no último teste que citamos, em que Weissmann fala dos comunistas como sujeitos pouco propensos à mudança, intolerantes à ambiguidade e com rigidez de conduta – em resumo, imaturos.

A relação de Weissmann com o anticomunismo nos leva ao próximo projeto diretamente derivado da publicação de *A conquista da maturidade* (1961), o polêmico *Masoquismo e comunismo: contribuição à patologia do pensamento político* (1964), escrito no final de 1963 e publicado no ano seguinte. Nesse livro, o autor sobe o tom em relação às suas teses anticomunistas, no mesmo momento em que o Brasil sofre um golpe civil-militar que lança o país em uma ditadura de vinte e um anos. Pela gravidade do momento vivido, assim como pela contundência de suas hipóteses, dedicaremos um tópico exclusivamente a discutir esse trabalho, bem como suas relações com a época em questão.

## **6.2 *Masoquismo e comunismo* e suas relações com o golpe de 1964: a Psicanálise como uma pedagogia anticomunista**

Começamos pela abertura do texto: “Como cidadãos particulares podemos fazer as nossas concessões aos comunistas e tê-los, inclusive, como amigos, mas como terapeutas e educadores temos o dever indeclinável de combater-los, isto é, curá-los” (Weissmann, 1964, p. 9). Já se esboça, aí, o ambicioso objetivo do autor: caracterizar o comunismo, a partir da Psicanálise, como uma ideologia necessariamente vinculada a uma patologia política, sendo a *verdade analítica* uma poderosa ferramenta de cura.

Para Weissmann, o comunismo seria um horizonte político que “explora e perpetua artificialmente *a mais estranha e frequente de todas as perversões humanas*, ainda que sob uma forma social: o masoquismo” (Weissmann, 1964, p. 11, grifo do autor). Se a semente dessa ideia já estava presente no livro anterior – justamente na relação defendida pelo autor entre masoquismo e comunismo –, encontramos, aqui, afirmações mais contundentes acerca dessa querela política.

Partindo desses elementos, reconhecemos no trabalho de Weissmann uma referência histórica de longo alcance, já que foram poucas as vezes em que um psicanalista se posicionou de maneira tão categórica acerca das questões políticas de seu tempo. Mais do que isso, encontramos um Karl Weissmann inflamado em suas afirmações. Neste tópico, apresentaremos elementos do período como uma moldura para a discussão do texto em questão. Discutiremos, também, alguns dos efeitos dessa publicação para, em seguida, apresentarmos nossa hipótese

sobre os motivos que levaram Weissmann a se posicionar de maneira tão incisiva, valendo-se de um tom poucas vezes encontrado ao longo de sua biografia.

### **6.2.1 1964: Condições e efeitos de um golpe latino-americano**

Podemos considerar a primeira metade dos anos 1960 como uma das encruzilhadas mais marcantes do século passado para a sociedade brasileira. Nesse período de grandes tensões políticas, econômicas e sociais, vemos o Brasil se transformar em um espaço de crescente instabilidade institucional (Toledo, 2016). Nessas condições ocorreu o golpe civil-militar, que depôs o então presidente eleito João Goulart e alçou um grupo de militares ao controle do poder executivo.

A História do golpe de 1964 é demasiadamente complexa e não cabe aqui investigarmos em detalhe o acontecimento. O que nos propomos é a apresentação de elementos que ofereçam subsídios para discutir o trabalho de Weissmann, uma vez que a inscrição histórica de *Masquismo e comunismo* (1964) nos parece incontornável.

Um primeiro elemento a considerar é o quadro geopolítico do período em questão, situado no contexto daquela que ficou conhecida como Guerra Fria. Nesse período, que pode ser demarcado do fim da Segunda Guerra Mundial até 1991, o mundo se organizava em torno de dois grandes blocos político-econômicos, um orientado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e outro pelos Estados Unidos da América. Essa guerra foi a matriz política que conduziu alguns dos principais acontecimentos da segunda metade do século passado.

Dentre esses acontecimentos, destacamos o conjunto de ditaduras civil-militares que se estabeleceram na América Latina. Apoiados sistematicamente pelos Estados Unidos, diversos movimentos de ruptura institucional foram conduzidos por militares nesses países. As intervenções tiveram início com os golpes de 1954, na Guatemala e no Paraguai, e se radicalizaram a partir dos efeitos da Revolução Cubana, em 1959, na qual o governo do país sustentou declaradamente seu apoio à União Soviética. O caráter anticapitalista e nacionalista do movimento cubano colocou em alerta extremo os responsáveis pela política externa dos Estados Unidos, que passaram a agir de forma mais incisiva nos países latino-americanos (Singer, 2016).

Em poucas palavras, esse é o contexto geopolítico no qual se estrutura a “guerra ao comunismo”, estabelecida em países como o Brasil. Situada em meio a essa guerra ideológica,

e tendo sua economia tragada por uma crise após décadas de crescimento<sup>132</sup>, a política brasileira havia radicalizado seu posicionamento. Podemos lembrar do programa *Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico-Social*, de 1963, e da defesa das reformas de base – sobretudo a agrária, a fiscal e a social – sustentada no comício de 13 de março de 1964, pelo então presidente João Goulart. Diante da crise econômica, tais reformas “eram indispensáveis a fim de que o capitalismo industrial brasileiro pudesse alcançar um novo patamar de desenvolvimento” (Toledo, 2016, p. 45).

Sabemos, no entanto, que a defesa das reformas de base não foi sem consequências. O Congresso da época, majoritariamente conservador e ocupado por representantes das elites agrárias, impediram o poder executivo de avançar essas reformas, consideradas importantes para a retomada do crescimento. Apesar do seu lugar numa agenda de fortalecimento do sistema econômico vigente, elas foram vistas como ameaça às classes dominantes que, aliadas a interesses norte-americanos, declaravam que tais mudanças sociais eram provas claras de que havia uma ameaça comunista no país: “Setores da direita (Ipes/Ibad, ADP, Igreja, Associações femininas), alguns amplamente financiados pela embaixada norte-americana e por empresas multinacionais, passaram a denunciar a ‘subversão’ e a ‘comunização do país’” (Toledo, 2016, p. 46).

Podemos sentir, aí, o ressoar da Guerra Fria, além dos efeitos da Revolução Cubana. A tensão entre o poder executivo – conduzido por João Goulart –, que buscava avançar em suas reformas, e o legislativo, majoritariamente composto por representantes das elites agrárias, não pode ser avaliada em sua real extensão sem a consideração da disputa político-ideológica existente a nível geopolítico. Como veremos, esse reconhecimento é fundamental para compreendermos o trabalho de Karl Weissmann no período.

Antes de prosseguirmos com o texto de nosso biografado, cabe uma palavra sobre as citadas reformas de base, sobretudo a agrária: elas estiveram entre os principais programas do governo de João Goulart, e foram defendidas de forma cada vez mais intensa nos primeiros meses de 1964, ou seja, às vésperas do golpe, ocorrido em 31 de março daquele ano.

Com efeito, como nos mostra Oliveira (2016), uma série de impasses na economia brasileira levaram a uma estagnação das forças produtivas do país, no início da década de 1960. Apesar da industrialização ocorrida nos anos 1950, e do crescimento das empresas estatais ao longo dos trinta anos antecedentes, “o setor agrícola configurava-se como um dos setores mais

---

<sup>132</sup> Entre os anos 1930 e 1960, a economia brasileira manteve, em média, um crescimento de 8% ao ano, “façanha poucas vezes repetida na história capitalista” (Oliveira, 2016, p. 31).

atrasados na economia brasileira, na conjuntura do golpe de 1964” (Oliveira, 2016, p. 31). Extremamente centralizada em torno da exportação do café produzido, sobretudo, em São Paulo e no Paraná, aliado ao fato de que praticamente metade da população brasileira morava no campo, o setor voltado à agricultura era um dos pontos mais frágeis da economia brasileira.

Diante desse quadro, a defesa da reforma agrária se mostrava urgente, não para sustentar uma guinada comunista do país, mas justamente para poder recuperar seu crescimento como economia capitalista. Nesse sentido, as palavras de Darcy Ribeiro, um dos mais próximos colaboradores de Goulart, são esclarecedoras:

O que Jango tentava fazer não tinha nada de muito ousado nem de radical. Ele dizia sempre que, se o número de proprietários rurais fosse elevado de 2 para 10 milhões, a propriedade seria muito melhor defendida [...]. Por isso é que Jango, latifundiário, queria fazer a reforma agrária, ‘para defender a propriedade e assegurar a fartura, evitando o desespero popular e a convulsão social (Ribeiro apud Toledo, 2016, p. 45).

No entanto, aqueles que se esforçavam na denúncia de um suposto alinhamento ao bloco socialista, além da proclamação de uma “comunização” do país, encontraram na defesa da reforma agrária o combustível necessário para uma intensa mobilização popular. De fato, não havia se passado uma semana do comício de 13 de março, e as marchas da Família com Deus pela Liberdade tiveram início, organizadas por setores da direita. Uma das principais pautas destes grupos era, justamente, a defesa da propriedade privada. Como sabemos, o golpe, longamente ensaiado, chegou no fim do mês.

Assim, podemos demarcar dois pontos fundamentais no que se refere ao quadro histórico em que se insere o livro a ser analisado. O primeiro deles é o contexto da Guerra Fria, e o segundo é a defesa da reforma agrária por parte do governo de Goulart. Ambas as questões são discutidas no texto de Weissmann, que propõe uma engenhosa articulação entre Psicanálise e política.

### **6.2.2 Um psicanalista frente à “evidente comunização do Brasil”: Uma cruzada da Psicanálise contra o marxismo**

Antes de entrarmos no mérito conceitual da questão, levantamos algumas considerações sobre o modo como Karl Weissmann concebe a Psicanálise em suas relações com a teoria marxista. Com efeito, ele destaca o fato de a Psicanálise ter passado por uma série de

constrangimentos e proibições na extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas<sup>133</sup>, visando tomar o destino do freudismo no mundo soviético como prova cabal da incompatibilidade entre Freud e Marx<sup>134</sup>.

Diante desse “reconhecimento histórico”, Weissmann denuncia como equivocadas todas as tentativas de articulação entre Psicanálise e marxismo. Segundo ele, autores como Herbert Marcuse, Wilhelm Reich e Erich Fromm teriam caído no erro de tentar articular duas doutrinas incompatíveis<sup>135</sup>. Os dois últimos são os que recebem as críticas mais duras. Para Weissmann, Wilhelm Reich teria feito a tentativa “política e cientificamente mais suspeita” (Weissmann, 1964, p. 19) de parear a Psicanálise e o marxismo, enquanto Erich Fromm realizou, “presentemente, a contribuição mais ingente e, sem dúvida alguma, a mais nociva, ao amalgamento das doutrinas de Marx e Freud” (Weissmann, 1964, p. 20).

A razão da incompatibilidade nem chega a residir nos argumentos dos autores. Para Weissmann, há uma fratura fundamental entre Psicanálise e comunismo, demarcando a impossibilidade de aproximação entre tais campos a despeito de quaisquer esforços empreendidos, haja visto que “a natureza antimasoquista, portanto, anticomunista, de Freud, é manifesta tanto na sua vida como na sua obra” (Weissmann, 1964, p. 18). Ainda segundo ele:

A experiência deste último meio século vem demonstrando irretorquivelmente que Freud e Marx se excluem reciprocamente. Aquele representa a *libertação*, esse, o *liberticídio*. *O objetivo do marxismo* (ainda que pretextando caráter temporário) *é o poder sobre os outros, ao passo que o objetivo da Psicanálise é o poder sobre si mesmo* (Weissmann, 1964, pp. 20-21, grifos do autor).

Na pena de nosso biografado, a incompatibilidade entre Psicanálise e marxismo se dá tanto com relação aos princípios quanto aos objetivos finais desses campos do saber. Para o autor, enquanto “a missão precípua do marxismo é negar ao homem o seu caráter basicamente individual e autossuficiente” (Weissmann, 1964, p. 21), a Psicanálise, de forma oposta, “tem procurado, e largamente conseguido, aliviar, senão libertar, o indivíduo dos temores sombrios que o escravizam” (Weissmann, 1964, p. 22).

Dessa forma, um dos objetivos do livro, em contraposição aos autores citados anteriormente, é denunciar aquilo que Weissmann diagnostica como uma “dicotomia específica

---

<sup>133</sup> A Psicanálise foi realmente definida como uma ciência burguesa, e proibida enquanto teoria e prática na União Soviética, em 1936 (Cromberg, 2008).

<sup>134</sup> Cabe destacar que, ao longo do trabalho de Weissmann, fica evidente a não distinção conceitual entre teoria marxista e ideologia comunista.

<sup>135</sup> Interessante lembrar, com Lima (2021), que tais autores são alguns dos principais expoentes da corrente conhecida como *New Left*. Essa perspectiva ganhava corpo no Brasil, à época, pela via de intelectuais defensores de uma articulação entre os pensamentos de Freud e Marx.

e inevitável que existe entre a ideologia comunista e a doutrina de Freud” (Weissmann, 1964, p. 15). Esta incompatibilidade, de acordo com ele, reside fundamentalmente no lugar do indivíduo e na exaltação de sua liberdade, valorizados pela Psicanálise e negados pelo marxismo. Enquanto uma doutrina propõe a *libertação*, a outra propõe o *liberticídio*.

Partindo desse diagnóstico, Weissmann vai além – afinal, seu livro não é apenas teórico. Lutar contra o comunismo, na condição de psicanalista, era exatamente sua motivação para a escrita do trabalho. Assim, justifica sua empreitada:

Este livro, conseqüentemente, longe de justificar mágoas, oferece aos nossos amigos comunistas, isso sim, uma chance de se conhecerem melhor a si mesmos e se aperfeiçoarem na conquista do poder de que mais necessitamos: o poder sobre nós mesmos. O que representa, subsidiariamente, uma oportunidade de iniciar-se no processo psicológico de sua própria recuperação democrática (Weissmann, 1964, p. 7).

O objetivo do livro é claramente expresso em suas primeiras páginas: apresentar o que Weissmann chama de *verdade-terapia*, pedindo “aos nossos amigos comunistas, portanto, um voto de confiança na verdade analítica, já que vivemos na era analítica” (Weissmann, 1964, p. 8). Cabe assinalar, também, o patente objetivo de propor aos leitores um expediente de autoconhecimento, mostrando-se, assim, compatível com seus trabalhos anteriores no que tange a utilizar a Psicanálise como forma de autoajuda<sup>136</sup>, de forma que a leitura dos textos valeria, em si, como algo próximo de um trabalho clínico.

Partindo daí, encontramos o posicionamento do autor frente às condições políticas de seu tempo. Definindo seu livro como de caráter técnico-científico, Weissmann afirma também o aspecto político de seu trabalho. No entanto, ao investigarmos em detalhe a que se refere o autor quando define a relação entre Psicanálise e política, encontramos:

Se a política está latente em todas as atividades do espírito não podia estar ausente numa contribuição à patologia do próprio pensamento político. Não concordamos com os autores que afirmam que só é lícito ao psicólogo ter os seus pontos de vista como cidadão particular, mas nunca como cientista, sob pena de violar a proverbial neutralidade da ciência. Semelhante neutralidade diante da ameaça totalitária se compara ao alheamento de um médico em face de uma epidemia, sob a alegação de não poder ofender os enfermos chamando-os de doentes, ou que lhe devia parecer ainda pior, trata-los como tais. A própria experiência terapêutica e educativa indica a tese contrária como mais acertada: como cidadãos particulares podemos fazer as nossas concessões aos comunistas e tê-los, inclusive, como amigos, mas como terapeutas e educadores temos o dever indeclinável de combatê-los, isto é, curá-los (Weissmann, 1964, p. 9).

---

<sup>136</sup> Esse objetivo também é declarado em *A conquista da maturidade* (1961).

Ao se comparar com um médico frente a uma epidemia, Weissmann apresenta claramente seu posicionamento com relação ao que chama de *ameaça totalitária*. Segundo ele, um psicanalista não deveria se abster de curar os comunistas de sua patologia política, tendo a *verdade psicanalítica* como lugar de tratamento, a partir de uma distância asséptica, neutra, que forneceria o caminho para o processo de *recuperação democrática*. Amigos ou não, comunistas seriam doentes a ser tratados pela Psicanálise, já que “o comunismo se constitui, necessariamente, em poder que escraviza, enquanto a Psicanálise, *a sua maior inimiga*, nos acena com as perspectivas terapêuticas de um poder que nos liberta” (Weissmann, 1964, p. 14, grifo nosso).

Vemos, portanto, que Karl Weissmann se situa diante dos impasses do Brasil dos anos 1960, posicionando-se politicamente no quadro da “guerra ao comunismo”, embora opere a partir de um suposto distanciamento entre Psicanálise e política. Para ele, não há debate: há uma doença a ser curada, chamada de comunismo. Seu lugar de psicanalista seria o de alguém que vem a público enunciar, de forma “neutra”<sup>137</sup>, as verdades ditas por “espíritos política e cientificamente insuspeitos, como Freud, Reik, Menninger, Blerger e outros, fazendo caso omissivo do nosso modesto crédito que possa merecer o autor” (Weissmann, 1964, p. 8). De fato, Weissmann, além de se colocar ao lado de autores como Freud e Blerger, propõe a patologização de uma posição política, o que revela uma grande ambição no trabalho.

Desde o início do livro, o autor trata Psicanálise e marxismo como radicalmente incompatíveis. Marx, cujo pensamento é base da ideologia comunista, seria o responsável por propor uma teoria que busca controlar o indivíduo, negando sua liberdade, enquanto Freud teria aberto, em sua empreitada teórico-clínica, um caminho para libertar esse mesmo indivíduo de suas amarras ideológicas (Weissmann, 1964). A primeira teoria faria uso de uma tendência patológica dos indivíduos, enquanto a segunda seria a responsável pelo tratamento.

Nessas condições, após considerarmos brevemente o quadro geopolítico no qual o livro *Masoquismo e comunismo* (1964) se insere, bem como a forma pela qual o autor sustenta o diálogo entre Psicanálise e política, cabe-nos interrogar a respeito do núcleo conceitual mobilizado por Weissmann em seu trabalho. Afinal, ao encontrarmos a definição de comunismo como patologia política, torna-se fundamental mapear o caminho utilizado por ele para sustentar a articulação entre uma postura política e uma forma específica de adoecimento.

---

<sup>137</sup> Não entraremos na questão acerca da neutralidade analítica/política aqui. Para acompanhar este debate, ver Oliveira (2017), Rubin (2021) e Lima (2021).

### 6.2.3 Masoquismo, comunismo e a propriedade privada: elementos “metapsicológicos” de uma patologia política

A engrenagem conceitual do trabalho de Karl Weissmann chama a atenção por diversos motivos. Notamos que, apesar de o autor definir a relação entre Psicanálise e política a partir de um distanciamento supostamente neutro, uma das peças mais importantes de seu pensamento não vem da teoria psicanalítica, mas da agenda política do Brasil dos anos 1960: a questão da propriedade privada.

Conforme vimos, os debates relacionados à reforma agrária foram fundamentais para definir os caminhos políticos do período, em sua relação com o golpe de 1964. Tomada como um dos gritos de guerra da burguesia brasileira, bem como das elites agrárias do país, a defesa radical da propriedade privada torna-se o “prato do dia” para os grupos reacionários, diante do fantasma da reforma agrária rondando o debate político. Notamos que um dos principais argumentos de Karl Weissmann é organizado justamente em torno dessa questão. Segundo ele, “uma investigação dos expedientes ideológicos da masoquização comunista não pode prescindir de uma análise de seu instrumento executivo fundamental: a *supressão da propriedade privada*” (Weissmann, 1964, p. 31, grifo nosso).

Ao propor a supressão da propriedade privada como condição invariável para que se opere o que ele chama de *masoquização comunista*, Weissmann realiza uma operação conceitual ambiciosa. Afinal de contas, se a proposição da reforma agrária circulou no Brasil como ameaça à propriedade privada, vemos também nosso autor trazer essa discussão para o cerne conceitual da Psicanálise, alegando que a ameaça à propriedade privada era a condição fundamental para que se pudesse sustentar a própria hipótese de uma ameaça comunista:

Sem a abolição do direito à propriedade privada o poder masoquizante do comunismo teria a sua esfera de ação limitada ao número, mais ou menos considerável, de adeptos voluntários, a exemplo do que se observa em outros organismos sociais, nacionais ou religiosos de base masoquista. Mas graças a essa cláusula, verdadeiramente diabólica, largamente inspirada pelo ódio e pela ambição totalitária, o comunismo pôde constituir-se irreversivelmente em masoquismo institucionalizado (Weissmann, 1964, p. 31).

Ao trazer a discussão a respeito da supressão da propriedade privada para o interior do campo conceitual da Psicanálise, Weissmann a define como a principal ferramenta de uma *comunização*. E, reconhecendo o lugar de sua proposta na agenda política dos anos 1960, torna-se fundamental compreender o modo como ele propõe a articulação entre Psicanálise e

ideologia comunista. Afinal, o que caracterizaria um comunista, para Weissmann? A resposta nos é dada em termos diretos:

Ser comunista significa, e provavelmente sempre significará, sofrer perseguições, prisões, privações, humilhações, vexames, quando não agressões e torturas físicas, infligidas ora pelos inimigos ora pelos próprios companheiros. É sabido que a fé de ofício, o ativo de todo comunista é ainda a sua folha de sacrifícios (Weissmann, 1964, p. 68).

Assim, a agenda de um comunista passaria, ativamente, pela busca de sofrimento: “Seja qual for a natureza do sofrimento, desde as torturas físicas mais brutais, aos mais requintados tormentos psicológicos, o verdadeiro comunista o aceita, ou melhor, *o provoca inconscientemente*” (Weissmann, 1964, p. 68, grifo nosso). O comunista seria, nesse caminho, alguém que faria uso do seu projeto político como uma meta psicológica vinculada ao sofrimento próprio, ou seja, à escolha pela exposição a diversas formas de violência: “Minha tese é a de que o verdadeiro comunista, seja qual for o grau de seu desenvolvimento ou requintamento intelectual, nunca se caracteriza especificamente por ser grosseiro e vulgar: *ele se caracteriza invariavelmente, senão acima de tudo, como masoquista*” (Weissmann, 1964, p. 38, grifos do autor).

Seguindo essa lógica, vemos o autor realizar uma aproximação metapsicológica entre masoquismo e comunismo:

Ser comunista significa derivar consciente ou inconscientemente prazer do sofrimento e capitalizá-lo ideologicamente, à base de sentimentos mais ou menos arcaicos e energias anímicas não liberadas da nossa consciência inconsciente. [...] O homem é, por definição, um *animal masoquista* pelo simples fato de ter de sofrer e tirar proveito e, inclusive, algum prazer dos seus sofrimentos inevitáveis. Mas há masoquistas e masoquistas. Não nos referimos em termos de masoquismo a um desportista. Mas o militante de uma ideologia exótica, que aceita as mais ingratas tarefas, sujeitando-se aos mais incríveis sacrifícios, vexames e humilhações, a pretexto de idealismo ou nobre ideal, faz jus à qualificação de masoquista (Weissmann, 1964, p. 60, grifo do autor).

Ao definir o ser humano como *animal masoquista*, Weissmann abre caminho para uma discussão conceitual de suma importância para seu trabalho. As referências utilizadas são apresentadas de forma nítida:

Para emprendermos esse impulso instintivo que preside as mais diversas manifestações masoquísticas na sua dinâmica e fenomenologia complexas e obscuras, não poderíamos deixar de seguir na esteira de Freud e na de seu mais legítimo herdeiro, que se especializou na matéria, Th. Reik (Weissmann, 1964, p. 61)<sup>138</sup>.

---

<sup>138</sup> Theodor Reik, um dos primeiros colaboradores de Freud, publicou o livro *Masochism in Modern Man* em 1941. Constatamos, no entanto, que Reik não aborda o assunto do comunismo em seu trabalho.

A partir daí, Weissmann define o que concebe como masoquismo, que se apresentaria de três formas distintas: “como uma maneira peculiar de excitação sexual, como uma expressão da passividade feminina e como uma atitude diante da vida. E a essas três formas de masoquismo, Freud as denominou respectivamente: masoquismo erógeno, masoquismo feminino e masoquismo moral” (Weissmann, 1964, p. 61).

A primeira delas seria, então, a dimensão orgânica do masoquismo, vinculada à fonte do que ele chama de instinto de morte<sup>139</sup>. Lembramos que Freud, desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), define o organismo como a fonte do que se traduziu por *instintos*: “Por ‘instinto’ não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir” (Freud, 1905/2016, p. 66). Quanto a esse aspecto, Weissmann nos explica que “o primeiro, o masoquismo erógeno, na sua dualidade dor-prazer, serve de ponto de partida para os outros dois, que são como que sublimações ulteriores, sendo o primeiro a expressão mais rudimentar do instinto de morte” (Weissmann, 1964, pg. 61). Seguindo essa lógica, o autor afirma que “o masoquista vincula-se ao impulso de morte pela agressividade. [...] O masoquista, disse Freud, é o indivíduo que substitui o objeto original de sua agressividade pelo próprio eu” (Weissmann, 1964, p. 75).

A segunda forma de masoquismo destacada por Weissmann, que leva o adjetivo de *feminino*, refere-se ao que chama de “uma expressão de natureza feminina, responsável por uma norma de conduta passiva na vida, característica nas pessoas que nunca tem a sua independência” (Weissmann, 1964, p. 61). O esforço por marcar uma natureza feminina como fundamentalmente passiva fica claro em sua afirmação de que “o masoquismo em questão se manifesta notadamente na mulher, na sua disposição receptiva, na sua necessidade de ser necessária e no seu desejo, ainda que disfarçado, de ser espoliada” (Weissmann, 1964, p.62).

Por fim, a terceira forma de masoquismo, definida como *moral*, seria considerada pelo autor a mais importante para a compreensão da operação comunista:

Dominado pelo masoquismo moral, o indivíduo propende a cometer faltas, a sofrer acidentes e a culpar-se a si mesmo, a fim de conciliar-se com o seu superego e reabilitar o ego, sempre necessitado de reparações. Karen Horney explicaria o fenômeno do masoquismo moral, como uma decorrência da introjeção de um dos pais. O masoquismo em questão não passaria de uma sujeição masoquista sexual modificada do ego ao superego, servindo o sofrimento, ou seja, o castigo, como um meio para neutralizar o medo causado pela autoridade parental incorporada à própria consciência de reestabelecer o crédito (Weissmann, 1964, p. 62).

---

<sup>139</sup> Utilizaremos a palavra *instinto*, por estar em consonância com o texto escrito por Weissmann, a despeito da nossa preferência pela tradução da *Trieb* freudiana por “pulsão”, em consonância com o trabalho *As pulsões e seus destinos* (Freud, 1915/2013).

A operação de *masoquização* passaria pelas três formas de masoquismo nomeadas por Weissmann. A passagem das duas primeiras para a terceira, destacada como a mais importante no caso em apreço, se daria da seguinte maneira: “enquanto o masoquista se encontra na fase erógena e na passividade feminina, tem de justificar, fictícia e superficialmente, o seu modo estranho de excitar-se sexualmente, recorrendo para tanto a fantasias punitivas” (Weissmann, 1964, p. 62). Mas, com o tempo, o indivíduo passaria a “condicionar as gratificações eróticas ao hábito de sentir-se culpado. E à medida em que esse hábito do sentimento culposo se acentua, ele passa do masoquismo sexual e feminino para o masoquismo moral” (Weissmann, 1964, p. 62).

O pano de fundo das formas de masoquismo, na pena de Weissmann, seria o percurso do desenvolvimento do indivíduo, em sua relação com as fases evolutivas da libido. Acerca desse aspecto, trazemos a articulação proposta pelo autor:

Pela sua origem erógena, o masoquismo, segundo a teoria original de Freud, está ligado e acompanha todas as fases evolutivas da libido, cambiando os seus revestimentos psíquicos característicos de acordo com as mesmas. Destarte, o medo de ser devorado pelo animal totêmico refletiria a primitiva organização oral da personalidade. O desejo subsequente de ser vergastado pelo pai, estaria psiquicamente decalcado nos modelos da fase anal-sádica, enquanto a fase fálica se denunciaria no temor da castração, temor esse ulteriormente negado e desmentido através da elaboração das fantasias masoquistas. E, finalmente, da fase genital se derivam as tendências masoquistas que se caracterizam pela passividade feminina. O *masoquismo feminino* teria como substrato afetivo *um vago desejo de ser amado pelo pai como mulher* (Weissmann, 1964, p. 81, grifo do autor).

Podemos compreender, dessa forma, o percurso conceitual realizado pelo autor, em referência à questão do masoquismo. Vinculado ao que ele chama de fases evolutivas da libido, os indivíduos que se mantivessem presos de forma masoquista a algum desses períodos apresentariam disposição posterior para a cristalização do que chama de masoquismo moral. A passagem se realizaria, inicialmente, na aproximação do *instinto de morte* ao masoquismo que Weissmann chama de feminino, vinculado a um suposto amor serviente à figura paterna. Para ele, *ser amado pelo pai como mulher* se refere, necessariamente, a tomar uma atitude de dependência nas relações sociais, de modo que o indivíduo passaria sua vida buscando figuras de liderança para ocupar esse lugar. O terceiro momento seria a transformação no que Weissmann chama de masoquismo moral. Assim o autor conclui seu raciocínio, como chave para a articulação entre masoquismo e comunismo:

O masoquismo ideológico se equaciona largamente ao *masoquismo feminino*. É como se o comunista dissesse: “*eu sou amado e castigado pelo pai*”. Graças ao expediente psíquico conhecido sob o nome de *transferência* essa atitude masoquista se reproduz afetivamente nas relações hierárquicas entre os subordinados e o seu chefe, repetindo,

segundo Freud, as relações carinhosas e passivas do menino diante da pessoa paterna conforme se pode inferir de sua natureza infantil a qual se preserva na mais adulta das hipóteses. O seu desejo de ser castigado e humilhado corresponde ao hábito infantil de adotar uma atitude feminina em relação à autoridade parental (Weissmann, 1964, p. 83).

Como temos mostrado, Weissmann define os comunistas como, fundamentalmente, indivíduos que se entregam às mais variadas formas de violência política, ponto em que a articulação se dá: a ideologia comunista não seria atrativa por sua agenda política, mas justamente por oferecer essa violência, buscada inconscientemente pelos indivíduos masoquistas. Sendo o masoquista “um indivíduo mau e cruel, mesmo trocando o objeto de sua agressão pelo próprio eu, reunindo na sua própria pessoa o algoz e a vítima” (Weissmann, 1964, p. 148), o comunismo se mostraria sedutor por oferecer esse campo de violência perseguido por ele. Torturas, perseguições e humilhações seriam, nesse caso, alguns dos atrativos que indivíduos masoquistas encontrariam no caminho de suas escolhas ideológicas. A base do comunismo residiria, para Weissmann, no *instinto de morte*, em suas manifestações de ódio e hostilidade:

O comunista tem de zelar pela rigidez<sup>140</sup>, pela inflexibilidade, pela desconfiança, pela hostilidade em potencial. Em suma, ele não pode ser um indivíduo bom, sob pena de comprometer as suas virtuosidades ideológicas, enfraquecendo a força propulsora de sua ideologia, que é o ódio (Weissmann, 1964, p. 149).

Para além das violências e perseguições, lembramos também da discussão acerca da abolição da propriedade privada. Segundo o autor, um indivíduo que se propõe a abrir mão de sua propriedade abre mão da sua própria liberdade, visto uma ser a condição da outra, sendo a proposta de supressão da propriedade privada uma ideia *liberticida*. Weissmann, então, passa grande parte do trabalho afirmando a íntima relação entre propriedade privada e liberdade: “a propriedade privada é, sabidamente, o fundamento da liberdade individual” (Weissmann, 1964, p. 31).

Para o autor, não há liberdade sem propriedade, de modo que o indivíduo *livre* busca, necessariamente, possuir bens. Weissmann ilustra esse pensamento ao citar o que supostamente passaria pela cabeça de um comunista, em seu infeliz caminho: “todos deviam ser igualmente infelizes e destituídos de bens. Para isso é que se aboliu a propriedade privada” (Weissmann, 1964, p. 37).

---

<sup>140</sup> Lembramos, aqui, o teste psicológico publicado por ele, no qual se afirmava que a rigidez era uma característica dos comunistas, apresentado anteriormente.

Nessas condições, vislumbramos os efeitos políticos da articulação proposta por Weissmann, segundo o qual, ao se colocar a favor da supressão da propriedade privada e da posse de bens, um comunista seria, necessariamente, um masoquista, de modo que seus ideais de igualdade não passariam de fachada: “tal sentimento ou ideal igualitário, em si, nada tem de grosseiro ou vulgar. É simplesmente um ideal masoquista” (Weissmann, 1964, p. 37).

Entendemos que a pauta é evidente: inspirado no conjunto de fantasmas que rondavam o Brasil à época, Weissmann coloca a proposta da supressão da propriedade privada como o núcleo do projeto comunista. Contudo, situa a discussão no terreno da psicologia individual. Dessa forma, as dimensões econômicas e sociais da reforma agrária encontram-se esvaziadas, sendo no nível da maturidade de cada indivíduo que o debate se trava. Segundo o autor, a ideia da supressão da propriedade privada seria a principal ferramenta da ideologia comunista, em seu papel de *masoquização*.

O problema da defesa da supressão da propriedade privada deveria, então, ser encontrado nos caminhos pelos quais a libido de cada indivíduo atravessa, e seus efeitos seriam os mais nocivos possíveis, tanto à liberdade individual, quanto à coletividade:

As necessidades provenientes da abolição da propriedade privada, longe de contribuírem para a evolução, a maturidade e o engrandecimento da personalidade, produzem, isso sim, estados desagradáveis de tensão e complexos de inferioridade econômica coletivos em face dos povos prósperos e livres (Weissmann, 1964, pp. 38-39).

Dessa forma, a proposta de articulação desenvolvida por Weissmann ganha corpo. Ao comunista, “no presente cumpre-lhe unicamente pagar, amortizar, em uma palavra, sofrer” (Weissmann, 1964, p. 40), encontrando no campo político um lugar privilegiado de satisfação das suas tendências infantis: “A força masoquizante do comunismo existe porque em nossa alma os fatos passados continuam atuantes como se fossem presentes” (Weissmann, 1964, p. 143). O autor conclui:

O veneno da utopia comunista, que tem o poder de viciar irreversivelmente, inclusive, espíritos excepcionais, reside na sua ação masoquizante. Sem essa ação os indivíduos não se viciariam, fossem quais fossem as etiquetas que se apresentam no mercado negro dos ideais políticos. Sem a intoxicação masoquista o tráfego dos “slogans” não vingaria. Sem a masoquização inerente aos ideais marxistas, palavras como paz, democracia, justiça social etc., conservando o seu verdadeiro sentido, não hipnotizariam ninguém. *Sem masoquismo o mundo não conheceria o comunismo* (Weissmann, 1964, p. 143, grifo nosso).

Após identificarmos a empreitada conceitual elaborada por Weissmann, podemos trazer também seus exemplos clínicos. Discutindo casos de pessoas de relevância para os movimentos

de esquerda no Brasil e no mundo, apresentando-os como masoquistas incoercíveis – como Luís Carlos Prestes ou Nicolai Bucarin –, o autor chega a comentar um caso clínico atendido por ele. De fato, lembramos que Weissmann se esforça por elaborar uma terapêutica do comunismo, baseada em sua leitura da Psicanálise. Afirmando terem *contas edípicas a ajustar*, seria justamente ao nível das encruzilhadas edípicas que se daria o tratamento desses sujeitos.

Ademais, ele reconhece a imensa dificuldade de comunistas procurarem tratamento psicanalítico. Para o autor, uma das razões dessa dificuldade seria reflexo da hostilidade soviética à Psicanálise, uma vez que os líderes comunistas, “perturbados nos seus pontos de vista ideológicos, sonhos de poder e orgias sadomasoquistas, só podiam se mostrar cada vez mais hostis à futura ciência do conhecimento e controle da natureza humana” (Weissmann, 1964, pp. 22-23).

Weissmann marca, ainda, outra dificuldade, a de que os comunistas não procurariam tratamento pelo fato de não se darem conta de sofrerem de *problemas psiquiátricos*:

Uma troca relativamente sincera e autêntica da ideologia comunista pela psicologia só seria possível submetendo o candidato a semelhante conversão a um tratamento psicanalítico em regra. Acontece que o comunista nunca considera a sua ideologia, como tal, *um problema psiquiátrico*. Ocorre, vez por outra, a um comunista submeter-se a uma análise para curar-se de uma ansiedade, obsessão ou de um distúrbio funcional da sexualidade, ocasião em que ele costuma livrar-se concomitantemente, de lambuja, como se diz na gíria popular, de seu mal ideológico (Weissmann, 1964, p. 29, grifo nosso).

Para ele, a única forma de os comunistas se submeterem a um tratamento, que poderia curar seu *mal ideológico*, seria em função de algum outro *distúrbio da sexualidade* ou ansiedade. Ao se submeterem ao tratamento por problemas outros, haveria uma chance de *conversão* ou, como ele mesmo diz, de serem reduzidos os ardores ideológicos comunistas. Nesse sentido é que ele apresenta um desses atendimentos:

Um comunista por mim analisado, revelara a sua vocação ideológica desde a infância: choramingando, o revolucionário potencial dirigia-se à mãe literalmente com estas palavras: “*Mamãe, eu quero o que não tem*”. Garantira-se destarte, de antemão, a gratificação emocional masoquista, o que não impedia que ele se queixasse da crueldade materna ao conceder-lhe justamente o que lhe pedira: *a recusa*. Vida afora essa pessoa vivia pedindo o que não tinha. Não é de estranhar que ele encontrasse no regime da supressão da propriedade privada, isto é, no comunismo, o seu clima ideológico ideal. Afeito a protestos sociais sistemáticos e ao vício de colecionar injustiças, ele vivia, como todo revolucionário vocacional a pedir o que não tinha e entregue ao seu mecanismo irracional de defesa própria. Escusado será acrescentar, que alguns meses de análise bastaram para reduzir-lhe sensivelmente o seu ardor ideológico (Weissmann, 1964, pp. 41-42, grifo do autor).

Notamos, com o trecho do caso clínico, o modo como Weissmann concebe a possibilidade de a Psicanálise *curar* comunistas de seu *mal ideológico*, destacando que a Psicanálise é, em seu ponto de vista, uma proposta que abre a possibilidade de libertar o indivíduo dos *temores que lhe escravizam*<sup>141</sup>. Portanto, tratar o masoquismo individual seria o caminho do que o autor chama de *recuperação democrática*. Em outras palavras, ao tratar o masoquismo, a Psicanálise trataria, de forma concomitante, a patologia política chamada comunismo: “A própria experiência clínica vem demonstrando que o comunismo, como expressão do masoquismo social, ligado ao velho complexo de Édipo, não resiste à prolongada ação analítica” (Weissmann, 1964, p. 24).

Nesse horizonte, o autor chama a atenção para a importância daquilo que define como introspecção psicológica<sup>142</sup> para que o comunista possa tomar consciência dos componentes masoquistas da sua personalidade: “Como não há componente neurótico que resista indefinidamente à ação dissolvente e sublimatória da introspecção psicológica, a espiritualização progressiva do masoquismo vem-se constituindo, paradoxalmente, a longo prazo, em força antimasquista” (Weissmann, 1964, p. 149).

Retomamos, então, a distinção feita por Weissmann entre psicologia e ideologia. Para ele, a Psicologia/Psicanálise tornaria evidente a relação entre masoquismo e comunismo, possibilitando ao comunista *evoluir* para a condição de um indivíduo mais livre, a exemplo dos intelectuais:

De maneira geral, o intelectual comunista, escritor ou não, só se decide em favor da psicologia contra a ideologia, quando em desespero de causa, quando os motivos masoquísticos dessa última se tornaram por demais evidentes, obrigando-o a admitir o seu masoquismo e a barganhar conscientemente a sua alma. Aí ele passa a “evoluir” do campo ideológico para o psicológico. Aceita e, inclusive, apela para a Psicanálise, porém condicionalmente (Weissmann, 1964, p. 28).

Em resumo, ao se dar conta dos *evidentes motivos masoquísticos* envolvidos em sua escolha política, o comunista poderia passar da ideologia para o campo da psicologia. Após realizar essa passagem, o indivíduo teria condições de compreender os motivos *originais* da sua escolha ideológica: “Tendo passado do campo ideológico para o campo da batalha da consciência individual, a ligação masquista do ex-comunista com o partido reverte à forma edípica original” (Weissmann, 1964, p. 29).

---

<sup>141</sup> Notamos que essa frase é constante em todo o seu trabalho.

<sup>142</sup> Tal mecanismo nos parece um correlato da autoanálise, ferramenta defendida por Weissmann e que poderia, inclusive, substituir a análise pessoal. Falaremos mais sobre isso adiante.

Recuperamos, aqui, o objetivo do livro, apresentado em suas primeiras páginas. Definindo a Psicanálise como uma ferramenta de tratamento da patologia política chamada comunismo, Weissmann escreve seu trabalho visando apresentar a metapsicologia da questão, ilustrando-a com uma série de exemplos, de modo que os comunistas possam reconhecer os motivos inconscientes da sua escolha:

O leitor talvez se capacite que, para lutar contra a escravidão da ideologia comunista, não é preciso ser um anticomunista, bastando viver em guarda contra o seu próprio masoquismo psíquico inconsciente, e ser – em matéria de ideologia política – um sincero antimasoquista militante (Weissmann, 1964, p. 14).

Conhecer os motivos inconscientes que levariam um comunista à sua escolha ideológica, vinculados ao seu masoquismo, para, assim, manter-se em guarda contra as tendências masoquistas da personalidade: esse seria, em suma, o caminho proposto por Weissmann para o tratamento dessa *patologia política* chamada comunismo.

#### **6.2.4 Masoquismo e Comunismo após o golpe**

Conforme apontamos, o livro foi escrito nos fins de 1963 e publicado no ano seguinte, quando se deu o golpe civil-militar brasileiro. E a notícia do lançamento de *Masoquismo e comunismo* (1964) circulou pela mídia brasileira tanto antes quanto exatamente depois de sua publicação. Encontramos reportagens de divulgação como a que data de 16 de agosto de 1963, publicada no *Jornal do Commercio*, que traz uma manchete contundente: “Tese de aluno de Freud - Psicanalista Weissmann prova: comunismo provém do masoquismo” (*Jornal do Commercio*, 1963, p. 3). A reportagem é apresentada da seguinte forma:

Em entrevista ao JORNAL DO COMMERCIO, o professor Weissmann antecipou alguns pontos de sua tese “Masoquismo e Comunismo”, que já se encontra concluída e pronta para ser entregue aos seus editores em São Paulo. Trata-se de um livro destinado a suscitar, provavelmente, acesa polêmica, pois é a primeira tentativa, no mundo, em que o comunismo se apresenta diretamente examinado à luz da Psicanálise (*Jornal do Commercio*, 1963, p. 3).

O texto se dedica a expor elementos da entrevista feita com Weissmann, na qual o autor antecipa uma série de elementos presentes no livro. A reportagem chama a atenção não apenas para o modo como Weissmann se apresenta, mas para a forma como ele descreve o caminho que o levou a relacionar masoquismo e comunismo:

O professor Weissmann explicou inicialmente que, ao longo de sua *grande* experiência como psicanalista da Penitenciária e através do exame de um grande

número de casos que foram submetidos à sua apreciação, em confronto com exemplos mundialmente conhecidos, tanto na Rússia quanto em outros países, inclusive no nosso, chegou à seguinte conclusão: - “O comunismo explora, estimula e perpetua a mais estranha e a mais frequente de todas as perversões humanas, segundo os ensinamentos de Freud, ainda que sob a forma social: o masoquismo. [...] O meu trabalho é fruto de um longo e paciente estudo experimental. Debrucei-me nos casos que se me apresentaram durante a minha atividade, não só na penitenciária, como em meu escritório particular, e, sobretudo, detive-me no exame de personalidades comunistas conhecidas, cujo comportamento é, irrecusavelmente, de autênticos masoquistas. Não tenho nenhuma prevenção nem contra os comunistas, nem contra o comunismo, mas como explico em meu livro, proponho-me apenas, tratando de *um dos mais graves problemas do mundo contemporâneo*, a demonstrar cientificamente, à luz de teorias psicológicas politicamente insuspeitas, e dentro da maior objetividade possível, aquilo que o insigne continuador de Freud, Theodor Reik, incluiu em sua obra ‘O masoquismo no homem moderno’ (Jornal do Commercio, 1963, p. 3, grifo nosso).

Em seguida, Weissmann se dedica a detalhar os principais pontos teóricos da obra. Outras reportagens encontradas apontam caminhos semelhantes. Já os comentários publicados na imprensa a respeito do livro, após sua publicação, não se mostraram tão entusiasmados. O mesmo *Jornal do Commercio* – um dos espaços de divulgação de *Masoquismo e comunismo* (1964) no período anterior ao seu lançamento – veio a público em 25 de setembro de 1964, ou seja, poucos meses após a publicação:

Numa edição da Martins, saiu o anunciado livro de Karl Weissmann, “Masoquismo e Comunismo: contribuição à patologia do pensamento político” no qual seu autor defende uma tese que foi largamente divulgada na imprensa, em entrevistas, pela qual afirma que o comunismo é uma forma de masoquismo social, e que o comunista é, sobretudo, um masoquista, enquanto o fascista é um sádico. [...] Como se vê, a tese parece mais uma caricatura do que uma análise científica do fenômeno, sob cujo aspecto não tem nenhuma validade. Não cremos que possa ser encarada seriamente, embora, pela sua originalidade, possa servir à propaganda contra o comunismo. Enfim, como em Psicanálise se aceitam as coisas mais estapafúrdias... (Jornal do Commercio, 1964, p. 6).

Assim, a expectativa gerada pela divulgação não foi condizente com os efeitos das teses de Weissmann. Uma curiosa reportagem nos aponta o fato de *Masoquismo e comunismo* (1964) ter sido lido por uma das maiores autoridades políticas da época, Carlos Lacerda<sup>143</sup>. Publicada em 5 de fevereiro de 1965, em uma reportagem de capa d’*O Jornal*, intitulada “Lacerda garante pleito em 66 mas em 65 tem dúvida”, encontramos o seguinte comentário, referente à chegada de Lacerda no Rio de Janeiro, após passar férias na Bahia:

---

<sup>143</sup> Lembramos que Lacerda, apesar de ter sido um dos mais importantes militantes comunistas do Brasil nos anos 1930, rompe com esse movimento e se consagra, a partir de 1939, como um influente político brasileiro vinculado a um pensamento de direita. Torna-se governador do estado da Guanabara em 1960, e se mantém como um dos mais firmes apoiadores dos militares, na organização do golpe civil-militar de 1964. Mantém-se no governo até dezembro de 1965.

O Sr. Carlos Lacerda, bastante queimado e sorridente, ao desembarcar passou a um oficial de gabinete vários livros que trazia embaixo do braço, entre os quais “Masoquismo e Comunismo”, de Karl Weissmann, e “Bahia: imagem da terra e do povo”, de Odorico Tavares. Ao deixar o aeroporto, disse que está precisando muito falar com o presidente Castelo Branco, para discutir diversos problemas. (O Jornal, 1965, p. 1).

Essa é a última referência que encontramos à publicação do livro, tanto na mídia quanto nos próprios trabalhos de Weissmann<sup>144</sup>. O que nos leva a perguntar: o que aconteceu com tão ferrenho anticomunismo, por parte de Weissmann? Ou, ainda, por que a obra “desapareceu do mapa”, inclusive dentre os trabalhos do próprio autor?

Weissmann não parou de publicar em 1964. Muito pelo contrário, seguiu com seu projeto de trabalhos voltados à divulgação da Psicanálise para o público leigo no país. Destacase, nesse sentido, o livro *Psicanálise: ensaios e experiências*, de 1967<sup>145</sup>, no qual o autor apresenta uma compilação de diversos de seus textos, acerca de variados temas.

Naquele mesmo ano, Weissmann começa uma vasta publicação na *Revista Brasileira de Medicina*, escrevendo uma coluna que oscilava entre os títulos “Temas de Psiquiatria” e “Temas de Psicanálise”. Chama a atenção o fato de o autor publicar nessa revista apesar de não ser formado em Medicina ou mesmo em alguma sociedade psicanalítica, o que demonstra seu prestígio. Os artigos, em sua maioria, são exatamente os mesmos capítulos publicados em *Psicanálise: ensaios e experiências* (1967a), e envolvem temáticas já discutidas nessa tese.

Essa coluna vai até 1976, quando Weissmann publica outro volume de divulgação da Psicanálise, intitulado precisamente *Psicanálise* (1976), pela Biblioteca de Perguntas e Respostas da Editora Cultura Médica. Esse livro foi estruturado em centenas de pequenos verbetes, nos quais Weissmann apresenta os elementos de sua leitura da Psicanálise<sup>146</sup>. Vale lembrar, também, que *A conquista da maturidade* (1961) teve uma segunda edição publicada em 1967 e outra em inglês, pela Vantage Press, em 1985.

Assim, nosso biografado seguiu publicando, e muito. No entanto, os inflamados argumentos presentes em *Masoquismo e comunismo* (1964) desaparecem de seus textos. Então, o que pode ter acontecido? Levantamos algumas hipóteses. A primeira delas se refere ao fato de que, após o golpe de 1964, houve um período de forte endurecimento do regime político. Os militares, que se afirmavam inicialmente como um governo de transição, acabaram por

---

<sup>144</sup> A única indicação que encontramos foi uma referência ao livro na apresentação das obras de Weissmann, em livro publicado por ele em 1976.

<sup>145</sup> Chegamos a citar textos desse livro, ao comentarmos sobre os trabalhos de Weissmann na penitenciária.

<sup>146</sup> Não entraremos, aqui, no conteúdo de tais publicações, para não cair na repetição de assuntos já discutidos ao longo desta tese.

permanecer no poder por vinte e um anos, sendo o período marcado por perseguições, torturas e assassinatos (Schwarcz e Starling, 2018). Acreditamos que Weissmann, mesmo tendo se posicionado de maneira tão veemente em *Masoquismo e comunismo* (1964), acabou por assumir rumos mais distantes da esfera política após o endurecimento da ditadura, já que não encontramos comentários seus nem a favor, nem contra o regime político.

Somamos a isso o fato de ele ter sido preso e interrogado pela polícia política de Minas Gerais em 1935. À época, Weissmann foi considerado suspeito de ser comunista em outro período de acirramento da nossa História, no qual houve também perseguições e prisões de sujeitos ligados à esquerda. Ele, que tinha diversos amigos mais voltados à esquerda do espectro político – além de ser judeu e divulgador da Psicanálise, quando isso podia implicar sérias dificuldades –, acabou sendo investigado, apesar de não defender ideias de esquerda. Assim, também levantamos a hipótese de que Weissmann, ao escrever o inflamado *Masoquismo e comunismo* (1964), teria vislumbrado uma forma de se resguardar de possíveis suspeitas, o que pode justificar o tom do livro, um tanto discrepante de outros trabalhos de sua autoria.

Por fim, lembramos que o posicionamento pró-Estados Unidos, além de um alinhamento político, passava pela própria concepção de Psicanálise defendida por Weissmann. Pautado em uma leitura adaptacionista da metapsicologia freudiana, enfatizando a conformação do *ego* à realidade, ele próprio parece ter se colocado como um defensor e conservador da ordem social vigente. Aliás, a própria inspiração em sua leitura de Goethe, apresentado como gênio paterno/burguês, auge da maturidade humana e *contrário a revoluções e lutas de classes*, mostra que Weissmann se propôs a ser, num período de acirramento como o que antecedeu o golpe de 1964, um verdadeiro *guardião da ordem*<sup>147</sup>.

Seguiremos, a seguir, à última discussão desta tese. Partiremos da entrevista realizada com Weissmann nos anos 1980, na qual são abordados diversos pontos de seu percurso como psicanalista. A partir daí, retomaremos uma série de elementos apresentados ao longo deste trabalho, em especial a relação entre Karl Weissmann e Gastão Pereira da Silva, sobretudo no que se refere ao autodidatismo e à crítica à formação institucional via IPA.

---

<sup>147</sup> Usamos a expressão em referência direta ao belo trabalho de Cecília Coimbra, *Guardiões da ordem* (1995).

### 6.3 Pioneirismo, ainda que tardio: um *lacaniano avant la lettre* e a marginalidade institucional

Como temos demonstrado ao longo desta tese, Karl Weissmann foi um psicanalista um tanto profícuo. Encontramos em seu percurso de formação um autodidatismo que não envolve apenas a Psicanálise, mas também seu trabalho com idiomas e com a Filosofia. No entanto, segue em aberto o modo como se reconheceu psicanalista, ao se definir dessa maneira desde os anos 1930. Consideramos essa uma questão fundamental.

Para respondê-la, retomamos a entrevista realizada com Weissmann em outubro de 1983 e publicada no ano seguinte<sup>148</sup>. Os responsáveis por sua realização eram membros de um grupo de psicanalistas lacanianos no Rio de Janeiro, que tinha M.D. Magno como principal nome. A entrevista foi publicada na revista *Aoutra*, vinculada ao Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Karl Weissmann foi assim apresentado:

Publicamos aqui a entrevista realizada em outubro de 83 com o Prof. Karl Weissmann, *um dos pioneiros da Psicanálise no Brasil*, autor de mais de quinze livros e inúmeros artigos, série de trabalhos iniciada com a publicação, em 1937, de *O dinheiro na vida erótica* (*Aoutra*, 1984, p. 163, grifo nosso).

A apresentação de Weissmann como *pioneiro da Psicanálise no Brasil* não nos parece sem motivos. Certamente não cabe aqui discutir a chegada do movimento lacaniano no Brasil<sup>149</sup>, porém, cabe-nos perguntar o que esse grupo de lacanianos viu em nosso biografado para apresentá-lo como um *pioneiro*, trazendo um reconhecimento tardio para o autor. Weissmann era, de fato, famoso – chegando a se tornar um ícone da cultura popular brasileira –, mas isso não se converteu em reconhecimento entre os próprios psicanalistas brasileiros até o começo dos anos 1980.

A respeito desse grupo de psicanalistas lacanianos, Lima (2021) nos lembra que o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro foi fundado em 1975, e contava com importantes intelectuais, a exemplo de Betty Milan e Lélia Gonzalez, além do próprio Magno. Já gozando de considerável prestígio entre os psicanalistas brasileiros, sustentaram um trabalho independente de filiações internacionais, movimentando o cenário psicanalítico do Rio de Janeiro:

O Colégio Freudiano chegou a ter entre 1982 e 1988 mais de 400 membros, era uma presença constante na mídia carioca e dispensava qualquer filiação internacional para se manter em atividade. Com o mérito de não se submeter a ingerências estrangeiras

<sup>148</sup> Usamos essa mesma entrevista em vários momentos desta tese.

<sup>149</sup> Trabalho que tem sido realizado por outros colegas, como Capoulade (2021) ou Lima (2021).

[...], há também uma inflexão importante no campo que é o engenho ousado de criar uma escola partindo praticamente do nada e captar jovens dissidentes das IPAs cariocas (Lima, 2021, pp. 369-370).

Havia, dessa maneira, uma organização autônoma da instituição, que vinha em nítida oposição à Psicanálise defendida e praticada pela IPA<sup>150</sup>. Diante dessa autonomia institucional, cogitamos a possibilidade de Weissmann ter sido apresentado como pioneiro justamente no esforço de construção de uma História que independesse daquela contada de dentro dos grupos “oficiais”<sup>151</sup>. Assim, levantamos a hipótese de que o grupo, ao colocar Weissmann como pioneiro, buscava romper com a História oficial da Psicanálise no Brasil, visando a rotas de filiação distintas daquelas advindas da análise didática.

Quanto à História oficial, lembremos que Perestrello<sup>152</sup> (1988) apresenta, em um de seus trabalhos, os nomes de diversos precursores da Psicanálise no país<sup>153</sup>, sendo eles “*autodidatas* que se aprofundaram de fato nas teorias psicanalíticas, que as divulgaram, que tentaram – como puderam – usar a técnica analítica, em épocas em que não havia, no Brasil, psicanalistas formados e formadores” (Perestrello, 1988, p. 151, grifo nosso).

Partindo dessa definição, a autora caracteriza como precursor quem estudou e usou a técnica psicanalítica, de maneira autodidata, antes da institucionalização da IPA no Brasil. O texto apresenta diversos deles: Juliano Moreira, Genserico Pinto, Franco da Rocha, Medeiros e Albuquerque, Durval Marcondes, Julio Pires Porto-Carrero, Maurício de Medeiros, Arthur Ramos, Neves Manta, entre outros<sup>154</sup>. Perestrello (1988) lembra, ainda, dos intelectuais modernistas que leram Freud, nos anos 1920, publicando textos na *Klaxon* (SP), na *Revista* (MG) e na *Verde* (MG). Algumas ausências em seu texto são assim justificadas:

Quando, aqui nesta Sociedade, me referi àqueles que, sem formação, se intitulavam psicanalistas, havia certa crítica de minha parte aos precursores. Reformulo o que disse anteriormente. Se a *censura* existe, dirijo-me àqueles que, no Rio, da década de 40 em diante, não se interessaram em candidatar-se à análise pessoal e à *formação regular* (Perestrello, 1988, p. 151, grifo nosso).

<sup>150</sup> A nosso ver, o pensamento laciano chega ao Brasil, em larga escala, para fazer frente às dinâmicas institucionais presentes nas sociedades ipeístas, ainda que apresente uma série de outros problemas vinculados às suas lógicas institucionais. Investigamos, ao lado de Kyrillos Neto, um caso específico, ocorrido em Minas Gerais, acerca de impasses presentes em certas instituições lacanianas (Kyrillos Neto e Santos, 2021).

<sup>151</sup> Chamada de História oficial, conforme apresentamos no segundo capítulo desta tese.

<sup>152</sup> Uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), instituição reconhecida pela IPA em 1959.

<sup>153</sup> A autora distingue precursores de pioneiros, sendo estes os primeiros psicanalistas com formação *ipeísta* a realizarem análise didática de candidatos, a exemplo de Adelheid Koch.

<sup>154</sup> À exceção de Medeiros e Albuquerque, todos os outros *precursores* eram membros de importantes sociedades científicas, como a Academia Nacional de Medicina ou a Liga Brasileira de Higiene Mental.

Dessa forma, a psicanalista defende que alguns autodidatas que trabalhavam com Psicanálise antes da década de 1940, e que continuaram sem a *formação regular*, não caberiam nessa História. A quem Perestrello estaria se referindo nessa última citação? Chama atenção a ausência, justamente, de Karl Weissmann nessa lista, bem como em todas as outras que envolvem a História oficial da Psicanálise no Brasil. Acreditamos que essa distância da IPA pode ter sido um dos motivos de Weissmann ser reconhecido como *pioneiro* pelos psicanalistas do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, que também buscavam se distanciar dos grupos “oficiais”.

Para dar corpo à nossa hipótese, trazemos trechos da entrevista dada por Weissmann. Quando interrogado sobre seu percurso na Psicanálise, Weissmann afirma: “Quanto à minha história, nada tem de muito especial, posso lhes afirmar que sou biograficamente desinteressante. Quanto à minha trajetória, não é das mais formais, das mais ‘certinhas’. É, como tantas outras, involuntariamente auto-didática” (Weissmann, 1984, p. 166). Ao que segue, desta vez comentando sobre seu pouco interesse pela formação da IPA:

Quando comecei ainda não existia filial da Sociedade Psicanalítica Internacional no Brasil. À vinda de Kemper<sup>155</sup>, eu era psicanalista da Penitenciária, com ordenado de funcionário público, que mal dava pro sustento da família. O Kemper dizia que para efeitos de análise didática não tinha, no meu caso, maiores problemas. Mas deixou entender que não podia perdoar-me a parte financeira, que era escorchantes. Sugeriu que levantasse empréstimos. “Afinal - dizia - todo mundo caça seu título” [...] Caçar, no caso, não passava de um eufemismo, uma vez que tudo era primordialmente uma questão orçamentária. Quem estivesse nas condições pecuniárias e disposto a fazer o sacrifício material, levava seu diploma de membro da Sociedade Internacional, ainda que não conhecesse o idioma de seu didata e vice-versa<sup>156</sup> (Weissmann, 1984, p. 171).

Como pode ser visto, Weissmann atribui sua ausência da IPA, nos primeiros momentos, a questões orçamentárias. No entanto, é visível que a própria formação psicanalítica proposta nessas instituições é colocada em xeque, visto o autor dizer que a insistência de Kemper passava por lugares pouco envolvidos com a prática clínica<sup>157</sup>. Assim, ele segue em suas críticas:

Não precisava da Sociedade Psicanalítica para exercer a minha Psicanálise. Como autodidata nunca dei maior importância a títulos. Não considero psicanalista um indivíduo que tem um diploma de uma Sociedade Psicanalítica. A minha omissão se explica, pelo menos em parte, ainda pelo meu temperamento e falta de tempo. *Também por estar demasiadamente interessando na Psicanálise como tal, mais do que nos movimentos psicanalíticos* (Weissmann, 1984, p. 171, grifo nosso).

<sup>155</sup> Comentamos a relação entre Weissmann e Kemper no quinto capítulo desta tese.

<sup>156</sup> Destacamos o caráter testemunhal das afirmações, visto terem sido proferidas durante uma entrevista. Infelizmente, não encontramos mais elementos acerca dessa questão, a exemplo de textos de Kemper ou de correspondências entre ambos.

<sup>157</sup> Não encontramos materiais escritos pelo próprio Kemper que corroborem a fala de Weissmann. Contudo, isso se torna secundário, pois nosso debate gira em torno do que Weissmann dizia acerca da IPA.

Weissmann era nitidamente um sujeito pouco interessado na questão da formação institucional em Psicanálise. E, ao ser interrogado sobre o que daria como sugestão para alguém que busca se tornar psicanalista, aponta um caminho pouco usual: “Naturalmente teria que primeiro gostar disso, amar a coisa, ter sua *vocação*. E naturalmente se seguiriam leituras, cursos, seminários, contatos, debates, uma adequada formação, etc. E haverá maior ou menor autodidatismo nisso tudo” (Weissmann, 1984, p. 181, grifo nosso). Em seguida, os entrevistadores o indagam acerca do papel da análise pessoal na formação analítica. Weissmann responde:

O senhor está a referir-se a chamada análise didática que, por sinal, me soa como um pleonismo, já que *toda análise, feita nos outros ou na própria pessoa, é didática*<sup>158</sup>. Freud define a análise como uma “pós-educação destinada a corrigir os erros pedagógicos dos pais”. *A análise didática tem o seu lugar mas coloco acima de tudo a vocação*. Se o indivíduo não nasceu para a coisa, ele pode ter trinta anos de análise didática e nunca será um analista. Se dá o mesmo com um músico, o pintor, o escultor, o escritor, o jornalista, o político, o administrador de empresas<sup>159</sup>, etc... (Weissmann, 1984, pp. 181-182, grifo nosso).

Podemos observar que Weissmann coloca como central a vocação para o sujeito se tornar analista, o que parece caminhar ao lado de sua defesa do autodidatismo, já que um *indivíduo que nasce para a coisa*, tendo se dedicado a leituras, palestras e demais atividades, poderia se tornar psicanalista sem passar pela análise pessoal. Assim, ele parece fazer mais uma defesa do seu próprio percurso do que um debate conceitual a respeito da formação analítica. Aliás, lembramos que Weissmann defendia, ainda em 1939, a leitura de textos de Psicanálise e Psicologia como correlato ao trabalho clínico. Ou seja, a defesa do autodidatismo está presente durante todo seu percurso, sustentando uma forte correlação entre a clínica e leituras psicanalíticas – o que também justifica, ao menos em partes, seu empenho na escrita de textos de Psicanálise.

A esse respeito, retomamos, aqui, a apresentação que fizemos de Gastão Pereira da Silva no terceiro capítulo desta tese. Ali, mostramos como Pereira da Silva se dedicou à Psicanálise a partir de leituras e da análise dos próprios sonhos, tendo sido também um autodidata intransigente, crítico à análise didática ou às formalizações institucionais. Além disso, Pereira da Silva, tal como Karl Weissmann, passou a se dedicar intensamente ao trabalho de difusão da

---

<sup>158</sup> Há alguma semelhança com as afirmações de Lacan, que diz que toda análise é didática. No entanto, o psicanalista francês é extremamente crítico a qualquer forma de autoanálise, ou seja, de alguma “análise feita na própria pessoa”.

<sup>159</sup> Notamos, a título de curiosidade, que dois dos irmãos de Weissmann se enquadram nos exemplos que ele dá de vocação, já que Franz era escultor e Fritz, administrador de empresas.

Psicanálise no Brasil a partir do recebimento de uma carta de Freud, chegando a afirmar que o recebimento de tal correspondência lhe deu a *certeza de que estava certo*.

Assim, iniciamos esta tese apresentando as ideias de Gastão Pereira da Silva e chegamos aqui demonstrando a compatibilidade entre ele e Karl Weissmann: na defesa da Psicanálise praticada por não médicos – o que abriu a possibilidade de Weissmann estudar e praticar Psicanálise sem precisar de formação em Medicina; na dispensa de quaisquer filiações institucionais, prezando por um autodidatismo pautado na vocação; na abertura de um caminho para falar de Psicanálise ao grande público, por meios pouco convencionais para as sociedades científicas; e, por fim, na obtenção de um *credenciamento* peculiar, já que a ligação a Freud se dava pelo recebimento de uma carta de incentivo escrita pelo próprio criador da Psicanálise.

Não nos parece sem motivos, nem sem consequências, que Pereira da Silva também seja, ao lado de Weissmann, um psicanalista ausente da apresentação feita por Perestrello. Na mesma direção, destacamos que a entrevista com Karl Weissmann foi publicada em uma revista do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, enquanto outra entrevista, feita pelo mesmo grupo, com Gastão Pereira da Silva, foi publicada no primeiro número da *Revirão*, que assim o apresentou: “Dr. Gastão, *um dos pioneiros da Psicanálise no Brasil* e um de seus maiores divulgadores em nosso país, é autor de muitos livros” (Revirão, 1985, p. 139, grifo nosso).

Podemos constatar, dessa maneira, uma profunda solidariedade entre os projetos de Gastão Pereira da Silva e Karl Weissmann, bem como o reconhecimento tardio como pioneiros da Psicanálise no Brasil, pelo mesmo grupo. O próprio Weissmann afirma, em tom jocoso, quando os entrevistadores comentam que ele poderia parecer lacaniano, por algumas de suas ideias a respeito da Psicanálise:

Talvez, um lacaniano *avant la lettre*, como diriam os franceses, ou como aquele personagem de Molière, que durante toda a vida fez prosa sem saber. Ouço dizer que Lacan é um retorno a Freud. Sei que o retorno, no caso, não é uma volta pura e simples. Creio já ter captado algo do sentido revitalizante dessa volta. Eu, que nunca saí de Freud, não posso dizer que voltei, mas continuo atualizando-me nele, retomando-lhe sempre de novo o curso, ou *discurso*, para usar a sua linguagem (Weissmann, 1984, p. 178).

É interessante retomarmos também o que levantamos a partir das ideias de Russo (2002), que apresenta três rotas de chegada da Psicanálise no Brasil: pela elite médico-psiquiátrica, pelos modernistas e por divulgadores da doutrina para o público leigo. Como vimos, os dois primeiros grupos cabem na apresentação de Perestrello (1988), que cita diversos

médicos e também os grupos de modernistas<sup>160</sup>, ao passo que não dá espaço aos divulgadores da doutrina para o público leigo, que se mantiveram fora das rotas institucionais após os anos 1940. Tais difusores da Psicanálise no Brasil – autodidatas como Gastão Pereira da Silva e Karl Weissmann – foram justamente os apresentados como pioneiros pelos lacanianos, o que nos leva a cogitar a existência de uma relação entre esse quadro de chegada proposto por Russo (2002) e o próprio reconhecimento dos pioneirismos da Psicanálise no Brasil, por parte das instituições que buscavam contar para si uma História que as diferenciasse das demais.

Lembremos também que as ideias de Lacan, ao chegarem ao Brasil, sustentaram uma franca oposição não apenas à rigidez institucional, mas à própria ética que sustentava as formações “oficiais”, a saber, a ética da maturidade: “Lacan e seu antidesenvolvimentismo intransigente abre ao menos duas condições críticas à ética da maturidade” (Lima, 2021, pp. 377-378). Weissmann, apesar da distância da IPA, apresentou e defendeu a Psicanálise em chave desenvolvimentista, orientada por uma ética da maturidade, o que nos leva a concluir que ele parece ter cativado os lacanianos do Rio de Janeiro não pelas suas teses psicanalíticas, mas pela distância mantida da IPA ao longo de toda sua vida. Assim, Weissmann, este *lacaniano avant la lettre*, dá ares de ter encontrado reconhecimento tardio como pioneiro mais por suas críticas à análise didática e por sua distância da IPA – compartilhadas pelos lacanianos – do que por sua leitura da Psicanálise, em chave normativa e desenvolvimentista, não tão distante da IPA.

Por fim, Weissmann também afirma na entrevista que o conjunto de laços estabelecidos por ele com psicanalistas de renome internacional, ou *estrangeiros*, fizeram dele um sujeito pouco interessado no movimento psicanalítico brasileiro. O que constatamos é que nosso biografado era, fundamentalmente, alheio – ou *estrangeiro* – às tensões envolvendo a institucionalização da Psicanálise no Brasil, considerando-se acima dos interesses institucionais locais. Após comentar suas dificuldades financeiras iniciais, afirma:

Quando, anos mais tarde, a minha situação econômico-financeira melhorou substancialmente, não mais cogitei de fazer tal sacrifício pecuniário. Já me sentia hors-concours. O mencionado diploma não me fazia a mínima falta, não me barrava acesso aos Congressos nacionais e internacionais. Os meus contatos epistolares *internacionais* eram do mais alto gabarito. Tinha correspondência com Ernst Jones, o psicanalista número um no mundo de língua inglesa, além de biógrafo de Freud e presidente perpétuo da referida Sociedade. Prova que houve essa correspondência é que ele incluiu minha carta de Freud em sua biografia monumental, honra que não

---

<sup>160</sup> Como mostramos no terceiro capítulo, Medeiros e Albuquerque era um sujeito extremamente crítico em relação à forma como os médicos liam a Psicanálise à época. Além do mais, ele se interessava mais por hipnose do que pela clínica psicanalítica. Assim, nos perguntamos se ele caberia, de fato, no quadro de precursores da Psicanálise no Brasil proposto por Perestrello (1988), caso não tivesse falecido nos anos 1930.

concedera a todos os possuidores das missivas do mestre. Anna Freud<sup>161</sup> recomendara trabalho meu ao redator-chefe da revista oficial da Sociedade, Willi Hoffer, que, por sua vez, se correspondia comigo. Mantive correspondência com Kurt Eissler, presidente do Arquivo Sigmund Freud de Nova York. E isso sem falar da longa e cientificamente fecunda correspondência com aquela figura brilhante e ultra simpática de George Wilbur, redator-chefe e editor da *American Imago*. [...] E agora, que meus livros começam, um tanto tardiamente, a ser lançados nos Estados Unidos, a começar com *Vistas into Maturity, o meu entrosamento com o mundo psicanalítico deverá continuar. E minha filiação à Sociedade, ainda menos premente* (Weissmann, 1984, p. 172, grifo nosso).

São fortes indícios de que Weissmann tinha, de fato, pouco interesse no movimento psicanalítico brasileiro. No entanto, apesar de seu *entrosamento* com o *mundo psicanalítico* já ser presente há décadas<sup>162</sup>, o *pioneirismo* institucional ao qual nos referimos anteriormente chegou tardiamente. A entrevista foi publicada em 1984, e Weissmann faleceu em 1989, mais precisamente no dia 12 de março. Ele foi enterrado no cemitério católico São João Batista, no Rio de Janeiro. Karl Weissmann, este estrangeiro que chegou ao Brasil ainda jovem e se fez reconhecido intelectualmente, além de *vigoroso psicanalista*, passou sua vida divulgando a Psicanálise ao público leigo. Defendia Goethe como o maior expoente da maturidade a ser alcançada pela prática psicanalítica. E não parece pouca coisa que ele tenha falecido segurando um exemplar de *Fausto* nas mãos, escrito em alemão.

---

<sup>161</sup> Weissmann chegou a trocar correspondência com Anna Freud em 1952, na qual vemos tal recomendação. No entanto, não encontramos nenhum texto publicado por Weissmann na referida revista. Uma cópia da carta escrita por Anna Freud pode ser encontrada no anexo 20.

<sup>162</sup> Assim como o conjunto de relações estabelecidas com intelectuais brasileiros, como demonstramos ao longo de toda esta tese.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta tese, apresentamos elementos da vida e do trabalho de Karl Weissmann. Nosso interesse em escrever sua biografia é, sobretudo, apresentar um psicanalista com o qual nos deparamos ao longo de nossas pesquisas e que se manteve, até então, distante das investigações sobre a História da Psicanálise no Brasil. Assim, nossa pretensão é a de dar um espaço a Weissmann nesse campo de investigações, sem defender a noção de uma biografia “definitiva”.

Nos interessou, dessa forma, a ideia de escrever *uma* biografia de Karl Weissmann, ou seja, uma biografia possível e verídica, condizente com o andamento das nossas pesquisas acerca desse sujeito, bem como relacionada com o próprio estado dos estudos sobre a História da Psicanálise no Brasil. Buscamos, com isso, fazer jus ao conceito de História que orienta nossa pesquisa, na definição dada por Marc Bloch (2002), que considera essa a ciência dos homens no tempo, levando-nos ao incessante encontro dos vivos com os mortos.

Partindo das premissas apresentadas em nosso capítulo sobre o método, encontramos, ao longo da pesquisa, um sujeito que chegou ao Brasil ainda jovem e que se fez, rapidamente, um importante psicanalista e intelectual. Pertencendo a uma família de imigrantes, Karl Weissmann soube construir um caminho no país que o acolheu, valendo-se constantemente do lugar de estrangeiro. Assim, apresentamos, no início da tese, três balizas que usamos para nortear nosso trabalho com as fontes encontradas ao longo deste estudo: Karl Weissmann como intelectual, estrangeiro e psicanalista.

De fato, reconhecemos que nosso biografado soube fazer das dificuldades iniciais um horizonte de trabalho, o que notamos pelo fato de ele ter chegado a Belo Horizonte, nos anos 1930, com a bagagem da Psicanálise mas, sobretudo, por ter passado a trabalhar com idiomas. Seguindo dicas de seus amigos mineiros sobre seu nome estrangeiro, ele não hesitou em se dedicar à questão das línguas, publicando seu primeiro livro aos vinte e quatro anos, um trabalho pedagógico sobre o ensino do inglês. Essa obra, como vimos, fez de Weissmann um famoso educador, elogiado por um dos mais importantes – e polêmicos – intelectuais mineiros da época, chegando a ser contratado como professor de idiomas por uma grande escola em Belo Horizonte.

Na sequência desse rápido reconhecimento, Weissmann começou a publicar textos sobre Psicanálise, tendo sua estreia autoral alcançado considerável fama na época, sobretudo pela troca de cartas com Freud. Daí em diante, nosso autor publicou textos sobre Psicanálise em importantes revistas, como o *Anuário Brasileiro de Literatura*, a *Folha de Minas* e *O*

*Cruzeiro*. Ao lado dessas publicações, Weissmann seguiu o projeto de apresentar intelectuais de origem germânica – sua terra natal –, escrevendo textos sobre Schopenhauer, Nietzsche e Freud. Como observamos, Goethe também entrou nessa linhagem como elemento central do trabalho de Weissmann.

Ainda nessa linha, destacamos o modo como o biografado conduziu projetos ao longo dos anos 1950. Ocupando importante espaço na intelectualidade brasileira, ele publicou trabalhos ao lado de Juscelino Kubitschek, Cecília Meireles e Manuel Bandeira, os quais fizeram dele um intelectual e psicanalista de prestígio em sua época. Esse fator certamente contou na sua contratação como psicanalista de uma das maiores penitenciárias do estado de Minas Gerais à época. No mesmo período, seus trabalhos com hipnose fizeram dele uma estrela da cultura popular, lotando audiências por onde passava.

Assinalamos também o modo como Weissmann buscou responder a problemas brasileiros a partir da sua leitura da Psicanálise. Desde 1937, com o advento do Estado Novo, ele apresentou conceitos psicanalíticos em uma leitura compatível com a moral defendida pelo governo em questão. Essa postura se manteve em seus textos em *O Cruzeiro*, bem como em outros dos seus trabalhos.

Aí entra o conceito central de seus escritos: o de maturidade. Como demonstramos, Weissmann defendeu uma Psicanálise que trazia um horizonte normativo, em íntima consonância com os projetos políticos do período em questão. Sejam pelas coordenadas da Era Vargas, seja pelo anticomunismo presente na revista *O Cruzeiro*, a Psicanálise era, para Weissmann, algo alheio às *revoluções e lutas de classe*. Pautando-se em uma leitura própria dos trabalhos de Goethe, e mesmo de alguns conceitos psicanalíticos, chegou a conclusões, acerca da maturidade, muito mais próximas das coordenadas dos seus tempos do que daquelas defendidas por Freud.

Apontamos, assim, que o conceito de maturidade funciona como operador central de seu pensamento: o lugar onde se amarram elementos da Psicanálise e debates políticos da época em questão. Aliás, vimos que essa amarração acabou por trazer à luz a obra mais inflamada do autor: *Masochismo e comunismo* (1964), em um tom poucas vezes visto em toda a História da Psicanálise, não só no Brasil, como no mundo. Partindo da concepção de que todo comunista seria masoquista – como todo fascista seria um sádico –, Weissmann escreveu um livro que mereceu destaque em nossa tese, menos por nossas concordâncias em relação às hipóteses defendidas por ele do que pela surpresa ao ler a afirmação incisiva de que o comunismo seria um *problema psiquiátrico*. Demonstramos, também, como Weissmann tentou responder a uma

série de questões nacionais – ou mesmo internacionais, como no caso da Guerra Fria – a partir de noções psicanalíticas.

Por fim, descrevemos como ele pode ser situado, ao lado de Gastão Pereira da Silva, em uma linhagem de psicanalistas pouco investigada até então. Ambos passaram a vida divulgando a Psicanálise ao público leigo, tratando do assunto em livros de grande alcance, bem como em jornais, revistas e rádios de circulação nacional. Destacamos, ainda, que ambos receberam uma correspondência de Freud e fizeram delas cartas de apresentação dos seus trabalhos como psicanalistas. Ademais, mostramos que a distância, mantida por eles, da IPA, ao longo de suas vidas, pode ter rendido o reconhecimento como pioneiros da Psicanálise no Brasil por um grupo lacaniano do Rio de Janeiro, nos anos 1980.

Ao cabo desta pesquisa, várias questões permanecem em aberto. Muitas delas seguem assim pelas próprias limitações da época na qual nosso trabalho ocorreu. Outras, pelo próprio estatuto de uma investigação sobre um sujeito até então desconhecido neste campo de pesquisa. Destacamos, a seguir, algumas delas:

- a) Como foi a relação entre Karl e seus pais, na infância, e quais os possíveis efeitos da imigração sobre seus caminhos?
- b) Como se deu a relação de Karl Weissmann com seus irmãos? Sabemos que ele, além de Franz e Fritz, conduziram suas vidas de modo que cada um seguiu caminhos próprios, mas todos com reconhecimento nacional: Karl com a Psicanálise, Franz com a arte; Fritz com a indústria. Não encontramos maiores indícios dos caminhos de seu outro irmão, Stefan. Acreditamos, com isso, poder elucidar o lugar de estrangeiro e os possíveis efeitos da imigração vividos por essa família.
- c) Por que o judaísmo foi apagado de sua vida? Esse apagamento se faz presente, por exemplo, em suas relações com Werner Kemper – um sujeito que encontrou considerável espaço na Alemanha nazista –, ou mesmo no fato de ele ter sido enterrado em um cemitério católico no Rio de Janeiro.
- d) O que o levou a optar por estudar Psicanálise?

Essas questões derivam da nossa hipótese – que não pôde ser aprofundada na tese por conta dos limites encontrados sobre a vida pessoal de Karl Weissmann –, de que ele, um imigrante que teve que sair de seu país ainda na infância, passou sua vida falando de referências presentes em sua terra natal. Aqui, recuperamos o poema *A ilusão do migrante* (Andrade, 2016), apresentado na epígrafe desta tese, para dar corpo à ideia de que Weissmann, como uma consequência de *um certo nascer ali*, trouxe intelectuais germânicos como base de seu

pensamento durante toda sua vida – e até mesmo no momento de sua morte – visando encontrar, também, algo pessoal nesse conjunto de leituras.

Aliás, a própria escolha pela Psicanálise como eixo central do seu trabalho não nos parece ter ocorrido sem motivos, já que defendeu, ao longo de sua vida, que a leitura de textos psicanalíticos seria equivalente a um trabalho clínico. Se, por um lado, esse conjunto de afirmações pode ser inserido no projeto de divulgação da Psicanálise no Brasil, por outro lado, não podemos deixar de considerar algo de cunho pessoal nessas falas: Weissmann pode ter buscado na Psicanálise, mais do que um trabalho, uma forma de lidar com os efeitos de uma migração forçada ainda na infância, sendo ela um caminho para alcançar certa maturidade. Nesse sentido, acreditamos que saber mais sobre os efeitos desse desterro na família pode nos ajudar a indicar os próprios motivos de Weissmann ter se dedicado, com tanto afincamento, à leitura e divulgação de textos publicados em sua terra natal, com destaque para a Psicanálise.

Além das questões anteriores, outras podem ser colocadas:

- e) Qual foi a relação e o contato estabelecido por Weissmann e Gastão Pereira da Silva, no fim dos anos 1920?
- f) Como se organizou essa linha de trabalho, desde os anos 1930, com psicanalistas mais interessados em divulgar a Psicanálise ao público leigo do que às sociedades científicas, e que contou com Gastão Pereira da Silva e Karl Weissmann como alguns dos principais representantes. Haveriam outros?
- g) Quando ele começou, de fato, seu trabalho clínico com a Psicanálise?
- h) Qual a relação de Weissmann com a clínica psicanalítica, desde os anos 1930 até a década de 1980?
- i) Quais foram as relações – possivelmente mapeáveis via cartas – tecidas por Weissmann com importantes nomes do movimento psicanalítico internacional?
- j) Como se deu a própria relação de Karl Weissmann com importantes nomes da intelectualidade nacional – sabendo que ele compartilhou projetos com: Lucio José dos Santos; Sylvio de Vasconcellos; Juscelino Kubitschek; Mario Casasanta; Paulo Dias Correa; Benedito Valadares; entre tantos outros que nomeamos ao longo desta tese?

Notamos que muitas indagações seguem em aberto. Entendemos que abrir tais questões já marca uma pretensão desta pesquisa, como efeito próprio do que apresentamos ao longo desta tese. Esperamos que as perguntas acima elencadas, ao lado de muitas outras, se constituam como base para pesquisas futuras.

Assim, acreditamos ter sustentado, com esta pesquisa, um objetivo triplo: a defesa das biografias hermenêuticas como um rico instrumento de pesquisa para a História da Psicanálise no Brasil, apostando que a vida de um sujeito pode lançar luz sobre questões mais amplas sobre esse campo; o destaque da importância dos trabalhos de divulgação da Psicanálise ao público leigo em nosso país, uma vez que eles começaram décadas antes do famoso *boom* dessa prática nos anos 1970, e que também foram, ao que tudo indica, responsáveis pela imensa penetração dos conceitos psicanalíticos no cotidiano da população brasileira; e, por fim, a apresentação de Karl Weissmann como um importante psicanalista para a História da Psicanálise no país. Se pudermos estimular a quem nos lê, em alguma dessas direções, consideramos cumprido o nosso trabalho.

## Referências

- Andrade, C. D. (1987). *Crônicas. 1930-1934*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais/Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.
- Andrade, C. D. (2016). *Farewell*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Aoutra. (1984). Entrevista com Karl Weissmann. *Revista Aoutra*, 2, 163-186.
- Bloch, M. (2002). *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bomeny, H. M. B. (1999). Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In D. Pandolfi (org.). *Repensando o Estado Novo* (pp. 137-166). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Botelho, T. R. (2007). A migração para Belo Horizonte na primeira metade do século XX. *Cadernos de História*, 9(12), 11-33.
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira; J. Amado (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral* (pp. 183 - 192). Rio de Janeiro: FGV.
- Brasileiro, V. B. (2008). *Sylvio de Vasconcellos: um arquiteto para além da forma*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Burke, P. (2008). *O que é História Cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cabernite, L. (2010). Carta a Sebastião Salim. In. Salim, S. As origens da Psicanálise em Belo Horizonte e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte filiado à Associação Internacional de Psicanálise: A saga de um ideal. *Mental*, 8(15), 255-272.
- Caldeira, R. C. (2011). O catolicismo militante em Minas Gerais: Aspectos do pensamento histórico-teológico de João Camillo de Oliveira Torres. *Revista brasileira de História das religiões*, 4(10). Recuperado em data 02 de janeiro de 2022, de <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf9/12.pdf>.
- Campos, R. H. F. (2007). *Dicionário Biográfico de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago.

- Cantarino, C. (2012). O mito de origem do modernismo brasileiro faz 90 anos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 64(2), 56-58.
- Capoulade, F. (2021). Pioneers of Lacan's Ideas in Brazil: An Essay on the History of the Psychoanalytic Movement. In Mandelbaum, B.; Lima, R. A.; Frosh, S. (orgs.). *Brazilian Psychosocial Histories of Psychoanalysis* (pp. 309-322). Londres: Palgrave Macmillan.
- Carneiro, L. L. T. (2018). Imigrantes indesejáveis: ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. *Revista USP*, 119, 115-130.
- Castro, R. D. (2014). *A Sublimação do "id primitivo" em "ego civilizado": o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)*. Tese de doutorado, História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ.
- Castro, R. D.; Facchinetti, C. (2015). A Psicanálise como saber auxiliar da psiquiatria no início do século XX: o papel de Juliano Moreira. *Culturas Psi*, 4, 24-52.
- Coimbra, C. (1995). *Guardiães da Ordem: Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.
- Cota, L. M. C. (2016). Rádio, educação e formação da identidade nacional: um estudo da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1930-1950). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Cromberg, R. U. (2008). *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein - pioneira da Psicanálise*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Delgado, L. A. N.; Ferreira, M. M. (2014). *História do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Dosse, F. (2016). *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.
- Dutra, E. F. (2012). *O Ardil Totalitário: Imaginário político no Brasil dos anos de 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Etienne Filho, J. (1980) Schopenhauer, este desconhecido. In Weissmann, K. *Vida de Schopenhauer*. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira.
- Facchinetti, C. (2002). Histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil – Saúde mental e cultura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(2), 137-142.
- Farge, A. (2011). *Lugares para a História*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Figueira, S. A. (1988). *Efeito Psi: A Influência da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campos.
- Figueira, S. A. (1991). *Nos Bastidores da Psicanálise: Sobre Política, História, Estrutura e Dinâmica do campo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Figueira, S. A. (1994). *Freud e a Difusão da Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Freud, S. (2019). A Interpretação dos Sonhos. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. IV). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2021). Psicopatologia da Vida Cotidiana. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. V). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1904).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. VI). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019). Moral Sexual Cultural e o Nervosismo Moderno. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. VIII). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, F. (2010). Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. X). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2012). Contribuição à História do Movimento Psicanalítico. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. XI). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

- Freud, S. (2012). O Moisés de Michelangelo. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. XI). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. (P. H. Tavares, trad.). São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. XV). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1922).
- Freud, S. (2011). O Eu e o ID. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. XVI). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2018). Construções na análise. In S. Freud. *Obras Completas em 20 volumes* (Vol. XIX). (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937).
- Frosh, S. (2005). *Hate and jewish science: Anti-semitism, Nazism and Psychoanalysis*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Füchtner, H. (2000). O caso Werner Kemper: psicanalista, seguidor do nazismo, nazista, homem da Gestapo, militante marxista?!. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 13(138), 49-89.
- Gageiro, A. M.; Torossian, S. D. (2014). A História da Psicanálise em Porto Alegre. *Analytica*, São João del-Rei, 3(4), 117-144.
- Gallo, R. (2015). *Freud in México: into de wilds of psychoanalysis*. Cambridge: MIT.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (2006). *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Gomes, A. C. (1999). Ideologia e trabalho no Estado Novo. In D. Pandolfi (org.). *Repensando o Estado Novo* (pp. 53-72). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Gomes, R. M. M. (2018). *Revista Brasileira de Psicanálise: Representações de ciência, profissão e História no movimento psicanalítico (1967 a 1986)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP.
- Grisolio, L. M. (2015). Uma revista em guerra: a revista O Cruzeiro nos primeiros anos da Guerra Fria. *OPSSIS*, 14(Especial), 476-494.
- Guimaraes, R. M. (2014). Um compromisso de origem: Minas cada vez mais mineira. In E. Parreiras (org.). *O gigante do Ar: a História da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados*. (pp. 29-43). Belo Horizonte: Rádio Inconfidência.
- Hemeroteca Histórica. (2017, 13 de fevereiro). *Grifo*. Recuperado de: <http://hemerotecahistoricamg.blogspot.com/2017/02/grifo.html>.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kyrillos Neto, F.; Santos, R. A. N. (2021). Mythification Demand? The Assimilation of the Black Legend of Jacques Lacan in Brazil. In Mandelbaum, B.; Lima, R. A.; Frosh, S. (orgs.). *Brazilian Psychosocial Histories of Psychoanalysis* (pp. 323-342). Londres: Palgrave Macmillan.
- Lacan, J. (1987). *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* (A. Menezes, M. A. C Jorge & P. M. Silveira Jr., Trads). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1932).
- Leite, F. C. (2011). O laicismo e outros exageros sobre a primeira república no Brasil. *Religião & Sociedade*, 31(1), 32-60.
- Lima, R. A. (2021). *A Psicanálise na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). História, clínica e política*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Magro Filho, J. B. (1992). *A tradição da loucura; Minas Gerais: 1870/1964*. Belo Horizonte: Coopmed/Editora da UFMG.
- Mandelbaum, B. P. H.; Frosh, S. (2017). Like kings in their kingdoms: Conservatism in Brazilian Psychoanalysis during the Dictatorship. *Political Psychology*, 38, 591-604.

- Mandelbaum, B. P. H.; Frosh, S. (2020). O “bandeirante destemido” Durval Marcondes, a Psicanálise e a modernização conservadora no Brasil. *Revista Usp*, 126, 85-98.
- Mandelbaum, B. P. H.; Rubin, A. L.; Frosh, S. (2018). He Didn't Even Know There Was a Dictatorship: The complicity of a Psychoanalyst with the Brazilian Military Regime. *Psychoanalysis and History*, 20, 37-57.
- Marcondes, S. R. A. (2015). “Nós, os charlatães”: *Gastão Pereira da Silva e a divulgação da Psicanálise em O Malho (1936 – 1944)*. Dissertação de mestrado, História das Ciências da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, RJ.
- Mendes, L. M. G. (2011). *American Dream e o Pesadelo Vermelho: Americanização e Anticomunismo nas páginas de O Cruzeiro (1947-1950)*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Menezes, L. M. (2010). “Uma revista que honra a cultura de Minas”: A política mineira através da Acaiaca (1948-1957). *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 2(4), 203 – 214.
- Mokrejs, E. (1993). *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes.
- Moretzsohn, M. A.; Teperman, M. H. (2014). Uma carta, uma História. *Jornal de Psicanálise*, 47(87), 261-263.
- Motta, R. S. (2000). *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Nava, P. (1978). *Beira-Mar*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Nosek, L. (1994). *Álbum de família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, S. A. (1988). Da Medicina social à Psicanálise. In J. Birman (Org.). *Percursos na História da Psicanálise* (pp. 61-122). Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora.
- Oliveira, C. L. M. V. (2002a). A historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 5(3), 144-153.

- Oliveira, C. L. M. V. (2002b). Os primeiros tempos da Psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora*, Rio de Janeiro, 5(1), 133-154.
- Oliveira, C. L. M. V. (2006). *História da Psicanálise - São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta.
- Oliveira, C. L. M. V. (2012). Psychoanalysis in Brazil during Vargas' time. In Damousi, J; Plotkin, M. *Psychoanalysis and politics* (orgs.). (pp. 113-133). N.Y.: Oxford.
- Oliveira, C. L. M. V. (2017). Sob o discurso da “neutralidade”: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 24 (supl. nov), 79-90.
- Oliveira, F. (2016). Dilemas e perspectivas da economia brasileira no pré-1964. In C. N. Toledo (org.). *1964 - Visões Críticas do golpe: Democracia e reformas no populismo*. (pp. 29 - 38). Campinas: Unicamp.
- Pecaut, D. (1990). *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Editora Ática.
- Perestrello, M. (1988). Primeiros Encontros com a Psicanálise: Os Precusores no Brasil (1899 – 1937). In Figueira, S. A. *Efeitos Psi: a influência da Psicanálise*. (pp. 151 - 181). Rio de Janeiro: Campus.
- Perlingeiro, M. (2011). *Franz Weissmann: 1911 – 2005*. Rio de Janeiro: Pinakothek.
- Revel, J. (1998). *Jogos de escala: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Revel, J. (2010). Micro-História, macro-História: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, 15(45), 434-444.
- Revirão. (1985). Entrevista com Gastão Pereira da Silva. *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, 2, 139-149.
- Ribeiro, D. C. (2009). *Retórica e Propaganda: o feminino na revista O Cruzeiro (1928 a 1960)*. Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Rocha, G. S. (1989). *Introdução ao nascimento da Psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Roche, D. (1998). Uma declinação das luzes. In Rioux, J. P.; Sirinelli, J. F. (Orgs.) *Para uma História Cultural*. (pp. 25 - 50). Lisboa: Editorial Estampa.
- Roudinesco, E. (1995). *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rubin, A. L. (2021). *Uma Psicanálise para a subversão: a produção psicanalítica brasileira e o discurso (sobre o) adolescente em tempos ditatoriais (1964-1985)*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Russo, J. A. (2002). A difusão da Psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX – Da vanguarda modernista à radio-novela. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(1), 51-61.
- Russo, J.; Carrara, S. (2002). A Psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a autoajuda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 9(2), 273-290.
- Sagawa, R. Y. (1989). *Os inconscientes no divã da História*. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Salim, S. A. (2010). As origens da Psicanálise em Belo Horizonte e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte filiado à Associação Internacional de Psicanálise: A saga de um ideal. *Mental*, 8(15), 255-272.
- Salzstein, S. (2011). *Franz Weissmann*. São Paulo: Cosac Naify.
- Santomauro, F. (2015). *A atuação política da Agência de informação dos Estados Unidos no Brasil (1953 – 1964)*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Santos, R. A. N. (2016). *A História da Psicanálise em Minas Gerais: dos primeiros tempos à institucionalização (1925-1963)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG.
- Santos, R. A. N.; Kyrillos Neto, F. (2016). Os primeiros tempos da Psicanálise em Minas Gerais: a difusão das ideias freudianas na década de 1920. *Memorandum*, 31, 80-106.

- Schwarcz, L. M. (2002). Apresentação à edição brasileira. In Marc Bloch: *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 7-15.
- Schwarcz, L. M.; Starling, H. M. (2018). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Seefranz, Catrin. (2013). *Tupi talking cure: zur Aneignung Freuds im antropofagischen Modernismus*. Wien; Berlin; Münster: Investigaciones. Forschungen zu Lateinamerika.
- Singer, P. (2016). O significado do conflito distributivo de 1964. In C. N. Toledo (org.). *1964 - Visões Críticas do golpe: Democracia e reformas no populismo*. (pp. 21-28). Campinas: Unicamp.
- Souza, E. R. C. (2015). *Schopenhauer e os conhecimentos intuitivo e abstrato: uma teoria sobre as representações empíricas e abstratas*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Tarelow, G. Q. (2019). *Antonio Carlos Pacheco e Silva: psiquiatria e política em uma trajetória singular (1898-1988)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Toledo, C. N. (2016). A democracia populista golpeada. In C. N. Toledo (org.). *1964 - Visões Críticas do golpe: Democracia e reformas no populismo*. (pp. 39-58). Campinas: Unicamp.
- Vianna, B. H. (1994). *Não conte a ninguém.... Contribuição à História das Sociedades Psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vilhena, C. P. S. (1992). A família na doutrina social da igreja e na política social do Estado Novo, *Psicologia Usp*, 3(1/2), 45-57.
- Zaretsky, E. (2015). *Political Freud: a History*. New York: Columbia University Press.

## Fontes Primárias

A Cruz. (1959, 8 de março). Os fenômenos da Umbanda. *Jornal A Cruz*, p. 2.

A Noite (1953, 4 de dezembro). Sociedade. *Jornal A Noite*. p. 4.

ABL. (1938). O que se lê no Brasil. *Anuário Brasileiro de Literatura*, n. 2. Rio de Janeiro: Pongetti editores.

Andrade, M. M. (1937, 26 de setembro). Weissmann e a Psicanálise. *Estado de Minas*, np.

Alexander, F. & Staub, H. (1934). *Le criminel et ses juges*. Paris: Gallimard.

Bicudo, V. L. (1948). Contribuição para a História do desenvolvimento da Psicanálise em São Paulo. *Arquivos de neuropsiquiatria*. São Paulo, 6(1), 69-72.

Brasil (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro.

Brasil. (1947). Conceder a naturalização que pediram, a fim de que possam gozar dos direitos outorgados pela constituição do Brasil. Rio de Janeiro: DOU Diário Oficial da União. Publicado em 20 de novembro de 1947. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2615554/pg-3-secao-1-diario-oficial-da-uniao-doude-20-11-1947>.

Brasil. (1961). *Decreto n. 51.009, de 22 de julho de 1961*. Diário Oficial da União - Seção 1 - 22/7/1961, Página 6642.

Correio da Manhã. (24 de março de 1953). Psicanalista na penitenciária de Neves. *Jornal Correio da Manhã*, p. 4.

Correio da Manhã. (1955, 6 de novembro). Professor Karl Weissmann no Teatro Carlos Gomes. *Jornal Correio da Manhã*, p. 7.

Correio da Manhã. (1956, 19 de fevereiro). Espetáculo no Teatro Glória. *Jornal Correio da Manhã*, p. 3.

Correio da Manhã. (13 de maio de 1960). “Criminoso seria curado com receita de cartaz”. *Jornal Correio da Manhã*, np.

- Diário Carioca. (1937, 14 de outubro). Livros novos. *Jornal Diário Carioca*, p. 13.
- Diário Carioca. (1955, 11 de outubro). A maior sensação já vista em televisão. *Jornal Diário Carioca*, p. 11.
- Estado de Minas. (1937, 15 de setembro). Publicações – O Dinheiro na Vida Erótica. *Jornal Estado de Minas*, np.
- Fonseca, A. A. (1954, 26 de outubro). Demonstração de hipnotismo em massa. *Diário A Noite*, p. 2.
- Friero, E. (1955). *Páginas de crítica [1938-1944]: e outros escritos*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Grifo. (1941). Ensaio. *Grifo*, 1(6), p. 25.
- Jornal do Commercio. (1963, 16 de agosto). Tese de aluno de Freud - Psicanalista Weissmann prova: comunismo provém do masoquismo. *Jornal do Commercio*, p. 3.
- Jornal do Commercio. (1964, 25 de setembro). Masoquismo e comunismo. *Jornal do Commercio*, p. 6.
- Lavoura e Comércio. (1954, 23 de junho). Programas de Hoje. *Jornal Lavoura e Comércio*, p. 5.
- Leitura. (1945, agosto). O que se faz em Minas. *Revista leitura*, p. 70
- Medeiros e Albuquerque, J. J. C. C. (1919). *O Hipnotismo e suas aplicações*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo.
- Medeiros e Albuquerque, J. J. C. C. (1922). *Graves e fúteis*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo.
- Medeiros e Albuquerque, J. J. C. C. (1924). *Tests*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- O Cruzeiro. (1958, 11 de outubro). Qualquer um pode hipnotizar. *Revista O Cruzeiro*, pp. 21-26.
- O Cruzeiro. (1959, 7 de março). Psicanálise baixou em terreiro. *Revista O Cruzeiro*, pp. 44-49.

- O Cruzeiro. (1961, 30 de dezembro). Você é um homem maduro? *Revista O Cruzeiro*, pp. 53-54.
- O Diário. (1936, 23 de fevereiro). Decadência extrema. *Jornal O Diário*, p. 5.
- O Estado. (1938, 16 de abril). Uma carta de Freud. *Jornal O Estado*, p. 5.
- O Jornal. (1965, 5 de fevereiro). Lacerda garante pleito em 66 mas em 65 tem dúvida. *O Jornal*, p. 1.
- Pereira da Silva, G. (1931). *Para compreender Freud*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Pereira da Silva, G. (1932). *Para compreender Freud* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Renascença.
- Pereira da Silva, G. (1934). *Psicanálise em 12 lições*. Rio de Janeiro: Atlântida.
- Pereira da Silva, G. (1937). Prefácio. In K. Weissmann. *O dinheiro na vida erótica*. Rio de Janeiro: Brasília Editora.
- Pereira da Silva, G. (1959). *25 anos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Império Editora.
- Pereira da Silva, G. (1978). *25 anos de Psicanálise* (2ª ed.) Rio de Janeiro: APPERJ.
- Pereira da Silva, G. (1980). *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise – Para compreender Freud* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Itatiaia.
- Pereira da Silva, G. (1985). Entrevista com Gastão Pereira da Silva [Entrevista concedida a Jorge, M. A. C.]. *Revirão Revista da Prática Freudiana*, 2, 139-149.
- Porto-Carrero, J. P. (1932). *Criminologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores & Mano.
- Porto-Carrero, J. P. (2002). A contribuição brasileira à psychanalyse. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 5(3), 154-157. (Trabalho original publicado em 1929).
- Ramos, A. (1937). *Loucura e Crime: questões de Psiquiatria, Medicina forense e Psicologia Social*. Porto Alegre: Globo.

- Reik, T. (1941). *Masochism in modern man*. Nova York: Read Books.
- Revista da Semana. (1945, 22 de dezembro). Livros. *Revista da Semana*, 51, p. 36.
- Ribeiro, L (2010). Ciência, homossexualismo e endocrinologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(3), 498-511. (Original publicado em 1935).
- Última Hora. (1955, 12 de outubro). Você será hipnotizado hoje. *Jornal Última Hora*, p. 8.
- Vasconcellos, A. (1941). As grandes entrevistas da Grifo. *Grifo*, 1(6), p. 6.
- Weissmann, K. (1936). *Our English Teacher: 50 Lições de Inglês* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- Weissmann, K. (1937). *O dinheiro na vida erótica*. Rio de Janeiro: Brasília Editora.
- Weissmann, K. (1939). Arte e Psicanálise. In *Anuário Brasileiro de Literatura*, 2. (pp. 78-80). Rio de Janeiro: Pongetti Editores.
- Weissmann, K. (1941). A superstição e a guerra. *Grifo*, 1(6), pp. 8-10.
- Weissmann, K. (1942). Liberdade. *Grifo*, 1(8), p. 3.
- Weissmann, K. (1944a, 7 de abril). Os cordeiros sobrevivem aos lobos. *Folha de Minas*, p. 3.
- Weissmann, K. (1944b, 30 de maio). Ninoscopia. *Folha de Minas*, p. 3.
- Weissmann, K. (1944c, 27 de fevereiro). Freud e a civilização. *Folha de Minas*, pp. 3-4.
- Weissmann, K. (1944d, 25 de março). Consciente e civilização. *Folha de Minas*, p. 3.
- Weissmann, K. (1944e, 1 de janeiro). O mito das estrelas. *Folha de Minas*, pp. 1-2.
- Weissmann, K. (1944f, 23 de fevereiro). A verdade contra Nietzsche. *Folha de Minas*, pp. 3-4.
- Weissmann, K. (1945a). *Vida de Schopenhauer*. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira.

- Weissmann, K. (1945b, 15 de dezembro). Oportuna entrevista com escritor Karl Weissmann. *Dom Casmurro*, p. 2.
- Weissmann, K. (1947, 18 de outubro). Quando o lar não é um paraíso. *O Cruzeiro*, pp. 82-84.
- Weissmann, K. (1948a, 7 de agosto). Quem casa quer casa. *O Cruzeiro*, pp. 77 e 90.
- Weissmann, K. (1948b, 14 de agosto). Problemas conjugais em revista. *O Cruzeiro*, pp. 66 – 70.
- Weissmann, K. (1948c, 4 de setembro). Por que falha o matrimônio?. *O Cruzeiro*, pp. 4, 88 e 90.
- Weissmann, K. (1949a, 23 de julho). “Édipo” no drama conjugal. *O Cruzeiro*, pp. 81-86.
- Weissmann, K. (1949b). Goethe, o gênio paterno. *Kriterion*, 9-10 (2), pp. 406-419.
- Weissmann, K. (1949c). Um necrológio de Nietzsche. *Acaiaca*, 3, pp. 49-52.
- Weissmann, K. (1950a). O infantilismo no homem moderno. *Acaiaca*, 21, pp. 18-29.
- Weissmann, K. (1950b). Precioso autógrafo de Freud. *Acaiaca*, 21, pp. 15-17.
- Weissmann, K. (1951). Nietzsche, contemporâneo da luta. *Acaiaca*, 30, pp. 7-45.
- Weissmann, K. (1952). A base anal da criminalidade, *Acaiaca*, 36, pp. 28-33.
- Weissmann, K. (19 de abril de 1953). Nossos delinquentes são quase todos homens pacatos. *Correio da Manhã*, p. 6.
- Weissmann, K. (1958). *O hipnotismo: psicologia, técnica e aplicação*. Rio de Janeiro: Livraria Prado.
- Weissmann, K. (1961). *A conquista da maturidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

- Weissmann, K. (1962a, 3 de março). Psicologia. *O Cruzeiro*, p. 84.
- Weissmann, K. (1962b, 5 de maio). Teste de capacidade psicológica – Investigação criminal. *O Cruzeiro*, p. 59.
- Weissmann, K. (1962c, 5 de maio). Você é um tipo introvertido ou extrovertido?. *O Cruzeiro*, p. 59.
- Weissmann, K. (1962d, 1 de dezembro). Você sofre de neurose monetária?. *O Cruzeiro*, p. 51.
- Weissmann, K. (1962e, 22 de dezembro). Como você se sente no barbeiro?. *O Cruzeiro*, p. 78.
- Weissmann, K. (1963a). Nietzsche and the Anti-Maturism. *American Imago*. 20(4), 315-329.
- Weissmann, K. (1963b, 23 de fevereiro). Você tem tendências totalitárias?. *O Cruzeiro*, p. 76.
- Weissmann, K. (1964). *Masoquismo e Comunismo: contribuições para a patologia do pensamento político*. Rio de Janeiro: Martins.
- Weissmann, K. (1967a). *Psicanálise: ensaios e experiências*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos.
- Weissmann, K. (1967b). O Criminoso como personalidade neurótica e psicopática. In K. Weissmann: *Psicanálise: ensaios e experiências* (pp.119-132). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos.
- Weissmann, K. (1967c). Psicanálise em penitenciária. In K. Weissmann: *Psicanálise: ensaios e experiências* (pp.133-144). Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos.
- Weissmann, K. (1976). *Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- Weissmann, K. (1982, 31 de outubro). Ana Freud, a fiel Antígona. *Jornal do Brasil*, p. 3.
- Weissmann, K. (1984). Entrevista com Karl Weissmann. [Entrevista concedida a Jorge, M. A. C.]. *Aoutra*, 1, 163-186.
- Weissmann, K. (1985). *Vistas into maturity*. Nova York: Vantage Press.



## Apêndice - Breve cronologia de Karl Weissmann

### 1910

- Nascimento de Karl Weissmann, em 31 de agosto, na Áustria.

### 1921

- Vem para o Brasil, com seus pais e os três irmãos.

### 1921 - 1928

- Trabalho em fazenda.

- Aulas de português para estrangeiros, junto ao irmão, Franz.

### 1929

- A família se muda para o Rio de Janeiro.

- Entra em contato com Gastão Pereira da Silva.

### 1931

- Se muda para Belo Horizonte.

### 1934

- Publica *Our English Teacher*.

### 1935

- É investigado por suspeita de ser comunista.

### 1936

- Publica segunda edição de *Our English Teacher*.

- Contratado como professor de idiomas do Ginásio Afonso Arinos.

### 1937

- Publica *O Dinheiro na Vida Erótica*, prefaciado por Gastão Pereira da Silva.

### 1938

- Recebe a carta de Freud.

- Funda a *Grifo*.

### **1939**

- Publica “Arte e Psicanálise” no *Anuário Brasileiro de Literatura*.

### **1940**

- Publica “A superstição e a guerra”, na *Grifo*.

- Início do programa “Caleidoscópio”, na Rádio Inconfidência.

### **1944**

- Publica uma série de textos no *Folha de Minas*.

### **1945**

- Publica *A Vida de Schopenhauer*.

- É entrevistado pela *Dom Casmurro*.

- Início do contato com Leão Cabernite.

### **1947**

- Primeira publicação n’*O Cruzeiro*.

- Se naturaliza brasileiro.

### **1948**

- Publica diversos textos n’*O Cruzeiro*.

### **1949**

- Publica diversos textos n’*O Cruzeiro*.

- Publica “Goethe, o gênio paterno”, na *Kriterion*.

- Publica “Um necrológio de Nietzsche”, na *Acaiaca*.

- Inicia contato com Werner Kemper.

### **1950**

- Publica “O infantilismo no homem moderno”, na *Acaiaca*.

**1951**

- Organiza um número da *Acaiaca* inteiramente dedicado a Nietzsche.

**1952**

- Publica “A base anal da criminalidade”, na *Acaiaca*.
- Troca de cartas com Anna Freud.

**1953**

- Contratado como psicanalista na Penitenciária de Ribeirão das Neves.
- Início dos espetáculos de hipnose, que seguem até 1958.

**1958**

- Publica *O hipnotismo: psicologia, técnica e aplicação*.

**1959**

- Deixa o trabalho na Penitenciária.
- Se muda para o Rio de Janeiro.

**1961**

- Publica *A Conquista da Maturidade*.

**1962**

- Início das publicações de testes de inspiração psicodinâmica n’*O Cruzeiro*.

**1963**

- Publica diversos testes de inspiração psicodinâmica n’*O Cruzeiro*.
- Publica “Nietzsche and the Anti-Maturism” na *American Imago*.

**1964**

- Publica *Masoquismo e Comunismo: Contribuições para a patologia do pensamento político*.

**1967**

- Publica *Psicanálise: Ensaio e experiências*.

**1976**

- Publica *Psicanálise*.

**1983**

- Entrevista com lacanianos do Rio de Janeiro, publicada no ano seguinte.

**1985**

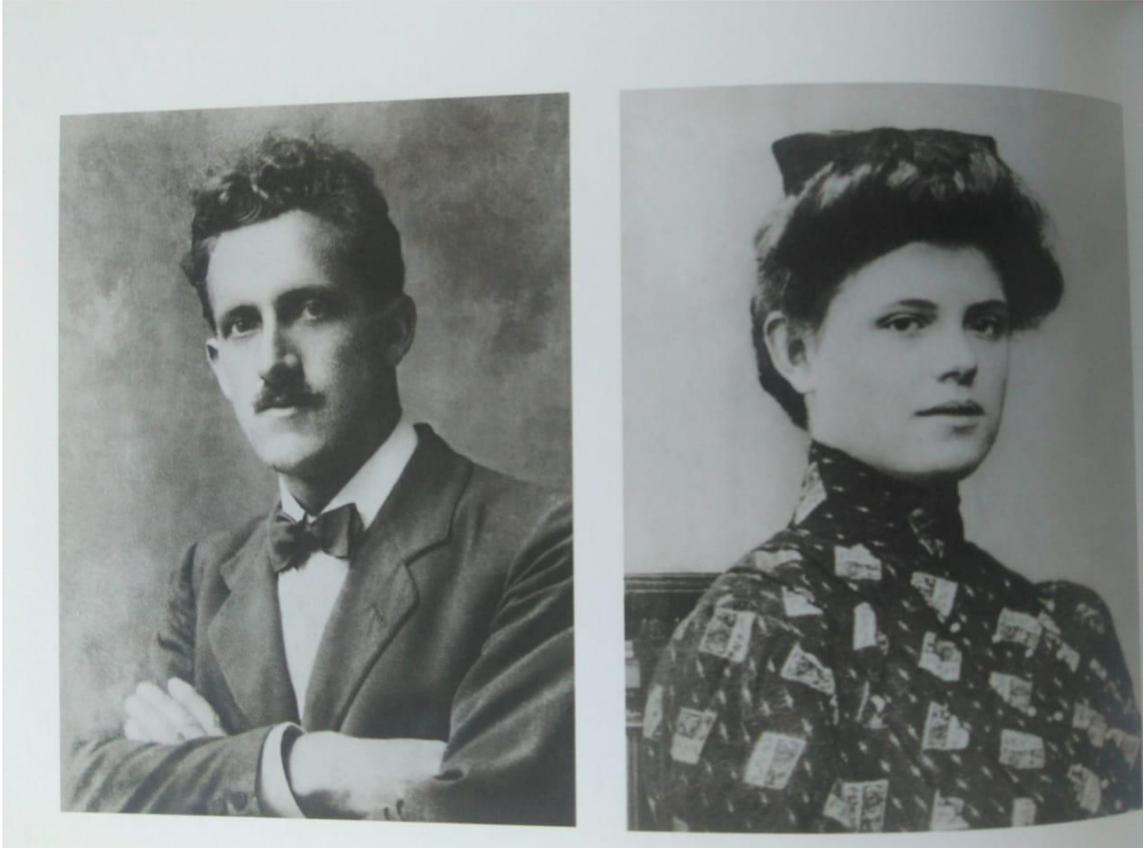
- Publica *Vistas into Maturity*.

**1989**

- Óbito em 12 de março.

**ANEXOS**

**Anexo 1 - Foto dos pais de Karl Weissmann.**



**Anexo 2 - Foto de Karl, Franz, Fritz e Stefan.**



**Anexo 3 - Foto da casa onde a família Weissmann morou, ao longo dos anos 1920.**



Anexo 4 - Texto escrito por Gastão Pereira da Silva, em 1953. Destaque para o fac-símile da carta escrita por Freud.



Gastão Pereira da Silva

★

## Cosmografia radiotônica

### GASTÃO -- O QUE PRECISA VOAR!

te o seu esforço o tornará conhecido" e (depois de alguns comentários) "Relembrando as minhas próprias lutas com as mais amargas resistências, desejo-lhe êxito mais satisfatório.

O fim é um bocado pessimista, hein Gastão? Felizmente, a psicanálise foi recebida aqui sem resistência.

— Foi nada! e recebi um duplo ataque: um dirigido à nova ciência; outro contra minha pessoa. Naturalmente que andaram me chamando de uma porção de coisas desagradáveis, entre as quais "ignorante" era coisa leve! (E Gastão Pereira da Silva tem outro de seus sorrisos enigmáticos, antes de prosseguir):

— Aí veio a carta de Freud, endossando o que eu andava a dizer. Como num passe de mágica... comecel a ser acatado...

— Totalmente acatado!

— Totalmente, não! Muita gente (que, cá entre nós, nunca queimou as pestanas nas páginas de grande mestre) a três por dois faz citações: "Porque Freud disse isto; porque Freud escreveu aquilo!"

— E você... achando graça!

— Não! Eu tomando nota... colhendo material para escrever um livro intitulado "Freud não disse!".

— E êste livro será o de número...?

— Cinquenta e quatro. Até hoje publiquei 53... em meu nome, bem entendido...

— Ah quer dizer que existem livros assinados por gente que...

— Vamos mudar de assunto, que êste não interessa.

— Gastão, você também trabalhou para o teatro, não foi?

— Sim. Escrevendo peças — umas originais, como "Cidadão Zero"; outras traduzidas. Só com Procópio Ferreira tenho cerca de 50 traduções; e mais outro tanto espalhado por aí com Jaime Costa, Paímerim, etc. Por acaso, fui o lançador no Brasil de Volponi (o Mollère italiano); por outro acaso, foi numa das peças do referido autor, traduzida por por mim, que a Bibi Ferreira estreou no teatro.

— Gastão, diga uma coisa: para escrever 30 novelas de Rádio, cerca de 100 peças teatrais e, por cima, 53 livros, tendo de comer dormir e andar de ônibus, como qualquer mortal — você usa o dia de quantas horas? Porque os de 24 só não chegam!

— Chegam... chegam e sobram...

— E agora, que é que você gostaria mais de fazer?

— Eu? De voar.

— Fora de brincadeira, Gastão!

— Estou falando sério! O caso é o seguinte; Hitler dissolveu a Sociedade Internacional de Psicanálise, com sede em Viena, da qual eu era sócio correspondente. Atualmente, a referida sociedade está se reorganizando em Londres. Lá se encontra Ana Freud, filha do criador da Psicanálise; lá estão ou hão de estar os grandes vultos da Psicologia profunda. E eu aqui e eu sem poder me mexer! Ah, se eu pudesse voar!

— Pois então... voe!

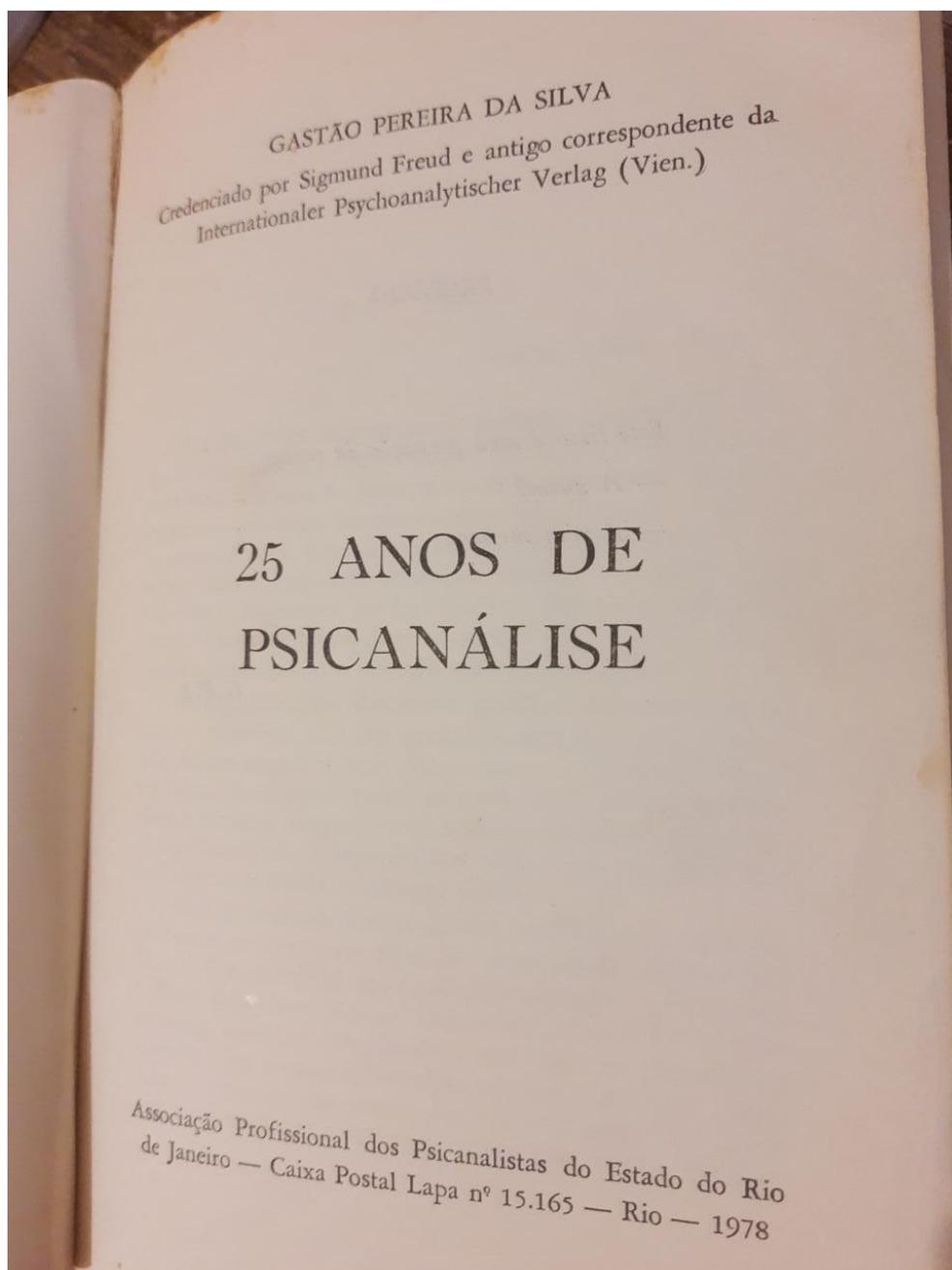
— Voar como?! Existe uma diferença enorme entre o vôo das aves e o dos homens; as aves voam com as asas e os homens com... dinheiro! E eu não tenho nem asas... nem dinheiro!

E Gastão Pereira da Silva — o homem dos 53 livros, das 100 peças teatrais, das 30 novelas — o homem que fez a apresentação de Freud ao Brasil — Gastão calou-se. Justamente por cima de nossa cabeça passava um quadrimotor, que levantara vôo no Galeão. Estaria indo para Londres? Gastão olhou o avião, olhou para mim. E disse:

— E dá um trabalho para tirar um complexo!

Arbeiten beizugehen werden  
Sie sich nicht Photographien, die Sie  
wollen, sofort die Arbeit beizugehen  
für meine Frau, nicht was Sie  
das Abbild der Photographen. Nicht  
gropie eines Foto. 11. 11. 1953  
Magues von Sara Mann  
in Verbindung mit meiner eigenen  
Kämpfe mit der Frau. Ich bin  
dennoch überzeugt, ich bin  
desprezados das Gefühle  
Freud

**Anexo 5 - Abertura da segunda edição de *25 Anos de Psicanálise*, de Gastão Pereira da Silva. Destaque para a apresentação do autor.**



**Anexo 6 - Cartão profissional de Karl Weissmann, na década de 1930.**



## Anexo 7 - Ingresso de Lucio José dos Santos no movimento Integralista.

<b>A RAZÃO</b>		<b>O Dia do Trabalho</b>
ANO I	POUSO ALEGRE, 1 DE MAIO DE 1936	NUM. 4
<b>VARIAS...</b>		
<p><b>O casamento do Chefe Nacional</b></p> <p>Em Aparecida do Norte, realizando-se as cerimoniais em maior intimidade, casou-se o Sr. Plinio Salgado, Chefe da A.I.B., que, por esse motivo, recebeu do Cardeal Pacelli, Secretário de Estado do Vaticano, o seguinte telegrama :</p> <p>«Cidade do Vaticano— Augusto Pontifice paternamente abençoa os novos esposos Plinio Salgado-Carmela Patti. Desejando-lhes uma prosperidade duradoura.»</p> <p><b>Mais vitórias no Ceará</b></p> <p>Além do prefeito de Parnaíba, os integralistas do Ceará elegeram ainda os prefeitos de Aracá, Pacatuba e Quixadá, obtendo nes-</p>	<p>municipios na Baía, Alagôas e Ceará, teem prefeitos integralistas...</p> <p>rigosos á segurança publica...</p> <p><b>Novos integralistas</b></p> <p>Na sede do Nucleo Municipal da A.I.B., dia 19 de abril, em Belo Horizonte, depois do estagio regulamentar, como aspirantes, os professores Lucio José, Afonso e Cristovam dos Santos prestaram o juramento ritual e ingressaram nas fileiras dos camisas verdes.</p> <p>Os ilustres cientistas e catêdraticos, notadamente o prof. Lucio dos Santos, são figuras de renome internacional.</p> <p>Na Rio, 6 de maio...</p>	<p>Operario! eis o teu dia!</p> <p>Serás feliz neste dia? Terás, no menos, a consolação de um descanso sereno, no aconchego de teu lar? — Poderás esquecer as preocupações que te pesam no espirito para te entregares ao prazer de saborear o teu dia?</p> <p>Não, amigo!—Não podes estar contente, porque este dia te magôa como uma ironia. Não gozarás as alegrias sabendo do aconchego do lar, porque, justamente hoje, a lei que instituiu o teu dia, nem por isto, te garantiu o salario de que necessitas! A lei te obriga ao descanso, mas não te garante o pão.</p> <p>É facil advinhar-se que este dia não te sirva.</p> <p>Sirva-te, porém, o teu dia de repouso, não para uma festa injustificavel, em que as libações alcoolicas te fizessem esquecer as tuas tuas dificuldades, não! mas, sirva-te, sim, para meditares um pouquinho lembra-te das tuas lutas,</p> <p>dos teus desanimos, das esperanças que te acompanharam na juventude, dos castelos que construiste!</p> <p>Lembra-te que és brasileiro e que deves, portanto, pensar no Brasil que tambem é teu. Pensa na situação tristissima em que vivemos e acorda. Desperta, olha e medita um pouco.</p> <p>Já pensaste que, na tua insignificancia, representas a base de toda a vida, de toda a prosperidade da Patria?</p> <p>Já pensaste que, apesar disto, não tens sido mais do que uma maquina, que só os teus musculos se manifestam, enquanto o teu cerebro se paralisa e se estiola? A quem aproveita o teu trabalho?</p> <p>— A' Patria, muito pouco. A ti, apenas o irrisorio salario que mal te acalenta a fome e mal te cobre a nudez.</p> <p>De quem a culpa? Tua? Não! Da Patria? Tambem não!</p> <p style="text-align: right;">(Continúa na 3.a pagina)</p>

Anexo 8 - Anúncio de Karl Weissmann como professor de idiomas do Ginásio Afonso Arinos.

1-1-336 Lagoa Dourada 4

**COOPERATIVA DE LACTICINIOS DE LAGOA DOURADA**

Conforme comunicação oficial contida em officio de 12 de dezembro findo, já foi registrada, sob o n. 30, na Directoria de Organização e Defesa da Produção, do Ministerio da Agricultura,—a Cooperativa de Lacticinios de Lagoa Dourada, sociedade de classe recentemente fundada neste municipio e cujos estatutos e demais documentos de constituição já foram archivados na Junta Commercial do nosso Estado.

---

**Dr. Wilton Ferreira**  
Oculista  
dos hospitaes do Rio. Edificio Ibatê 8º andar. De 1 ás 5  
**BELLO HORIZONTE**

---

**Aos snrs. Lavradores**

Dentro do programma construtivo que se traçou, esta modesta folha vem procurando dar a mais ampla divul-

qual de nada valem os processos de immunização das sementes. Para reduzir do minimo os efeitos maleficos da Anthracnose, o Instituto Biologico de S. Paulo aconselha e recommenda que as plantações, do algodão sejam feitas de outubro a novembro, mezes em que o calor e as poucas chuvas embarçam o desenvolvimento d'aquella praga. Alem disso, necessario se torna a replanta das palhas, coisa, aliás, com que todos os lavradores estão habituados.

---

**SOCIAES**

**NOIVADO**

Participou-nos o seu contrato de casamento o nosso amigo João Elias, cabo commandante do destacamento policial desta Villa, com a senhorita Maria Antonietta Lara, filha adoptiva do sr. Francisco de Paula Dias.

**CASAMENTO**

Realizou-se, a 15 de dezembro do anno proximo findo, o eplaxe matrimonial da Snrta. Maria das Mercês Pinto com o Snr. José E. Ferreira, fundador e ex-redactor deste jornal e actual escrivão da collectoria estadual

**Gymnasio "Afonso Arinos"**

Externato e Internato  
FISCALIZADO PELO GOVERNO FEDERAL  
Director-geral:  
**DR. LUCIO DOS SANTOS**  
RUA DA BAHIA, DE 1210 A 1220  
Telephnes: Directoria: 2975-Secretaria: 1591-Contadoria: 3142  
Possue o melhor corpo docente do Estado de Minas e é, em todo o Brasil, o Gymnasio que cobra as menores taxas

PROFESSORES: Drs. Alberto Deodato, Lucio dos Santos, Leopoldo Cathoud, Versiano Velloso, Floriano de Paula, Cayo Libano de Noronho Soares, Oscar Monte, Adriano Bolivar, Gumercindo Lima, Herminio Guerra, Nicolas Marie Donnad, Davydoff Lessa, Lourenço de Oliveira, Nagib Saliba, João Domingos Pinto, Francisco Paez, Felicio da Silva, Vieira da Silva, Karl Weissmann e José Navarro.

**Curso de admissão:**  
MENSALIDADE: 15\$000  
**Estão abertas as matriculas**  
Os exames se processarão nas segundas quinzenas de dezembro e fevereiro. Ha turmas especiais

**Anexo 9 - Ficha de Karl Weissmann no Corpo de Segurança do Serviço de Investigações do Estado de Minas Gerais.**

VISTO 100312 PRONTUÁRIO N. 100312

Em 2 de Julho de 1935

DELEGADO

**SERVIÇO DE INVESTIGAÇÕES DO ESTADO DE MINAS-GERAIS**  
**CORPO DE SEGURANÇA**

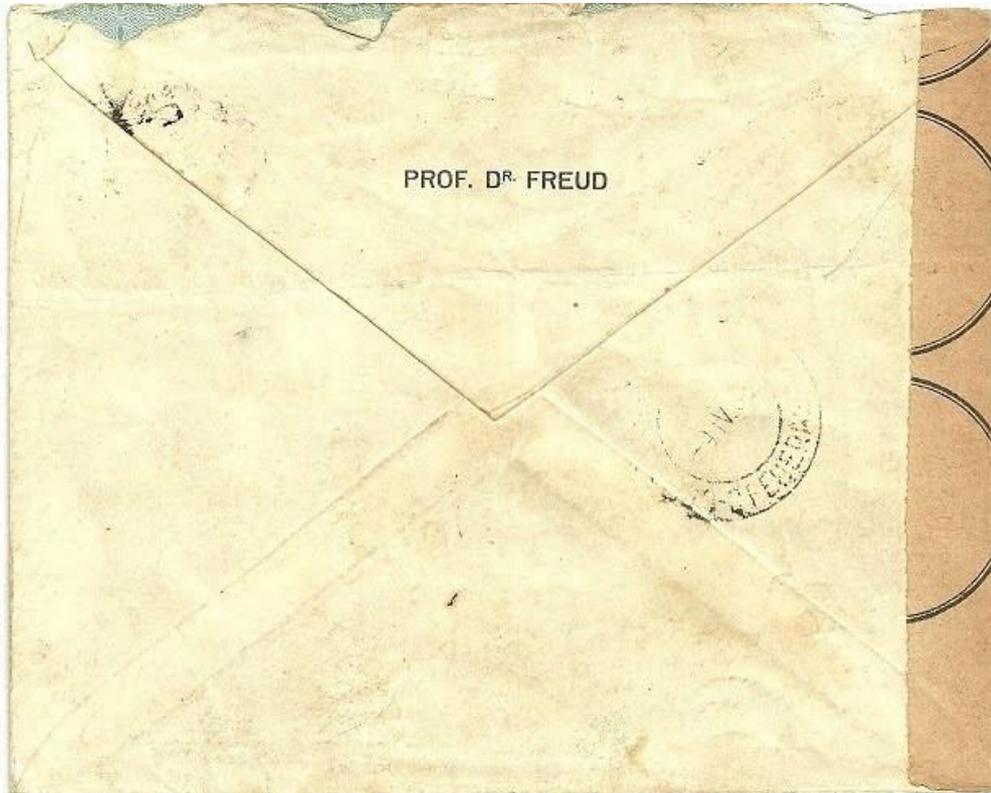
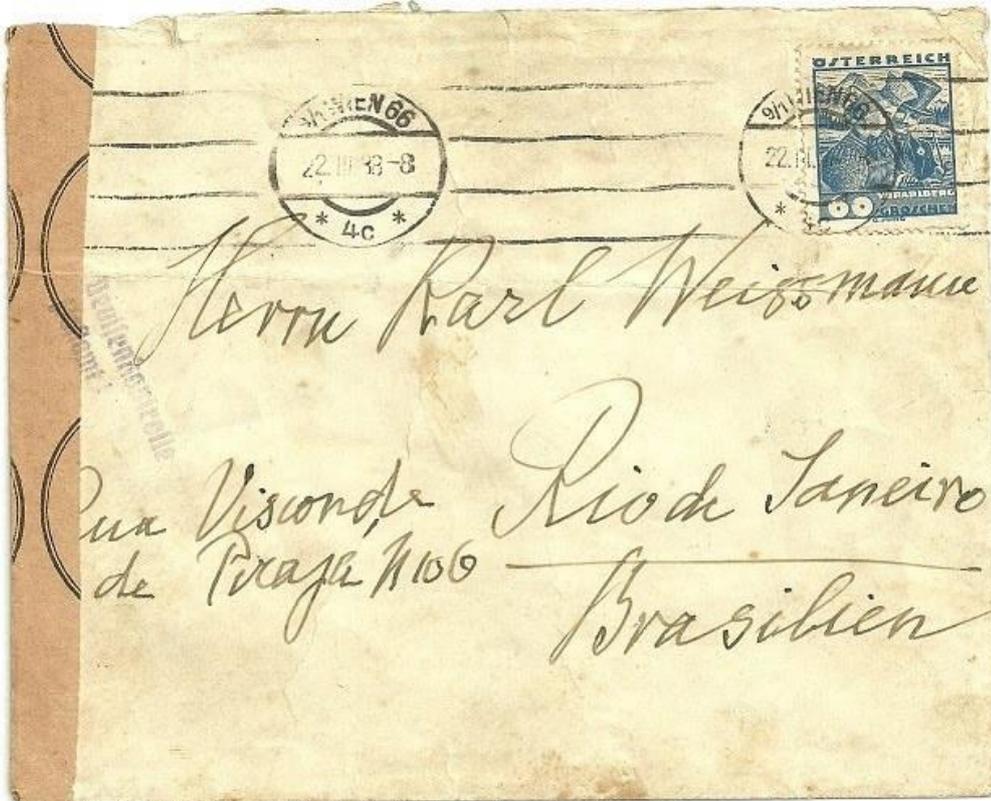
COMUNICAÇÃO DE DILIGÊNCIA EFETUADA por Augusto Bel-  
lioni, investigador n. 62, de 2ª classe, á  
requisição da delegacia de Ordem Publica

**ASSUNTO GERAL**

Exmo. Sr. Dr. chefe do S. de Investigações  
Tenho a comunicar-lhe que  
residem actualmente nesta capital  
os comunistas abaixo:  
Karl Weissmann: professor de inglês  
e alemão com sala no ed. Brasil 814.  
Foi Moraes: este sr. trabalhava no  
Ofício de Janio na revista "O Cruzeiro"  
acha-se actualmente trabalhando no  
Journal "Estado de Minas", durante o dia  
isto é, das 12 às 4 permanece na casa

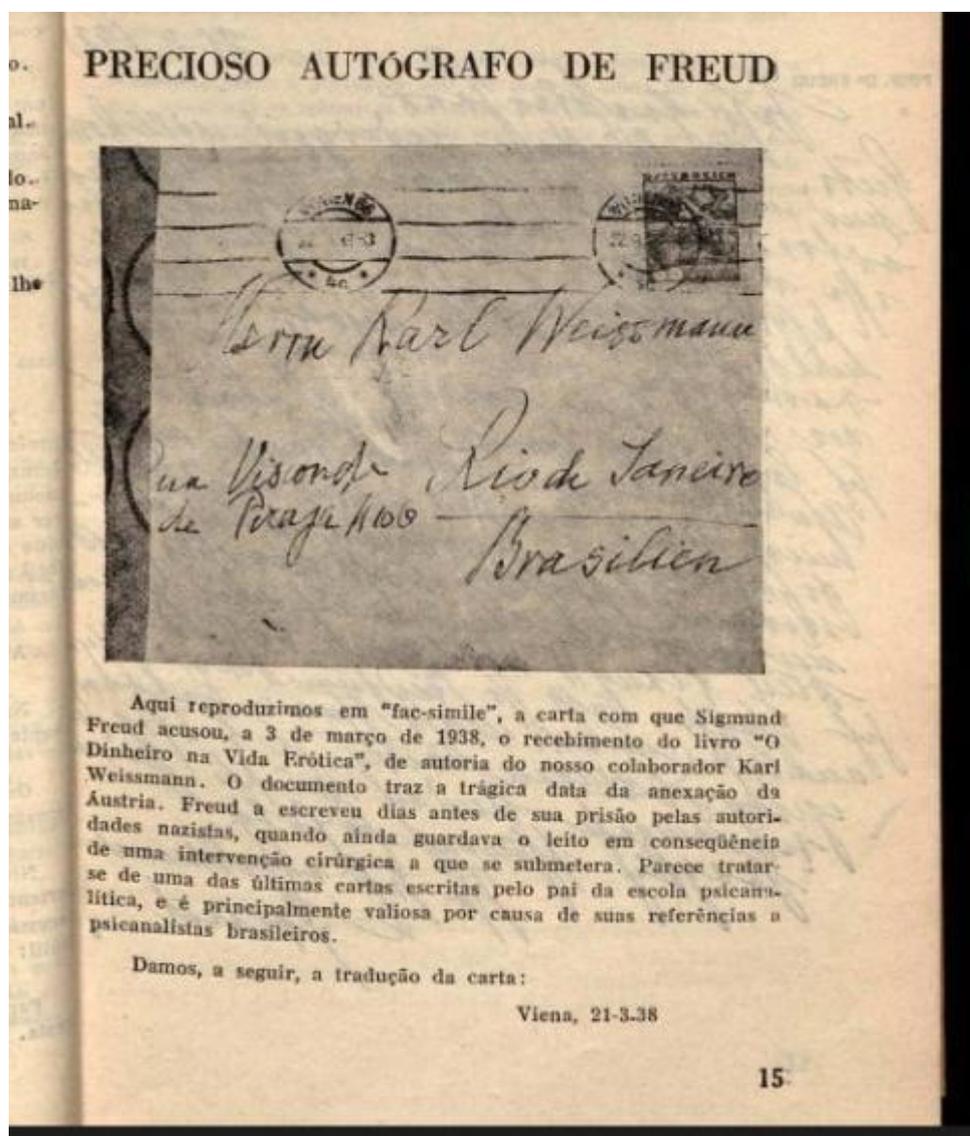
a em duas vias. UMA acompanhada do «Boletim de informações» do indivíduo a que se refere, qualificar, irá para a Seção de Arquivo Geral, e a OUTRA será remetida à Inspetoria do Corpo da Chefia do Serviço. A linguagem empregada deve ser concisa, não se permitindo cumprimentos, eufemias, investigações, vigilância, táxiões, falsificações, etc. O resultado obtido na diligência será comunicado ao interessado, e os dados que permitirem a efetivação da diligência. Cada comunicação refere-se a um só assunto e a um só indivíduo.

Anexo 10 - Cópia da carta enviada por Freud a Karl Weissmann





Anexo 11 - Carta de Freud a Karl Weissmann, em texto publicado na *Acaia*. Destaque para o fato desta carta ser publicada exatamente antes de um texto de Weissmann sobre Psicanálise e maturidade.



PROF. DR. FREUD

21. 3 1938

WEL. 12. BERGSTR. 19

Ich erpichte Ihnen  
 Güte, Neugierde, jederzeit will kommen  
 nur in der Zeit, die ich besuche  
 ansonsten ist sehr viel größerer Nutzen  
 oft von der Forderung für die  
 psychologische Arbeit, die in der  
 Welt der Präparat der Silva, mit dem  
 das ganze von vorantigen  
 von der Psycho-Logie  
 Ich habe zwar wenig zu sagen, aber die  
 Wichtigkeit, die ich sehr gerne  
 meine zu, das ist etwas, die ich ab-  
 gehebe, zu dem, was ich nicht  
 vermag. Ich habe es oft über mich  
 ungewohnt, mich nicht mit dem  
 die, die ich nicht, mich selbst, psych.  
 Ich habe das, die ich nicht, psych.  
 auch ich, mich, was ich nicht, psych.  
 gleich, das, die ich nicht, psych.  
 psychologische, die ich nicht, psych.  
 psychisch, psychisch, psychisch.  
 Ich habe erpichte Ihnen  
 Freud

Mui prezado Senhor:

Boas notícias como as suas são sempre bem recebidas, e na época que atravessamos tornam-se motivo de especial satisfação. Foi com grande interesse que me inteirei de suas atividades em prol da psicanálise, juntamente com o dr. Pereira da Silva, e causou-se profundo pesar a notícia da morte prematura do prof. Pôrto Carrero.

Leio, na verdade, espanhol com relativa facilidade, mas a semelhança com o português não me permite ainda ler nessa língua, resultando as tentativas que tenho feito nesse sentido em mera confusão. Também na leitura dos seus artigos e do seu livro não consegui melhor êxito. Espero, entretanto, que seus estudos de psicanálise venham proporcionar-lhe satisfações cada vez maiores, à medida que fôr penetrando nos seus recessos mais íntimos. F desejo-lhe de todo coração os maiores sucessos.

Seu dedicado

FREUD.

Anexo 12 - Anúncio de espetáculo de hipnose.

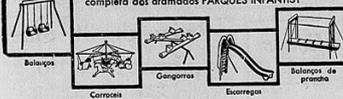
Que Felicidade



o novo Balanço de Jardim Sólido! Seguro! Desmontável!

Em dois tamanhos, pintado a Duco em lindas cores. A venda nas boas casas do ramo.

Visitem a nossa exposição permanente e completa das afamadas PARQUES INFANTIS!



Sobrinha, S.A.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE BRINQUEDOS

Exposição Rua Pereira Nunes, 120 - Rio de Janeiro

Pancho levou...

Alameda (Paraná), por 2 (duas) horas, a partir das 19h30, no salão de festas do Hotel... (text continues with details of the event)

Comentários à Vida de Jesus

tempo de Herodes, é a de Gerar e a de Jesus. O texto trata da vida de Jesus... (text continues with religious commentary)

Beguiller um...

QUIMER A. Puntão, 1.300 em 87... (text continues with a list of names and amounts)

Gerador para...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with technical specifications)

Panorama técnico da...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with technical news)

Zezé continuou...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

O Vasco...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with sports news)

Baleiro com...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

Carlson...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

Sagorom...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

Centro...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

Gerador para...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with technical specifications)

Panorama técnico da...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with technical news)

Zezé continuou...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

O Vasco...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with sports news)

Baleiro com...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

Carlson...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

Gerador para...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with technical specifications)

Panorama técnico da...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with technical news)

Zezé continuou...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with a story)

O Vasco...

de 1000 Watts, 220 Volts, 50 Hz... (text continues with sports news)

Rádio Cultura de Lavras

uma emissora de Rádio Bandeira

Transmissão das 19h às 21h, transmitindo uma área

capaz total de habitantes em 120.000.

LA VILA - MINAS GERAIS

INSTITUTO HELCO DO DR. JOAQUIM SANTOS

ESPECIALIZADO EM PSICOLOGIA

PARALELAS, EXERCÍCIOS FÍSICOS

PERNA e LERNOVA - FORTALECIMENTO DE FORTES

atendimentos das pernas. TRAVA SEM OPERAÇÃO

DE 120 HORAS SEM REPERIÇÃO. Contato de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

HISTO DO FLA

Um quadro mil do Fluminense

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

em 12 horas menos um sábado. Operário de 12 a 18 h

HOJE É DIA DE LEVEPIMENTOS às 20.30 na RÁDIO MAYRINK VEIGA

TV-RIO CANAL 13 - Av. Atlântica, 4264

Anexo 13 - Anúncio de espetáculo de hipnose.

6.º Caderno
CORREIO DA MANHÃ, Domingo, 6 de Novembro de 1955
7

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

TEATRO MUNICIPAL

Direção de Conselho Artístico e Cultural

---

TEMPORADA OFICIAL DE BAILADOS

(Segundo período — Estreia: Quarta-feira próxima, dia 10)

LEONIDE MASSINE

MARIA TALLCHIEF e ANDRÉ EGLEWSKY  
LUPE SERRANO e MICHAEL LLAND

juntamente com TATIANA LESKOVA e o Corpo de Baile do Teatro Municipal com seus primeiros bailarinos  
TAMARA CAFELLER, ARTHUR FERREIRA, ADY ADOR, JOHNNY FRANKLIN, DENNIS GRAY e ALDO LOTUFO

e os Solistas: Oneide Cravero, Sandra Diaken, Ery Garra, Helga Loraide, Inez Litowski, Julia Romiti, Arlette Saraiva, Ebbó Will, Sebastian Araujo, Edmundo Cerijó, Jacques Chauvendi, Ricardo Abellan, Carlos Ocampo.

---

QUINTA-FEIRA próxima, dia 10, às 21 horas — QUINTA-FEIRA  
Estreia — 4.º Récito de Assinatura de Gola

SILFIDES

Música de CHOPIN — Coreografia de FOKINE  
Cenário de MARIO CONDE

O TRICORNIO

(O chapéu de três bicos)  
Música de MANOEL DE FALLA — Coreografia de LEONIDE MASSINE  
Cenários de PICASSO

Com MASSINE na sua famosa criação do principal personagem

Dom Quixote Os Sete Peccados



CIRCO GARCIA

HOJE: — "MATINEE", AS 14 HORAS,  
E VESPERAL AS 17 HORAS,  
TRAGAM AS CRIANÇAS!  
LEÕES, TIGRES, HIENAS, CAMELOS, FERAS DE TODAS AS RACAS!

Falantes, acrobatas, trapalistas; OS LINDBERGS, Juntos com seus cavaleiros amarelos; LIN FU, o contorcionista chinês; os 3 CHABREIS, famosos famosos; LES ECKLES, ídolo de mágicos; e uma série de outras atrações internacionais, no formidável programa do CIRCO GARCIA!

À NOITE, AS 21 HORAS

---



HORARIO

5.ª FEIRAS - VESPERAL AS 16 HORAS  
SABADOS e DOMINGOS, 2 VESPERAIS,  
AS 14 HS. e 17HS. À NOITE DIARIAMENTE — 21H.

AV. PRESIDENTE VARGAS - JUNTO A CENTRAL

TEATRO CARLOS GOMES

Empresa Paschoal Segreto — Tel.: 22.7581

2.ª FEIRA, 14 ÀS 8,45 2.ª FEIRA, 14

DUAS SEMANAS APENAS, O ACONTECIMENTO DO ANO!  
ESTREIA DO

PROFESSOR KARL WEISSMANN

Sensacional Demonstração de Hipnotismo.  
Experiência melhor que todos os anteriores nunca vistos.  
Provas de hipnose coletiva, controle hipnótico da inconsciência;  
Experimentos nos quais as pessoas sentem emoções distintas, alucinações negativas e positivas dos sentidos.  
Focos de Personalidades — Regresso de memória.  
Experiência e Telepatia.

O Professor KARL WEISSMANN

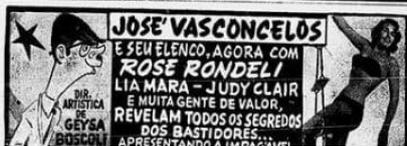
o psicólogo internacionalmente conhecido

DUAS SEMANAS APENAS! ESTREIA DIA 14! ÀS 8,45!

QUINTAS, SABADOS e DOMINGOS, VESPERAL AS 16 HORAS.  
DIA 15, FERIADO NACIONAL, 1.ª VESPERAL AS 16 HORAS.  
BILHETES A VENDA DESDE QUINTA-FEIRA! NAS VESPERAIS E PERMITIDO A ENTRADA DE MENORES.  
POLTRONAS CRS 45,00 (Selo Incluso).

(54178)

CONCERTA TUDO



JOSE VASCONCELOS

E SEU ELENCO, AGORA COM  
ROSE RONDEL!  
LIA MARA - JUDY CLAIR  
E MUITA GENTE DE VALOR.  
REVELAM TODOS OS SEGREDOS  
DOS BASTIDORES...  
APRESENTANDO A VANGUARDIA

DIR. ARTISTICA DE GEYSA BUSCOLI



**Anexo 15 - Reportagem sobre Umbanda e hipnotismo, com Karl Weissmann.**



A JOVEM ESTÁ, SEGUNDO O PROFESSOR KARL WEISSMANN, HIPNOTIZADA

# Anexo 16 - Reportagem publicada em O Cruzeiro, na qual Karl Weissmann é apresentado como referência para se discutir maturidade.

O Prof. Karl Weissmann, conhecido psicanalista, quer saber, sem maiores rodeios:

## você é um homem maduro?

**Q**uasi amadurecer melhor: o homem ou a mulher? Entre eles e a mulher, a preparação da maturidade psicológica continua demonstrando diferenças essenciais. É muito conhecido o sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não obedecer a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem. Mas há um outro sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não ter sido obediente a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem. Mas há um outro sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não ter sido obediente a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem.

**S**erá a maturidade um estado de velhos ou de crianças? O espírito, e sobretudo a mente, bem como a inteligência, são coisas que mudam com a idade. Mas há um outro sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não ter sido obediente a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem.

**Q**uasi amadurecer melhor: o homem ou a mulher? Entre eles e a mulher, a preparação da maturidade psicológica continua demonstrando diferenças essenciais. É muito conhecido o sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não obedecer a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem.

se você gosta de receber presentes, foge do casamento e tem vocação para ditador, esteja certo: você é um imaturo!

**Q**uasi as características de um indivíduo psicológico de maduro? Funções biológicas e socialmente sem maiores problemas; capacidade de amar sem excessos, conciliando com a tendência de receber que, amando, resolve-se em problemas; equilíbrio entre a disposição para o trabalho e para a diversão; ausência de preocupação de ser o primeiro em tudo. E ainda: "Se a sua natural vivacidade e firmeza de caráter não prejudicam a flexibilidade mental, permitindo-lhe variar o direcionamento de suas relações com as pessoas de um modo geral e tranquilidade de certeza de uma boa aceitação de si mesmo, se você confiar em si próprio sem necessitar a ilusão narcísica".

**Q**uasi a característica de um indivíduo psicológico de imaturo? "O espírito, e sobretudo a mente, bem como a inteligência, são coisas que mudam com a idade. Mas há um outro sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não ter sido obediente a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem."

mas se você gosta de dar presentes, não tem pavor do casamento e é democrata: você é um homem maduro.

**Q**uasi a característica de um indivíduo psicológico de maduro? Funções biológicas e socialmente sem maiores problemas; capacidade de amar sem excessos, conciliando com a tendência de receber que, amando, resolve-se em problemas; equilíbrio entre a disposição para o trabalho e para a diversão; ausência de preocupação de ser o primeiro em tudo. E ainda: "Se a sua natural vivacidade e firmeza de caráter não prejudicam a flexibilidade mental, permitindo-lhe variar o direcionamento de suas relações com as pessoas de um modo geral e tranquilidade de certeza de uma boa aceitação de si mesmo, se você confiar em si próprio sem necessitar a ilusão narcísica".

**Q**uasi a característica de um indivíduo psicológico de imaturo? "O espírito, e sobretudo a mente, bem como a inteligência, são coisas que mudam com a idade. Mas há um outro sentimento de culpa primeira infância, pelo fato de uma criança ter sido castigada por não ter sido obediente a uma ordem ou por não ter sido obediente a uma ordem."

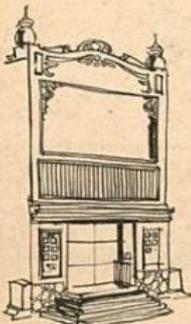
Anexo 17 - Testes psicológicos propostos por Karl Weissmann, publicados em *O Cruzeiro*, em 25 de maio de 1962.

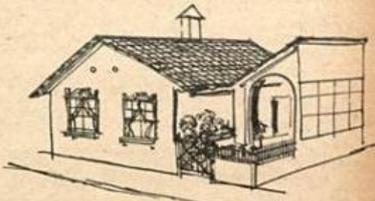


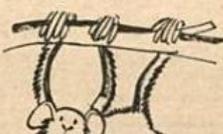
# psicologia

Por **KARL WEISSMANN**

**TESTE DIAGNÓSTICO**








Procure ver as figuras acima imparcialmente, sem prestar maior atenção a esta ou aquela. Não tardará em notar que, não obstante todos os seus esforços, uma das figuras absorverá mais a sua atenção do que as outras.  
Em outra página você encontrará o significado psicológico da figura que mais o impressionou.

Respostas na página 60

---

### TESTE DE CAPACIDADE PSICOLÓGICA UMA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL

A diretoria de importante estabelecimento industrial solicitou a ajuda de um psicólogo para a elucidação de um furto.  
O caso era o seguinte:  
De um cofre, deixado aberto durante alguns momentos, por esquecimento da caixa, desaparecera certa importância.  
Foram chamadas à gerência da fábrica, uma a uma, as pessoas que haviam passado pela tesouraria.  
O diretor-gerente, após uma sucinta exposição da lamentável ocorrência, passou a interrogar os empregados suspeitos, na presença do psicólogo, devidamente disfarçado em visita casual.  
Eis algumas das respostas, entre as quais se encontra a do autor do furto:  
1 — Ao passar pela tesouraria, vi o cofre aberto. E um moço de notas, bem à vista. Pensei em chamar alguém da gerência para fechar o cofre. Mas fui requisitado para um serviço urgente e esqueci-me inteiramente de avisar.  
2 — Quando passei pela tesouraria, não havia ninguém. Não reparei no cofre. Não sei dizer se ele estava aberto ou fechado. Afinal de contas, eu não tenho nada a ver com o caso.  
3 — De fato, passei pela tesouraria. Mas eu sou um homem honesto. Nunca toquei no que não é meu. Jamais dei prejuízo de um tostão a quem quer que fosse. Meu passado é limpo, conforme os senhores poderão verificar.  
4 — Passei pela tesouraria e vi o cofre aberto. Mas quanto ao moço de notas, não me lembro de tê-lo visto. Se o dinheiro ainda estivesse lá, eu, provavelmente, o teria visto.  
O leitor de mediana capacidade psicológica já deve ter selecionado corretamente a resposta do culpado, que se distingue das restantes por uma peculiaridade psicológica notável.

O CRUZEIRO, 5 - 5 - 1962

### VOCÊ É UM TIPO INTROVERTIDO OU EXTROVERTIDO?

- Gosta de reuniões sociais?
- Gosta de analisar os seus próprios pensamentos e sentimentos?
- Confiar nas pessoas?
- Escreve um diário de sua vida?
- Não gosto de pensar em si mesmo?
- Muda facilmente de idéias?
- É cauteloso nas reuniões?
- Consegue ficar quieto numa reunião?
- Gosta de tomar parte nas conversas?
- Deixa-se dominar pela raiva?

SIM	não

Anexo 18 - Teste psicológico proposto por Karl Weissmann, relacionando maturidade e o ato de barbear, publicado em *O Cruzeiro*, em 22 de dezembro de 1962.

# PSICOLOGIA

KARL WEISSMANN

## COMO SE SENTE NO SALÃO DE BARBEIRO?

A psicologia ensina que todos os nossos atos, ainda os mais triviais e rotineiros, têm — além de seu significado oficial, objetivo, racional e consciente — outro significado oculto. Isto é, inconsciente, simbólico e irracional. O ato de barbear-se e o de cortar o cabelo — dada a sua importância simbólica — não podia escapar a esta regra fundamental da psicologia profunda. Nos sonhos, na antropologia e no folclore os cabelos representam as forças vitais, uma espécie de manifestação física difusa da própria libido. Para muitos homens o ato de barbear e o de cortar o cabelo se constituem em uma vaga ameaça ao seu ego masculino. E é certo que o leitor, na mais normal das hipóteses, não está inteiramente isento de tais complexos casuais. Mesmo submetendo-se docilmente à ação da tesoura, da navalha, do simples lâmina de barbear, ainda está sujeito a experimentar certas tensões, ansiedades, irritações ou impaciências. Ao reclinar na cadeira do barbeiro ou fazendo as suas recomendações habituais, ele ainda dramatiza nos raros conflitos interiores de seu psiquismo inconsciente, profundamente insuportáveis. Mas, travando-se nas áreas socialmente vivíveis e aceitáveis do cabelo e do rosto, tais manifestações conflitivas passam, normalmente, despercebidas aos próprios profissionais da tesoura e do pente, que, além de cortar, ainda têm a ver com o que está dentro da cabeça de seus clientes.

Os atuais aspectos psicológicos considerados ao ato de barbear e cortar o cabelo comportam um pequeno questionário.

## RESPOSTAS:

- 1 — Esta pergunta, respondida afirmativamente, em sua segunda parte, indica o maior grau possível de normalidade em relação ao problema em questão.
- 2 — Transpirar no ato de barbear revela que o simbolismo da barba é ainda muito importante no tocante a sua masculinidade.
- 3 — Idem, embora em grau atenuado.
- 4 — Idem.
- 5 — Um questionário realizado para esse efeito revelou que somente sete por cento dos homens usariam tal produto. Um cliente explicou: "teria o cabelo, porque eu tenho cabelo no peito".
- 6 — Essa preocupação, mais comum às mulheres do que aos homens, denota tendências obsessivas e histericas.
- 7 — Irritar-se com os cabelos e tratá-los como se fossem um tesouro, denota um temperamento ansioso.
- 8 — A tendência de esconder os cabelos (caída que possui) revela uma tendência correspondente no plano das necessidades masculinas.

Praticamente tratamos da psicologia dos penteados em âmbito teatral.

VEJAMOS:

- 1 — Você revê-lo o ato de barbear ou o de cortar o cabelo de certo ritual, ou não dá maior importância ao mesmo?
- 2 — Chega a transpirar quando se barbeia?
- 3 — Fica nervoso e irrequieto na cadeira do cabeleleiro, ansioso para terminar?
- 4 — Considera a necessidade de barbear-se todos os dias uma coisa muito aborrecida?
- 5 — Se aparecerem um crime que com três aplicações o diframe, de uma vez por todas, da necessidade de barbear-se, você o usaria?
- 6 — Preocupa-se muito com a perda (real ou imaginária) dos seus cabelos?
- 7 — Você esconde dos seus cabelos como se se tratasse de um tesouro?
- 8 — Ou sente uma tendência de esconder o cabelo (ou a falta dos mesmos), usando chapéu?

O CABELLO devidamente cortado e a cabeleleiragem adequada conferem ao homem moderno, ao menos no ocidente, um aspecto de indivíduo civilizado e socialmente ajustado.

O MEDO de ficar calvo ou a angústia de não chegar, por vezes, às mãos do cabeleleiro. Para alguns tal cuidado tornaria barba. E são sintomas que eles gostam mais!

CABELLO e barba grande sugerem tendências anti-sociais, desiquilibradas, sadomaso e agressivas. É índice de neurse, e que representa o complexo mental-social.

HÁ certos indivíduos para os quais o trabalho de barbear revela tensões inconscientes. É que o barba estimula o ego masculino e a navalha, ao contrário, o amaciosa.

18

O CRUZEIRO 22 - 12 - 1962

Anexo 19 - Teste psicológico proposto por Karl Weissmann, sobre tendências totalitárias, publicado em 23 de fevereiro de 1963.

# PSICOLOGIA

KARL WEISSMANN

## Você tem tendências totalitárias?

Ainda que o leitor seja um convicto democrata, ele abriga em sua personalidade, em grau mais ou menos acentuado, as suas tendências totalitárias. Já se disse que existe um Hitler (em tamanho variável) dentro de cada um de nós, contra o qual convém ficar em guarda. A psicologia das tendências políticas é, pela sua natureza, matéria sutil e extensa, mas, contudo, é acessível ao leitor menos iniciado na ciência do conhecimento e do controle da conduta humana. É assunto para uma vasta bibliografia. E nos dará ensejo para organizarmos nesta seção, em intervalos mais ou menos regulares, variados tipos de testes de razoável confiança e relativa precisão científica.

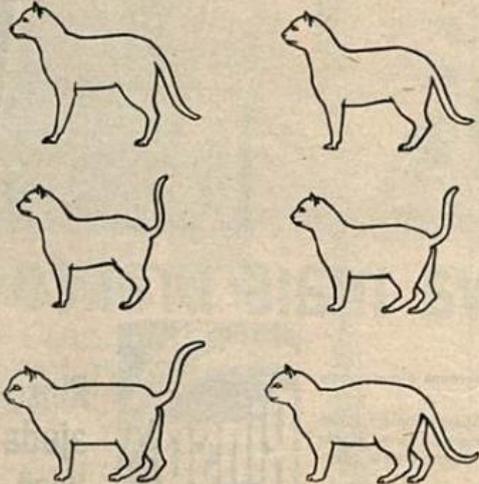
Os dois testes de hoje, o questionário e os oito desenhos do já consagrado psicólogo social Goulter servem para avaliar o grau de uma das características mais específicas da personalidade totalitária: a rigidez de princípios e de conduta e a intolerância à ambigüidade.

**TESTE DE TOLERÂNCIA À AMBIGÜIDADE**



**QUESTIONÁRIO**

- Você tem a tendência de manifestar-se a todo e qualquer propósito em termos muito categóricos de sim ou não?
- Procura manter dentro de si, rigorosamente discriminados, os conceitos do bem e do mal, do certo e do errado?
- Acredita que só existem duas categorias de mulheres: a mulher boa e pura e a mulher má?
- Você é a favor de leis mais severas?
- Você é desses que acham que para maioria das questões não pode haver mais de uma resposta certa?
- Crê em superioridades (ou inferioridades) raciais?
- Acha que a miscigenação produz resultados desfavoráveis?
- É da opinião que, de um modo geral, as pessoas não levam as coisas bastante a sério?
- Você se ressentido quando alguma coisa lhe quebra a rotina da vida cotidiana?
- Não gosta de domingo por esse motivo?
- É desses (dessas) que começam as coisas, mas não as acabam?
- Tem receio de emitir juízos precipitados sobre outras pessoas?
- É desses (dessas) que não mudam facilmente de opinião?
- Você tem idiosincrasia a palavras como: provavelmente, aproximadamente, talvez etc.?
- Tem horror à indecisão alheia?
- Só aceita uma tarefa depois que está bem certo de que dará conta da mesma?



**RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO:**

As perguntas do questionário, baseadas em amplos inquéritos organizados na Europa e nos Estados Unidos, respondidas afirmativamente, denotam rigidez de princípios e de conduta, portanto, propensão caracteriológica e temperamental para as ideologias totalitárias.

Os oito desenhos que representam um cão que gradativamente se transmuda em gato têm, como já se disse, a finalidade de medir a intolerância à ambigüidade de conceitos em geral e de política em particular. As pessoas rígidas e autoritárias, com propensões fascistas ou comunistas, revelam neste teste uma marcada tendência de continuar aferradas ao original, ou seja, à imagem do cão, mesmo depois que este já se transformou em gato.

78

J. CRUZEIRO, 23 - 2 - 1963

20°C Nublado

Anexo 20 - Cópia da carta enviada por Anna Freud a Karl Weissmann, datada de 30 de julho de 1952.

Prof. Karl Weissmann,  
Rua Paraíba 1061,  
Belo Horizonte,  
Brasil.

Sehr geehrter Herr Prof. Weissmann!

I habe Ihren Brief und Ihre Arbeit mit sehr viel Interesse gelesen und dann an meinen Kollegen, Dr. W. Hoffer (21, Grove End Road, London, N.W.8), dem Redakteur des International Journal for Psycho-Analysis weitergeschickt. Vielleicht fragen Sie jetzt bei ihm direkt an, was die Aussichten für die Arbeit sind.

Mit der Kopie von dem Brief meines Vaters habe ich mich sehr gefreut.

Mit besten Grüßen

Ihre

